

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em História

Taís Campelo Lucas

Nazismo d'além mar: conflitos e esquecimento
(Rio Grande do Sul, Brasil)

Porto Alegre

2011

Taís Campelo Lucas

Nazismo d'além mar: conflitos e esquecimento (Rio Grande do Sul, Brasil)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e final para obtenção do título de Doutor em História.

Orientador: Profº Drº Cesar Augusto Barcellos Guazzelli

Porto Alegre

2011

*À Iara Xavier Campelo (in memoriam)
que começou a me contar todas essas histórias*

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Sandra e Telmo, pelo apoio incondicional durante toda a trajetória de vida e desse trabalho;

Ao meu orientador, César Augusto Barcellos Guazzelli, por ter acreditado nesse projeto e por todos os cafés de orientação e incentivo;

Aos professores René Gertz e Enrique Serra Padrós, pelo incentivo e inspiração dados em sala de aula e pelas contribuições ao longo dessa pesquisa;

Aos professores João Fábio Bertonha e Helder Gordim da Silveira, pelas contribuições trazidas na banca de defesa desse trabalho;

Aos professores Benito Schmidt e Luiz Alberto Grijó, pelos diálogos e auxílios diversos ao longo do curso;

Aos professores Maurizio Gribaudi e Sabina Loriga, pela acolhida na École des Hautes Études en Sciences Sociales;

À Marília Marques Lopes, por todos os galhos quebrados nesses anos de doutorado;

Às colegas e amigas Michele Rossoni e Katani Monteiro, pelas conversas e pelo apoio mútuo durante os muitos meses de trabalho;

À Walter Valdevino, Rodrigo Roesler, Daniela Fetzner e Tânia Campelo, por toda a forma de apoio e amizade nessas idas e vindas para a França;

À Felipe Tavares, Carolina Vianna e Aline Coelho, por todo apoio em minhas estadias no Rio de Janeiro;

À Martha Hameister, Vanderlise Barão e Carla Menegat, por estarem sempre presentes;

À Helena, que nasceu quase junto dessa tese;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pela concessão da bolsa de pesquisa que permitiu a execução desse trabalho.

RESUMO

A presente tese analisa a formação e a estruturação do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães no estado do Rio Grande do Sul durante o primeiro governo de Getúlio Vargas (1931-1942). O estudo enfoca a organização do Partido Nazista alemão para o exterior e seus reflexos na constituição de um grupo nacional partidário no Brasil. Também são abordadas a proibição das atividades nazistas no país e suas conseqüências para as relações entre Brasil e Alemanha. Ao traçar as especificidades do grupo estabelecido no Rio Grande do Sul, são analisados seus objetivos e resultados obtidos.

ABSTRACT

The present thesis analyses the building and organization of the National Socialist Germans Workers Party in the state of Rio Grande do Sul during the first government of Getúlio Vargas (1931-1942). The research focuses on the institution of Foreign Office for German's Nazi Party and its repercussion in the formation of a political national group in Brazil. The banning of Nazi activities in the country and its consequences on Brazil-Germany relations are also studied. In delineating the specifications of the Nazi group established in Rio Grande do Sul, its objectives and results are analyzed too.

RÉSUMÉ

Cette thèse examine la formation et la structuration du Parti National-Socialiste des Travailleurs Allemands dans l'État du Rio Grande do Sul au cours du premier gouvernement de Getúlio Vargas (1931-1942). L'étude se concentre sur l'organisation du Parti Nazi allemand pour l'extérieur et leurs effets sur la construction d'un groupe national du parti au Brésil. Il est également questionné l'interdiction des activités nazies dans le pays et leurs conséquences pour les relations entre le Brésil et l'Allemagne. En décrivant les particularités du groupe établi dans Rio Grande do Sul, leurs objectifs et résultats sont analysés.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AA: *Auswärtiges Amt*, Ministério das Relações Exteriores da Alemanha (*Wilhelmstrasse*)

AESP: Arquivo do Estado de São Paulo (São Paulo, Brasil)

ADFA: *Arbeitsgemeinschaft Deutscher Frauen im Ausland*, Associação de Trabalho das Mulheres Nacional-Socialistas no Exterior

AHI: Arquivo Histórico do Itamaraty, Ministério das Relações Exteriores (Rio de Janeiro, Brasil)

AHRS: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Brasil)

AIB: Ação Integralista Brasileira

AN: Arquivo Nacional (Rio de Janeiro, Brasil)

ANL: Aliança Nacional Libertadora

AO/NSDAP: *Auslandsorganisation der NSDAP*, Organização para o Exterior do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães

APERJ: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, Brasil)

CPDOC/FGV: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas (Rio de Janeiro, Brasil)

DAI: *Deutsches Auslands-Institut*, Instituto Alemão para o Exterior

DAF: *Deutsche Arbeitsfront*, a Frente de Trabalho Alemã

DBJ: *Deutschebrasilianisch Jungendring*, Círculo da Juventude Teuto-Brasileira

DEOPS: Delegacia de Ordem Política e Social (Estado de São Paulo)

DESPS: Delegacia Especial de Segurança Política e Social (Distrito Federal)

DNB: *Deutsches Nachrichten Büro*, Agência Alemã de Notícias

DOPS: Delegacia de Ordem Política e Social (Rio Grande do Sul)

FBI: *Federal Bureau of Investigation*, Agência Federal de Investigação

FOAN: *Foreign Office, National Archives*, Departamento de Relações Exteriores, Arquivo Nacional (Londres, Reino Unido)

GESTAPO: *Geheime Staats-Polizei*, Polícia Secreta do Estado

IAI: *Ibero-Amerikanisches Institut*, Instituto Ibero-Americano (Berlim, Alemanha)

ICJMC: Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (Porto Alegre, Brasil)

MHJC: Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa (Porto Alegre, Brasil)

MJFL-ACADEPOL: Museu Dr. José Faibes Lubianca, Academia de Polícia Civil do Rio Grande do Sul

NSDAP: *National-sozialistische Deutsche Arbeiter-Partei*, Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães ou Partido Nazista

NSLB: *Nationalsozialistische Lehrerbund*, União dos Professores Nacional-Socialistas

OKW: *Oberkommando der Wehrmacht*, Estado Maior das Forças Armadas

PAAA: *Politisches Archiv, Auswärtiges Amt*, Arquivo Político do Ministério das Relações Exteriores (Berlim, Alemanha).

PCB: Partido Comunista Brasileiro

SA: *Sturmabteilung*, Tropas de Assalto

SS: *Schutzstaffel*, Tropas de Proteção

USCHLA: *Untersuchung und Schlichtungs Ausschuss*, Comissão de Investigação e Arbitragem

VDA: *Vereine für das Deutschtum im Ausland*, Organização para o Germanismo no Exterior

WHW: *Winterhilfswerk*, Auxílio de Inverno do NSDAP

SUMÁRIO

Introdução	14
Parte I Difusão e Proibição do Nacional-Socialismo no Brasil	20
Capítulo 1 A Organização para o Exterior do Partido Nazista	24
Capítulo 2 O Grupo Nacional Brasil do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães	57
Capítulo 3 Nazistas Banidos do Brasil: A Questão Ritter e as Mudanças no Relacionamento entre o Estado Novo e o Terceiro Reich	76
Parte II Nazismo no Rio Grande do Sul	102
Capítulo 4 O Círculo V	108
Capítulo 5 Nazismo Próximo e Distante	166
5.1 Rumores de um conflito	168
5.2 A Dissolução	174
5.3 Espionagem alemã no Rio Grande do Sul	178

5.4 Um funeral nazista	193
5.5 Sobre adesão	197
Considerações Finais	201
Referências documentais e bibliográficas	207
Apêndices	220
Anexos	226

INTRODUÇÃO

O documentário *Arquitetura da Destruição* foi exibido inicialmente em 1992.¹ Dirigido por Peter Cohen, o filme retrata a importância da estética enquanto uma das forças motoras na construção do projeto para o Terceiro Reich. Apoiado em densa pesquisa imagética nos registros de época, renega a tese de que a megalomania de um artista frustrado resultou em um dos maiores genocídios da contemporaneidade. Transparece, no entanto, a opinião que aponta os horrores do nazismo como obra de um único líder insano e dos chefes políticos que o rodeavam.

Ao revés da posição da história política tradicional, reproduzido na película, a polêmica envolvendo o livro *Os carrascos voluntários de Hitler* centrou-se no duo responsabilidade-culpabilidade da sociedade alemã durante o Holocausto.² Publicada em 1996, a tese de Daniel Goldhagen afirma que os valores e crenças difundidos e aceitos entre a população em relação aos judeus contribuíram na perpetuação do *Shoah*. Peca, porém, ao circunscrever o fenômeno à Alemanha, além de adotar a posição de inevitabilidade do fascismo no conjunto da história alemã. A repercussão foi imediata: debates televisivos, conferências, outras publicações.

¹ Título original: *Architektur des Untergangs*. Dir.: Peter Cohen. Alemanha, 1989. 121 min.

² GOLDHAGEN, Daniel Jonah. *Os carrascos voluntários de Hitler: o povo alemão e o Holocausto*. 2ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Persiste nesse debate inacabado mais do que a preocupação com o que é considerado o marco fundador da Europa contemporânea – a Segunda Guerra Mundial. Uma parcela de seus interlocutores integra a geração da juventude de 1968, que questionava os pais sobre a posição familiar durante a guerra.³ Outra compõe o crescente mercado consumidor de livros e revistas que popularizam a disciplina histórica junto ao público não acadêmico, especialmente na França.

A proliferação de estudos sobre o tema da direita e extrema-direita progride em paralelo à aceitação, pelos eleitores europeus, de projetos políticos discriminatórios e xenofóbicos. Frente ao crescimento da intolerância, François Bédarida convoca que o saber histórico “(...) em lugar de distribuir-se unicamente no campo científico, é solicitado a intervir na esfera pública, a fim de se pronunciar sobre os graves riscos da sociedade diante de um amplo processo negacionista conduzido por falsificadores da história”.⁴

No Brasil, o caso mais evidente de difusão do negacionismo é o da Editora Revisão, cujo editor e proprietário, Siegfried Ellwanger Castan, foi condenado por prática de racismo e apologia a idéias discriminatórias. Até 2001, a editora expunha e vendia seus livros livremente também na tradicional Feira do Livro de Porto Alegre.⁵ O pedido de retirada dos livros pelo Movimento de Justiça e Direitos Humanos, pelo Movimento Negro

³ FERRO, Marc. *A manipulação da História no ensino e nos meios de comunicação*. São Paulo: IBRASA, 1983.

⁴ BÉDARIDA, François. “As responsabilidades do historiador *expert*”. In: BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique. (org.) *Passados recompostos: cantos e canteiros da história*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora FGV, 1998. p.146.

⁵ Nesse ano, na abertura do evento, um grupo de punks promoveu uma manifestação, obrigando a editora a fechar a banca. Sobre a Editora Revisão, existe o trabalho: JESUS, Carlos Gustavo Nóbrega de. *Anti-semitismo e nacionalismo, negacionismo e memória: Revisão Editora e as estratégias da intolerância, 1987-2003*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

e pela comunidade judaica foi por anos confrontado – inclusive por alguns vereadores da cidade – em nome da liberdade de expressão.⁶

O negacionismo alimenta-se do silêncio acerca das práticas racistas e xenófobas. Cabe ao historiador interferir no debate público, justamente porque “não podemos tratar o fascismo como um movimento morto, pertencente à história e sem qualquer papel político contemporâneo. Encontramo-nos, desta forma, numa situação insólita: sabemos qual a prática e as conseqüências do fascismo e sabemos, ainda, que não é um fenômeno puramente histórico, aprisionado no passado”.⁷

Escrever a história do tempo presente é prática diretamente relacionada ao retorno à história política, renovada pela reintrodução dos agentes no processo histórico, pela diversificação de instrumentos analíticos e pela proximidade à esfera cultural.⁸ Ao focar o nazismo no Brasil, a pesquisa histórica interfere na construção da memória coletiva e da história oficial, reconhecendo a existência de membros do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP) e de simpatizantes no país durante o primeiro governo de Getúlio Vargas. A presente tese investiga a organização do Partido Nazista no estado do Rio Grande do Sul nas décadas de 1930 e 1940.

Filme e livro, *Arquitetura da Destruição* e *Os carrascos voluntários de Hitler*, não se apresentam tão antagônicos, pois ambos estão ligados a uma concepção de imobilidade e coerência do processo histórico. Ao analisar a história da Alemanha, uma mudança significativa nessa posição historiográfica ocorreu durante a coalizão social-liberal.

⁶ DEROSSO, Simone; ORTIZ, Helen; SODRÉ, Elaine. *Os Bastidores da Feira do Livro*. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura, 2000. p. 49.

⁷ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. “Os fascismos”. In: REIS FILHO, Daniel Araújo; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (orgs). *O século XX. O tempo das crises: revoluções, fascismos e guerras*. vol II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p.112

⁸ SIRINELLI, Jean-François. “Este século tinha sessenta anos: a França dos *sixties* revisitada”. *Tempo*, Niterói, nº16, pp.13-33.

Ela instala a história no meio das ciências sociais, afirma a singularidade de uma história alemã a ser reinterpretada desde o século XIX: uma industrialização sem revolução burguesa, um país dominado pela aristocracia proprietária dos *junkers* prussianos, um nacional-socialismo como que desembocado de uma “via específica” – o *sonderweg* – na modernidade.⁹

Se, no caso francês, o diálogo com as ciências sociais provocou uma certa crise de identidade da História,¹⁰ esse “casamento”, no caso brasileiro, ocorreu com mais naturalidade. Como os Programas de Pós-Graduação em História estiveram por décadas sob forte influência da história econômica e quantitativa, diversos pesquisadores optaram por desenvolver suas pesquisas na ciência política e na sociologia. Junto ao *débaclé* da análise estrutural, esses referenciais teórico-metodológicos marcaram a produção historiográfica recente, com a crucial mudança na percepção do indivíduo-massa para o indivíduo-agente político.¹¹

No Brasil, o questionamento ao paradigma estruturalista resultou na renovação dos estudos sobre a chamada Era Vargas. Os reflexos na historiografia brasileira são analisados por Angela de Castro Gomes:

Não é, portanto, nada casual que os anos 70 sejam o do florescimento de uma literatura que elegeu os temas da política brasileira como o seu centro nervoso, "expandindo" o entendimento de "política", e incorporando à história, definitivamente e legitimamente, o tempo presente como um período primordial de análise.

Toda esta literatura, grosso modo, gira em torno da compreensão do fenômeno do autoritarismo no país, movida pela necessidade de entender o golpe de 1964 e as causas do colapso do regime liberal-democrático instaurado pela Constituição de 1946. Por conseguinte, ela assume uma perspectiva histórica nítida, já que não só era inviável pensar as características e os rumos do regime militar sem um retorno ao pré-64, como era evidente que as bases do autoritarismo brasileiro deitavam raízes profundas nas formulações e experiências de períodos anteriores, com destaque para o Estado Novo (1937-1945).

⁹ BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique. Introdução. *Passados recompostos: cantos e canteiros da história*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora FGV, 1998. p.45.

¹⁰ REVEL, Jacques. “História e Ciências Sociais: uma confrontação instável”. In: BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique. (org.) *Passados recompostos: cantos e canteiros da história*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora FGV, 1998. p.88

¹¹ MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 2ªed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001. p.43.

Desta forma, não importando o objeto específico e o percurso cronológico percorrido pelo estudo - se retroativo ou se prospectivo - o tempo presente da história/ciência política no Brasil foi datado, mais na prática do que na teoria, a partir do pós-30, permitindo, é claro, todas as incursões necessárias ao "passado" da questão central sob exame.¹²

A pluralidade dos temas contemplados pelas pesquisas sobre o Estado Novo brasileiro demonstra o perfil paradoxal do regime. René Gertz, ao analisar a produção historiográfica sobre o Estado Novo, sublinha a seguinte observação: “Mesmo autores que procuraram ser neutros ou críticos não conseguem escapar da ambivalência. O Estado Novo foi uma ditadura, teve traços fascistas, mas muitos autores não conseguem negar avanços na economia, na construção do Estado, na questão social”.¹³ Dois balanços recentes reforçam essa leitura: o artigo “Estado Novo: novas histórias”, de Maria Helena Capelato, e a obra coletiva “Repensando o Estado Novo”, organizada por Dulce Pandolfi.¹⁴

Na disputa política brasileira nos anos de 1930 e 1940, o Partido Nazista encontra-se em posição dúbia. Sua identidade é alemã, tendo por princípio a pureza e superioridade do sangue ariano. Entretanto, esse é um componente não apenas genético como também geográfico. Ao contrário do partido comunista, que se pretende internacional, a organização partidária nazista destinou-se apenas aos alemães de nascimento, excluindo os descendentes. Ainda assim, reuniu cerca de 2900 integrantes no país. A premissa aparentemente contraditória é a chave para compreensão de sua existência e atividade no Brasil.

¹² GOMES, Angela de Castro. “Política: história, ciência, cultura etc”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.9, nº17, pp.10, 11.

¹³ GERTZ, René. “Estado Novo: um inventário historiográfico”. In: SILVA, José Luiz Werneck da (org.). *O feixe e o prisma: uma revisão do Estado Novo. O Feixe, o autoritarismo como questão historiográfica*. vol.I Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991. p.112.

¹⁴ CAPELATO, Maria Helena. “Estado Novo: novas histórias”. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2001. pp.183-213.; PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

O Partido Nazista do Brasil (jamais brasileiro) atuou diretamente no campo político através de discursos e instrumentos de ação junto à sociedade. Como consequência do aumento no Brasil das atividades políticas vinculadas ao NSDAP e à Alemanha já em guerra, os imigrantes alemães e os teuto-descendentes tornam-se suspeitos potenciais para a ditadura varguista, posto que cidadãos de um país inimigo, independente de suas afinidades ou não ao movimento. Longe de refutar as arbitrariedades cometidas nas ações nacionalizadoras, entende-se que o controle e a repressão se deram em um momento no qual o nazismo e suas ramificações eram um problema real ao governo brasileiro e tão logo não devem ser analisadas a partir de um ponto de vista que caracteriza a organização policial como irracional e inoperante e considera a ameaça nazista como fantasiosa.

Compreender essa ameaça pelos olhos dos atores envolvidos no conflito é premissa para a pesquisa que se alça ao objetivo de analisar o nazismo no Rio Grande do Sul. O sujeito político, membro de uma associação ou chefe de Estado, compartilha da responsabilidade de suas escolhas pessoais. Um dos princípios da sociologia da ação coletiva considera que “para explicar um fenômeno social, é necessário descobrir suas causas individuais, ou seja, compreender as razões que levam os atores sociais a fazer o que fazem ou a acreditarem naquilo em que acreditam”.¹⁵ Para tanto, compreendemos a história não como o resultado de uma ação inumana ou de forças transcendentais. “As ações humanas constituem o ponto em que se resolve momentaneamente a tensão constante entre liberdade e necessidade”.¹⁶

Os principais objetivos da presente pesquisa são compreender a proibição do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães do território brasileiro e analisar a

¹⁵ BOUDON, Raymond. “Ação.” In: BOUDON, Raymond (org.). *Tratado de Sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1995. p.33.

¹⁶ COSTA, Emília Viotti da. *Coroas de glória, lágrimas de sangue: a rebelião dos escravos de Demerara em 1823*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 19

estruturação e os objetivos do Partido Nazista no Rio Grande do Sul, em sua dinâmica de funcionamento. A investigação enfrentou dificuldades com relação às fontes de pesquisa. Desde o início, sabia-se que os documentos de origem policial foram perdidos durante uma série de incêndios após a Segunda Guerra Mundial. No entanto, a prática de troca de informações entre as polícias estaduais permitiu a conservação de fontes referentes ao nazismo no Rio Grande do Sul nos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro. Também se sublinha a importância das fontes de origem diplomáticas para viabilizar a execução desse trabalho, tanto no Brasil quanto na Alemanha. Cabe aqui destacar, no entanto, que os documentos referentes ao Partido Nazista sob guarda do *Bundesarchiv* (Arquivo Nacional alemão) não puderam ser consultados diante da negativa da Embaixada do Brasil em Berlim em emitir uma carta de apresentação que habilitasse o pesquisador a trabalhar nesse arquivo. Apesar das dificuldades impostas, o esforço para recontar essa história através de inúmeros fragmentos foi recompensado com resultado do trabalho que se apresenta.

A presente tese se apresenta em duas partes: a primeira, focalizada na organização do NSDAP para o exterior e sua inserção em território brasileiro; e a segunda, concentrada nas ações realizadas no estado do Rio Grande do Sul. O primeiro capítulo analisa a constituição de um departamento do Partido Nazista dedicado aos alemães no exterior e sua relação com o Ministério das Relações Exteriores da Alemanha após a ascensão de Hitler ao poder. O segundo capítulo é dedicado ao grupo nacional do NSDAP no Brasil. A proibição do nazismo no país e as conseqüências para as relações entre Brasil e Alemanha são enfocadas no capítulo terceiro. No quarto capítulo é feita a reconstituição da estrutura e das atividades do círculo partidário estabelecido no Rio Grande do Sul. Por fim, o quinto capítulo trata da permanência do nazismo após a sua proibição.

PARTE I: DIFUSÃO E PROIBIÇÃO DO NACIONAL-SOCIALISMO NO BRASIL

O golpe de novembro de 1937, que implantou o regime do Estado Novo no Brasil, deu início à fase abertamente ditatorial do processo político instaurado pela Revolução de 1930. O estabelecimento de um regime corporativo no país consolidou a proposta de centralização política e administrativa, alicerçando no autoritarismo e no nacionalismo a consolidação do esforço de formação da Nação. As estratégias que encaminharam sua deflagração habilmente concentraram-se no arrefecimento do clima de instabilidade política, prorrogando o estado de guerra decretado após o Levante Comunista em 1935. A interrupção da campanha eleitoral e a eliminação da oposição política defensora de uma conduta mais liberal precederam a apresentação do Plano Cohen pelas Forças Armadas, que reforçava o receio da ameaça comunista à segurança nacional. Em 02 de dezembro, os partidos políticos foram dissolvidos. No dia 10, o Congresso foi fechado e uma nova Constituição outorgada.

O período histórico que se inicia é marcado pelas relações triangulares entre Brasil, Estados Unidos e Alemanha, com especial destaque à diplomacia secreta e paralela às vésperas da Segunda Guerra Mundial. O interesse brasileiro no conflito entre os dois países era beneficiar-se dessa rivalidade a fim de estabelecer sua independência econômica e

militar. Estado jovem, com independência política recente, o Brasil adotou uma postura pragmática quanto ao comércio exterior, posto sua frágil autonomia nas relações internacionais.

Os Estados Unidos, principal parceiro comercial do Brasil, perseguiu como objetivo cercear as trocas comerciais dos países da América Latina com a Alemanha. O *Reciprocal Trade Agreement Act*, conhecido por Programa Hull, propunha acordos bilaterais “com base na concessão mútua e incondicional da cláusula da nação mais favorecida e das vantagens equitativas e recíprocas”. O acordo com o Brasil foi assinado em fevereiro de 1935, estipulando “a diminuição substancial dos direitos aduaneiros que atingiam até então as exportações brasileiras; em contrapartida, o Brasil compromete-se a reduzir e a estabilizar as imposições aduaneiras sobre os produtos provenientes dos Estados Unidos”.¹

Em paralelo, os negócios germânico-brasileiros aumentaram consideravelmente a partir da chegada de Adolf Hitler ao poder. A necessidade de recuperar o mercado interno da Alemanha passava pela renovação dos fornecedores de matérias-primas e produtos alimentícios. As principais exportações do Brasil para a Alemanha eram algodão, café, tabaco e gêneros produzidos nos estados do Nordeste e no Rio Grande do Sul, como o couro, a madeira, o arroz, o tabaco, a banha e a linhaça.² Oposto à filosofia de liberdade comercial norte-americana, o plano para comércio exterior alemão pressupunha o dirigismo e o protecionismo para formação de grandes espaços econômicos, adotando um sistema de marcos bloqueados a fim de equilibrar importações e exportações a partir do estabelecimento de cotas para cada país. O interesse maior do Brasil em relação à

¹ SEITENFUS, Ricardo. *A entrada do Brasil na segunda guerra mundial*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. pp. 40, 41.

² GERTZ, René. *O fascismo no sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. p.106.

Alemanha era a compra de equipamentos militares e armamentos. Todavia, os negócios não poderiam afetar os compromissos assumidos junto ao governo norte-americano.

A importância das relações comerciais com o Brasil influenciou a indicação de Karl Ritter, então chefe do departamento de política econômica do Ministério das Relações Exteriores da Alemanha, para substituir Arthur Schmidt-Elskop na Embaixada no Rio de Janeiro. No entanto, apesar do incremento nas trocas comerciais entre os dois países, seu nome ficou impresso na historiografia brasileira como o pivô de um delicado litígio, a partir do qual tornou-se *persona non grata* em território nacional, quase provocando a ruptura diplomática antecipada entre o Brasil e a Alemanha. No centro do debate, a proibição do *National-sozialistische Deutsche Arbeiter-Partei*, o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP) no país.

O objetivo dessa primeira parte é analisar a política da organização para o exterior do NSDAP e seus reflexos na edificação do grupo estabelecido no Brasil, de modo a compreender os motivos de sua interdição pelo governo Vargas. A proibição das atividades partidárias de nacionais e estrangeiros gerou uma inflexão nas relações entre os dois países. O intercâmbio comercial não foi afetado, prosseguindo a Alemanha no posto de segundo maior exportador para o Brasil – lugar que havia sido da Inglaterra nas décadas anteriores. Mudou a manifesta simpatia do governo brasileiro em relação ao regime nacional-socialista. Cabe questionar, portanto, a dimensão e os objetivos do Partido Nazista instalado no Brasil e as reações e conseqüências de seu fechamento.

Capítulo 1. A Organização para o Exterior do Partido Nazista

O Partido Nazista no Brasil, é importante ressaltar, não se constituiu enquanto organismo autônomo. O *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei – Landesgruppe Brasilien*, Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães – Grupo Nacional Brasil, era subordinado à *Auslandsorganisation der NSDAP* (AO/NSDAP), a Organização para o Exterior do NSDAP, sem delimitações geográficas e dirigidas aos cidadãos alemães residentes no exterior ou em constante trânsito, como o caso dos marinheiros.

O primeiro departamento do Exterior do Partido Nazista, o *Auslands-Abteilung*, foi fundado em Hamburgo em abril de 1931. Na esteira do crescimento político de Adolf Hitler na Alemanha e, em especial, após a expressiva votação do NSDAP para o Parlamento em setembro de 1930, cresceu o interesse em agregar os alemães emigrados sob a bandeira do nacional-socialismo. O número significativo de votos que receberam dos alemães residentes no exterior nessa mesma eleição também chamou a atenção das lideranças nazistas. Até aquele momento, pequenos grupos haviam se organizado no estrangeiro e encontravam-se vinculados à direção em Munique, porém não existia uma estratégia voltada aos *Reichsdeutsche*, ou seja, aos chamados “alemães imperiais”, cidadãos do Reich cuja terminologia sublinha o pertencimento legal à Nação e contrasta com aqueles que possuem apenas o referencial étnico, o *Volksdeutsche*, em geral

descendentes de origem alemã, mas sem o vínculo jurídico pleno com a Alemanha. A estimativa do Partido apontava, em 1937, uma população de 515.860 cidadãos alemães residentes nos 83 países ou territórios onde se encontravam núcleos nazistas organizados.¹ No início da década, os pequenos grupos no estrangeiro eram pouco significativos, todavia bastante dedicados à Hitler e orgulhosos do contato direto com o movimento na Alemanha.²

Hans Nieland, foi designado para a chefia Departamento do Exterior, subordinado à Gregor Strasser, que desempenhava a função de *Reichsorganisationsleiters der NSDAP*, responsável pela reestruturação do Partido.³ Sua jurisdição abrangia os partidários no estrangeiro que não se encontravam inseridos nas organizações distritais da Áustria, da região do Sarre (que fora integrada à França após a Primeira Guerra Mundial) e da cidade livre de Danzig, que haviam sido criados entre 1927 e 1928.

Em seu primeiro comunicado, Nieland conclamou os nazistas no exterior a tornarem-se mais engajados no movimento e distribuiu as diretrizes para o estabelecimento de grupos locais e pagamento das contribuições financeiras.⁴ Os novos núcleos deveriam reproduzir a divisão organizacional da matriz alemã, estruturados em grupos locais com pelo menos vinte e cinco membros ou em pontos de apoio, com no mínimo cinco pessoas. Localidades com um número ainda inferior de nazistas constituíam células subordinadas a

¹ *Verhältnis der Reichsdeutschen zu den Parteimitgliedern*. Berlin, 30 de junho de 1937. Akten betreffend: Statistik, kulterpolitik des AA, Zeitschriften, PAAA.

² MCKALE, Donald M. *The Swastika Outside Germany*. Kent: Kent University Press, 1977. p.18

³ Strasser (1892-1934) defendia uma proposta anti-capitalista radical e tornou-se crítico de Hitler pelo seu abandono às classes trabalhadoras. Afastou-se do Partido em 1932 e foi assassinado pela SA em 30 de junho de 1934, na “Noite das Facas Longas”. Ver: “Gregor Strasser”. *LeMO, Lebendiges virtuelles Museum Online*. Disponível em: <<http://www.dhm.de/lemo/html/biografien/StrasserGregor/>>. Acesso em: 28 fev. 2010. Hans Heinrich Nieland (1900-1976) ingressou no NSDAP em 1926 e foi eleito deputado no Parlamento alemão em 1930. Após sua passagem pelo Departamento do Exterior, assumiu a chefia da Polícia de Hamburgo em março de 1933. Foi designado Prefeito de Dresden entre 1940 e 1945. Preso pelos britânicos, não foi condenado, sendo considerado apenas “seguidor” ou “membro nominal” do nacional-socialismo em 1950. “Hans Nieland”. *Wikipedia, Die freie Enzyklopädie*. Disponível em: <http://de.wikipedia.org/w/index.php?title=Hans_Nieland&oldid=70954042>. Acesso em: 28 fev. 2010.

⁴ MCKALE, 1977, p.20.

um grupo local próximo ou diretamente à *Ausland-Abteilung*. Assim que a quantidade de cidadãos alemães reunidos fosse suficiente, uma lista com o nome dos integrantes deveria ser encaminhada para aprovação, a ser confirmada por Nieland. O grupo deveria escolher uma liderança, também sujeita ao aval de Hamburgo, e esta indicaria um secretário, um tesoureiro e um responsável pela propaganda no núcleo partidário.⁵ O mesmo procedimento era adotado na escolha dos *Landesgruppenleiters*, as lideranças dos grupos nacionais, porém com maior interferência do departamento do exterior. Tal estruturação permaneceu praticamente inalterada até a extinção do Partido (Apêndice A).

A finalidade desse primeiro estímulo à mobilização dos cidadãos alemães no exterior era a expansão da organização partidária através de novos grupos nacionais, que concentrassem e promovessem o princípio do líder (*Führerprinzip*), premissa fundamental de obediência política nacional-socialista. O Departamento do Exterior foi posteriormente elevado à *Gau* (comarca, região administrativa do *Reich*), intitulada *Gau Ausland*, e subordinada diretamente à Rudolf Hess. Os primeiros países a terem seus grupos reconhecidos foram a Argentina, o Brasil e o Paraguai. Entretanto, ao final de 1932, somente 150 *Ortsgruppen* e *Stützpunkte* haviam sido criados, a maioria muito pequenos.⁶ De fato, ocorreram inúmeros relatos de indisciplina, divisões internas, agressões às comunidades alemãs locais por parte dos grupos nazistas no exterior, comprometendo a imagem do NSDAP. O insucesso de Nieland, devido à ausência de uma direção mais precisa, contribuiu para sua substituição em março de 1933, mas não se deve dispensar a disputa intra-partidária pela sua posição.

A tomada de poder na Alemanha pelo Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, em 30 de janeiro de 1933, alterou a perspectiva interna acerca das

⁵ MCKALE, 1977, p. 20

⁶ Idem, p.33.

relações exteriores como um todo. Se, anteriormente, a presença de núcleos partidários no exterior servia como instrumento de difusão da ideologia nazista entre os cidadãos alemães, a partir deste momento, o controle sobre o aparato estatal colocou a *Wilhelmstrasse*, o Ministério das Relações Exteriores, à serviço das pretensões expansionistas territoriais nazistas, do seu combate ao comunismo e aos Estados liberais, da difusão da superioridade da raça ariana e da legitimidade da exclusão dos judeus da sociedade.

Os nazistas viram no *Machtergreifung* (tomada de poder) mais do que uma simples troca de governo: ela representou o início de uma revolução que transformaria a sociedade alemã de acordo com a sua ideologia. A então chamada "Revolução Nazi" era composta essencialmente de três elementos. Primeiro, os nazistas utilizaram a autoridade legal do Estado e a sua estrutura para legitimar o seu controle sobre o Serviço Público, a Polícia e as Forças Armadas. Todos aqueles que resistiram a submeter-se à nova autoridade foram dispensados ou liquidados. Segundo, houve o uso generalizado do terror e da coerção na ausência de lei e ordem, permitindo que as Tropas de Assalto prendessem pessoas e confiscassem bens livremente. O persuasivo medo da violência não deve ser subestimado visto sua incontestável inibição das forças de oposição. A ameaça de violência foi, em certa medida, contrabalançada pela imagem positiva da sociedade nazista, apresentada pelos meios de comunicação em uma escala sem precedentes. A propaganda é, por conseguinte, o terceiro elemento. Uma sociedade que ainda sofria de um profundo sentimento de humilhação nacional, enfraquecida pela inflação, pela depressão econômica e pelo desemprego em massa, foi, talvez não surpreendentemente, atraída para a restauração nacional-socialista, que proclamava poder integrar os diferentes elementos sob a bandeira do renascimento nacional para a Alemanha.⁷

O cargo de chefia no Departamento do Exterior foi disputado por Alfred Rosenberg, deputado do *Reichstag* eleito em 1930, assim como Nieland, e à frente do inexpressivo *Aussenpolitisches Amt*, Escritório de Política Externa (APA).⁸ A indicação, no entanto, recaiu sobre o experiente Ernst W. Bohle, assistente voluntário da *Ausland-*

⁷ WELCH, David. "Nazi Propaganda and the Volksgemeinschaft: Constructing a People's Community". *Journal of Contemporary History*, London, 2004, Vol 39(2), p.216, 217. Tradução nossa.

⁸ Rosenberg (1893-1946) foi um dos principais teóricos do nacional-socialismo, publicando uma proposta racial para abordagem da questão judaica no livro *Der Mythos des zwanzigsten Jahrhunderts* ("O Mito do Século XX"). Foi Ministro do Reich nos territórios ocupados no Leste a partir de 1941 e condenado à morte pelo Tribunal de Nuremberg.

Abteilung desde dezembro de 1931 e favorito de Hess.⁹ Em 1934, o Departamento passa à denominação *Auslandsorganisation der NSDAP*, Organização para o Exterior do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (AO). Com a transferência para Berlim, em 1935, seu aparato administrativo foi expandido e seu orçamento aumentado.

É clara a importância que os *Landesgruppen* ou grupos nacionais ganharam após a reestruturação da Organização para o Exterior. Sob a égide do conceito de cidadania baseado na raça e no sangue, a função da AO era congregar os alemães no exterior através da promoção de associações e institutos ligados ao Partido, da difusão ideológica e da contrapropaganda de seus adversários. Marionilde Magalhães aponta mais duas tarefas da organização: reunir informações acerca das possibilidades de transações comerciais favoráveis à Alemanha e recrutar voluntários para caso de eventual conflito armado.¹⁰

Reforçar a subordinação das lideranças dos grupos nacionais à Bohle, assim como a autoridade destes frente aos grupos locais dentro de cada país, foi essencial para recobrar a credibilidade do NSDAP e do novo governo da Alemanha junto aos países estrangeiros que os abrigavam. A criação de uma proximidade em relação ao partidário no estrangeiro com a organização na Alemanha contribuiu também para a estabilidade dos núcleos. O *Landesgruppenleiter* que desobedecesse as orientações da AO era imediatamente substituído. Cursos para lideranças e reuniões periódicas eram promovidos em Hamburgo.¹¹ Cada líder nacional era escolhido cuidadosamente por Bohle e confirmado

⁹ Ernst Wilhelm Bohle (1903-1960) nasceu em Bradford, na Inglaterra, e cresceu na África do Sul.. Filiou-se ao NSDAP em 01º de março de 1932 e ingressou na SS – *Schutzstaffel*, tropas de proteção – no ano seguinte.. Também foi Secretário de Estado do Exterior. *Nuremberg Trial Proceedings*, 25 March 46, vol.10. Disponível em: The Avalon Project at Yale Law School <<http://www.yale.edu/lawweb/avalon/imt/proc/03-25-46.htm>>. Acesso em: 16 mar. 2008.

¹⁰ MAGALHÃES, Marionilde Brepohl de. *Pangermanismo e nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1998. p.136

¹¹ MCKALE, 1977, pp. 49, 50.

por Hitler. Em sua maioria, eram comerciantes, empresários e professores, alguns deles nazistas veteranos, que militavam antes mesmo de imigrarem a outros países.

Os fundadores dos partidos nazistas no estrangeiro eram, em geral, homens nascidos ao final do século ou poucos anos depois. Experimentaram sua socialização política nos últimos anos da época do Kaiser e, quando lhes foi possível, participaram da Primeira Guerra Mundial. Rejeitaram a República de Weimar e, em mais de uma ocasião, uniram-se às tropas irregulares (*Freikorps*) e/ou entraram em grupos ou partidos da extrema-direita. Emigraram nos anos vinte por motivos econômicos porque não conseguiram integrar-se na vida civil da Alemanha e consolidar sua existência. O país de destino dependia mais da casualidade do que de projetos concretos. Poucos emigrantes conseguiram estabelecer-se de imediato. Precisavam trocar muitas vezes de trabalho para finalmente encontrar, depois de vários anos, um posto que lhes permitissem viver sem problemas de subsistência.¹²

Além de coordenar os líderes dos *Ortsgruppen* de seu país, as lideranças deveriam garantir que estivessem sendo realizados, nos núcleos partidários espalhados pelo país, a organização de reuniões de doutrinação, promoção de atividades sociais, propagação da difusão da ideologia nacional-socialista, ampliação do número de associados, além do recolhimento de donativos para o *Winterhilfswerk*, o Auxílio de Inverno (WHW), e de contribuições para a *Deutsche Arbeitsfront*, a Frente de Trabalho Alemã (DAF), ambas instituições da matriz original do NSDAP que eram replicadas nos grupos do exterior.

Com frequência, eles [os líderes nacionais] trabalhavam em tempo integral nas suas ocupações, que incluíam construir uma rede entre núcleos locais e células em seus países, recrutar membros, disseminar propaganda e resolver problemas de alemães estrangeiros. Alguns eram bem pagos pelo seu trabalho: em 1939, os líderes do Partido na Inglaterra, Palestina, Hungria, Paraguai, Bulgária, Austrália, Noruega, Colômbia, Itália e Espanha chegaram a receber vários milhares de dólares.¹³

¹² MÜLLER, Jürgen. “El NSDAP en México: historia y percepciones, 1931-1940”. *Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe*. Tel Aviv, v.6, n.3, 1995. p.91. Tradução nossa.

¹³ MCKALE, 1977, p. 122. Tradução nossa.

A responsabilidade dos líderes nacionais ultrapassava a gestão interna dos grupos. Além do doutrinação ideológico e do alinhamento político dos alemães no exterior,¹⁴ ele também apresentava-se como representante no exterior do projeto político nazista:

O movimento, em sua qualidade de movimento nacionalista e racista, substitui as classes pela raça. Sendo um movimento pluriclassista, cujos membros acreditavam na existência de uma comunidade ariana que englobava membros de diferentes status sociais com um ponto em comum: pertenciam à comunidade ariana. (...) Esse “comunitarismo racial”, na medida em que substituí o conflito de classes pelo de raças e pela comunidade ariana, identificava-se como anti-semita, anti-eslavo e antibolchevique (sendo o bolchevismo considerado como o instrumento mais apurado da manifestação da conspiração judaica).

(...) Era socialmente conservador, na medida em que propunha a conservação da comunidade racial ariana, a comunidade germânica. Também se caracterizava por ser um movimento baseado na política de força, a materialização da sua superioridade, exposta nos princípios do darwinismo social racista. Era expansionista, porque pretendia a construção da Grande Alemanha, através da conquista do seu espaço vital, através da incorporação dos territórios onde existiam populações de origem alemã ao seu território imperial. Tinha como característica marcante, juntamente com o racismo e o autoritarismo, o fato de que era um movimento revanchista contra o Tratado de Versalhes, um forte atrativo na Alemanha da época.¹⁵

O historiador Donald McKale afirma que os planos da AO incluíam a utilização dessa extensiva rede de partidários para alargar os contatos comerciais com outros países.

Os nazistas também estavam convencidos de que alemães no estrangeiros poderiam ser utilizados mais amplamente nos planos econômicos da Alemanha. Enquanto o governo começava a rearmar a Alemanha e tornar o país economicamente auto-suficiente, o Departamento de Comércio Exterior da AO [...] tentou contribuir na política de autarquia, mobilizando o amparo econômico dos alemães no estrangeiro. O Departamento de Comércio Exterior indicou um conselheiro econômico, que geralmente era um empresário alemão local (*Wirtschaftsstellenleiter*), em cada grupo nazista no exterior. Os conselheiros, de acordo com a AO, trabalharam para concluir acordos de transação comercial para firmas alemãs, garantindo os interesses econômicos dos alemães no estrangeiro e divulgando "a visão econômica nacional-socialista".¹⁶

¹⁴ GAUDIG, Olaf; VEIT, Peter. “El Partido Alemán Nacionalsocialista en Argentina, Brasil y Chile frente a las comunidades alemanas: 1933-1939”. *Estudios Interdisciplinarios de America Latina y el Caribe*. Tel Aviv, v.6, n.3, 1995. p.73.

¹⁵ RIBEIRO, Luis Dario. “O nazismo como colonização da sociedade”. In: MILMAN, Luis; VIZENTINI, Paulo Fagundes. *Neonazismo, negacionismo e extremismo político*. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS), 2000. pp. 155, 156

¹⁶ MCKALE, 1977, p. 51. Tradução nossa. O autor comenta que a iniciativa não mostrou-se muito rentável. Apesar de receberem relatórios periódicos sobre as empresas que contribuía com o NSDAP e o conseqüente aval para o estímulo ao comércio, nem todos os “homens de negócios” indicados para exercerem

Albert Hagemann complementa que, além da coleta de dados econômicos para promover as exportações do *Reich*, o esforço da AO focava também a eliminação do “comércio judeu” e o combate ao boicote dos produtos alemães. “Uma divisão especial dentro da sede da AO em Berlim estava organizada e direcionada para a interpretação dos dados econômicos fornecidos pelos grupos nacionais por todo o mundo”.¹⁷

O ganho político de Bohle com a reorganização dos alemães no exterior sob a tutela da AO o permitiu decretar o fim da proibição de novas filiações ao NSDAP para os alemães residentes no exterior ainda em 1933.¹⁸ Desde maio deste ano, o ingresso de novos membros estava banido na Alemanha, assim permanecendo.¹⁹ Apenas 10,5% dos partidários do exterior haviam ingressado antes dessa data.²⁰

David Welch argumenta que o conceito de *Volksgemeinschaft*, a comunidade étnica, era o elemento chave do propósito revolucionário nazista, que defendia a instituição de um Estado propriamente germânico (no sentido mais étnico do termo), rejeitando a democracia e concentrando os poderes em um líder forte, para salvar o conjunto de valores originais alemães da degeneração propalada pela República de Weimar.²¹ A palavra alemã *Volk* é de difícil tradução, pois refere-se não somente ao Povo ou à Nação, abrangendo “um significado mais profundo e de certo modo diverso, com a conotação de uma comunidade tribal primitiva, baseada no sangue e na terra”.²² O *Deutschum*, traduzido por

essa função foram além da denúncia de anti-nazistas e judeus envolvidos com as empresas alemãs no exterior.

¹⁷ HAGEMANN, Albert. “The Diffusion of German Nazism”. In: LARSEN, Stein Ugelvik (ed.). *Fascism outside Europe: The European Impulse against Domestic Conditions in the Diffusion of Global Fascism*. New York: Columbia University, 2001. p.82. Tradução nossa.

¹⁸ HAGEMANN, 2001, p. 80

¹⁹ MÜLLER, 1995, p. 90.

²⁰ *Statistik der AO*. Berlin, 24 de setembro de 1937. Akten betreffend: Statistik, kulterpolitik des AA, Zeitschriften, PAAA.

²¹ WELCH, 2004, pp. 213, 214.

²² SHIRER, W. *Ascensão e queda do Terceiro Reich: triunfo e consolidação (1933-1939)*, vol.1. Rio de Janeiro: Agir, 2008. p.131.

germanismo, é “uma ideologia e uma prática de defesa da germanidade das populações de origem alemã” especialmente no exterior e se manifesta na formação de instituições como agremiações esportivas, igrejas, escolas, associações culturais e imprensa em língua alemã para preservação cultural.²³ O movimento pangermanista ganhou impulso com o crescimento do NSDAP na Alemanha, quando inúmeras entidades vislumbraram possibilidades de ganho tanto econômicos – aumento de verbas para a expansão dessas organizações – quanto ideológicos, na divulgação de sua doutrina.²⁴ O sentimento do *Deutschum* remota ao século XIX e Magalhães define essa nova leitura da seguinte forma:

Um movimento inspirado num modelo de nacionalismo em que estiveram presentes tanto sonhos separatistas quanto de unificação. Um movimento profundamente comprometido com o romantismo alemão, mas também com o pragmatismo inerente aos projetos imperialistas de expansão de mercados e de territórios; um movimento que se valeu de princípios jurídicos e culturais, mas que não dispensou o ódio e a violência contra seus adversários; e que, à semelhança de seu inspirador na Europa, cooperou para o surgimento de um dos capítulos mais singulares da história alemã: o nazismo.²⁵

A essência intelectual do movimento pangermanista foi vinculada à proposta nacional-socialista de modo a conduzir o sentimento de comunidade étnica para seus fins políticos. É claro que a tentativa de tomar para si e ressignificar esse ideário pelos nazistas não foi recebida passivamente por boa parte dos defensores do *Deutschum* e das lideranças das comunidades estabelecidas no exterior. Todavia, são elementos presentes na propaganda direcionada aos alemães, conforme demonstra Welch.

Os quatro temas principais recorrentes na propaganda nazista durante esse período refletem as raízes e os antecedentes do pensamento do *völkisch*: 1) apelo à unidade nacional baseada sobre o princípio: 'A comunidade antes do indivíduo' (*Volksgemeinschaft*); 2) a necessidade da pureza racial; 3) o ódio aos inimigos, que cada vez mais centrava-se em judeus e bolcheviques, e 4) liderança

²³ GERTZ, René. *O perigo alemão*. 2ª ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998. p.32. O autor destaca os vários conceitos utilizados pelo movimento germanista, como *Volkstum* (etnia) e *Vaterland* (pátria), assim como as denominações que identificavam seus participantes: *Deutschbrasilianer* (teuto-brasileiro, nascido no Brasil e de descendência alemã), *Auslanddeutscher* (alemão no exterior), *Reichsdeutscher* (cidadão alemão), *Volksdeutscher* (alemão étnico, mas sem a cidadania).

²⁴ MAGALHÃES, 1998, p.135

²⁵ Idem, p.14

carismática (*Führerprinzip*). Ambas, a doutrina original e a maneira como foi disseminada pela propaganda nazi, levou, inexoravelmente, à mobilização do povo alemão para a guerra futura.²⁶

O passo seguinte seria absorver as principais instituições de fomento ao germanismo. Bohle declarou, em discurso na reunião do Partido em agosto de 1933, que a estratégia voltada aos clubes sociais e comerciais no exterior era a divulgação e aceitação do nacional-socialismo por parte de todos os alemães, mas recomendava que os *Reichsdeutsche* não interferissem nos problemas da política interna de seus países anfitriões.²⁷ Por outro lado, a própria AO chegou a estabelecer contatos com os movimentos fascistas nativos que julgara mais relevantes, discretamente, para evitar um confronto com a diplomacia oficial.

Entre as sociedades interessadas nos alemães no exterior, destacam-se, inicialmente, aquelas ligadas ao movimento neocolonialista alemão, como *Alldeutscher Verband* (Liga Pangermânica), *Deutsche Kolonial Gesellschaft* (Sociedade Colonial Alemã), *Evangelischer Hauptverein für Ansiedler und Auswanderer* (Sociedade Evangélica Central para Residentes no Exterior e Emigrantes) e *Hanseatische Kolonisationsgesellschaft* (Sociedade Hanseática de Colonização).²⁸ Magalhães aponta a presença do nazismo desde o início dos anos 1920 através do *Vereine für das Deutschtum im Ausland* (Organização para o Germanismo no Exterior, VDA), que será fortalecida após a tomada de poder em 1933 com o controle da *Deutsches Auslands-Institut* (Instituto Alemão para o Exterior, DAI).²⁹ Ambas instituições forneciam material escolar para escolas alemães no Brasil e, em alguns casos, enviavam também professores.³⁰ Para a AO,

²⁶ WELCH, 2004, p.217. Tradução nossa.

²⁷ HAGEMANN, 2001, p.80.

²⁸ MAGALHÃES, 1998, p.41

²⁹ Idem, p.135.

³⁰ GERTZ, René. *O fascismo no sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. p.70.

existia ainda a concorrência de organismos dentro do próprio Partido Nazista, como o *Dienststelle Ribbentrop*, agência criada por Joachim von Ribbentrop em 1934 com a intenção de interferir na *Wilhelmstrasse*, o *Aussenpolitisches Amt*, ligada à Rosenberg desde 1933, quando perdeu a indicação à Chefia da AO para Bohle, e a *Volksdeutsche Mittelstelle* ou VoMi, agência de incentivo aos alemães étnicos sob administração das *Schutzstaffel* (Tropas de Proteção, SS) (ver Anexo A).

Ao final de janeiro de 1937, Hitler cria o cargo de Chefe da Organização do Exterior no Ministério das Relações Exteriores, subordinado diretamente ao ministro Konstantin von Neurath.³¹ O decreto explicitava que estavam sendo “transmitidas a direção e administração de todos os assuntos relacionados com os cidadãos alemães (*Reichsdeutsche*) no exterior” de forma a “unificar a supervisão dos cidadãos alemães no estrangeiro”.³² De fato, a *Auslandsorganisation* reivindicava há tempos a coordenação sobre os assuntos relativos ao desenvolvimento econômico, questões legais, emigração e repatriação de alemães fora do *Reich*, objetos que tradicionalmente eram de competência do *Auswärtiges Amt*, o Ministério das Relações Exteriores da Alemanha (AA). Deve-se ressaltar, entretanto, que a AO não foi completamente incorporada ao Ministério. Bohle foi nomeado Secretário de Estado, organizou o departamento com um pequeno quadro de

³¹ Konstantin Freiherr von Neurath (1873-1956) foi Ministro das Relações Exteriores da Alemanha entre 1932 e 1938, indicado pelo chanceler Franz von Papen. Tornou-se membro do NSDAP em 1937. Foi substituído por Joachim von Ribbentrop em março de 1938 e posteriormente nomeado Protetor do Reich para a Boêmia e a Morávia entre 1939 e 1941, quando foi substituído por Reinhard Heydrich. Neurath foi condenado pelo Tribunal de Nuremberg a 15 anos de prisão por conspiração, crimes contra a paz, crimes de guerra e crimes contra a humanidade. Ver: “Konstantin Freiherr von Neurath”. *LeMO, Lebendiges virtuelles Museum Online*. Disponível em: <<http://www.dhm.de/lemo/html/biografien/NeurathKonstantin/index.html>>. Acesso em: 28 fev. 2010 e *Holocaust Encyclopedia, United States Holocaust Memorial Museum*. Disponível em: <<http://www.ushmm.org/wlc/article.php?lang=en&ModuleId=10007119>>. Acesso em: 10 mar. 2010.

³² Documento reproduzido em: RAHMEIER, Andrea Helena Petry. *Relações diplomáticas e militares entre a Alemanha e o Brasil: da proximidade ao rompimento (1937-1942)*. Porto Alegre: Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2009. pp. 58, 59. Tradução da autora.

funcionários, mas a AO permaneceu como estrutura partidária, separada do aparelho estatal.³³

Em uma primeira análise, fica clara a intenção do NSDAP de centralizar em sua Organização para o Exterior o controle dos alemães residentes fora do território, esvaziando o poder da AA ao lidar com os *Reichsdeutsche*. A medida parece ter buscado resolver choques de competência entre a AO e o Ministério, também reforçando o papel da organização partidária nesse momento. O princípio de autoridade total do *Führer* havia sido oficializado na Alemanha desde 01º de dezembro de 1933, com a Lei de Unidade do Partido e do Estado. Todavia, a formulação nazista do “Estado total” – nas palavras de Moraes – não alterou a estrutura que promovia a duplicidade institucional, posto que vinha “do próprio partido a afirmação da necessidade de separação entre as duas esferas e a manutenção de ambas com funções diferenciadas”.³⁴

Segundo Jeremy Noakes, a fragmentação das organizações políticas dentro do movimento nazista (como a Juventude Hitlerista, as Tropas de Assalto e as associações profissionais), que inicialmente tenderam a tornar mais eficaz a coordenação das diversas agências e núcleos partidários, revelou, a partir desse mesmo ano, uma crise de identidade do Partido e as dificuldades em reorientar, dentro do Governo, as lideranças das divisões territoriais (*Gau*) do NSDAP e os *Hoheitsträger*, literalmente, os “portadores de soberania”.³⁵ Os alemães no exterior eram uma agenda importante para o Terceiro Reich. É possível que a multiplicação de agências e departamentos relacionados aos

³³ MCKALE, 1977, pp. 108, 109.

³⁴ MORAES, Luís Edmundo de Souza. *Ein Volk, Ein Reich, Ein Führer! A Seção Brasileira do Partido Nazista e a Questão Nacional*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996. p.33

³⁵ NOAKES, Jeremy. “Leaders of the people? The Nazi Party and the German Society”. *Journal of Contemporary History*, London, vol 39(2), 2004, pp.189, 190.

Auslanddeutscher, aos *Reichsdeutscher* e aos *Volksdeutscher*, tenha sido reflexo de um reordenamento burocrático interno.

Em um segundo momento, pode-se avaliar a nomeação de Bohle para um departamento no AA como forma de interferência direta do NSDAP na *Wilhelmstrasse*. Um indicativo seria a pressão exercida sobre os diplomatas e funcionários do Ministério para filiação ao NSDAP após a abertura exclusiva da possibilidade de adesão, visto que não eram aceitos novos membros na Alemanha desde 1933. Foram registradas as solicitações de Ernst Woermann, diretor do Departamento Político, Ernst Weizsäcker, Secretário de Estado, Otto von Erdmannsdorff, embaixador alemão na Hungria, Wilhelm von Faupel, diretor do Instituto Ibero-Americano, e Karl Ritter, Embaixador alemão no Brasil, além dos líderes das missões em Cuba, Dinamarca, Turquia, Paraguai, Suíça e Irlanda. Existiram casos de diplomatas de carreira que foram dispensados por manifestar oposição ao NSDAP ou por não se enquadrarem na política alemã antisemita. Posteriormente, foi feito um acordo com Joseph Goebbels³⁶ de que os partidários nazistas trabalhando no Ministério não pertenceriam ao *Gau* Berlim, mas ao *Ortsgruppe*

³⁶ Paul Joseph Goebbels (1897-1945), doutor em filologia germânica pela Universidade de Heidelberg e jornalista, filiou-se ao NSDAP em 1924, inicialmente como aliado político de Gregor Strasser. Atraído pelas propostas políticas de Hitler, de quem torna-se um dos colaboradores mais respeitados e fiéis, é nomeado *Gauleiter* de Berlim em 1926. Após a tomada do poder, é nomeado Ministro do Reich para a Ilustração Pública e Propaganda. Seu primeiro grande ato no cargo foi a noite da queima de livros ditos "indesejáveis" pelo governo nazista em 10 de março de 1933. Goebbels foi o grande idealizador da propaganda política nazista, controlando a imprensa, o rádio, o cinema, as agências de notícias para conceber a imagem inabalável e protetora do Führer e o Reich de 1000 anos. Segundo Trevor-Roper, além de ser descrito como a única mente mais interessante do Terceiro Reich além de Hitler, Goebbels foi um administrador eficiente, um radical conselheiro político de Adolf Hitler e, para os historiadores, uma importante fonte de pesquisa com seus diários. Com o avanço das tropas soviéticas em direção à Berlim e os sucessos dos Aliados ocidentais, Goebbels é nomeado por Hitler Plenipotenciário do Reich para a Guerra Total em julho de 1944. Nos momentos finais da guerra, após ser padrinho de casamento de Hitler e Eva Braun em 29 de abril de 1945, é nomeado por decreto Chanceler designado do Terceiro Reich, prestando juramento minutos após o suicídio do Führer. Após a tomada de Berlim pelos russos, Goebbels e sua esposa, Magda, suicidam-se após envenenar seus seis filhos em 01º de maio de 1945. Consultar: TREVOR-ROPER, Hugh. (ed.) *Final Entries 1945 – The Diaries of Joseph Goebbels*. New York: Avon, 1979; WYKES, Alan. *Goebbels*. Rio de Janeiro: Renes, 1973.

Auswärtiges Amt, que já administrava os membros do Partido que atuavam no Serviço Diplomático no Exterior.³⁷

A promoção de Bohle para o AA renovou o prestígio e a influência da Organização para o Exterior junto à Adolf Hitler, com quem registrou-se uma série de encontros. O Chanceler via na AO o contrapeso necessário às atuações dos Embaixadores e da *Wilhelmstrasse*. Hagemann interpreta que essa manobra possibilitou o reconhecimento de status e proteção diplomáticas às lideranças partidárias nacionais e regionais no exterior.³⁸ Nesse período, as organizações distritais do Sarre, Danzig e Áustria também haviam passado ao controle da *Auslandsorganisation*. Entretanto, dentro do *Auswärtiges Amt*, a jurisdição oficial de Bohle era bastante restrita, circunscrita aos assuntos referentes aos cidadãos alemães no exterior, como conduzir as relações entre os líderes partidários, os governos dos países que os hospedam e os diplomatas da Alemanha, providenciar as negociações do Partido com os governos estrangeiros acerca das questões relativas às políticas de cidadania e influência cultural, especialmente através das escolas alemãs no exterior, conciliar tensões entre nazistas locais, organizar as celebrações dos feriados do partido e, juntamente com o Ministério da Propaganda, enviar a correspondência do NSDAP para os outros países através da mala-postal diplomática.³⁹

Na análise de McKale, a criação do cargo de Chefe da Organização do Exterior dentro do Ministério das Relações Exteriores foi, principalmente, de ordem estratégica:

(...) a extensão da influência da AO no AA era mínima - na elaboração de políticas, decisões particulares e negócios envolvendo as missões no estrangeiro. Talvez a maior ameaça que a AO ofereceu ao Ministério foi de natureza psicológica: a maioria dos diplomatas a atribuiu uma autoridade que ela nunca possuiu. Isto, muito mais que qualquer prática exercida de poder, promoveu a

³⁷ MCKALE, 1977, pp. 116, 117. Em maio de 1938, Hitler ordena a dissolução do *Ortsgruppe-AA* e estabelece que as futuras filiações de diplomatas sejam decididas entre Bohle e o novo Ministro das Relações Exteriores, Joachim von Ribbentrop.

³⁸ HAGEMANN, 2001, p.79.

³⁹ MCKALE, 1977, p.110.

forte competição que o Partido ofereceu ao Ministério das Relações Exteriores. Com exceção de pequenos conflitos entre oficiais do Partido no exterior e diplomatas e a pressão exercida sobre os diplomatas para aderir ao Partido, o AA e seu aparato permaneceu intacto. Mas a imagem dessas dificuldades repassou aos governos estrangeiros a impressão que o Ministério estava sendo nazificado.⁴⁰

A nazificação do AA não ocorreu por interferência de um pequeno departamento voltado aos *Reichsdeutsche*. O conflito, conforme analisou Ian Kershaw, estava distante das concepções sobre política exterior defendidas pelos profissionais do Ministério ou de outros órgãos, mas centrada na luta endêmica ao sistema nazista por poder e influência, tensões que não se contradiziam com as rivalidades pessoais ou institucionais. A linha principal da grande política externa da ditadura nazista era elaborada e desempenhada pessoalmente por Adolf Hitler.⁴¹

Em *Mein Kampf*, autobiografia política publicada por Hitler em julho de 1925, observa-se a existência de objetivos consistentes para a conquista de um espaço vital ao leste da Europa e para a remodelação racial e política da Europa. Após expor as características da concepção racista do mundo e o modo como o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães transformaria a cultura ariana em fé política para a organização das massas, afirma que “o grande princípio que nunca deveremos perder de vista é que o Estado é um meio e não um fim”.⁴² O progresso da nacionalidade seria o objetivo final também de toda a política externa alemã, que, seguindo a nova doutrina, “deve ser a preparação para a recuperação da liberdade”.⁴³ Hitler descreve seu propósito: “O dever da política externa de um Estado nacionalista é assegurar a existência da raça incluída no Estado, estabelecendo uma proporção natural entre o número e o crescimento

⁴⁰ MCKALE, 1977, p.118. Tradução nossa.

⁴¹ KERSHAW, Ian. *La dictadura nazi: problemas y perspectivas de interpretación*. Buenos Aires: Siglo XXI Argentina, 2004. p.191.

⁴² HITLER, Adolf. *Minha Luta*. São Paulo: Moraes, 1983. p.246. Grifos do autor.

⁴³ Idem, p.381. Grifos do autor.

*da população, de um lado, e, do outro, a extensão e a qualidade do solo.”*⁴⁴ A conquista de poder e força políticas eram prioridades para então não só reconquistar as partes perdidas do território no reestabelecimento de fronteiras com o Tratado de Versalhes, mas também garantir a “área de solo” necessária à subsistência da população e ao seu status de “*baluarte político, e entre nosso passado histórico e o desespero de nossa impotência atual*”.⁴⁵

Em outubro de 1933, a situação política da Alemanha era bastante diferente. O país retirou-se da Conferência de Genebra sobre o desarmamento e, em seguida, abandonou a Liga das Nações. A campanha política para ascensão do NSDAP havia sido financiada a partir de promessas de rearmamento às indústrias Krupp, I.G.Farben, Bosch e a União do Aço. O reestabelecimento do serviço militar obrigatório fora anunciado em março de 1935, prevendo a convocação de cerca de 600 mil homens. No mesmo ano, aproximou-se de Benito Mussolini e apoiou a invasão italiana da Etiópia. Em março de 1936, reintroduziu as tropas alemãs na margem esquerda do rio Reno, descumprindo o *Diktat*, sem qualquer reação da França, que ocupava a região. Estabeleceu o Pacto Anti-Komintern com o Japão em novembro, ao qual aderiu a Itália no ano seguinte. Em abril de 1937, a força aérea alemã bombardeou a cidade de Guernica, na Espanha, em apoio ao General Franco. Em março de 1938, o Terceiro Reich anexou a vizinha Áustria ao seu território.

O clamor por uma grande expansão e domínio de boa parte da Europa central, assim como de territórios extracontinentais para o predomínio alemão, nos primeiros anos do século XX, não estava confinado a uns poucos extremistas, mas figurava entre as aspirações e a propaganda de influentes grupos de pressão que contavam com grande apoio. Isto se refletiu durante a própria guerra nos objetivos do Alto Comando alemão, objetivos que certamente podem ser visto como uma ponte para o *Lebensraum* nazista. A derrota e a perda de territórios no acordo de Versalhes mantiveram vivas as exigências da direita e encorajaram as intenções e as reclamações revisionistas, que a maioria dos alemães parecia considerar legítimas. O êxito popular de Hitler no âmbito da política exterior após 1933 se apoiava completamente nessa continuidade de um consenso sobre a

⁴⁴ HITLER 1983, p.400. Grifos do autor.

⁴⁵ Idem, p.402. Grifos do autor.

necessidade da expansão alemã, que abarcava desde a elite no poder até amplos setores da sociedade (com a exceção geral do grosso dos já depreciados seguidores dos partidos de esquerda). Este é o contexto em que o papel de Hitler na formulação da política externa alemã depois de 1933 deve ser avaliado.⁴⁶

A perspectiva de provocar um novo conflito continental levou à substituição de Neurath no comando do Ministério das Relações Exteriores, em 04 de fevereiro de 1938, pelo mais alinhado Joachim von Ribbentrop.⁴⁷ Não obstante, as afirmações dos diplomatas do *Auswärtiges Amt* de que Hitler e um seletto alto escalão do regime nazista teriam transformado o Ministério em um simples aparato técnico, cumpridor de ordens superiores, está longe de ser verdadeira. Em artigo de 1967, Leonidas Hill assegura que as instâncias da *Wilhelmstrasse* foram consultadas na elaboração e na construção dos principais acordos diplomáticos e negociações políticas do período. O autor fundamenta que o desvio para essa leitura equivocada do trabalho desses oficiais serviria para encobrir a cooperação durante o regime, posto que a principal intenção no pós-guerra era evitar uma condenação pelo Tribunal de Nuremberg.⁴⁸ A afirmação é fortalecida pelo historiador inglês Lewis Namier cerca de quinze anos antes:

⁴⁶ KERSHAW, 2004. p.194. Tradução nossa.

⁴⁷ Ulrich Friedrich Wilhelm Joachim von Ribbentrop (1893-1946) serviu na Primeira Guerra Mundial como primeiro-tenente, sendo condecorado com Cruz de Ferro. Foi deslocado a trabalho para Turquia, em 1918, onde ficou amigo de Franz von Papen, futuro Chanceler alemão. Filiou-se ao NSDAP em maio de 1932 e ascendeu rapidamente dentro do Partido, fazendo viagens como "diplomata não-oficial". Em agosto de 1934, fundou uma organização ligada ao NSDAP, intitulada *Büro Ribbentrop*, reunindo partidários insatisfeitos com a política externa conduzida pelo *Auswärtiges Amt* (posteriormente, seria renomeado *Dienststelle Ribbentrop*). Foi designado Embaixador da Alemanha na Grã-Bretanha em agosto de 1936 e Ministro das Relações Exteriores da Alemanha entre 04 fevereiro de 1938 e 30 de abril de 1945, indicado por seu posicionamento pró-guerra, antisemita e anglófono. Ribbentrop foi elemento-chave na assinatura do Pacto de Não-Agressão entre a Alemanha e a União Soviética, em setembro de 1939. Foi condenado pelo Tribunal de Nuremberg por crimes de conspiração, crimes contra a paz, crimes de guerra e crimes contra a Humanidade. Sentenciado à morte, foi enforcado em 16 de outubro de 1946. Ver: "Joachim von Ribbentrop". *Holocaust Encyclopedia, United States Holocaust Memorial Museum*. Disponível em: <<http://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10007122>>. Acesso em: 05 mai. 2010 e "Joachim von Ribbentrop". *Wikipedia, The Free Encyclopedia*. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Joachim_von_Ribbentrop&oldid=359365835>. Acesso em: 03 mai. 2010.

⁴⁸ HILL, Leonidas E. "The Wilhelmstrasse in the Nazi Era". *Political Science Quarterly*, New York, vol.82, n.04, Dec. 1967, pp. 546, 599.

Os primeiros alemães a publicarem suas memórias foram homens que serviram a Hitler, mas que agora estão tentando provar que, em realidade, eles se opuseram ou mesmo o sabotaram, ou ainda que não tinham simpatia nem aprovavam o regime nazista. Existem as memórias de Schacht, o mago financeiro de Hitler; Weizsäcker, Secretário de Estado no Ministério das Relações Exteriores, 1938-1943; Dirksen, Embaixador em Moscou, Tóquio e Londres; Erich Kordt, secretário de Ribbentrop por aproximadamente sete anos; Schmidt, intérprete oficial do Ministério das Relações Exteriores e do próprio Hitler; Meissner, *chef de cabinet* do Presidente Socialista Ebert, de Hindenburg e de Hitler; e vários outros funcionários menores do regime cujos chefes superiores e líderes estão todos praticamente mortos.⁴⁹

O momento de reordenação da *Auslandsorganisation* resulta na tentativa de definição de espaços distintos de competência e atuação para minimizar os conflitos entre os líderes partidários e os diplomatas alemães alocados no exterior, gerando uma unidade política baseada no princípio de autoridade do *Führer*. A análise da estatística oficial dos filiados ao Partido Nazista fora da Alemanha permite observar diferenças entre os graus de importância atribuídos pela AO a cada grupo nacional, as posições estratégicas desempenhadas por alguns países na geopolítica nazista e variações entre funções designadas aos distintos núcleos locais espalhados pelo mundo.

O documento, encomendado pela gerência da Organização para o Exterior, foi o primeiro e possivelmente o único levantamento realizado sobre os alemães residentes no estrangeiro e filiados ao nacional-socialismo. Apresentado em 24 de setembro de 1937, o *Statistik der AO* foi elaborado com base nas fichas de filiação, arquivadas na sede do NSDAP, e distribuído como estritamente confidencial.⁵⁰ O relatório que acompanha os dados aponta lacunas em parte dos registros, especialmente acerca das datas exatas de associação de alguns partidários, datas de nascimento e referências sobre as atividades profissionais exercidas em seus países de residência. Menciona-se também a possibilidade de alguns *Volksdeutsche* ainda constarem entre os relacionados. Deve-se assinalar, ainda

⁴⁹ NAMIER, Lewis. *In the Nazi Era*. London: Macmillan & Co, 1952. p.04. Tradução nossa.

⁵⁰ *Statistik der AO*. Berlin, 24 de setembro de 1937. Akten betreffend: Statistik, kulterpolitik des AA, Zeitschriften, PAAA.

que os dados estatísticos apresentados não contabilizam os marinheiros embarcados. Finalizando, o texto sugere que, para elaboração futura de uma nova estatística da AO, tais deficiências sejam sanadas através do envio de questionários detalhados para cada grupo estrangeiro ou da notificação obrigatória dos cidadãos alemães no exterior.

O número total de membros do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães no exterior, segundo a estatística apresentada em 1937, era de 29.099 filiados, sendo 26.145 homens e 2.954 mulheres. Desse conjunto, somente 3.102 ingressaram no NSDAP antes da tomada de poder, em 1933: 300 partidários foram admitidos até 14 de setembro de 1930, data da eleição nacional na qual o Partido Nazista recebeu 18,3% dos votos, conquistando 107 cadeiras no Parlamento alemão e tornando-se o segundo maior Partido do país; 945 membros ingressaram nos quinze meses seguintes, até 31 de dezembro de 1931; entre 01º de janeiro de 1932 e 30 de janeiro de 1933, período anterior à indicação de Adolf Hitler para chanceler da Alemanha, mais 1.856 filiaram-se ao Partido no Exterior. Os demais 89,5% alistaram-se após essa data.⁵¹

Após breve introdução, o relatório apresenta o detalhamento dos dados estatísticos da AO-NSDAP em cinco diferentes listas, divididas de acordo com os países que possuíam grupos nacionais: 1) inventário total de membros do Partido no exterior, divididos entre os filiados antes e depois o *Machtergreifung*; 2) admissão de membros do Partido antes da tomada de poder; 3) relação entre o número de cidadãos alemães e membros do Partido; 4) partidários de acordo com profissão; 5) partidários de acordo com a idade.

Os países são relacionados a partir do *Länderamt* a que pertenciam, ou seja, a um dos oito departamentos que os agrupavam regional e politicamente, cada qual coordenado

⁵¹ A título de comparação, os dados de filiação ao NSDAP na Alemanha, apresentados por ano, são os seguintes: 108.000 (1928), 178.000 (1929), 389.000 (1930), 1.141.400 (1932). Em 1934, as Tropas de Assalto – SA reuniam dois milhões e meio de militantes. Ver: SHIRER, 2008, pp. 134, 168 e 170; LENHARO, Alcir. *Nazismo, “O Triunfo da Vontade”*. São Paulo: Ática, 1986. p. 23.

por uma liderança distinta. Emil Ehrich, chefe da seção dos *Gauleiters* do Departamento da AO no Ministério das Relações Exteriores e ajudante pessoal de Bohle desde 1934, afirmava que os *Amts* formavam a verdadeira fundação política da AO.⁵² John Hiden chama a atenção para o discurso projetado nesse livro oficial assinado por Ehrich, no qual afastou-se a postura do Terceiro Reich como mero suporte econômico e ajuda material aos conterrâneos infortunados que viviam no exterior e ressaltou-se o espírito de missão e ideologia que os nazistas pregavam no movimento.⁵³

É interessante perceber que, tanto o livro oficial quanto a Estatística da AO foram publicados em 1937, mas apresentam divisões diferentes para os países, regiões e territórios em seus departamentos. O levantamento confidencial interno da AO relaciona oitenta e três grupos partidários nazistas reconhecidos oficialmente, entre *Landesgruppen*, *Ortsgruppen*, pontos de apoio e filiações individuais. Comparando ambas fontes, a divisão por *Länderamt* apresenta-se da seguinte forma:

⁵² EHRICH, Emil. *Die Auslands-Organisation der NSDAP*. Berlin: Junker Dünnhaupt, 1937. p.17

⁵³ HIDEN, John. "The Weimar Republic and the Problem of the Auslandsdeutsche". *Journal of Contemporary History*, London, v.12, n.2, April 1977. p.285

Tabela 1: Apresentação das divisões de países e territórios em Amts, segundo o AO-NSDAP

	<i>Die Auslands-Organisation der NSDAP</i>	<i>Statistik der AO</i>
Amt I	Norte e Leste Europeus	Polônia, Dinamarca, Letônia, Suécia, Finlândia, Estônia, Noruega, Lituânia e Islândia
Amt II	Europa Ocidental (menos Inglaterra e Irlanda)	Holanda, Espanha, Luxemburgo, Bélgica, Portugal, França, Ilhas Canárias, Marrocos francês e Marrocos espanhol
Amt III	Sudeste Europeu, Áustria e Oriente Médio	Tchecoslováquia, Romênia, Turquia, Iugoslávia, Palestina, Egito, Grécia, Bulgária, Irã, Afeganistão, Síria, Iraque, Albânia, Malta
Amt IV	Itália, Suíça e Hungria	Áustria, Suíça, Itália, Hungria
Amt V	África	Namíbia, Tanganica, ⁵⁴ África do Sul, Camarões, Angola, Quênia, África Leste, Etiópia, Libéria, Costa do Ouro, Nigéria.
Amt VI	América do Norte	Estados Unidos, Canadá
Amt VII	América Latina	Brasil, Argentina, Chile, México, Colômbia, Guatemala, Paraguai, Venezuela, Peru, Bolívia, Uruguai, Panamá, Equador, Costa Rica, Cuba, Honduras, Curaçao, Nicarágua, Porto Príncipe, Suriname, Aruba, República Dominicana, Porto Rico
Amt VIII	Extremo Oriente, Austrália, Inglaterra e Irlanda	China, Índias holandesas, Inglaterra, Japão, Austrália, Índias inglesas, Manchúria, Manila, Sião, Samoa e Nova Zelândia

FONTE: EHRICH, 1937, p.17; *Statistik der AO*. Berlin, 24 de setembro de 1937, PAAA.

À parte a diferença no nível de detalhamento entre as tabelas acima, algumas observações devem ser feitas sobre os dados apresentados. Em primeiro lugar, não são todos os países listados que possuem grupos nacionais reconhecidos pela AO – em dezessete casos, a referência recai sobre o *Ortsgruppe* ou grupo local de uma cidade: Helsinque (Finlândia), Reval (hoje Tallinn, Estônia), Reykjavík (Islândia), Teerã (Irã), Cabul (Afeganistão), Beirute (Síria, atualmente no território do Líbano), Bagdá (Iraque), Tirana (Albânia), Adis-Abeba (Abissínia, hoje Etiópia), Morávia (Libéria), Acra (Costa do Ouro, hoje Gana), Lagos (Nigéria), Colón (zona de livre comércio no Panamá), Havana (Cuba), Manágua (Nicarágua), Bangkok (Sião, hoje Tailândia) e Ápia (Samoa). São três

⁵⁴ República no leste africano, *Tanganyika* foi unida à região de Zanzibar em 1964 para formar a Tanzânia. Foi colônia alemã entre 1880 e 1919. Burundi e Ruanda são outras colônias ligadas à “África Leste”.

casos relacionados junto ao Amt I, cinco junto ao Amt III, quatro junto ao Amt V, três junto ao Amt VII e dois junto ao Amt VIII. Da mesma forma, Malta, então possessão do Império Britânico, é representada pelo seu *Stützpunkte* ou ponto de apoio junto ao Amt V.

Os dados dos Estados Unidos são contabilizados através dos *Einzelmitglieder*, ou seja, dos membros avulsos filiados ao NSDAP e residentes no país. Essa segunda observação, contudo, não confirma a inexistência de uma organização pró-nazista norte-americana. Em março de 1936, o *Amerika Deutscher Volksbund* ou *German American Bund* (União Germano-Americana) foi organizado por Fritz Kuhn, alemão naturalizado estadunidense e auto-intitulado “*Führer* americano”. A base para fundação dessa nova sociedade foi a associação *Friends of the New Germany* (Amigos da Nova Alemanha), criada em 1933, que defendia abertamente o nacional-socialismo e divulgava seus laços com a hierarquia nazista na Alemanha. Curiosamente, em dezembro de 1935, Berlim divulgou um ofício ordenando que todos os *Reichsdeutsche* se retirassem do *Friends of New Germany*. Apesar da orientação, muitos ex-membros migraram para o novo *Bund*.⁵⁵

Marcadas por disputas econômicas e diplomáticas, as relações entre os Estados Unidos e o Terceiro Reich passavam por um momento bastante delicado. A Alemanha já descumprira as cláusulas do Tratado de Versalhes com a remilitarização do seu Exército e a retomada dos territórios perdidos para a França na margem esquerda do Reno. Além disso, preocupava os americanos a recente interferência na guerra da Espanha e sua aproximação incisiva com os países latino-americanos. O embaixador alemão em Washington, Hans Dieckhoff, alertou a AO que as "atividades estúpidas e barulhentas" do *German American Bund* prejudicavam ainda mais as relações com os Estados Unidos.⁵⁶ Na

⁵⁵ BELL, Leland B. "The Failure of Nazism in America: The German American Bund, 1936-1941". *Political Science Quarterly*, New York, vol.85, n.04, Dec. 1970, pp.585, 586.

⁵⁶ Idem, p.591.

tentativa de frear tal deterioramento, Bohle divulgou, em 01° de março de 1938, a proibição para todos cidadãos alemães de participarem do *Bund*, de qualquer associação afiliada ou mesmo de qualquer organização puramente norte-americana.⁵⁷

A posição oficial foi bastante rígida e está refletida nos documentos da Estatística da AO quando não indica os Estados Unidos, incluso Amt VI, como grupo configurado, apesar de receber o destaque na listagem de países com representantes do NSDAP ao invés de constar na lista anexa, que enumera os demais membros avulsos sem distinção de proveniência. A extensão dessa formalidade causa dúvida, todavia, na leitura da tabela apresentada por McKale na qual constam os nomes dos *Landesgruppenleiters* entre 1937 e 1940, divididos por país, profissão e data de ingresso no NSDAP.⁵⁸ Frederick Mensing, agente marítimo, e Friedhelm Draeger, vice-cônsul, estão listados como os representantes norte-americanos, líderes do grupo nacional Estados Unidos, em períodos distintos de atividade.

Em terceiro lugar, a disparidade entre os dados apresentados no livro *Auslands-Organisation der NSDAP* e no relatório *Statistik der AO* chama a atenção na ausência da Irlanda entre os países relacionados no documento confidencial e na mudança da informação do *Amt* ao qual pertencia a Áustria na publicação para divulgação. A única referência encontrada sobre um grupo irlandês fala na organização secreta de um ponto de apoio em maio de 1934.⁵⁹ É possível que, na formulação da Estatística oficial, os registros tenham se perdido, que o grupo tenha se dissolvido ou mesmo que os dados tenham sido

⁵⁷ SCHRODER, Hans-Jurgen. "Review". *The Hispanic American Historical Review*, Duke, vol. 48, n° 2, May 1968, p.270. (Reviewed work: *Nazi German and the American Hemisphere, 1933-1941*, by Alton Frye). Mesmo sem o aval de Berlim, a *German American Bund* continuou em atividade, pregando o anti-semitismo, o combate aos comunistas e defendendo a neutralidade norte-americana na Segunda Guerra Mundial. Em 1939, reuniram 20.000 no Madison Square Garden, em Nova York. O movimento foi desarticulado em dezembro de 1941, com a entrada dos EUA na guerra, mas ainda encontra-se em exercício.

⁵⁸ "Table III: Landesgruppenleiters of the Auslands-Organisation 1937-1940". MCKALE, 1977, p.123-125.

⁵⁹ MCKALE, 1977, p.77.

contabilizados junto às filiações individuais. Entretanto, o destaque dado pelo livro de Ehrich, que era distribuído pelos núcleos partidários na Alemanha e no exterior, a um país que não encontra representantes em seu levantamento interno não é fator irrelevante.

A assimetria constatada no caso austríaco talvez possa ser vista como um erro tipográfico ou simples coincidência, mas as circunstâncias envolvidas acabam expondo uma possibilidade diferenciada de leitura acerca das divisões entre *Amts* na Organização para o Exterior do NSDAP. No texto para ampla divulgação, a Áustria está sob tutela do Departamento III, juntamente ao não-descrito Sudeste Europeu – que inclui a Tchecoslováquia – e aos países emergentes do Oriente Médio.⁶⁰ No relatório secreto, juntamente ao Departamento IV, o país compartilha a atenção dedicada à Itália, aliada política da Alemanha desde a invasão da Etiópia, a Suíça, onde era crescente o apoio ao Partido Nazista, e à Hungria, que no ano seguinte incorporaria parte do território tchecoslovaco.

Em 25 de julho de 1934, a tentativa de um *Putsh* nazista na Áustria fracassou após o assassinato à queima-roupa do chanceler Engelbert Dollfuss por homens da SS disfarçados com o uniforme do exército austríaco. Os conspiradores foram presos e treze deles enforcados. O *Landesgruppe* Áustria havia sido proibido no país em 1933, mas operava camuflado, sob ordens da AO e com auxílio dos diplomatas locais, irradiando a propaganda da anexação à “Grande Alemanha”, o *Anschluss*, e minando o governo do novo chanceler, Kurt Schuschnigg, que defendia a independência. Violentas demonstrações de massa e explosões quase diárias faziam parte da campanha financiada

⁶⁰ Mesmo sem ignorar o poder e influências francesas, inglesas e russas no estabelecimento de acordos e trocas comerciais no Oriente Médio, Pierre Milza alerta que as análises sobre o papel desses países nas relações internacionais do período não devem ser discutidas apenas a partir dos interesses das ex-grandes potências imperiais. MILZA, Pierre. *Les relations internationales de 1918 à 1939*. 2^a ed. Paris : Armand Colin, 1998. p. 70-79.

por Berlim em todo o ano de 1937.⁶¹ Um novo ataque à Áustria ocorreria em março de 1938, sem maiores esboços de reação no restante da Europa. Com o auxílio dos partidários nazistas no exterior, Hitler iniciara a conquista do *Lebensraum*, a política expansionista que garantiria o espaço vital para o progresso do povo ariano rumo à Europa Oriental, conforme já havia descrito em *Mein Kampf*. Em setembro do mesmo ano, Itália, Inglaterra e França cederam às reivindicações da Alemanha sobre os Sudetos, área na Tchecoslováquia com significativa população alemã, durante a Conferência de Munique.

A anexação da Áustria e da metade industrial da Tchecoslováquia fizeram da Alemanha a segunda potência industrial do planeta, apenas superada pelos EUA. Imensos recursos humanos e materiais foram acrescidos à máquina de guerra nazista. A expansão fizera-se rumo ao leste, e permitiria à Alemanha ampliar sua influência sobre os países balcânicos, ricos em recursos naturais (sobretudo o petróleo, de que o III Reich carecia).⁶²

Os passos seguintes da política externa do Terceiro Reich, no ano de 1939, seriam a ocupação e desmembramento do território tchecoslovaco em março, a assinatura do Pacto de Não-Agressão Germano-Soviético em agosto e, por fim, a invasão da Polônia em 01º de setembro, desencadeando a Segunda Guerra Mundial.

Não se pode desconsiderar que a *Auslandsorganisation* foi peça importante para a política externa nazista, exercendo junto aos cidadãos alemães residentes no exterior uma função política estratégica. No caso dos países relacionados juntos ao *Amt* III e IV, as atividades dos grupos por ela coordenados auxiliaram a agregar engajamento político, desenvolvimento industrial e recursos energéticos ao esforço de guerra alemão. Fica clara que a divisão desses departamentos do AO dentro da *Wilhelmstrasse* não era geográfica, e sim claramente geopolítica. Todavia, analisando o quadro apresentado anteriormente, não

⁶¹ SHIRER, 2008, p.431.

⁶² VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. *Segunda Guerra Mundial: história e relações internacionais, 1931-1945*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1988. p.31

se deve equiparar o prestígio e o interesse que diferentes países despertavam na projeção das relações internacionais alemãs durante a década de 1930.⁶³

Havia um objetivo geral da Organização para o Exterior do Partido Nazista de preservar e agregar os *Reichsdeutsche* no estrangeiro em torno de sua ideologia e organização partidária. Ao mesmo tempo, as diretrizes expedidas para cada país e os procedimentos adotados para cada grupo não seguiam um plano homogêneo. Retoma-se, aqui, o documento *Statistik der AO* para compreender, primeiro, as diferenças entre esses grupos e, segundo, os objetivos específicos aos quais se propunha nas diferentes regiões.

Tabela 2: Estatística do AO-NSDAP

<i>Grupo</i>	<i>Filiações anteriores à tomada de poder</i>	<i>Filiações posteriores à tomada de poder</i>	<i>Número total de filiados em 1937</i>	<i>Percentual</i>
Amt I	70	2.087	2.157	7,4%
Amt II	226	3.551	3.777	12,9%
Amt III	192	2.551	2.743	9,4%
Amt IV	393	3.932	4.325	14,9%
Amt V	303	2.345	2.648	9,1%
Amt VI	120	537	657	2,3%
Amt VII	978	6.624	7.602	26,1%
Amt VIII	233	2.130	2.363	8,1%
Direção da AO	198	175	373	1,3%
Membros avulsos	389	2.065	2.454	8,5%
Total	3.102	25.997	29.099	100%

FONTE: *Statistik der AO*. Berlin, 24 de setembro de 1937, PAAA.

⁶³ Reforça esse argumento a consulta à *Deutschen Wollen*, revista de propaganda da AO-NSDAP para distribuição nos núcleos partidários ao redor do mundo. Entre artigos ilustrados e propagandas de diversas empresas, são inúmeras as páginas dedicadas à *Grossdeutschland*, à agregação da Áustria ao Reich, à expansão da Juventude Hitlerista pela Europa, aos malefícios do liberalismo (representado pela Inglaterra), às vitórias alemãs no *front* e mesmo imagens de judeus em campos de concentração. A título de comparação, sobre o Brasil, foram encontrados apenas duas matérias: a primeira, sobre os indígenas no rio Tibagi, no Paraná, e a importância da pesca nesses arredores; a segunda vinha intitulada em português: “Noite Encantadora em São Paulo”.

É importante destacar, inicialmente, que cada divisão departamental do *Länderamt* era responsável por um número diferente de países: *Amt I* (9), *Amt II* (9), *Amt III* (14), *Amt IV* (4), *Amt V* (11), *Amt VI* (2), *Amt VII* (23) e *Amt VIII* (11). Após a tomada de poder do NSDAP na Alemanha em 1933, o maior crescimento no número de filiações de cidadãos alemães ao Partido ocorreu nos países no norte e leste da Europa, no *Amt I*, com índice de 96,7%, seguidos do *Amt II*, com aumento de 94% do número de partidários, e do *Amt III*, com 93% – interessante perceber a escalada maior de inscrições nas regiões fronteiriças à Alemanha. Antes dessa data, considerada marco histórico em toda documentação que remete-se à trajetória da militância nazista, o maior número de associados concentravam-se nos países da América Latina e do *Amt IV* (Áustria, Suíça, Itália e Hungria), além da ampla presença de membros avulsos, que podem ou não, posteriormente, ter se agregado aos novos grupos formados após essa data. A América do Norte apresentou o menor índice de novas filiações, mas ainda assim significativos 81,7%.

A América Latina destacava-se com a maior concentração de filiados ao Partido Nazista no exterior. Brasil e Argentina juntos somavam 4.403 partidários, ou seja, mais de 15% do total de membros do AO-NSDAP. O Chile, a terceira maior concentração na região, reunia mais 985 filiados.

Tabela 3: Países no exterior com índice de filiação superior à 1.000 associados

<i>País ou região</i>	<i>Número de filiados</i>	<i>Amt</i>
Brasil	2.903	VII
Holanda	1.925	II
Áustria	1.678	IV
Argentina	1.500	VII
Polônia	1.379	I
Suécia	1.364	I
Namíbia	1.127	V
Itália	1.076	IV
Tchecoslováquia	1.006	III

FONTE: *Statistik der AO*. Berlin, 24 de setembro de 1937, PAAA.

Os chamados “Estados ABC” recebiam atenção significativa do Ministério das Relações Exteriores da Alemanha. Um exemplo está no memorando enviado pela Divisão Política, em novembro de 1937, discutindo a possibilidade de adesão dos “três grandes” países sul-americanos ao Pacto Anti-Comintern.⁶⁴ Esta afirmativa não é, no entanto, consenso entre os pesquisadores. Para Olaf Gaudig e Peter Veit,

o continente latino não era objeto de interesses políticos ou militares por parte do Terceiro Reich. Apesar de querer manter e ampliar as relações econômicas bilaterais, esta não era condição imprescindível da política externa nazista. Todo o afã do Terceiro Reich se concentrava nos países da Europa oriental que se aspirava conquistar ou dominar: se considerava a América Latina sob a espera de influência dos Estados Unidos. Ao estourar a Segunda Guerra Mundial, a política alemã estava interessada em manter a neutralidade dos países latino-americanos, sobretudo após a entrada na guerra dos EUA ao final de 1941, mas isso só foi conseguido no caso do Chile.

(...) Os nazistas consideravam a população de origem alemã nos mais importantes países da América Latina como um importante fator econômico no sistema social desses países, ao mesmo tempo, como um vazio ao qual se devia cooptar a fim de estender a soberania do nacional-socialismo sobre todos os alemães no mundo, aquele povo de "cem milhões" que, devido a sua origem

⁶⁴ “Memorando do Chefe da Divisão Política IX do Ministério do Exterior”. In: *O III Reich e o Brasil: Documentos autênticos capturados na II Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Laudes, 1968. p.09

nacional e racial, obedecia a uma "vontade comum" encarnada no Partido Nacional-Socialista e na pessoa do *Führer*.⁶⁵

Analisando o grupo nacional mexicano do NSDAP, Jürgen Müller registra os choques para aceitação da promoção dos objetivos da AO e a comunidade alemã local.

A tarefa mais importante dos grupos regionais da AO era a *Gleichschaltung* (unificação forçada) dos alemães no estrangeiro, ou seja, assumir a direção das organizações da comunidade alemã que teriam reputação e dinheiro, e que podiam servir para propagar as idéias nacional-socialistas. Através do controle de escolas, jornais e associações, a AO pretendia impedir a assimilação dos alemães à cultura dos países de recepção e instrumentaliza-los para a difusão da ideologia nacional-socialista. No México, a AO não conseguiu seu objetivo sem problemas, pois surgiu um conflito de gerações, de classes e de seu poder. Os representantes estabelecidos da comunidade alemã, empresários de êxito, de classe alta, mais ou menos duas décadas mais velhos que os nazistas, criticavam a juventude dos militantes, seu baixo status social e os poucos anos de residência no país, tudo o que, em seu modo de ver, os desqualificava para assumir a liderança da comunidade. Embora corretos, estes argumentos eram mais um pretexto para não subordinar-se às reivindicações do partido e não ceder seus postos em organizações que davam a essa elite um alto prestígio social e vantagens econômicas.⁶⁶

Há registros anteriores à janeiro de 1933 do envio de agentes nazistas para a Argentina, não apenas pela Organização para o Exterior do NSDAP, mas também pela DAF, SS, SA, Gestapo e Juventude Hitlerista.⁶⁷ A inserção do movimento nacional-socialista alemão no país proliferou-se a partir da década de 1930 sem maiores influências na política nacional, voltando seu discurso antisemita e antidemocrático inicialmente para a comunidade alemã local, mas com grande permissividade do governo local para as manifestações de cunho fascista, o que ressalta o clima ideológico que culmina na colaboração do presidente Juan Domingo Perón no refúgio às lideranças nazistas no país após o final da Segunda Guerra Mundial.⁶⁸

⁶⁵ GAUDIG, VEIT, 1995, pp.71, 72. Tradução nossa.

⁶⁶ MÜLLER, 1995, p. 92. Tradução nossa.

⁶⁷ NEWTON, Ronald C. *The 'Nazi Menace' in Argentina, 1931-1947*. Stanford, California: Stanford University, 1992. p. 53.

⁶⁸ JACKISCH, Carlota. *El nazismo y los refugiados alemanes en la Argentina*. 2ª ed. Buenos Aires: Editorial de Belgrano, 1997. p. 195. Ver também: GOÑI, Uki. *La auténtica Odessa: la fuga nazi a la Argentina de Perón*. Buenos Aires: Paidós, 2004.

Sobre o Chile, o principal aspecto a ser destacado é o envolvimento do NSDAP local, que formou seu primeiro grupo na cidade de Osorno em 1932, com o *Movimiento Nacional Socialista del Chile* (MNS), que desenvolveu suas atividades entre 1932 e 1938. O MNS, organização política de caráter fascista, identificava-se como *Nacismo*, com “c”, para diferenciar-se do movimento alemão e reforçar seu caráter *criollo* nacionalista.⁶⁹

Mesmo que os países do ABC somassem, juntos, 18,5% dos partidários do AO-NSDAP, com o total de 5.388 membros, esse índice não indica a representatividade dos nazistas entre os cidadãos de origem alemã emigrados. No Brasil e na Argentina, eles reuniam menos de 4% dos *Reichdeutsche* que viviam no país – o Chile era exceção, onde 18,5% dos alemães filiaram-se ao Partido. Segundo os dados da Estatística da AO em 1937, dos nove países com número de filiados ao NSDAP no exterior superior à mil membros (conforme apresentado na Tabela 3), seis apresentam os menores percentuais de participação, o que também pode ser lido como um índice superior de rejeição ao nazismo entre a comunidade alemã local.

O caso mais célebre da acolhida de Perón aos fugitivos de guerra nazistas foi o de Otto Adolf Eichmann (1906-1962), principal responsável pela deportação de judeus aos campos de concentração e extermínio durante a Segunda Guerra Mundial. Preso pelo exército norte-americano ao final da guerra, foge em 1946 e, através de conexões com a Igreja Católica, obtém um passaporte humanitário junto ao Comitê da Cruz Vermelha Internacional sob identidade falsa de "Riccardo Klement", imigrando para a Argentina em julho de 1950. Em maio de 1960, foi capturado pela *Mossad*, Instituto de Inteligência e Operações Especiais de Israel, em um subúrbio de Buenos Aires e levado clandestinamente para julgamento na Corte Distrital de Jerusalém. Eichmann foi à julgamento em abril de 1961, sendo considerado culpado por crimes contra o povo judeu, crimes de guerra e crimes contra a Humanidade, entre outros. Foi condenado à execução, sendo enforcado em 31 de maio de 1962, em Israel. A principal análise desse processo foi escrita por Hannah Arendt: ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. Ver também: ABÓS, Álvaro. *Eichmann en Argentina*. Buenos Aires, Edhasa, 1997.

⁶⁹ FARIAS, Víctor. *Los nazis en Chile*. Barcelona: Planeta, 2000. vol.1. pp. 14, 35; SZNAJDER, Mario. “A Case of Non-European Fascism: Chilean National Socialism in the 1930s”. *Journal of Contemporary History*, London, vol. 28, n° 2, Apr. 1993, p. 269. Ver também: ETCHEPARE, Jaime Antonio; STEWART, Hamish I. “Nazism in Chile: A Particular Type of Fascism in South America”. *Journal of Contemporary History*, London, vol.30, n° 4, Oct. 1995, pp. 577-605.

Tabela 4: Países nos quais o índice de filiação é superior a 1 partidário para cada 20 cidadãos alemães

<i>País</i>	<i>Amt</i>	<i>Cidadãos alemães</i>	<i>Filiações ao NSDAP</i>	<i>Índice</i>	<i>Percentual</i>
Suiça	IV	120.000	1.364	88	1,13%
Holanda	II	75.000	1.925	39	2,56%
Tchecoslováquia	III	32.000	1.006	32	3,14%
Argentina	VII	42.600	1.500	28	3,52%
Brasil	VII	75.000	2.903	26	3,87%
Áustria	IV	44.000	1.678	26	3,81%
Austrália	VIII	3.600	160	22	4,52%
Dinamarca	I	4.000	181	22	4,52%
Suécia	I	3.000	143	21	4,76%

Nota: Não foram informados os dados para o Amt VI. O índice mais alto no Amt V é 12 e pertence à Namíbia.

FONTE: Statistik der AO. Berlin, 24 de setembro de 1937, PAAA.

Uma das principais preocupações apresentadas no relatório secreto que acompanha as Estatísticas da AO é a baixa inserção dos núcleos regionais do NSDAP junto aos *Reichsdeutsche*, especialmente nos países em que possuíam o maior número de representantes. Não se deve esquecer que um dos principais argumentos da Alemanha para anexação dos territórios da Áustria e da Tchecoslováquia era a situação das minorias alemãs nesses países. Segundo os cálculos do próprio Partido, um percentual muito pequeno dessas comunidades apoiava ou estava engajada junto ao nacional-socialismo.

Por outro lado, os índices, para os países africanos, giram em torno de um militante nazista para cada três cidadãos alemães residentes no exterior. Gana, então chamada Costa do Ouro, apresenta um percentual de 54% de participação, mas registra-se no país apenas 50 imigrantes. Entre os países europeus, o índice mais elevado encontra-se na Grécia, onde moravam 700 cidadãos alemães, e contava com a participação de 28,1% dessa população junto ao Partido Nazista.

O grupo nacional do NSDAP na Holanda organizou-se ao início de 1932 e incumbiu-se da tarefa de coordenar a comunidade alemã residente no país e de espionar o trabalho dos diplomatas do *Reich* no período no qual o AA ainda não havia sido “nazificado”. A intimidação dos *Reichsdeutsche*, que não estavam nem filiados ao Partido Nazista, nem participavam de alguma de suas associações é apontada por Bob Moore como um dos principais motivos para a rejeição aos nazistas locais. A legislação holandesa para estrangeiros não permitia qualquer atividade política aos não-nacionais. O NSDAP operava de forma clandestina e, analisa o autor, contentava-se em atrair membros para “formações subsidiárias”, tais como a DAF, mais do que aumentar a filiação política.⁷⁰

No trecho abaixo, a análise de Moore aproxima-se da leitura de Müller para o México, sobre como as lideranças nazistas, recentes nas comunidades alemãs já estabelecidas nesses países, desencadeiam um processo de conflito que, em muitos casos, envolve muito mais prestígio pessoal do que a defesa de uma ideologia ou de uma estratégia política para seus países residentes.

O prolongamento do Partido para o exterior aparentava ter se baseado mais nas considerações partidárias internas do que nos princípios ideológicos, e a criação de novas organizações servia para aumentar o poder e o prestígio de determinados indivíduos. Na realidade, esse era apenas mais um exemplo da construção do império que tomou corpo entre as lideranças nazistas e não serviu a outro propósito senão a organização para seus próprios propósitos e a promoção de prestígio através da liderança. Tentativas de “coordenar” os alemães vivendo no exterior devem ser analisadas principalmente dentro deste contexto e não, em especial no caso da Europa ocidental, como uma política deliberada de estabelecimento de uma organização para espionagem e subversão nos países estrangeiros, prontos para serem ativados no momento em que os interesses da política externa nazista ditassem. De fato, no momento em que o governo de Hitler pensasse em estender o seu controle sobre os alemães na Europa ocidental, existem evidências que mostram que eles haviam se afastado da promoção do pan-germanismo e direcionado-se a uma política expansionista pura, a qual não necessitava da existência de alemães “oprimidos” nos países escolhidos.⁷¹

⁷⁰ MOORE, Bob. “Nazism and German Nationals in the Netherlands, 1933-40”. *Journal of Contemporary History*, London, vol. 22, 1987, p. 49-51.

⁷¹ Idem, p. 48. Tradução nossa.

No contexto europeu, no entanto, inúmeros alemães residentes na Holanda eram recrutados pela Gestapo, pelas agências de espionagem e pelo próprio Partido para garantir o silenciamento dos opositores do regime, especialmente nas áreas de fronteira.

Rebatendo o argumento de Moore sobre a ascendência de interesses internos às proposições ideológicas dentro dos grupos nazistas organizados no exterior, John Perkins reafirma o importante papel da *Auslandsorganisation* no avanço das ambições de poder de Hitler. Mesmo que o discurso oficial das lideranças na Alemanha, após a tomada de poder, tenha sido a de que o nazismo não era para exportação, Perkins, analisando as atividades nazistas na Austrália, enfatiza que o reavivamento da identidade alemã e a sua identificação à ideologia nacional-socialista integrava um esforço de estratégia global.⁷² No caso australiano, cujo primeiro núcleo foi formado em Adelaide em 1932, os representantes da AO tinham por tarefa controlar os marinheiros alemães nos portos do país e afirma que, além dessas atividades, a questão da espionagem deveria ser considerada insignificante para o caso estudado.

A análise comparativa das atividades do AO-NSDAP nos diferentes países, juntamente com o panorama revelado pelos dados estatísticos internos, expõe não a ausência de uma linha homogênea de atuação, mas a necessidade de definição de diferentes prioridades para cada país ou continente. Cada núcleo partidário operava, nessa relação hierarquicamente estabelecida com o Partido na Alemanha, seguindo tanto a diretriz política estratégica que lhe era confiada, quanto nas peculiaridades internas que são próprias à formação de todo grupo político.

⁷² PERKINS, John. "Nazi Activities in Australia, 1933-39". *Journal of Contemporary History*, London, vol.26, n°1, Jan. 1991, p. 111.

Capítulo 2. O Grupo Nacional Brasil do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães

A historiografia sobre o desenvolvimento do Partido Nazista em terras brasileiras aponta para o nascimento espontâneo dos primeiros núcleos, organizados por simpatizantes políticos interessados na divulgação das idéias hitleristas entre alemães de sua localidade e em manter contato com a sede do NSDAP na Alemanha. Em 1928 foi fundado o primeiro grupo no exterior, situado no distrito Benedito Timbó, então integrante do município de Blumenau, estado de Santa Catarina.¹ Simpatizantes reuniram-se de forma autônoma em algumas cidades brasileiras, como Porto Alegre, Rio de Janeiro, Blumenau e São Paulo, no período ao qual o NSDAP referia-se como *Kampfzeit*, os “anos de luta” anteriores à conquista do poder em 1933.²

Os núcleos, à época reduzidos, deveriam eleger uma diretoria provisória e aguardar a confirmação de sua aceitação pelo Partido, na Alemanha. Em São Paulo, por exemplo, a organização oficial foi realizada em setembro de 1931, a partir de um grupo de cerca de

¹ De acordo com o levantamento apresentado por Moraes, a data mais provável para fundação é 01º de julho de 1928. In: MORAES, Luís Edmundo de Souza. *Konflikt und Anerkennung: Die Ortsgruppen der NSDAP in Blumenau und Rio de Janeiro*. Berlim: Metropol, 2005. Tabela 5.1: “Dokumente zur Gründung der ersten Parteigruppe Brasilien (mit Datums- und Ortsangaben)”. p.113

² MCKALE, Donald M. *The Swastika Outside Germany*. Kent: Kent University Press, 1977. p.63.

quarenta pessoas que indicaram Hans Henning von Cossel como chefe local, Karl Illinger como secretário e Otto Emil Schinke como tesoureiro.³

Na primeira metade de 1933, o NSDAP *Landesgruppe Brasilien* passou a organizar-se a partir de uma direção central, com sede no Rio de Janeiro, Distrito Federal, e foi estruturado hierarquicamente através de quatro círculos regionais: Centro e Norte, São Paulo-Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.⁴ As principais atividades que eram promovidas pelo Partido no país podiam ser divididas em: encargos organizacionais (tais como a organização de reuniões semanais, elaboração de relatórios para a A.O. e a estruturação de instituições agregadas ao NSDAP, como, por exemplo, as associações voltadas à juventude, às mulheres, aos professores); ações de propaganda (publicação de jornais e folhetos, transmissão de programas de rádio, promoção de sessões especiais de cinema, organização de palestras etc); festividades (comemorações de datas do calendário nazista) e incentivo à viagens e intercâmbios, dentro do Brasil e com a Alemanha.⁵

Os primeiros anos de desenvolvimento dos núcleos nazistas nas Américas foram marcados por tumultos, indisciplina e instabilidade. É possível, inclusive, reconhecer um padrão no comportamento dos partidários do NSDAP no estrangeiro, cujos conflitos gerados nas tentativas de unificação forçada dos cidadãos alemães – muitos não nazistas – refletem a orientação encorajadora de Berlim, Munique e da *Gau Ausland* em Hamburgo. Os choques provocados pelos grupos nazistas com a população em outros países levaram

³ Cópia autêntica de um trecho de declarações constante do inquérito sobre atividades do Banco Alemão Transatlântico. Declarante: Otto Braun. São Paulo, 23 de setembro de 1943. DEOPS, Prontuário nº 3421: Hans Henning von Cossel, AESP.

⁴ MORAES, Luís Edmundo de Souza. “Partido Nazista no Brasil”. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; MEDEIROS, Sabrina Evangelista; VIANNA, Alexander Martins (orgs.). *Dicionário crítico do pensamento da direita: idéias, instituições e personagens*. Rio de Janeiro: Mauad, 2000. p.354

⁵ DIETRICH, Ana Maria. *Nazismo Tropical? O Partido Nazista no Brasil*. São Paulo: Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, 2007a. p. 37-39

às primeiras proibições de seu funcionamento pelos governos locais. Áustria e Holanda baniram as atividades políticas de estrangeiros durante o ano de 1933.⁶

Sobre o Brasil, há registros apontando a breve dissolução do *Ortsgruppe* Porto Alegre em 1933 nos arquivos do Ministério das Relações Exteriores da Alemanha. Não foram encontradas referências precisas sobre o banimento na documentação brasileira. Ehrlich, líder do grupo nazista de Porto Alegre, enviou à Hans Nieland, na direção da A.O. em Hamburgo, uma correspondência secreta na qual avaliava as atividades de cidadãos alemães e teuto-brasileiros de destaque na comunidade local, descrevendo o potencial econômico e financeiro de importantes nomes da cidade (tais como o então prefeito, Alberto Bins) e criticando o seu fraco grau de comprometimento com os ideais hitleristas – censura que atingiu até o Cônsul geral alemão, Gottfried Walbeck.⁷ Uma cópia desse relatório desapareceu dos arquivos de Ehrlich e acabou publicada no jornal *O Correio do Povo*. Os ataques desabonadores do chefe nazista repercutiram na sociedade porto-alegrense, juntamente com as ações violentas do grupo local contra seus opositores políticos. Nove lideranças partidárias foram presas e o Partido foi banido pelo governo. Posteriormente, eles foram soltos através da intervenção do Cônsul Walbeck e expulsos do NSDAP.⁸ Após reestabelecido, ainda em 1933, o núcleo nazista de Porto Alegre receberia mais de oitenta pessoas semanalmente em suas reuniões.⁹

O grupo nacional brasileiro do Partido Nazista registrou, entre 1928 e 1937, o número de 2.903 associados. No período anterior à conquista do poder na Alemanha pelos

⁶ MCKALE, 1977, p.78; MOORE, Bob. “Nazism and German Nationals in the Netherlands, 1933-40”. *Journal of Contemporary History*, London, vol. 22, 1987, p.49.

⁷ *Carta enviada por Ehr. à Hans Nieland*. Hamburgo, 12 de outubro de 1932. Pol. Abt. III, Pol 25, PAAA.

⁸ PY, Aurélio da Silva. *A 5ª Coluna no Brasil: a conspiração nazi no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1942. p. 54

⁹ MCKALE, 1977, p.66.

nazistas, em 31 de janeiro de 1933, foram admitidos 12% do total de partidários. A tabela abaixo demonstra a evolução desses dados:

Tabela 5: Dados do NSDAP Brasil para filiações anteriores ao *Machtergreifung*

Filiações até 14/09/1930	35
Filiações entre 15/09/1930 e 31/12/1931	85
Filiações entre 01/01/1932 e 31/01/1933	228
Total	348

FONTE: Statistik der AO. Berlin, 24 de setembro de 1937, PAAA.

A expansão do aparato da A.O. após as mudanças estruturais realizadas na organização, em paralelo ao crescimento de prestígio de Bohle no comando solidificado a partir do *Führerprinzip*, permitiu que, paulatinamente, a intervenção nos grupos nacionais fossem maiores. Como provável reflexo da orientação centralizadora da Organização para o Exterior, foi promovida a reorganização dos quadros do *Landesgruppen Brasilien*. Willi Meiss, líder do grupo Rio de Janeiro, já havia sido alertado pela A.O. por seu comportamento radical. Afastando do Partido a comunidade alemã local, fez duras críticas públicas ao novo Embaixador da Alemanha no Brasil, Arthur Schmidt-Elskop¹⁰ e exigiu a nazificação imediata da Legação alemã na Capital.¹¹ Em abril de 1933 foi nomeado por Bohle o “homem de confiança” Herbert Guss para a direção geral do partido Nazista no país.

O departamento dos alemães no exterior afirmou que a nomeação deste partidário iria fomentar o desenvolvimento do partido no exterior, aumentando suas bases numéricas. Foi dado o direito de nomear e suspender os chefes dos grupos regionais (*Ortsgruppen*) e dos grupos de apoio (*Stützpunkte*). Apesar desta relativa autonomia, tanto para nomear quanto para suspender, o chefe

¹⁰ Arthur Schmidt-Elskop (1897-1952) atuou principalmente na América do Sul, com passagens por Buenos Aires, Assunção e Montevideú. Em outubro de 1932, assumiu como ministro extraordinário e plenipotenciário da Alemanha no Rio de Janeiro. Foi nomeado embaixador em março de 1936, ocupando o posto até sua aposentadoria, em abril de 1937. Verbete: “Schmidt-Elskop, Arthur”. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV), 2001. CD-ROM

¹¹ MCKALE, 1977, pp. 60, 61.

nacional deveria avisar imediatamente os dirigentes na Alemanha. Ele não poderia agir sem o aval da matriz na Alemanha.¹²

Em maio, após um mês e meio de trabalho, aprofunda-se a crise na direção do grupo nacional do NSDAP. Guss foi suspenso e sofreu um processo da *Untersuchung und Schlichtungs Ausschuss*, Comissão de Investigação e Arbitragem (USCHLA)¹³ do Partido Nazista, sendo expulso juntamente com os cinquenta e quatro partidários que o apoiavam, em 1934.¹⁴ Gertz apresenta o parecer de um funcionário da Organização para o Exterior, com data de 19 de maio de 1933, no qual comenta que o fracasso no funcionamento do grupo Rio de Janeiro, local estratégico para a América do Sul, devia-se “à questão da liderança” e à falta de unidade entre alemães, cuja colônia opunha-se aos dois partidários.¹⁵

Willy Kohn, chefe do grupo nacional do Chile e Comissário da A.O. para a América Latina, foi acionado para restaurar a ordem em junho de 1933, tarefa que havia exercido em fevereiro do mesmo ano na reorganização do NSDAP na Argentina.¹⁶ Entre agosto de 1933 e maio de 1934, Walter Menk ocupou o cargo de *Landesgruppeleiter* provisório.¹⁷ Ao final desse período, Hans Henning von Cossel foi nomeado para a chefia

Nascido em Düsseldorf, na Alemanha, em 01º de agosto de 1899, Hans Henning von Cossel frequentou a Academia Naval entre 1915 e 1919. Após prestar serviço militar,

¹² DIETRICH, 2007a, p. 81.

¹³ A USCHLA era o tribunal interno do Partido Nacional-Socialista, criado em 1926 após inúmeras acusações sobre a conduta dos nazistas, de forma a cumprir a disciplina partidária e a autoridade do líder. In: SHIRER, W. *Ascensão e queda do Terceiro Reich: triunfo e consolidação (1933-1939)*, vol.1. Rio de Janeiro: Agir, 2008, p. 173.

¹⁴ MORAES, Luís Edmundo de Souza. *Ein Volk, Ein Reich, Ein Führer! A Seção Brasileira do Partido Nazista e a Questão Nacional*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996. pp. 109, 110. A expulsão de Guss foi revogada ainda em 1934 por ordem de Berlim, mas foi novamente expulso no ano seguinte por decisão de Bohle.

¹⁵ GERTZ, 1987, pp.78, 79. Meiss seria expulso do NSDAP em 1937. In: *Carta enviada por Fischer. à I. Krammer*. Berlim, 19 de novembro de 1937. Akten betreffend: Brasilien, PAAA.

¹⁶ JACKISCH, 1997, p. 210. Jürgen Müller comenta que o grupo nazista no México se destacou entre os grupos da A.O. pela rara estabilidade que apresentou. Wirtz, líder do Partido, foi uma das poucas lideranças que não foi deposta, conseguindo manter sua autoridade frente aos demais militantes, evitando problemas internos e garantindo a unidade partidária. MÜLLER, 1995, p. 91.

¹⁷ MORAES, 1996, p. 112.

iniciou suas atividades no comércio na cidade de Lübeck. Casou-se em 1926 com Beatrice von Bodisco, com quem teve duas filhas. Von Cossel chegou à São Paulo em 1930 e trabalhou como representante comercial de uma firma alemã de porcelanas. Co-fundador do *Ortsgruppe* São Paulo em 1931 e homem de confiança do governo do Reich, realizou diversas viagens às colônias alemãs no Brasil, cujos relatórios remetia à Berlim com dados detalhados sobre a geografia, a política e a cultura locais. Foi redator-chefe do jornal semanário *Deutscher Morgen* (Aurora Alemã), jornal de aberta orientação ao nacional-socialismo, entre março e junho de 1932, e escreveu o livro *Politisches Auslandsdeutschum*, editado em 1933 pelo pastor Friedrich Wilhelm Brepohl em Ponta Grossa (PR), na coleção “A revolução nazista, texto esclarecedor teuto-brasileiro sobre a revolução na nova Alemanha”.

Além de Chefe nacional do NSDAP Brasil, Cossel foi também nomeado Adido Cultural da Embaixada alemã no Rio de Janeiro entre 1936 e 1942. A partir de 1937, ficou também responsável pelos assentamentos alemães e pelo *Deutschum* no país. Ao retornar à Alemanha durante a guerra, combateu pela Marinha e ascendeu ao posto de tenente em outubro de 1943. Foi preso pelos Aliados na França, onde foi liberado em 1948. Retomou suas atividades comerciais e fundou, em 1953, a companhia “Cossel & Stratmann” em Frankfurt am Main. Cossel morreu na cidade de Schwalbach, na Alemanha, em 24 de fevereiro de 1990.¹⁸

Além da chefia partidária, estavam diretamente subordinadas à Cossel as associações nazistas e as organizações para-partidárias instituídas no Brasil. Apêndices da estrutura do NSDAP em escala nacional, destacaram-se, entre elas, a

¹⁸ DIETRICH, 2007a, p. 313-329.; HÜRTER, Johannes et al. (ed). *Biographisches Handbuch des deutschen Auswärtigen Dienstes 1871-1945*. Band 1. Paderborn: Ferdinand Schöningh, 2000. p.388. Em 2003, a pesquisadora Ana Dietrich entrevistou em Hamburgo Gisela Ehrlich e Jutta Kruse, filhas de Cossel. As informações estão no quinto capítulo da tese de doutorado, intitulado “Cossel – o *Führer* tupiniquim?”.

Deutschebrasilianisch Jungendring, Círculo da Juventude Teuto-Brasileira (DBJ), a *Deutsche Abertsfront*, Frente de Trabalho Alemã (DAF), a *Nationalsozialistische Lehrerbund*, União dos Professores Nacional-Socialistas (NSLB) e a *Arbeitsgemeinschaft Deutscher Frauen im Ausland*, Associação de Trabalho das Mulheres Nacional-Socialistas no Exterior (ADFA).¹⁹ Ao final de 1934, o NSDAP-Brasil contava com cinquenta e sete núcleos organizados, sendo dezessete grupos locais e quarenta pontos de apoio.²⁰

A gestão de Cossel iniciou enfrentando dois principais desafios. O primeiro seria a reaproximação das comunidades alemães espalhadas pelo Brasil. A ascensão de Hitler ao poder foi bem recebida pelos teuto-brasileiros e *Reichsdeutsche* residentes no país. No entanto, o convívio com os militantes nazistas, conforme descrito nos casos de Porto Alegre e Rio de Janeiro, afastava a possibilidade de novas adesões e da participação na grande Comunidade Nacional alemã, baseada em laços de sangue. Uma série de expulsões e mudanças nas lideranças regionais pode ser observada a partir de 1934, bem como o aumento no número de filiações. O segundo ponto refere-se à implementação das diretrizes do Partido sem criar atritos com o governo brasileiro. De acordo com o relatório do ano de 1935, assinado pelo embaixador Schmidt-Elskop, não existia qualquer restrição às atividades do NSDAP entre cidadãos alemães no país, nem motivos que levassem a crer em uma modificação nessa postura.²¹ A A.O. recomendava fortemente que os partidários nazistas não se envolvessem em questões de política local nos seus países de residência.

O estabelecimento de estruturas partidárias nesta ou naquela região mantém uma relação bastante próxima com as prioridades para o trabalho de construção partidária, o grau de independência administrativa desejável e/ou necessária para

¹⁹ Para um estudo específico sobre as sociedades e agremiações nazistas criadas no Brasil, ver: SANTANA, Nara Maria Carlos de. *Associações Nazistas no Brasil (1938-1945)*. Niterói: Dissertação de mestrado, Universidade Federal Fluminense, 1999.

²⁰ MORAES, 2005, p.141.

²¹ GERTZ, 1987, p. 77.

as direções locais e o número de militantes existente ou potencial de cada uma dessas regiões.²²

A malha organizativa partidária, redefinida a partir de 1934, estruturou-se até a sua desarticulação completa, em 1938 (Apêndice B).

Os dados oficiais referentes ao número de filiados à seção partidária do NSDAP no Brasil são os seguintes:

Tabela 6: Número total de filiados ao NSDAP – Grupo Nacional Brasil

<i>Período de filiação</i>	<i>Números</i>	<i>Percentual</i>
Admissões anteriores à 31 de janeiro de 1933	348	12%
Admissões posteriores à 31 de janeiro de 1933	2.555	88%
Total	2.903	100%

FONTE: *Statistik der AO*. Berlin, 24 de setembro de 1937, PAAA.

O crescimento vertiginoso do número de militantes associados ao Partido Nazista no país reflete o impacto da ascensão de Hitler na Alemanha, da disseminação do ideário nacional-socialista no país e a mudança na postura da organização partidária local.

A Estatística oficial da A.O. apresenta mais dois levantamentos acerca dos partidários residentes no Brasil. Interessava saber o perfil etário e profissional dos militantes nazistas.

Tabela 7: Filiados ao NSDAP Brasil, segundo perfil etário

<i>Ano de nascimento</i>	<i>Idade</i>	<i>Número de filiados</i>	<i>Percentual</i>
Após 1911	Menos de 26 anos	308	10,6%
1905-1910	Entre 27 e 32 anos	630	21,7%
1899-1904	Entre 33 e 38 anos	665	22,9%
1893-1898	Entre 39 e 44 anos	491	16,9%
1887-1892	Entre 45 e 50 anos	405	13,9%
Antes de 1887	Acima de 50 anos	404	13,9%
Total		2.903	99,9%

FONTE: *Statistik der AO*. Berlin, 24 de setembro de 1937, PAAA.

²² MORAES, 1996, p. 355.

A maior concentração de partidários possui entre 33 e 38 anos (quase 30%), seguida dos filiados na faixa entre 27 e 32 anos. É um perfil jovem de cidadãos imigrantes, com vida profissional ativa e com idade para aproveitamento militar em caso de guerra.

Tabela 8: Filiados ao NSDAP Brasil, segundo atividade profissional

<i>Atividade profissional</i>	<i>Número de filiados</i>	<i>Percentual</i>
Trabalhadores manuais, artesãos	752	25,9%
Comerciante, negociante (autônomo)	515	17,7%
Empregados do comércio	418	14,4%
Engenheiros diplomados (nível superior)	102	3,5%
Técnicos (nível superior)	165	5,7%
Agricultores e colonos	324	11,1%
Empregados na agricultura (extratores)	02	- 0,1%
Médicos	51	1,8%
Advogados	07	0,3%
Outras ocupações especializadas	28	1,0%
Estudantes	08	0,3%
Professores universitários	38	1,3%
Pastores	102	3,5%
Operários	87	3,0%
Empregados domésticos	09	0,3%
Donas de casa	89	3,0%
Outros	206	7,1%
Total	2903	99,9%

FONTE: *Statistik der AO*. Berlin, 24 de setembro de 1937, PAAA.

Os trabalhadores manuais representavam mais de um quarto (1/4) dos partidários nazistas no Brasil. Destacavam-se, ainda, os comerciantes e empregados do comércio, que juntos somavam 32,1% do total de militantes. Agricultores e colonos totalizavam 11%, índice significativo, mas distante do perfil urbano ao qual remetem as atividades profissionais listadas no levantamento. Outro dado relevante está no conjunto de membros

do Partido que exerciam profissões que exigiam conhecimentos de nível superior (considerando enquanto tais engenheiros, técnicos, médicos, advogados, professores universitários e outras profissões especializadas). Apesar de totalizarem 13,6% do total de filiados, isolados, não representam a participação de alguma classe profissional definida.

São dignos de nota os números totais de filiações apresentados por Dietrich. Somados, eles diferem dos registros apresentados até o momento por este trabalho, que utiliza como base o *Statistik der AO*, documento da gerência da Organização para o Exterior do NSDAP apresentado em setembro de 1937 e sob guarda do Arquivo Político do Ministério das Relações Exteriores da Alemanha (PAAA). Apesar de não trazer a referência direta, é quase certo que Dietrich tenha utilizado para a formulação da tabela os dados apresentados na dissertação de mestrado de Moraes (MORAES, 1996, capítulo 2 e Anexos), amplamente reproduzidos na historiografia recente sobre o nazismo no Brasil. Moraes indica como sua fonte principal a cópia de um documento que teria sido apreendido em Berlim pelo exército americano e enviado à polícia brasileira em 1946. Apesar da referência apresentada – “AERJ-DESPS-A-P6” – o documento não foi localizado no Arquivo do Estado do Rio de Janeiro durante a pesquisa para esta tese. Em seu doutorado, o autor repete os mesmos números totais de filiação, mas citando como referência o *Nazi Party Membership Records - Brazil*, series 1 e 2, consultados no Bundesarchiv Berlim. No entanto, tanto ele quanto Dietrich também trabalham com o número total de filiações de 2.903, mas utilizando como referência a tese de Jürgen Müller.²³

²³ MÜLLER, Jürgen. *Nationalsozialismus in Lateinamerika: Die Auslandsorganisation der NSDAP in Argentinien, Brasilien, Chile und Mexiko, 1931-1945*. Stuttgart: Hans-Dieter Heinz, 1997.

No Brasil, as seções partidárias do NSDAP estiveram presentes em dezessete estados. A tabela abaixo apresenta a distribuição regional dos filiados ao Partido em comparação aos dados relativos à imigração alemã no Brasil.

Tabela 9: Cidadãos alemães e filiados ao NSDAP no Brasil: distribuição regional (1930-1940)

<i>Regiões e Estados</i>	<i>Número de filiados</i>	<i>Número de alemães imigrados</i>
Sudeste		
São Paulo	785	33.397
Rio de Janeiro	447	9.475
Minas Gerais	66	2.095
Espírito Santo	41	623
Total (Sudeste)	1.339	45.590
Sul		
Santa Catarina	528	11.291
Rio Grande do Sul	439	15.279
Paraná	185	12.343
Total (Sul)	1.152	38.913
Nordeste		
Pernambuco	43	672
Bahia	39	542
Sergipe	1	47
Alagoas	1	45
Paraíba	21	115
Ceará	4	140
Total (Nordeste)	109	1.561
Norte		
Pará	27	186
Amazonas	4	64
Total (Norte)	31	250
Centro-Oeste		
Goiás	23	284
Mato Grosso	31	426
Total (Centro-Oeste)	54	710
Sem informação de local	137	
Total (Brasil)	2.822	87.024

FONTES: DIETRICH, 2007a, p. 141. Foram mantidas as divisões regionais estabelecidas pela autora. As somas totais para o Brasil não estão na tabela original.

Tendo por base referencial os dados acima Ana Maria Dietrich observa, através da análise comparativa entre as regiões brasileiras, que a distribuição de filiados ao Partido Nazista nos estados brasileiros era proporcional ao número de alemães natos imigrados, de acordo com o recenseamento de 1940. Dessa forma, o estado de São Paulo contava com 33.397 imigrantes alemães e 785 partidários, concentrando a maior parcela de adeptos no país. A segunda maior concentração de partidários estava em Santa Catarina (528 filiados e 11.293 imigrantes), seguida pelos estados do Rio de Janeiro (447 filiados e 11.519 imigrantes), Rio Grande do Sul (439 filiados e 15.270 imigrantes) e Paraná (185 filiados e 12.343 imigrantes).²⁴

Para Dietrich, o percentual inferior a 5% de alemães filiados ao Partido no país não representava a boa inserção que os nazistas tinham na comunidade, em escolas, igrejas, clubes e empresas. Para a autora, é um número alto e bastante significativo, pois o Brasil abrigava a maior seção partidária do NSDAP fora da Alemanha. René Gertz, ao contrário, considera o número de partidários no Brasil muito baixo em proporção à comunidade alemã estabelecida no país. Nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, os teuto-descendentes, mesmo demonstrando entusiasmo pelo hitlerismo, opunham-se às lideranças nazistas locais, que não conseguiram se integrar às comunidades mais antigas nas zonas de colonização alemã.²⁵

A A.O. recomendava formalmente que só fossem aceitas filiações de *Reichsdeutsche*, ou seja, de nascidos no Reich, já que assumia como princípio básico não se envolver na política local dos países onde atuava. O Estado alemão reconhecia cidadania através do *jus sanguinis*, o “direito de sangue” que, logo, considerava igualmente alemães

²⁴ DIETRICH, 2007a, p.57.

²⁵ GERTZ, René. *O fascismo no sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. p.85-87

todos os descendentes nascidos em outros países – incluindo os *Volksdeutsche*.²⁶ A posição adotada pelo Partido Nazista, ao menos no discurso das relações exteriores para com o Brasil, excluía de seus quadros os *Deutschbrasilianer*, “alemães brasileiros”, cuja participação nas associações ligadas ao Partido também estaria proibida.

Contudo, tanto o relatório que acompanha a apresentação da Estatística oficial da A.O., quanto os registros do *Nazi Party Membership Records* contradizem essa postura diplomática. Existiram, pelo menos, sessenta e nove brasileiros filiados à seção partidária nacional do NSDAP. É possível que tenham existido outros, registrados junto a núcleos do NSDAP fora do país ou vinculados diretamente à central do Partido, em Munique.

Tabela 10: Filiados ao NSDAP Brasil, segundo o local de nascimento

<i>Local de nascimento</i>	<i>Número de filiações</i>	<i>Percentual</i>
Alemães do Reich antes de 1919	2618	92,77%
Países estrangeiros (exceto Brasil)	102	3,61%
Brasileiros	69	2,45%
Não especificado	33	1,17%
Total	2822	100,0%

FONTES: MORAES, 2005, p.168. Tabela 5.8: “NSDAP-Mitglieder in Brasilien nach Geburtsort (Stichprobe)”. Nazi Party Membership Records, Series I, Hauptliste.

A duplicidade institucional e o jogo de forças entre a Organização para o Exterior do NSDAP e a *Wilhelmstrasse* são componentes importantes na compreensão das diferentes posturas tomadas pela Alemanha em relação ao tema da cidadania. Percebem-se duas linhas de ação distintas, ambas implementadas por partidários durante o período em que o Estado alemão foi, paulatinamente, *nazificado*.

²⁶ A política de concessão de nacionalidade ou cidadania através do *Jus sanguinis* contrasta com o "direito de solo" ou *Jus soli*, cujo direito à nacionalidade não se vincula ao antecedente e sim ao nascimento do indivíduo em determinado território. Tal política é amplamente adotada em países que receberam muitos imigrantes durante o século XIX, tais como os Estados Unidos, o Canadá, a Argentina, a Austrália e o Brasil. O *Jus soli* vai ao encontro dos interesses desses países em criar laços permanentes com cidadãos em espaços de povoamento.

Com o reestabelecimento do exército na Alemanha, surgiu no Brasil, em 1936, a discussão sobre os brasileiros natos que, também reconhecidos como cidadãos alemães, deveriam obrigatoriamente – independente de seu lugar de residência – prestar serviço militar no continente europeu. Na Primeira Guerra Mundial, “um anúncio no jornal *Deutsche Zeitung*, em 1914, convocou os reservistas residentes no Brasil a retornarem imediatamente a seu país e apresentarem-se em seu distrito militar (...)”.²⁷ Arthur Schmidt-Elskop, então embaixador alemão no Distrito Federal, defendeu acirradamente o que considerava seu direito à convocação desses cidadãos de dupla nacionalidade.

O Brasil propõe a assinatura de um acordo baseado no princípio de que a residência efetiva do candidato seja determinante para definir junto a qual Estado ele deva cumprir suas obrigações militares. A reação alemã é negativa, pois a concordância de Berlim implicaria “a desistência unilateral pelo Reich dos seus súditos em favor do Brasil”. (...)

A questão dos brasileiros de origem alemã não decorre apenas de duas diferentes doutrinas sobre o princípio da aquisição da nacionalidade. Ela demonstra, igualmente, pela primeira vez, a preocupação brasileira de precaver-se contra qualquer aspiração da colônia alemã, que possa vir a transformar-se numa *questão de minorias*, tais como as que assolam a Europa. Além disso, inaugura-se uma atitude radical de Berlim, rígida em seu propósito de estender a ação ideológica em território brasileiro.²⁸

A intransigência da representação alemã não permitiu que fosse encontrada uma solução para o litígio. A postura inflexível de Elskop gerou somente argumentos para os defensores da intervenção nas colônias alemãs no Brasil.

Quanto à participação de teuto-brasileiros no NSDAP, Ernst Bohle optou pela negociação, suspendendo essas filiações enquanto pressionava pela permanência legal do Partido para os *Reichsdeutsche*. Observa-se a preocupação de frisar a participação exclusiva de cidadãos alemães no *Landesgruppe* Brasil no seguinte informe, encaminhado ao Itamaraty:

²⁷ MAGALHÃES, Marionilde Brepohl de. *Pangermanismo e nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1998. p.112

²⁸ SEITENFUS, Ricardo. *A entrada do Brasil na segunda guerra mundial*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p.50

Antes de 1935, estando ainda um ou outro órgão do NSDAP insuficientemente instruído e com falhas no seu conhecimento das ordens e instruções, aconteceu que, embora fossem casos isolados, também eram admitidos como membros pessoas de cidadania brasileira. Esclarecido esse engano, esses membros foram despedidos.

Antigamente, pertenciam ao NSDAP, também, algumas pessoas com dupla nacionalidade, isto é, cidadãos alemães que também possuem a cidadania brasileira. Na espera de uma regulamentação interestadual e genérica desse problema, esses membros com dupla nacionalidade foram suspensos, sem prejuízo da interpretação jurídica.²⁹

O documento exprime cautela ao evitar confronto com o governo brasileiro. Em outro trecho, são apresentados os objetivos oficiais do Partido Nacional-Socialista em terras brasileiras:

O NSDAP, no Brasil, tem a tarefa de fomentar a educação nacional-socialista de seus membros e bem assim de trazê-los a par da evolução política e cultural da Alemanha. Além disso, a organização da NSDAP tem a tarefa de dar esclarecimentos sobre o desenvolvimento na Alemanha aos súditos alemães. Esse procedimento constitui uma atividade absolutamente legal.

O NSDAP não está incumbido, sendo-lhe, pelo contrário, terminantemente proibido de propagar as idéias do movimento nacional-socialista alemão entre cidadãos brasileiros ou de imiscuir-se, de qualquer forma, em assuntos da política interna do Brasil.

A proibição dos *Deutschbrasilianer* instituiu uma espécie de hierarquia entre os alemães do *Reich* e os alemães nascidos no estrangeiro – os primeiros seriam superiores posto que mais “puros”. Moraes argumenta que o NSDAP se definiu como uma forma de expressão política da comunidade nacional alemã, cuja inclusão era condicionada ao critério racial (ariano) e ao comprometimento com a ideologia nazista, já que o Partido era o veículo único de realização da vontade da Nação. Todavia, apenas preencher os requisitos não era suficiente.

Eles precisavam ser os melhores para os propósitos partidários, sendo isto traduzido no processo de recrutamento pelo acionamento de critérios de aceitação de membros, que levavam em conta tanto os limites formalmente

²⁹ O “*Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei*” (NSDAP). Correspondência: Nazismo no Brasil (1934-1941). Rio de Janeiro. Sem data, AHI.

estabelecidos da “comunidade de aderentes potenciais” quanto critérios delimitadores de qualidades e capacidades individuais.³⁰

O Partido Nazista no Brasil apresentou-se como uma seção partidária alemã em terras estrangeiras e jamais demonstrou interesse em pleitear cargos eletivos ou funções no aparelho estatal brasileiro. Também nunca buscou registrar-se no Tribunal Superior ou nos Tribunais Regionais da Justiça Eleitoral. Os objetivos do NSDAP voltavam-se a transformar os cidadãos alemães residentes no país em portadores individuais do projeto internacional do Terceiro Reich.

Stefan Rinke observa, a partir da República de Weimar, a importância atribuída aos *Reichsdeutsche* como o impulso para a ascensão da nova Alemanha através de sua influência econômica, cultural e do seu prestígio político, especialmente naquilo que chama “o último continente livre”: a América Latina.³¹ As metas do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães para o Brasil não se afastam da concepção descrita por Rinke ao traçar sua inserção no país.

O primeiro grande objetivo era conquistar a direção da comunidade alemã no Brasil. Cada núcleo e cada militante nazista deveria colaborar com o projeto de alcançar a liderança cultural e política dos cidadãos alemães sob os auspícios do nacional-socialismo. Os choques iniciais, no Brasil e em outros lugares do mundo mostraram que essa não seria uma tarefa simples, mas a ascensão de Hitler ao poder aumentou consideravelmente a aceitação do NSDAP no exterior – vide o aumento no número de filiações. A promoção de associações culturais, desportivas, profissionais, etc. e demais institutos ligados ao Partido contribuía na disseminação do princípio de unidade da Nação a partir da adoração a um

³⁰ MORAES, 1996, p.169.

³¹ RINKE, Stefan. “Auslandsdeutsche no Brasil (1918-1933): Nova emigração e mudança de identidades”. *Espaço Plural*, Marechal Cândido Rondon, n. 19, 2008, p. 40.

mesmo líder e da pureza racial. Em termos práticos, a congregação dos *Reichsdeutsche* importava na medida em que o partidário ou o simpatizante hitlerista também seria um soldado voluntário para lutar na guerra pela Alemanha, um contribuinte nas instituições de apoio mútuo, como o Auxílio de Inverno, um militante anti-comunista e um participante ativo do boicote aos judeus pelo mundo, de modo a reproduzir, em território brasileiro, os ideais da sociedade nacional-socialista, que já tomava conta de alguns países na Europa.

O segundo grande foco do NSDAP no Brasil estava no trabalho desenvolvido por suas lideranças. Fiéis representantes do Partido e do *Reich*, indicados e aceitos pessoalmente pelos dirigentes da Organização para o Exterior, eram indivíduos capacitados nos cursos para formação de lideranças em Hamburgo e que retornavam ao país não apenas para realizar a difusão ideológica do nacional-socialismo entre a comunidade alemã local. Eram responsáveis por melhorar a imagem e a credibilidade da Alemanha nazista pelo mundo, muitas vezes através da contrapropaganda, porém, a serviço da A.O., reuniam informações comerciais importantes sobre a produção agrícola e industrial brasileira, sobre as atividades industriais de alemães residentes no país e, naturalmente, sobre a aceitação ou não do nazismo pelos nomes mais destacados da área. Da mesma forma, vigiavam os representantes diplomáticos enviados pelo Ministério das Relações Exteriores da Alemanha, avaliando seu grau de adesão ao nazismo e propondo substituições. Apesar disso, não há evidências que legitimem a preocupação quanto a existência de um plano diplomático ou militar para invasão do Brasil

O *Landesgruppe Brasilien* recriava a hierarquia, a ideologia e as práticas cotidianas vigentes na Alemanha nazista, impondo-os não apenas ao seu restrito grupo político, mas também àqueles que eram foco de sua conquista ou de adesão, de suspeição e mesmo de

repulsa. Cabe agora interrogar os motivos que levaram o governo brasileiro à proibição do NSDAP em território nacional.

Capítulo 3. Nazistas Banidos do Brasil: A Questão Ritter e as Mudanças no Relacionamento entre o Estado Novo e o Terceiro Reich

É praticamente consenso entre os historiadores que pesquisaram o nazismo no Brasil a afirmação de que o governo de Getúlio Vargas teria tolerado a presença do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães no país até o ano de 1938. O principal motivo para esta postura amistosa seria o interesse no crescimento das relações comerciais e políticas com a Alemanha. A análise de Esther Cohen aponta o medo em relação à expansão interna do comunismo como outro fator importante para aceitação das atividades do Partido Nazista, atitude que se encerrou, porém, com a suspeita da participação de seus membros na Intentona Integralista.¹ Dietrich defende opinião semelhante, sublinhando que os tratados de exportação e importação estabelecidos entre os dois países levaram o governo brasileiro a “fechar os olhos” para a existência do NSDAP. A mudança de postura ocorre somente no momento de confronto com as novas diretrizes políticas de nacionalização interna, a partir de 1938.² A intensificação do sentimento nacionalista somada à idéia de existência de um “perigo alemão”, ou seja, a crença na invasão do exército alemão para anexação da América do Sul, são alguns dos motivos apontados por Priscila Perazzo para a repressão “àqueles que pudessem desestabilizar o equilíbrio político instituído à custa de um golpe de Estado”.³

¹ COHEN, Esther. *O governo federal e o partido nazista no Brasil*. Niterói: Dissertação de mestrado, Universidade Federal Fluminense, 1988. p. 80.

² DIETRICH, Ana Maria. *Nazismo Tropical? O Partido Nazista no Brasil*. São Paulo: Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, 2007a. p. 20.

³ PERAZZO, Priscila Ferreira. *O perigo alemão e a repressão policial no Estado Novo*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1999. p. 39.

De fato, as relações entre o governo Vargas e o Terceiro Reich eram excelentes nos anos trinta. O intercâmbio comercial entre os dois países apresentou crescimento superior a 400% entre 1933 e 1937.⁴ Mesmo sem estabelecer um acordo político e diplomático definitivo sobre os brasileiros de origem alemã e o serviço militar, a colaboração entre os dois governos foi bem sucedida na área policial. A polícia política brasileira, através da Delegacia Especial de Segurança Política e Social (DESPS) do Distrito Federal, estabeleceu um acordo de cooperação com a *Geheime Staats-Polizei*, Polícia Secreta do Estado (GESTAPO), recebendo treinamento de agentes alemães para ações de combate ao comunismo a partir de 1936.

Em novembro de 1935, havia sido deflagrado o Levante Comunista, revolta ocorrida nas cidades de Natal, Recife e Rio de Janeiro em nome da Aliança Nacional Libertadora (ANL), movimento político de âmbito nacional criado em março do mesmo ano sob liderança do Partido Comunista Brasileiro (PCB). A Gestapo e a AA tinham interesse em firmar com a polícia brasileira um pacto similar aos já estabelecidos com o FBI, o *Federal Bureau of Investigation* norte-americano, e o serviço de inteligência inglês, no qual comprometiam-se com a troca de conhecimentos, informações, materiais e provas sobre comunismo, anarquismo e outras ideologias “perigosas” ao Estado.⁵ As primeiras ações em conjunto foram as prisões de Luís Carlos Prestes, Olga Benário, Harry Berger e Elise Saborowski.⁶

⁴ SEITENFUS, Ricardo. *A entrada do Brasil na segunda guerra mundial*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 42.

⁵ CANCELLI, Elizabeth. *O mundo da violência: a polícia da era Vargas*. 2ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994. pp. 88, 90.

⁶ Olga Gutmann Benário (1908-1942), liderança dentro do Partido Comunista alemão, foi enviada a partir de Moscou para cuidar da segurança de Luís Carlos Prestes (1898-1990) em sua viagem de retorno ao Brasil ao final de 1934. Já casados, fixaram-se no Rio de Janeiro e participaram da articulação do movimento que culminaria na Revolta Comunista de 1935. Olga foi presa junto com Prestes em janeiro de 1936 e extraditada para a Alemanha nazista, grávida, em setembro de 1936. Sua filha, Anita Leocádia Prestes, foi entregue aos cuidados da avó aos 14 meses de idade. Olga foi assassinada em uma câmara de gás no campo de

A influência da Alemanha no país também era sentida no auxílio enviado às escolas alemãs, através de livros e professores, na divulgação das artes cinematográficas no país, na ampliação das linhas aéreas concedidas à Condor, na compra de armamentos pelo governo brasileiros das indústrias Krupp, nos intercâmbios culturais entre membros da elite brasileira – inclusive o filho do presidente, Lutero Vargas, chegou a estudar um ano em Berlim. Não obstante, a concorrência pelas simpatias e pelos mercados no Brasil, com uma população de aproximadamente 41 milhões de habitantes, era duramente disputada com os Estados Unidos, principal parceiro comercial do Brasil, interessado na difusão do pan-americanismo e do liberalismo em meio à onda de governos fascistas que se espalhavam pela Europa.

O foco anticomunista do governo brasileiro resultou na aplicação da Lei de Segurança Nacional, que previa crimes contra a ordem política e social.⁷ Promulgada em 04 de abril de 1935, a então chamada “Lei Monstro” versava sobre o incentivo à desobediência coletiva, ao ódio entre as classes sociais e à luta violenta pela religião, o incitamento à militares para rebelião ou deserção e o desvio de conduta de servidores públicos. Dois artigos destacam-se para análise no texto da lei: o de número 30, que declarava ser proibida “a existência de partidos, centros, agremiações ou juntas, de qualquer espécie, que visem a subversão, pela ameaça ou violência, da ordem política e

concentração de Bernburg em abril de 1942. Arthur Ernst Ewert (1890-1959), conhecido no Brasil pelo pseudônimo "Harry Berger", também era membro destacado do Partido Comunista alemão e chegou ao Brasil em março de 1935 para orientar a atuação do PCB na articulação política da classe operária. Casado com Elise Saborowski, foram presos em dezembro de 1935 e duramente torturados. Elise foi expulsa do país juntamente com Olga e faleceu em 1939, doente, em um campo de concentração. Berger foi anistiado em 1945 e viajou à Alemanha Oriental no ano seguinte, sofrendo de insanidade após os maus tratos sofridos na prisão. MORAIS, Fernando. *Olga*. 17ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994; Verbetes: “Prestes, Olga Benário”; “Prestes, Luís Carlos”; “Berger, Harry”. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930*, 2001. CD-ROM

⁷ Lei nº 38, de 04 de abril de 1935. “Define crimes contra a ordem política e social”. *Coleção de Leis do Brasil*. Disponível em: SICON – Sistema de Informações do Congresso Nacional <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=47634>>. Acesso em: 10 jan. 2010.

social”, e o artigo 37: “Será cancelada a naturalização, tácita ou voluntária, de quem exercer atividade política nociva ao interesse nacional”. A Aliança Nacional Libertadora, a União Feminina do Brasil, a União de Luz Operária Russo-Branca-Ukrainiana foram as organizações de maior destaque a serem fechadas, além de sindicatos e outras associações.⁸ Sob Estado de Sítio ou de Guerra, inaugurou-se um novo quadro na vida política brasileira, no qual a questão social era definida enquanto assunto de segurança nacional. O discurso acusatório que, nos anos 1920, atacara os anarquistas, direcionavam-se aos comunistas nesse momento.⁹ Logo, voltariam-se contra integralistas, fascistas e nazistas.

A eliminação das oposições era apenas um dos objetivos na implantação de um novo projeto político para o Brasil. A construção de uma identidade para a Nação deveria buscar uma leitura homogênea e inclusiva da tradição e da cultura brasileiras, focalizada em um ator político de destaque no novo cenário: o trabalhador nacional. Mesmo não sendo uma doutrina compacta e homogênea, o ideário político varguista defendia a necessidade de destruir as diferenças sociais e culturais do país, denunciando o seu lado arcaico e atrasado a fim de diagnosticar os problemas a serem sanados e vislumbrar um futuro promissor e moderno para o cidadão brasileiro.

Entrelaçavam-se duas realidades distintas dentro de um mesmo projeto político. De um lado, a idealização de uma identidade brasileira, rica e moderna, promovida e legitimada por intelectuais ao redor do Ministério da Educação e Saúde Pública de Gustavo Capanema (1900-1985), divulgando o sentimento de unidade e transformação nacional através da escola, do rádio, do cinema, da música, da literatura, das artes plásticas e da arquitetura. Do outro, a ferrenha repressão policial comandada por Filinto Müller (1900-

⁸ DUTRA, Eliana de Freitas. “Crime político e segurança nacional”. In: *Seminários*. Imigração, Repressão e Segurança Nacional. São Paulo, n. 3, out. 2003. p.14

⁹ GOMES, Angela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. p.161

1973), Chefe de Polícia do Distrito Federal, embasada no combate à subversão e limitação dos direitos civis, reforçada pela ação do Tribunal de Segurança Nacional, criado em setembro de 1936 com a função de julgar crimes políticos e contra a economia popular.¹⁰

A implantação do Estado Novo, seguida da promulgação de uma nova Carta Constitucional, antiliberal, centralizadora e intervencionista, em 10 de novembro de 1937, introduziu oficialmente um governo de cunho autoritário no Brasil, cuja nova ordem social não comportaria as perturbações dos dissídios partidários. Conseqüentemente, foram dissolvidas toda espécie de agremiação política pelo Decreto-lei nº 37, de 02 de dezembro de 1937. Seu primeiro artigo deixa claro o alcance da proibição: são considerados partidos políticos arregimentações partidárias registradas nos Tribunais Eleitorais, bem como milícias cívicas e organizações auxiliares dos partidos.¹¹

Seitenfus sublinha o fato de que, apesar da medida aplicar-se a todos os grupos políticos, o alvo visado era a Ação Integralista Brasileira (AIB).¹² Alijada do novo governo, mesmo que compartilhando de alguns de seus princípios – como o anticomunismo, o anti-liberalismo, o nacionalismo – e de ter apoiado a orquestração do golpe de Vargas, restou à AIB a tentativa fracassada de *putsch* em maio de 1938. No entanto, aberto à interpretação, o referido Decreto-Lei também embasou as primeiras ações de repressão ao Partido Nazista no país, mesmo que esse jamais tenha estabelecido qualquer vínculo jurídico anterior com o Estado brasileiro. A justificativa, bastante abrangente, para a proibição dos partidos políticos, é apresentada da seguinte forma:

¹⁰ Lei nº 244, de 11 de setembro de 1936. “Institui, como órgão da Justiça Militar, o Tribunal de Segurança Nacional, que funcionará no Distrito Federal sempre que for decretado o estado de guerra e dá outras providências”. *Collecção das Leis da República dos Estados Unidos do Brasil de 1936. Actos do Poder Legislativo (1ª parte)*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938. p.156-160. Suas atribuições são ampliadas pelo Decreto-Lei nº 88, de 20 de dezembro de 1937.

¹¹ Decreto-Lei nº 37, de 02 de dezembro de 1937. “Dispõe sobre partidos políticos”. *Coleção de Leis do Brasil*. Disponível em: SICON – Sistema de Informações do Congresso Nacional <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=76437>>. Acesso em: 06 mar. 2008.

¹² SEITENFUS, 2000, p.99.

Considerando (...) que os partidos políticos até então existentes não possuíam conteúdo programático nacional ou esposavam ideologias e doutrinas contrárias aos postulados do novo regime, pretendendo a transformação radical da ordem social, alterando a estrutura e ameaçando as tradições do povo brasileiro, em desacordo com as circunstâncias reais da sociedade política e civil;

Considerando que o novo regime, fundado em nome da Nação para atender às suas aspirações e necessidades, deve estar em contato direto com o povo, sobreposto às lutas partidárias de qualquer ordem, independentemente da consulta de agrupamentos, partidos ou organizações, ostensiva ou disfarçadamente destinados à conquista do poder público (...).

Renegando a atuação de intermediários na relação Estado-cidadão, o governo Vargas monopolizou a participação política e o debate social para dentro de sua estrutura administrativa.

A Polícia Política já vinha monitorando as atividades do NSDAP no Brasil há algum tempo. Nos arquivos consultados, foram encontrados relatórios policiais e denúncias de particulares sobre o movimento nazista no país com datas que retrocedem a 1933.¹³ Após os choques ocorridos entre partidários e a comunidade local em Porto Alegre, e sua conseqüente proibição em 1933, é necessário questionar a afirmação corrente de que o governo brasileiro ignorou o Partido Nazista ou mesmo que o tratou de forma despreocupada ou tolerante.

Ao final da década, as polícias estaduais ainda dispunham de uma relativa margem de autonomia em sua atuação, apesar da centralização das ações de controle social e político terem sido implementadas pelo governo Vargas em janeiro de 1933. A partir dessa reorganização administrativa, o Chefe de Polícia, responsável pela DESPS, passou a responder diretamente ao Presidente da República e foram criados órgãos estaduais

¹³ Dietrich afirma que o DEOPS já tinha conhecimento de organizações nazistas no ano de 1932. Um prontuário relativo à “Sociedade Nacional Socialista Alemã”, foi aberto pela Polícia Política de São Paulo, descrevendo sua pequena sede no centro da cidade e informações sobre a participação de von Cossel. In: DIETRICH, Ana Maria. *Caça às Suásticas: o Partido Nazista em São Paulo sob a mira da Polícia Política*. São Paulo: Humanitas; Imprensa Oficial do Estado, 2007b. pp. 78, 79.

similares para introdução das diretrizes vindas do Distrito Federal. Logo, a aplicação do Decreto-Lei nº 37 não ocorreu de modo uniforme em todo o país.

No início de dezembro de 1937, foi registrada a proibição das atividades da Juventude Hitlerista sediada em Curitiba, no Paraná. Quinze dias após a publicação da nova legislação, o líder do grupo local do NSDAP em Porto Alegre foi preso e interrogado por dois dias seguidos. A partir de 15 de janeiro de 1938, por decisão do Chefe de Polícia do Rio Grande do Sul, a proibição do Partido Nazista tornou-se válida para todo o Estado, levando ao fechamento de clubes afiliados a partir do dia 18 do mesmo mês. Ao final de janeiro de 1938, a sede do ponto de apoio da cidade de Petrópolis, estado do Rio de Janeiro, também foi fechada, com apreensão de material e prisão de duas lideranças locais. No dia 07 de março, a “Casa Alemã”, sede do NSDAP em Florianópolis, Santa Catarina, teve suas portas cerradas pela polícia.¹⁴ Informações repassadas ao Chefe da AO, Ernst Bohle, informaram que o chefe de gabinete do Ministro da Justiça e Negócios Interiores teria garantido à Von Cossel e ao embaixador alemão no Rio de Janeiro que a proibição do Partido Nazista não era considerada pelo governo brasileiro.¹⁵ Entretanto, a interpretação do referido Decreto-Lei permitira o início de averiguações, interrogatórios, prisões e mesmo ameaças à militância do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães.

Mesmo que, segundo a afirmação de Moraes, a existência da seção brasileira do NSDAP ter sido possível “na inexistência de quaisquer atos ou leis que o tornassem ilegal”,¹⁶ seu banimento e perseguição ocorrem nos primeiros momentos após a ascensão do Estado Novo. Desse modo, o marco cronológico para a proibição do Partido Nacional

¹⁴ *Vorgänge in Brasilien*. Berlin, março de 1938. Chef A/O. Akten betreffend: Brasilien, PAAA.

¹⁵ *Idem*. Destaca-se que o referido documento não cita qualquer ação efetuada no estado de São Paulo.

¹⁶ MORAES, Luís Edmundo de Souza. *Ein Volk, Ein Reich, Ein Führer! A Seção Brasileira do Partido Nazista e a Questão Nacional*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996. p.120.

Socialista dos Trabalhadores Alemães no Brasil não está na promulgação do Decreto-Lei nº 383, de 18 de abril de 1938, conforme afirmam os pesquisadores Cohen, Moraes, Perazzo e Dietrich, mas é anterior. A legislação publicada cinco meses após o golpe, que proíbe o exercício de atividades políticas por estrangeiros, reforça a decisão anterior ao direcionar o foco para o elemento estrangeiro em geral, não necessariamente ligado a qualquer espécie de agrupamento políticos anteriormente organizado, além de destacar, em seu artigo quinto, que eram vedadas a participação de brasileiros, natos ou naturalizados, mesmo que filhos de estrangeiros, nas associações para fins culturais, beneficentes ou de assistência que ainda eram permitidas pela legislação em vigor.¹⁷ Com ações concentradas nos três Estados do sul do país (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), a largada para a proibição das atividades nazistas no Brasil é dada logo após o golpe, em dezembro de 1937.

A permanência do Partido Nazista no país era incompatível com o projeto de Nação do Estado Novo. A conformação de uma identidade nacional brasileira buscou um referencial de origem na visão positiva da mistura de raças. O mestiço representava o povo trabalhador e patriota, orgulhoso dos heróis de sua história, da grandiosidade e das belezas naturais do seu território. Inúmeros recursos foram mobilizados para difusão do discurso do progresso e da ideologia do trabalho junto às classes populares. A criação de políticas culturais voltadas para a comunicação de massa, a reforma no ensino e a Campanha de Nacionalização foram algumas das estratégias adotadas para o “despertar” da nacionalidade. A elite intelectual brasileira imbuuiu-se da missão de revelar a verdadeira identidade nacional, que transparecia no cinema, na literatura, na música popular, nas

¹⁷ Decreto-Lei nº 383, de 18 de abril de 1938. “Veda a estrangeiros a atividade política no Brasil e dá outras providências”. Coleção de Leis do Brasil. Disponível em: SICON – Sistema de Informações do Congresso Nacional. <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=5465>>. Acesso em: 06 mar. 2008.

festas populares, nas artes plásticas, na arquitetura e no futebol. Apesar da simpatia que importantes membros do governo nutriam pelo regime nazista – como os “germanófilos” Francisco Campos, Filinto Müller, Góes Monteiro e Eurico Gaspar Dutra – e do histórico de colaboração policial e de intercâmbios políticos e culturais com a Alemanha, seria inevitável o choque entre os dois nacionalismos.

Aspirando à expansão do comércio bilateral germânico-brasileiro, a *Wilhelmstrasse* substituiria o embaixador Schmidt-Elskop após somente doze meses no Rio de Janeiro. Nomeado em julho de 1937, Karl Ritter era diretor do departamento de política econômica do Ministério das Relações Exteriores. Com o início do Estado Novo, seus esforços iniciais na Embaixada alemã concentraram-se na eliminação dos entraves ao funcionamento do NSDAP no país.¹⁸

A onda de prisões de cidadãos alemães no sul do país, juntamente com a publicação de artigos e matérias contrárias às atividades nazistas pela imprensa brasileira, levou Karl Ritter a denunciar ao Itamaraty a existência de uma “Campanha Anti-Alemã” impetrada pelas autoridades policiais e militares dos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande

¹⁸ Karl Ritter (1883-1968) graduou-se em Direito e ingressou no AA em 1922. Diplomata da velha escola alemã, foi um dos principais articuladores do crescimento comercial alemão na década seguinte. Participou da implementação do comércio de compensação estabelecido com o Brasil e redigiu o relatório sobre cooperação teuto-brasileira na luta anti-comunista. Foi admitido no NSDAP em 1938, quando já exercia as funções de Embaixador no Rio de Janeiro. Após deixar o Brasil, foi enviado como delegado especial à recém-ocupada Tchecoslováquia para as negociações econômicas previstas no Acordo de Munique. A partir de maio de 1939, serviu como oficial de ligação entre o AA e o OKW (*Oberkommando der Wehrmacht*, Estado Maior das Forças Armadas), além de chefiar a delegação da Alemanha no estabelecimento de acordos econômicos com a União Soviética em 1940. Preso em 1947, Ritter foi julgado perante um tribunal militar em Nuremberg, juntamente a outros diplomatas alemães, em um processo subsequente tratando os crimes de guerra, intitulado *The United States of America vs. Ernst von Weizsäcker, et al* (Os Estados Unidos da América contra Ernst von Weizsäcker e outros). Acusado de crimes contra a paz, contra a guerra e contra a humanidade, foi condenado a quatro anos de prisão. SEITENFUS, 2000, p. 45; MCKALE, 1977, p. 117; Verbetes: “Ritter, Karl”. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930*, 2001. CD-ROM; “Karl Ritter”. *Wikipedia, Die freie Enzyklopädie*. Disponível em: <[http://de.wikipedia.org/wiki/Karl_Ritter_\(Diplomat\)](http://de.wikipedia.org/wiki/Karl_Ritter_(Diplomat))>. Acesso em: 28 fev. 2010; “Ministries Trial”. *Wikipedia, The Free Encyclopedia*. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Ministries_Trial>. Acesso em: 22 jul. 2010 e “Subsequent Nuremberg Proceedings, Case #11, The Ministries Case”. *Holocaust Encyclopedia, United States Holocaust Memorial Museum*. Disponível em: <<http://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10007082>>. Acesso em: 22 jul. 2010.

do Sul. O número de reclamações apresentadas pela Embaixada da Alemanha no Rio de Janeiro, aumentou de um total de 10, no período de 1935 até 1937, para impressionantes 58, no ano de 1938, e 79, em 1939.¹⁹

Ricardo Seitenfus ressalta o dilema da diplomacia alemã, entre o comportamento imperial, pouco inclinado às negociações, e a consciência da necessidade de compor com o Brasil.

Ora, Berlim recupera, durante o primeiro semestre de 1938, todo seu antigo prestígio na Europa, em especial na região do Danúbio e nos Bálcãs, onde as idéias nacionais-socialistas, aliadas à penetração econômica, fazem da Alemanha o Estado mais influente da região.²⁰

Em 1937, o Brasil havia declinado o convite para participar do *Pacto Anti-Komintern* e, neste momento, promovia a implantação de uma política de nacionalização voltada especialmente aos “quistos étnicos” alemães no sul do país. Os vínculos do país com Washington se fortaleciam a partir da nomeação de Oswaldo Aranha para o Ministério das Relações Exteriores brasileiro em março de 1938.

O telegrama confidencial enviado do Ministério das Relações Exteriores, no Rio de Janeiro, para a Embaixada do Brasil, em Berlim, relata uma visita do diplomata.

O Embaixador alemão veio ver-me ontem para tratar, entre outros assuntos, do fechamento das organizações nazistas e sua dissolução ordenados pela polícia de alguns dos nossos Estados. No correr da nossa conversa declarou-me o Embaixador que, caso essa medida fosse mantida, ele tinha a impressão de que as relações brasileiro-alemães ficariam seriamente comprometidas. Vossa Excelência compreenderá que essas medidas nos são indispensáveis e que antes de adotá-las nós consideramos todos os riscos e perigos que elas comportam, mas que estamos decididos a não abrir mão delas, mesmo porque estamos convencidos de que a Alemanha agiria da mesma sorte se tratasse de organizações políticas brasileiras em território alemão.²¹

¹⁹ *Reclamações apresentadas pela Embaixada da Alemanha no Rio de Janeiro*. Correspondência: Nazismo no Brasil, Alemanha (1934-1940), AHI.

²⁰ SEITENFUS, 2000, p.127

²¹ *Nazismo no Brasil. Confidencial*. Correspondência: Nazismo no Brasil, Alemanha (1934-1940), Rio de Janeiro. 18 de fevereiro de 1938, AHI.

Para o Terceiro Reich, o Partido era a Alemanha, assim como ser alemão era ser nacional-socialista. Ritter interpretou a não aceitação do NSDAP pelo Brasil como afrontamento à Nação alemã. A ameaça velada do Embaixador sobre o futuro da relação entre os dois países chama a atenção no relato. Ela também esteve presente nas reclamações enviadas ao Itamaraty, cujos principais assuntos abordados foram as ações de nacionalização, a prisão dos membros do Partido Nazista e a atitude anti-alemã da imprensa brasileira. A insistência em garantir o funcionamento do NSDAP no Brasil também deveu-se bastante à posição pessoal de Ritter, haja vista a recomendação da Organização para o Exterior pela conciliação.

À mesma época, o Embaixador alemão em Washington informava ao Departamento de Estado norte-americano a adoção de medidas que eliminariam toda e qualquer relação que se tivesse estabelecido entre o governo da Alemanha, seus oficiais e cidadãos nos Estados Unidos com o *Amerika-Deutschervolksbund* e organizações germano-americanas similares. A decisão, comunicada em 28 de fevereiro de 1938, demonstrava o interesse alemão em manter boas relações com os Estados Unidos ao tornar público sua condenação à participação de alemães nas organizações que interferissem na política interna norte-americana ou naquelas que permitissem a seus cidadãos associar-se em organismos idênticos no exterior.

A notícia foi transmitida a Oswaldo Aranha pelo Embaixador norte-americano no Rio de Janeiro, Jefferson Caffery.²² A Alemanha divulgaria as restrições no dia seguinte, dentre as quais ressaltou o seguinte trecho:

²² Amigo pessoal de Oswaldo Aranha, Jefferson Caffery (1886-1974) assumiu a Embaixada dos Estados Unidos no Brasil em julho de 1937, substituindo Hugh Gibson. Encerrou sua missão no Brasil em janeiro de 1945, quando foi transferido para a Embaixada norte-americana em Paris. No Rio de Janeiro, foi substituído por Adolf Berle Jr. Verbete: “Caffery, Jefferson”. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930*, 2001. CD-ROM.

Por razão das inúmeras solicitações de cidadãos do Reich alemão nos Estados Unidos, é reafirmado que cidadãos alemães não devem tornar-se membros da União Germano-Americana ou de qualquer organização substitutiva. Cidadãos alemães que, por razão de desconhecimento desta norma, tenham tornado-se membros da União Germano-Americana ou da *Prospective Citizens League* devem encerrar sua filiação imediatamente.²³

De acordo com Caffery, o Embaixador alemão em Washington declarou que as “organizações substitutivas” foram inseridas no texto para assegurar que as associações não tentassem manter o apoio de cidadãos alemães para reorganizar-se sob outro nome. Além do regulamento, seriam distribuídas instruções aos consulados para vigiar o cumprimento das normas pelos alemães e autorizando a apreensão do passaporte em caso de violação da regra. Também seria solicitado que as associações cessassem o uso da bandeira alemã e de emblemas e insígnias que copiassem o modelo nacional-socialista. Por fim, oficiais alemães e membros do NSDAP nos Estados Unidos seriam lembrados de não relacionar-se com a DAB ou organismos associados.²⁴

É possível que a existência de uma associação pró-nazista nos Estados Unidos não fosse do interesse da Alemanha. Pelo contrário, seria até perigoso o envolvimento com um grupo recentemente acusado de atividades anti-americanas. Ao que parece, o apoio oficial da Alemanha às organizações germânicas nazistas no estrangeiro estava sujeita à acolhida dos grupos e da ideologia nacional-socialista nos países de origem, assim como os benefícios políticos e econômicos que tais relações poderiam gerar.

Esse pode ser apontado como um dos motivos da insistência de Ritter em obter garantias para o livre funcionamento do Partido Nacional-Socialista no Brasil. O Embaixador adotou um discurso agressivo ao cobrar de Getúlio Vargas explicações para a

²³ Carta enviada por Jefferson Caffery à Oswaldo Aranha. *Embassy of the United States of America*. Correspondência: Nazismo no Brasil, (1934-1941), Rio de Janeiro, 02 de março de 1938, AHI.

²⁴ Carta enviada por Jefferson Caffery à Oswaldo Aranha, 02 de março de 1938, AHI. Caffery encerra a carta afirmando que o Presidente Roosevelt ficaria grato em repassar à Vargas informações sobre todo movimento similar que possa surgir nos Estados Unidos.

proibição do Partido em Santa Catarina e as novas prisões de cidadãos alemães e de partidários no Rio Grande do Sul no início do mês de março. Segundo Ritter, em audiência com Vargas em 25 de fevereiro de 1938, o presidente havia declarado que a existência do NSDAP “já não estava mais em jogo”, devendo a Embaixada alemã, juntamente com o Ministro da Justiça e Negócios Interiores, fixar as suas atividades.

Nessas circunstâncias, devo supor que as instruções de Vossa Excelência ainda não chegaram ao conhecimento das autoridades competentes estaduais. Ficaria, pois, mui grato a Vossa Excelência se, no interesse das conversações entabuladas, houvesse por bem ordenar que as autoridades competentes estaduais estabeleçam, efetivamente, a base entre nós combinada, afim que não continue posta em jogo a existência do *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* e nem sejam tomadas novas medidas policiais contra o *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* ou os seus membros.²⁵

O encontro com Karl Ritter no dia 25, no Palácio Rio Negro, em Petrópolis, foi registrado por Vargas em seu diário. Apesar de longa, a citação ilustra os argumentos alemães pela permanência legal do NSDAP, as justificativas brasileiras para sua posição e o “ruído” na comunicação, que foi interpretado por Ritter como confirmação para suas solicitações.

A palestra com o embaixador alemão revestiu-se de certa gravidade. Vinha reclamar contra as medidas tomadas por algumas autoridades estaduais contra o funcionamento do Partido Nazista no Brasil. Disse-me que esse partido não poderia ser comparado com qualquer outro porque era a própria Alemanha oficial, e que o governo alemão – Hitler – defendia os alemães fora do seu território. Falou-me das situações de desentendimento com a Áustria por esse motivo, que a nossa dissolução dos partidos políticos era um assunto privado, referente apenas aos que tinham registro no Tribunal Eleitoral etc., e que o nosso próprio convênio comercial não poderia ter andamento sem que se resolvesse esse caso.

Respondi-lhe que não podia disfarçar a delicadeza do assunto, que a Alemanha era uma (nação) poderosa perante a qual o Brasil era um país fraco, mas que por isso mesmo a nossa suscetibilidade nacional era maior: que nós éramos uma nação soberana, não éramos colônia de ninguém, e que nada poderíamos aceitar que tivesse um caráter de imposição. Éramos, além disso, um país de imigração, e não poderíamos fazer a eles concessões que pudessem ser invocadas por outras colônias estrangeiras, com direito a idênticas reclamações. Finalmente, que a nossa questão não era da existência de alemães pertencentes ao Partido Nazista no Brasil, mas à forma por que eles exerciam sua atividade. Isto era o que

²⁵ *Carta enviada por Karl Ritter à Getúlio Vargas*. Correspondência: Nazismo no Brasil, (1934-1941), Rio de Janeiro, 08 de março de 1938, AHI.

precisava ser examinado e regulado. Que ele apresentasse uma exposição do que desejava, e o governo brasileiro a examinaria.

Ele pediu-me que cessasse qualquer repressão policial, que faria cessar qualquer atividade do elemento nazista até que chegássemos a uma solução. E assim ficou combinado.²⁶

Para acalmar os temores norte-americanos quanto ao Estado Novo no Brasil, Vargas cedeu à Aranha a orientação da política externa brasileira voltada ao estreitamento de vínculos com os Estados Unidos, contrabalançando a tendência pró-Eixo de grande parte do novo gabinete ministerial.

Seitenfus também destaca a constatação de Karl Ritter, pela primeira vez, do contraste entre uma minoria de alemães nacional-socialistas no Brasil e o amplo contingente de teuto-brasileiros que rejeita o regime nazista. Sobre essa posição delicada, Ritter escreve Ministério das Relações Exteriores da Alemanha que “se atingirmos um ponto crítico em que os alemães do Brasil se encontrassem diante da alternativa cultura brasileira *versus* cultura alemã, eles escolheriam o Brasil. Nossa tarefa, se quisermos salvar o trabalho destas últimas décadas, é evitar essa situação”.²⁷

A veiculação de informações na Alemanha sobre a situação dos cidadãos alemães no Brasil foi comunicada ao Itamaraty pelo Embaixador brasileiro em Berlim, Muniz de Aragão²⁸:

O Correspondência Diplomática, órgão oficioso do Ministério das Relações Exteriores, em edição de ontem à noite publicou comentários relativos à suposta situação de desarmonia existente entre as autoridades brasileiras e os elementos alemães, residentes no Brasil, como consequência das novas medidas que

²⁶ VARGAS, Getúlio. *Getúlio Vargas: Diário*. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995. p.111

²⁷ SEITENFUS, 2000, pp. 126, 127

²⁸ José Joaquim de Lima e Silva Muniz de Aragão (1887-1974) era sobrinho-neto de Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias. Ingressou no Ministério das Relações Exteriores em 1908 como auxiliar de gabinete do ministro José Maria da Silva Paranhos Júnior, o Barão de Rio Branco. Foi nomeado Embaixador na Dinamarca, em junho de 1931. Assumiu a legação brasileira em Berlim em dezembro de 1935, elevada à Embaixada no ano seguinte. Após a saída da Alemanha, foi nomeado embaixador na Inglaterra em janeiro de 1940. Verbete: “Aragão, Muniz de”. In: *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930*, 2001. CD-ROM.

impedem o desenvolvimento da organização alemã. O artigo foi escrito em termos corretos e se vê claramente que obedece a orientação do Partido Nacional Socialista, que sempre agita as questões da mesma natureza, de acordo com o seu programa, em relação aos alemães residentes no estrangeiro. Remeto pela primeira mala o texto da referida publicação.²⁹

Em relato confidencial enviado em 04 de abril, Muniz de Aragão avaliava as repercussões da nota publicada no boletim em 21 de março, falando da “suposta desinteligência existente atualmente entre as autoridades brasileiras e as organizações germânicas no Brasil”.³⁰ Ele explicou que o *Correspondência Diplomática Alemã* era um órgão oficioso do Ministério dos Negócios Estrangeiros, editado pelo *Deutsches Nachrichten Büro* (DNB), e que as informações sobre a publicação repassadas pelo Embaixador Ritter ao Itamaraty, desvinculando o Boletim do NSDAP, foram rapidamente retificadas pelo Diretor de Serviços de Imprensa local.

Aragão afirmava que tal publicação em geral interpretava o pensamento da direção diplomática do Reich. Pessoalmente, ele fora informado que a nota não expressava o pensamento da *Wilhelmstrasse*, o Ministério das Relações Exteriores da Alemanha. Entretanto,

(...) obedece claramente a orientação do Partido Nacional-Socialista, o qual, sempre que pode, agita questões dessa ordem, de acordo com o seu programa em relação aos alemães fixados no estrangeiro, que ele se esforça, cada vez mais, de atrair para a Alemanha, considerando-os sempre como fazendo parte integrante dela, o que o Itamaraty não ignora pelas informações que sobre o assunto tenho prestado repetidamente.

Na visão do Embaixador, era visível a imposição do Partido Nacional-Socialista em todos os setores administrativos do Terceiro Reich. A “partidarização” afetava também a

²⁹ *Telegrama enviado por Muniz de Aragão à Oswaldo Aranha. Embaixada do Brasil em Berlim. Correspondência: Nazismo no Brasil, (1934-1941), Berlim, 22 de março de 1938, AHI.*

³⁰ *Embaixada dos Estados Unidos do Brasil na Alemanha. Ofício nº167. Confidencial. Correspondência: Nazismo no Brasil, (1934-1941), Berlim, 04 de abril de 1938, AHI.*

política externa, com especial destaque ao crescimento da importância da A.O. no governo da Alemanha. Comentava Muniz de Aragão:

A nomeação do Embaixador von Ribbentrop, homem do Partido, das primeiras horas, para dirigir a *Wilhelmstrasse* e o aumento crescente de autoridade da organização relativa aos alemães no estrangeiro, que funciona integrada no Ministério dos Estrangeiros, é uma evidente prova daquela aproximação.

Mais adiante, ele sintetizou: “Aqui ninguém ignora que o Partido Nacional-Socialista e o Governo do Reich estão perfeitamente identificados e a forma adotada oficialmente, a todo momento repetida, é que O PARTIDO COMANDA O ESTADO.”

A correspondência sublinha a desconfiança na tentativa de criar desavenças entre os dois países, que estavam negociando um novo acordo comercial.³¹ Informado pelo Itamaraty de como o comentário publicado na *Correspondência Diplomática Alemã* havia repercutido na América do Sul, Muniz de Aragão conversou com um representante da agência de notícias norte-americana *United Press*, que divulgara a referida nota, expedida para sucursal em Buenos Aires. “Pude verificar, pelos documentos que me deu a ler e que me pareceram autênticos, que o telegrama que sobre o assunto ele enviara para a América do Sul condiz perfeitamente com o texto alemão.” A deturpação, pensara o Embaixador,

deve ter sido feita no Rio da Prata ou talvez no Brasil, e não estou longe de crer, por elementos tendenciosos que infatigavelmente procuram intrigar-nos com a Alemanha. Aliás, os jornais dos Estados Unidos e as suas edições europeias tentaram agitar a opinião pública, chegando mesmo a referirem-se a problemas de minorias alemãs no Brasil, do que absolutamente não cogita o artigo da *Correspondência Diplomática*. É um assunto que nunca foi levantado pelo atual Governo Alemão.³²

Muniz de Aragão aproveitou os boatos gerados pela imprensa para colocar ao Ministério alemão que as relações recíprocas entre os dois países poderiam ter sido

³¹ Em março de 1938, o governo brasileiro estabeleceu um tratado com a *Krupp* para compra de armas para o Exército. Outro acordo seria firmado em agosto de 1939. GAMBINI, Roberto. *O duplo jogo de Getúlio Vargas: influência americana e alemã no Estado Novo*. São Paulo: Edições Símbolo, 1977. p.121

³² *Embaixada dos Estados Unidos do Brasil na Alemanha. Ofício nº167. Confidencial*, Berlim, 04 de abril de 1938, AHI.

afetadas pela “desagradável atmosfera criada inabilmente pelo citado artigo” e exploradas “contra o próprio Governo alemão pelos seus inimigos políticos bem como pelos seus concorrentes comerciais”. A referência aos Estados Unidos é mais do que clara.

No relatório político confidencial enviado ao *Auswärtiges Amt* em 30 de março de 1938, Ritter analisou o que chamava “a questão alemã” para o governo brasileiro. Ao elencar as possíveis razões da postura adotada “em relação ao elemento germânico”, o documento verbaliza a preocupação com os *Volksdeutsche* e os *Reichsdeutsche* como consequência do ato de proibição do NSDAP. Ao iniciar o relato, o embaixador informou não estar se referindo

aos artigos de propaganda contra a Alemanha, constantemente repetidos em um setor da imprensa brasileira. Esses artigos podem, em sua maioria, ser atribuídos a judeus, “emigrés”, padres católicos irados, e a seus seguidores, alemães descontentes e desafetos, e recentemente também a austríacos, assim como à venalidade da imprensa local. Só em pequeno grau eles podem ser realmente atribuídos a verdadeiros inimigos da Alemanha.³³

Seu foco está na observação de que os governos federal e estaduais não apenas permitiam, como incentivavam as campanhas contra o Partido Nacional-Socialista e seus partidários individualmente.

Certamente não é verdade que o Presidente tenha um antagonismo pessoal à Alemanha ou aos alemães. (...) Contudo, o Presidente está obcecado com a idéia de eliminar as diferenças étnicas existentes na população brasileira, e criar uma raça brasileira homogênea, com uma língua e uma cultura uniformes. Aí então, os *Volksdeutsche*, aproximadamente um milhão nos três Estados do Sul, perturbam-no fortemente, porque mantiveram sua língua, sua cultura e sua consciência racial, mais do que os italianos, os holandeses, os polacos e outros. Mesmo que acreditassem em nossas afirmativas de que a atividade do NSDAP é estritamente limitada aos nacionais alemães, eles temem que a sua forte organização e a recentemente despertada consciência nacional alemã exerçam uma influência espontânea e inevitável também sobre os cidadãos brasileiros de origem alemã; e que, a partir de agora, sejam prejudicados seus esforços para eliminar as diferenças étnicas da população brasileira e criar uma raça brasileira. A mesma atitude também explica a supressão ocasional de escolas alemãs e da língua alemã nas igrejas, assim como a atitude hostil contra toda forma de ação

³³ *Do Embaixador do Brasil para o Ministério do Exterior. Confidencial.* Rio de Janeiro, 30 de março de 1938. In: *O III Reich e o Brasil*, 1968, p. 27.

unida e exclusiva dos elementos germânicos, sem consideração de estarem envolvidos nacionais alemães ou cidadãos brasileiros de origem alemã.³⁴

Ritter destacava a ampla dependência política do Brasil em relação aos Estados Unidos, que ampliara, segundo ele, sua esfera de combate à Alemanha para além do econômico e comercial, sendo este um novo fator de explicação para a perseguição do NSDAP no país. O Embaixador finalizou o relatório dizendo ser provável a existência de outras razões para a atitude do governo brasileiro, mas que acreditava ser uma tomada de posição permanente.

Análises posteriores, realizadas pela Organização para o Exterior do NSDAP, procuraram compreender os motivos para a proibição do Partido Nazista pelo governo brasileiro. Em um documento pertencente ao material preparatório da Conferência dos Chefes das Missões Alemãs nas Américas do Sul e Central, assinado por Schlimpert, são apontados quatro fatores para o posicionamento do Brasil: pressões políticas e ideológicas da América do Norte; imperialismo econômico e pressões financeiras da América do Norte; aspirações nativistas do próprio país; medo do governo brasileiro que as organizações partidárias ameaçassem a “brasilidade”, separando os indivíduos de origem alemã do conjunto da população.³⁵ Nota-se que a influência do fator externo, representado pelos Estados Unidos, destacava-se entre as preocupações da Alemanha nazista no continente latino-americano.

Ao mesmo tempo, a análise apresentada no relatório da direção do grupo local de Santa Cruz, estado do Rio Grande do Sul, foca-se na agressividade. A dissolução do Partido Nazista, na visão do líder partidário Oscar Agte, seria reflexo do “sentimento de inferioridade” do brasileiro frente ao progresso que os alemães do Reich haviam trazido

³⁴ *Do Embaixador do Brasil para o Ministério do Exterior. Confidencial.* Rio de Janeiro, 30 de março de 1938. In: *O III Reich e o Brasil*, 1968, pp. 27, 28.

³⁵ *Brasilien.* Büro des Staatssekretär. Akten betreffend: Amerika. Sem data, PAAA.

para o Brasil, ao qual se refere como “terra sem povo”. Citando os conhecimentos da época sobre raça e miscigenação, afirmava que a oposição aos alemães foi alimentada pelos judeus e maçons ao redor do mundo, além da imprensa bolchevique.³⁶

Apesar dos esforços de Ritter, o governo brasileiro jamais demonstrou intenção em recuar da decisão de banir o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães do país. Em reação, três dias após a publicação do Decreto-Lei nº 383, Ritter apresentou protesto oral junto ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores e recomendou o isolamento do Embaixador brasileiro em Berlim e a mudança de atitude da imprensa alemã como medida de retaliação ao Brasil. A proibição dos partidos políticos e das atividades políticas de estrangeiros deveria ser propagado como “ato conscientemente inamistoso contra a Alemanha, provocado pela influência dos Estados Unidos”.³⁷

Os membros do Partido Nazista foram instruídos a assinar um termo de compromisso, assumindo a responsabilidade por qualquer ato faltoso referente ao assunto, isentando a Embaixada em possíveis ocorrências futuras.³⁸ A correspondência partidária passou a ser encaminhada através de malas consulares e os documentos arquivados nas sedes do NSDAP e junto às suas lideranças foram remetidos aos Consulados mais próximos e, posteriormente, enviados pela Embaixada no Rio de Janeiro para a Alemanha.

No dia 10 de maio de 1938, Ritter escreve ao Itamaraty protestando contra os efeitos do Decreto-lei sobre o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães. Segundo o Embaixador, o NSDAP deveria ser considerado de modo diferente pelas autoridades brasileiras por ser o Partido do Estado do Reich Alemão. Diz ele,

³⁶ *Lageberich des bisherigen Ortsgruppenleiters der AO in Santa Cruz/Brasilien*. Santa Cruz, 23 de setembro de 1938. Chef A/O. Akten betreffend: Brasilien, PAAA.

³⁷ *O III Reich e o Brasil*, 1968, nota 4, p. 40.

³⁸ *Cópia autêntica de um trecho de declarações constante do inquérito sobre atividades do Banco Alemão Transatlântico*. Declarante: Otto Braun. São Paulo, 23 de setembro de 1943, AESP.

na Alemanha, ele é constitucionalmente parte integrante das organizações do Estado e lhe são confiadas determinadas tarefas. Entre outras ele está incumbido da educação política dos cidadãos do Reich dentro e fora do país. Todo e qualquer Governo pode reclamar para si o direito de dirigir a concepção política dos cidadãos de seu país, para as suas necessidades e a sua formação de Estado, e de criar organizações para esse fim. (...) Na Alemanha, essa tarefa foi confiada ao Partido do Estado. A proibição atinge pois um órgão da Administração do Estado Alemão e significa uma ofensa ao Estado Alemão e ao Governo Alemão.³⁹

Ritter ressaltava que eram poucos os países que criaram empecilhos às atividades do Partido Nazista em seus territórios e que seus membros estavam instruídos a não se envolver na política interna ou nos negócios dos “países hospitaleiros”. A Alemanha teria ficado surpresa com a atitude, pois considerava suas relações com o Brasil amistosas, e alegou não ter sido convincente a explicação de que não seria permitido aos estrangeiros manterem os direitos políticos quando estes também foram proibidos aos brasileiros.

Outra reclamação referente ao Decreto-lei nº 383 era a respeito das “graves interferências na vida associativa das colônias alemãs do Reich no Brasil”, pois a lei colocava “muralha” entre as colônias e “seus amigos brasileiros”, além de protestos contra a atitude desrespeitosa da imprensa brasileira. Apesar de permitir a associação de estrangeiros para fins culturais, beneficentes e de assistência, bem como a reunião para comemoração de datas nacionais, desde que previamente autorizados pela polícia, as organizações não poderiam receber ajuda financeira do exterior, tanto de governos, quanto de particulares. Também eram proibidos “hastear, ostentar ou usar bandeiras, flâmulas e estandartes, uniformes, distintivos, insígnias ou quaisquer símbolos de partido político estrangeiro” e, especialmente, em relação à prática política: “Exercer ação individual junto a compatriotas no sentido de, mediante promessa de vantagens, ou ameaça de prejuízo ou

³⁹ *Carta enviada por Karl Ritter à Oswaldo Aranha*. Tradução. Correspondência: Nazismo no Brasil, Alemanha (1934-1940). Rio de Janeiro, 10 de maio de 1938, AHI.

constrangimento de qualquer natureza, obter adesões a idéias ou programas de partidos políticos de origem”.⁴⁰

Oswaldo Aranha responde à Embaixada alemã no Rio de Janeiro uma semana depois. O Ministro afirmou que o governo brasileiro não aceitaria o protesto da Alemanha por não enxergar suas razões e argumenta que a expedição do decreto “obedeceu a um propósito de defesa nacional, ou melhor, ao intuito de preservar a integridade nacional. Decorreu, pois, do direito da conservação, que é fundamental para todo Estado”. Aranha rebate as acusações de Ritter:

Vossa Excelência pretende, entretanto, excluir das medidas ali contempladas as organizações dependentes do Partido Nacional-Socialista Alemão, sob a alegação de que o dito partido constitui órgão da administração do Estado alemão e deste é como que uma emanção direta.

Semelhante pretensão é inadmissível, pois não podemos absolutamente reconhecer a Governo algum o direito de, ao lado da sua representação diplomática e consular, manter em território brasileiro órgãos da sua administração, incumbidos de qualquer atividade de natureza política.

Admitir o contrário seria como que permitir a existência de um Estado estrangeiro dentro do Estado nacional.

(...) Em todo caso, não creio que Vossa Excelência pretenda negar-nos o direito de legislar para os nossos nacionais da maneira que julgarmos possível.⁴¹

Finalizando, Oswaldo Aranha comunica à Karl Ritter que a censura oficial está instruída a não permitir referências injuriosas aos chefes de Estado estrangeiros ou aos povos amigos. No entanto, as suspeitas de participação de elementos nazistas na Intentona Integralista teriam despertado manifestações contrárias na imprensa, segundo Aranha, “perfeitamente justificáveis”.

Após tentar durante meses reverter a sua proibição, os dirigentes da AIB orquestraram uma tentativa de golpe no Palácio Guanabara, residência presidencial, na

⁴⁰ Artigo 2º, parágrafo 2 e 3. *Decreto-Lei nº 383, de 18 de abril de 1938*. “Veda a estrangeiros a atividade política no Brasil e dá outras providências”.

⁴¹ *Carta enviada por Oswaldo Aranha à Karl Ritter*. Correspondência: Nazismo no Brasil, Alemanha (1934-1940). Rio de Janeiro, 17 de maio de 1938, AHI.

noite de 10 de maio de 1938. O ataque foi comandado por Severo Fournier, cidadão brasileiro, representante comercial de empresas alemãs, através das quais teria adquirido armas e munições.⁴² Com a suspeita de colaboração de partidários nazistas na Intentona, levantada pelos jornais brasileiros, Ritter imediatamente recomenda à imprensa alemã que trate o caso de modo sensacionalista, destacando o descontentamento popular, a submissão brasileira aos Estados Unidos e à traição de Vargas aos integralistas.⁴³ A personalidade do embaixador alemão se sobressaiu nessas atitudes, resumidas na seguinte descrição de Ricardo Seitenfus: “Trata-se de um homem cujo lado prático faz com que a busca por resultados imediatos sobreponha-se às considerações diplomáticas”.⁴⁴

Ernst von Weizsäcker, secretário de Estado do AA, respondeu à Ritter recomendando cautela.

Nossas relações com o Brasil em si são amistosas, e não devem impedir-lo de no futuro tomar mais severo o tom de suas “démarches”. Contudo, estamos certos de que não temos meios disponíveis de pressão, ou pelo menos só os temos até um limite muito pequeno. A importância do que está em jogo, ou seja, o prestígio e a preservação da colônia alemã no Brasil, requer entretanto que se fale francamente.⁴⁵

Rapidamente, Ernst Bohle enviou novas diretrizes para o trabalho dos núcleos nazistas na América Latina para todas as Missões alemãs no continente, com instruções para que fossem repassadas aos chefes de grupos nacionais e demais chefes locais de núcleos do NSDAP.

A situação exige as seguintes medidas em apoio do trabalho da Auslandsorganisation: 1) Evitar-se qualquer atividade aberta; concentração de forças na doutrinação interna. 2) Afastamento dos Volksdeutsche; demissão dos Volksdeutsche e pessoas com dupla nacionalidade do Partido, do Front Alemão de Trabalho e de duas formações; separação dos nacionais alemães das

⁴² SEITENFUS, 2000, p. 144.

⁴³ *Do Embaixador no Brasil para o Ministério do Exterior. Assunto: Tentativa de insurreição no Brasil.* Rio de Janeiro, 12 de maio de 1938. In: *O III Reich e o Brasil*, 1968, p. 47.

⁴⁴ SEITENFUS, loc. cit., p. 127.

⁴⁵ *Do Secretário de Estado para o Embaixador no Brasil. Telegrama n° 89.* Berlim, 14 de maio de 1938. In: *O III Reich e o Brasil*, 1968, p. 54.

organizações volksdeutsche com objetivos políticos. 3) Preparação para o estabelecimento de organizações para nacionais alemães, dirigidos do interior do partido. O Chile é um exemplo. Submeter estatutos da organização a Berlim. Diretivas detalhadas seguem por correio.⁴⁶

Um dos principais temores de Ritter era que outros países seguissem o exemplo brasileiro e proibissem o NSDAP em seus territórios. Quatro dias após a resposta de Aranha, Karl Ritter recusa o convite do Itamaraty para um evento,

(...) dizendo que em circunstâncias normais a embaixada teria tido prazer em aceitá-lo, mas que eu considerava pouco digno, da parte dos membros da embaixada, dançar em um baile do Ministro das Relações Exteriores ao mesmo tempo que nacionais alemães eram presos sob suspeita totalmente infundada de terem participado, de alguma maneira, de um atentado contra a vida do presidente do Brasil e de um *putsch* contra o governo brasileiro.⁴⁷

O atrito gerado com o Ministério das Relações Exteriores brasileiro, em um delicado momento diplomático e político entre os dois países, gerou reações imediatas da *Wilhelmstrasse*. O Ministro Ribbentrop, ao tomar conhecimento da rusga entre Ritter e Aranha, determinou a Weizsäcker que escrevesse ao embaixador alemão no Brasil para evitar tais declarações quando não tinha autorização específica.⁴⁸

Para o Itamaraty, a postura não-diplomática de Ritter tornou insustentável sua permanência no Rio de Janeiro. Após a viagem de Ritter para o Congresso do NSDAP na Alemanha, Moniz de Aragão comunica oficialmente à AA, em setembro de 1938, o pedido

⁴⁶ *Circular do Chefe da Auslandsorganisation do Ministério do Exterior*. Berlim, 18 de maio de 1938. In: *O III Reich e o Brasil*, 1968, p. 63. Nos dias 28 e 29 de julho de 1938, os embaixadores alemães na Argentina, Brasil, Chile e Uruguai reuniram-se em Montevideo para analisar a situação política desfavorável em relação aos nazistas nesses países. Foram debatidos a situação política geral na América do Sul, a política comercial, o germanismo, a situação das associações alemãs e das escolas, a repatriação de cidadãos e o tráfego de estrangeiros, entre outros temas. JACKISH, 1997, p. 236; *O III Reich e o Brasil*, 1968, p. 103-109.

⁴⁷ Karl Ritter, *Les Archives Secrètes de la Wilhelmstrasse...* APUD SEITENFUS, 2000, p.145. As suspeitas iniciais foram apaziguadas com comunicado oficial de Getúlio Vargas afirmando que não foi comprovada a participação de elementos nazistas no golpe.

⁴⁸ SILVA, Hélio. *1938. Terrorismo em Campo Verde*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971. (O Ciclo de Vargas, vol. X) p. 272

de substituição de Karl Ritter, o que lhe foi negado. Em represália, a diplomacia alemã solicitou a reconvocação imediata do embaixador brasileiro em Berlim.⁴⁹

Portanto, a partir de outubro de 1938, as respectivas embaixadas são decapitadas, tornando impossível qualquer tentativa de apaziguamento. Iniciada em dezembro do ano anterior, a crise germânico-brasileira atinge seu ponto culminante. Apesar de descartar a hipótese de ruptura das relações diplomáticas, não se esboça nenhuma solução para o conflito. À atitude firme do Brasil sobre as questões importantes, como a substituição de Ritter e a proibição do NSDAP, acrescenta-se a intransigência de Berlim, que prefere adotar uma diplomacia de força, afastando-se assim do cenário nacional.⁵⁰

Apesar da retirada dos embaixadores, o trabalho nas representações diplomáticas de ambos países no exterior não foi interrompido. Os atritos gerados pela proibição do Partido Nacional-Socialista quase provocaram a ruptura diplomática entre os dois países. Para o Brasil, era fundamental a eliminação de organismos com vínculos políticos e identitários no estrangeiro como medida de reafirmação do nacionalismo brasileiro. Para a Alemanha, o fechamento do Partido do Estado representava intervenção e hostilidade em sua relação com cidadãos alemães.

Após a proibição do Partido Nazista no Brasil, outros países na América Latina seguiram o exemplo. Entretanto, os banimentos e as perseguições jamais modificaram a intenção do NSDAP de persistir com suas atividades no exterior. A Conferência dos Chefes das Missões Alemãs nas Américas do Sul e Central, realizada em Berlim no dia 12 de junho de 1939, debateu as relações da Alemanha com os países da América Latina, com destaque para a preocupação com a perda da liderança nos países do ABC (Argentina, Brasil e Chile) frente à pressão norte-americana.⁵¹

A recomendação em relação ao Brasil direcionava-se aos cuidados no tratamento das questões políticas, pois havia interesse de manter o país neutro em caso de eventual

⁴⁹ SEITENFUS, 2000, pp. 154, 155.

⁵⁰ Idem, p. 156.

⁵¹ *Durchcruck*. Büro des Staatssekretär. Akten betreffend: Amerika. Berlim, 23 de maio de 1939, PAAA.

guerra na Europa. Para tanto, era necessário evitar manifestações que atingissem o “sentimento nacional” brasileiro ou que alertassem a vigilância e a interferência dos Estados Unidos. Propunha-se, então, a suspensão das ações externas do Partido, mantendo-se, porém, o trabalho de comunicação entre os núcleos, e a separação radical entre os cidadãos alemães e os descendentes na liderança, organização e supervisão dos trabalhos restantes. Insistia-se em não fazer o cumprimento nazista em público, nem usar uniformes e distintivos. Foi aconselhado o estabelecimento de associações locais engajadas à ideologia do Terceiro Reich, mas com direção honorária de um brasileiro, de acordo com as leis locais, de modo a garantir as atividades culturais, sociais, esportivas e as obras de caridade. As atividades partidárias, mesmo que limitadas, seriam exercidas através dos consulados, com objetivos de expandir as ações de propaganda, divulgação de filmes e das transmissões radiofônicas, intercâmbios de professores e estudantes, entre outras ações.⁵²

Na esteira da Campanha de Nacionalização, diversas leis de restrição aos estrangeiros foram promulgadas no Brasil. As legislações estaduais decretaram a proibição de jornais e impressos em língua estrangeira, a nacionalização integral do ensino primário e a exigência de que as prédicas religiosas fossem realizadas em língua portuguesa, entre outras medidas. O ingresso de estrangeiros no país ganhou nova regulamentação e foram adotadas, a partir de agosto de 1938, cotas para imigração.

Após quase dez anos de atividades sem restrições no Brasil, o NSDAP enfrentou as conseqüências da mudança na orientação política do governo Vargas. A política interna assumiu um caráter nacionalista, autoritário e centralizador, o que não permitiria ser indiferente às organizações políticas locais. No caso do nazismo, tratava-se de uma ideologia política contrária ao ideal de Nação que estava sendo construído nos anos 1930,

⁵² *Brasilien*. Sem data, PAAA.

no qual a diversidade racial e cultural era considerada o traço positivo e diferencial da identidade brasileira, rica em manifestações e uniforme em seu desejo de progresso.

A aproximação política entre a Alemanha e o Brasil sofreu grande interferência dos Estados Unidos, da Inglaterra e França, preocupados com o crescimento da Alemanha no cenário mundial. O alardeado “perigo alemão” foi fomentado pela propaganda anti-nazista e ganhou fôlego ainda maior com o medo de invasão dos estados do sul do Brasil. Mais do que qualquer boato, foram as exigências do governo alemão em relação aos teuto-brasileiros e a pouca habilidade de sua diplomacia que fizeram pender a balança de interesses brasileiros para o lado norte-americano. O argumento decisivo para a proibição das atividades nacional-socialistas em território nacional esteve na necessidade de fortalecimento político do regime recém-instaurado. Apoiado em um discurso em prol da ordem social e da segurança nacional, o Estado Novo não comportaria uma organização exógena, contrária às suas concepções de Nação e de identidade nacional.

Mesmo com posterior ajuste nas relações diplomáticas entre os dois países, com envio de Ciro de Freitas Vale para a Embaixada em Berlim em agosto de 1939 e de Kurt Prüfer para o Rio de Janeiro, as conseqüências da crise entre Brasil e Alemanha foram irreversíveis. A influência alemã decaiu e a livre aproximação dos Estados Unidos gerou uma inflexão da posição brasileira, crescente até a declaração de guerra à Alemanha na Segunda Guerra Mundial.

PARTE II: NAZISMO NO RIO GRANDE DO SUL

Ao afastar-se do cargo de presidente do estado do Rio Grande do Sul para liderar o movimento revolucionário que o levaria à Presidência da República em 1930, Getúlio Vargas foi acompanhado por inúmeros sul-riograndenses que logo ocupariam postos de destaque no governo federal.¹ Oswaldo Aranha, secretário do Interior a quem Vargas transmitiu o governo do Estado, assumiria o Ministério da Justiça imediatamente após a Revolução de 30 e, em seguida, o Ministério da Fazenda. João Neves da Fontoura, vice-presidente, renunciou ao cargo e, posteriormente, foi indicado consultor jurídico do Banco do Brasil. O deputado federal Lindolfo Collor foi nomeado para o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, enquanto Maurício Cardoso assumiu a pasta da Justiça em dezembro de 1931. José Antônio Flores da Cunha, então senador, foi nomeado interventor federal no Estado. Juntamente com Firmino Paim Filho, secretário estadual da Fazenda, esse grupo de políticos, nascidos no Rio Grande do Sul ao final do século XIX, iniciaram suas carreiras no Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), eram formados em Direito (com exceção de Collor) e compunham o que o historiador Joseph Love chamou de “geração de 1907”.² Em

¹ GERTZ, René. *O Estado Novo no Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2005. p.10

² GRIJÓ, Luiz Alberto. “Uma cena campeira na avenida Central: políticos rio-grandenses e a *Revolução de 30*”. In: GRIJÓ, Luiz Alberto et. al. (orgs). *Capítulos de história do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 292. LOVE, Joseph. *O regionalismo gaúcho*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

comum, também tinham Borges de Medeiros como principal influência política durante a Primeira República, sobretudo na defesa da autonomia estadual e da descentralização política. No entanto, a postura adotada pelo novo governo Vargas não seguiu tal premissa:

Vargas e grande parte dos outros detentores do poder tinham uma visão centrada no Estado nacional, o que significava que o governo federal não deveria mais atender, em primeiro lugar, o estado de origem do eventual presidente da República nem tolerar uma autonomia excessiva das unidades federais ou permitir que os políticos de um único estado dominassem o governo federal. Nessas condições, o Rio Grande do Sul conquistara o poder federal, mas não se beneficiaria dessa situação, como costumavam fazer os detentores do poder antes de 1930 (...).³

Até o ano de 1937, a economia rio-grandense permaneceu, majoritariamente, baseada na agropecuária, cumprindo a função de fornecer gêneros alimentícios para o restante do país, segundo estipulado pelo governo federal. “Flores da Cunha, concedeu empréstimos aos setores agropecuários atingidos pela crise [de 1929]. Também auxiliou os industriais (...) isentando de pagamentos de impostos muitos produtos industrializados”.⁴ Apesar da indústria local somente ter recebido maiores incentivos para desenvolvimento com o Estado Novo, o Rio Grande do Sul representava, no período, o terceiro parque industrial do Brasil.⁵ O crescimento urbano da capital Porto Alegre no início do século XX esteve associado à expansão de sua industrialização e de sua rede de transportes, que incluía navegação fluvial, ferrovia e aviação civil.⁶ Segundo Alexandre Fortes:

A forte relação de Porto Alegre com essas regiões coloniais, já economicamente consolidadas no final do século passado, respondia por boa parte do acúmulo de capital, posteriormente investido na criação de indústrias. Tal relação era particularmente intensa com a colônia alemã, mais antiga e mais próxima à capital, e se intensificou com a chegada da estrada de ferro a São Leopoldo, em 1874 e a Novo Hamburgo em 1876. Por outro lado, a integração do desenvolvimento econômico das colônias com a urbanização de Porto Alegre constituía-se em um dos elementos de atração para um novo fluxo imigratório dirigido a atividades urbanas. Envolvendo, tanto trabalhadores quanto imigrantes

³ GERTZ, 2005, p. 12

⁴ KÜHN, Fábio. *Breve história do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2002. p. 125

⁵ FORTES, Alexandre. *Nós do quarto distrito...: a classe trabalhadora portoalegrense e a Era Vargas*. Caxias do Sul: EDUSC; Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 23

⁶ Idem, p. 31.

possuidores de algum capital, esse fluxo inicia-se em torno de 1880 e intensifica-se até a década de 30, seguindo o ritmo do crescimento industrial.⁷

A colonização no sul do Brasil, com base na pequena propriedade familiar, teve na imigração de origem germânica um grande impulso a partir de 1824, quando o governo imperial fundou a colônia de São Leopoldo. O início do fluxo imigratório destinado a países como os Estados Unidos, o Brasil, a Argentina e o Chile é anterior à unificação do Estado nacional na Alemanha, que somente ocorreria em 1870. De acordo com Magda Gans, a constituição desse núcleo estrangeiro causaria grande polêmica na então província acerca dos investimentos a serem realizados e do perigo na formação de um “quisto étnico”.⁸ Mais de um século mais tarde, a população estrangeira no Rio Grande do Sul era superior a 150.000 pessoas,⁹ em meio a um total estimado de 3.052.009 habitantes.¹⁰

Durante a Revolução Constitucionalista de 1932, o interventor Flores da Cunha, apesar de ter se comprometido anteriormente com a luta pela reconstitucionalização junto aos paulistas, posicionou-se a favor de Vargas, inclusive enviando tropas da Brigada Militar para o combate e mandando prender Borges de Medeiros, seu antigo mestre, por conta de seu posicionamento a favor dos revolucionários.¹¹ Sandra Pesavento aponta esse momento como a primeira cisão política rio-grandense durante os anos 1930.

(...) a ala regional, tendo em vista a ameaça de perda do poder das oligarquias regionais, rebela-se contra o governo central, enquanto que a ala “nacional”, mais tarde consubstanciada no PRL, identifica-se com a orientação do Governo Provisório, posicionando-se pela ordem e pelo desenvolvimento econômico nacional, no qual o Rio Grande do Sul cumpriria seu papel de “celeiro do país”.

⁷ FORTES, 2004. p. 35

⁸ GANS, Magda Roswita. *Presença teuta em Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 13

⁹ “Recenseamento de 1920 – População do Brasil e das Unidades Políticas, segundo o sexo, o estado civil e a nacionalidade”. In: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *Anuário estatístico do Brasil. Ano II – 1936*. Rio de Janeiro: Tip. do Departamento de Estatística e Publicidade, 1936. p. 49

¹⁰ “População absoluta e relativa do Brasil, das suas Unidades Políticas e dos municípios das respectivas capitais, calculada para 31 de Dezembro de 1935”. In: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, 1936, p. 65

¹¹ GERTZ, 2005, p. 13.

(...) Para a ala regional, a demora na reconstitucionalização era entendida como perda de poder oligárquico, enquanto que, para a ala nacionalista a tutela do centro era compreendida como colaboração e não como subordinação.¹²

Na reorganização política dos apoiadores do governo provisório de Vargas e da Interventoria, foi fundado em outubro de 1932 o Partido Republicano Liberal (PRL) por Oswaldo Aranha e Flores da Cunha, que teria hegemonia nas eleições de 1933, 1934 e 1935.¹³ No entanto, após eleito para o governo do Rio Grande do Sul pela Assembléia Constituinte estadual, Flores da Cunha adotou, a partir de 1935, um posicionamento contrário às propostas de centralização de Vargas para a União. O estopim do rompimento entre os dois políticos teria sido a disputa pelo governo do estado do Rio de Janeiro, na qual Flores não apenas apoiou a oposição, como ainda contestou a validade das eleições após a vitória do candidato indicado por Vargas.¹⁴ Outro ponto de conflito foi a implantação do Estado de Sítio no país após a Intentona Comunista.

No Rio Grande do Sul, Flores da Cunha tentou resistir aos efeitos desse dispositivo constitucional, alegando que em seu estado ele estava mais forte do que em 1932, sem, entretanto, nada conseguir. A posição do governador sul-riograndense era de isolamento, uma vez que a repercussão do levante comunista fortaleceu a imagem de Getúlio junto à opinião pública e criou um espaço de livre trânsito entre a oposição e o seu governo: a partir de então, toda a elite política nacional estava unida no combate ao comunismo.¹⁵

Nesse contexto foi articulada a aproximação do governo estadual com a oposição regional, através do estabelecimento de um acordo entre o PRL e a Frente Única Gaúcha (FUG), composta pelo PRR e o Partido Libertador (PL), que seria denominado *Modus Vivendi*. O fim desse pacto, apenas nove meses após estabelecido, foi marcado pela

¹² PESAVENTO, Sandra. *RS: a economia & o poder nos anos 30*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 185

¹³ AMARAL, Sandra Maria do. *O teatro do poder: as elites políticas no Rio Grande do Sul na vigência do Estado Novo*. Porto Alegre: Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2005. p. 32

¹⁴ BELLINTANI, Adriana Iop. *A conspiração de Flores da Cunha nos bastidores do Estado Novo*. Porto Alegre: Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2001. pp. 33, 34

¹⁵ RANGEL, Carlos Roberto da Rosa. *Crime e castigo: conflitos políticos no Rio Grande do Sul (1928-1938)*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2001. p. 191

desarticulação interna dos três partidos estaduais e pelo reposicionamento *antiflorista* da FUG. “Paralelamente, os aliados de Vargas tiveram sucesso na criação de uma dissidência dentro do PRL do próprio governador”.¹⁶ Era clara a intenção do governo Vargas de neutralizar as oligarquias regionais. Em resposta, Flores da Cunha retomou a compra de armamentos para a Brigada Militar.

Góis Monteiro, chefe do Estado-Maior do Exército, enviou um grande contingente de tropas para Porto Alegre durante os festejos da Semana da Pátria de 1937. Ao final das comemorações, elas não retornaram às suas bases. A declaração de um novo Estado de Guerra seria o ultimato no governo estadual de Flores da Cunha, conforme descreve René Gertz:

Quando foi decretado novo “estado de guerra” no país em função da alegada continuação da subversão comunista, os governadores ficaram responsáveis pela sua execução dentro de seus respectivos estados, exceto os de São Paulo e do Rio Grande do Sul, onde os comandantes das regiões militares foram encarregados de exercer essa função. Isso aconteceu em 2 de outubro de 1937. Poucos dias depois, foi decretada a requisição das polícias militares dos dois estados pelo Exército. Como a cúpula da Brigada Militar se cindisse frente a essa determinação, Flores da Cunha acabou capitulando e, em 17 de outubro, renunciou ao cargo, buscando asilo no Uruguai.¹⁷

As estratégias políticas e militares de Vargas levaram à instalação do Estado Novo no Rio Grande do Sul com três semanas de antecedência.¹⁸ O general Manoel de Cerqueira Daltro Filho, comandante da 3ª Região Militar (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), foi nomeado interventor federal em 20 de outubro de 1937, mas viria a falecer em janeiro de 1938. O coronel Oswaldo Cordeiro de Farias assumiria o governo do estado no início de março de 1938 e seria o principal responsável por conduzir as medidas de repressão ao nazismo no estado.

¹⁶ GERTZ, 2005, p. 15

¹⁷ Idem, pp. 17, 18

¹⁸ Idem, p. 13

A segunda parte da presente tese descreve a estruturação e as atividades do NSDAP no Rio Grande do Sul, buscando compreender quais eram seus objetivos imediatos pelos quais lutaram seus partidários.

Capítulo 4. O Círculo V

Ainda na década de 1920, o nacional-socialismo começou a ser difundido no Rio Grande do Sul. Natural de Berlim, na Alemanha, Bruno Fricke chegou ao estado para administrar uma pequena granja em São Leopoldo.¹ Filiado ao Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães desde os primórdios, Fricke foi voluntário nos *Freikorps* após o fim da Segunda Guerra Mundial. Em junho de 1923, ele foi acusado como cúmplice ao ocultar o assassinato político de um certo Walter Cadow.² A vinda para América do Sul ocorre após a prisão, mas não foram encontrados registros da data de sua entrada no Brasil. As tentativas de atrair adeptos para o movimento nazista entre os alemães de seu círculo de relações não foram exitosas. Fricke teria saído do Rio Grande do Sul em 1927, em direção à Vila Rica, no Paraguai.³

As iniciativas de Fricke para expansão do nazismo foram completamente autônomas. Em 1928, ele ajudou a organizar o primeiro núcleo do NSDAP no Paraguai. De volta à Alemanha no mesmo ano, aproximou-se de Gregor Strasser e, juntos, fundaram a *Bund der Freunde der Hitler Bewegung* (União dos Amigos do Movimento Hitlerista),

¹ PY, Aurélio da Silva. *A 5ª Coluna no Brasil: a conspiração nazi no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1942. p. 368

² NEWTON, Ronald C. *The 'Nazi Menace' in Argentina, 1931-1947*. Stanford, California: Stanford University, 1992. p. 162

³ PY, 1942, p. 369

associação que foi o embrião da Organização para o Exterior do NSDAP.⁴ A proposta era levar aos alemães no exterior o projeto político nazista, além de coletar fundos para o Partido.⁵

Ao mudar-se para Danzig, Bruno Fricke assumiu a liderança das SA locais (*Sturmabteilung* ou Tropas de Assalto, organização paramilitar do Partido Nazista), cujas principais funções eram proteger os encontros do NSDAP e suas lideranças, distribuir propaganda política, recrutar novos membros e combater fisicamente os comunistas. No entanto, em setembro de 1930, Fricke foi expulso do NSDAP, retornando ao Paraguai para liderar a Frente Negra para a América do Sul.⁶ Originalmente chamada União dos Nacional-Socialistas Revolucionários, a Frente Negra ou *Die Schwarze Front* foi um movimento político organizado por Otto Strasser com objetivo de combater o NSDAP e promover uma cisão interna entre os nazistas para enfraquecer o partido e retomar sua

⁴ HEMMER, Jeff. "Third Reich and Spain". In: *Cultiv. Gesellschaft für internationale Kulturprojekte*, 2004. Disponível em: <http://www.cultiv.net/cultranet/1128436657thirdreichandspain_relationsbetween.pdf> p. 03, nota 05. Acesso em: 24 set. 2010.

⁵ JACKISCH, Carlota. *El nazismo y los refugiados alemanes en la Argentina*. 2ª ed. Buenos Aires: Editorial de Belgrano, 1997. p. 203

⁶ NEWTON, 1992, p. 40; PY, 1942, p. 369. As referências apontam duas motivações, de certa forma interligadas, para a expulsão de Fricke do NSDAP. De acordo com Newton, seu desligamento do Partido Nazista estaria vinculado às "atividades pró-proletariado". Como aliado político de Strasser, poderia ser identificado com pertencendo à ala esquerda partidária, que foi expulsa juntamente com o seu líder em 1930 e reuniu-se na nova organização "Frente Negra". Segundo Py, a expulsão seria decorrência do conflito com Hitler por ocasião da revolta de Stennes. Walter Stennes (1895-1989) era chefe da SA em Berlim quando a organização uniu-se para reivindicar maior poder político dentro do NSDAP. Segundo Shirer, "seus membros, inclusive os chefes, aparentemente, acreditavam que a revolução nazista viria pela violência, e com frequência cada vez maior se punham a maltratar e a matar nas ruas seus adversários políticos" (SHIRER, 2008, vol.1, p. 205). Stennes também reivindicava maior verba para as SA e sua representação em três cadeiras no Parlamento alemão. Para conter a revolta, Hitler assume também como Comandante Supremo da SA. Uma nova crise estoura em abril de 1931, levando à expulsão de Stennes e de todos os seus apoiadores. Fricke teria conduzido mais de 3.000 homens da SA para a Frente Negra alemã. Ver: "Stennes Revolt". *Wikipedia, The Free Encyclopedia*. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Stennes_Revolt&oldid=377522244>. Acesso em: 24 set. 2010; "1931 Chronicle". *LeMO, Lebendiges virtuelles Museum Online*. Disponível em: <<http://www.dhm.de/lemo/html/1931/index.html>>. Acesso em: 24 set. 2010; "Stennes, Walter". *Das Bundesarchiv. Akten der Reichskanzlei. Weimarer Republik online*. Disponível em: <http://www.bundesarchiv.de/aktenreichskanzlei/1919-1933/0000/adr/adrsz/kap1_1/para2_465.html>. Acesso em: 24 set. 2010; SCHULTZ, R. M. "OSAF Ost Walter Stennes" [tópico de discussão]. *Axis History Forum*. Hosted by Marcus Wendel. Disponível em: <<http://forum.axishistory.com/viewtopic.php?t=76362>> 27 abr. 2005. Acesso em: 24 set. 2010.

origem anticapitalista.⁷ Nos anos 1940, a Frente Negra seria rebatizada *Freie Deutsche Bewegung*, Movimento dos Alemães Livres.

A fundação efetiva do primeiro núcleo do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães no Rio Grande do Sul ocorreu em 1931 na cidade de Porto Alegre.⁸ Gustavo Herbert Ehricht, técnico especialista em esmaltes de fogões, e Ervino Anuschek, comerciante, ambos alemães, foram os seus fundadores. Anuschek teria chegado ao Brasil com instruções do NSDAP para realizar uma intensa campanha de propaganda junto à comunidade alemã local. O objetivo seguinte seria criar um núcleo partidário na cidade. Ehricht foi escolhido como seu primeiro dirigente.⁹ Anterior a esse período, entre 1925 e 1930, foram registradas nove filiações do Rio Grande do Sul junto à seção partidária nacional – três na capital e seis no interior do estado.¹⁰

Em meados dos anos 1930, a capital Porto Alegre abrigava 179.263 habitantes, dos quais mais de vinte mil eram estrangeiros.¹¹ A cidade promovia a modernização de sua paisagem urbana, investindo na verticalização do centro da cidade, com a construção de edifícios públicos e residenciais, a ampliação de vias públicas para o tráfego de

⁷ Otto Johann Maximilian Strasser (1897-1974), irmão de Gregor Strasser, compunha a ala esquerda radical do NSDAP, apoiando greves de sindicatos socialistas e exigindo que o Partido lutasse pela nacionalização dos bancos e da indústria. Tais posturas entravam em choque direto com Hitler, o que levou à sua expulsão em maio de 1930. Após a tomada de poder pelos nazistas em 1933, emigrou para a Áustria, passando por outros países da Europa até exilar-se no Canadá. SHIRER, W. *Ascensão e queda do Terceiro Reich: triunfo e consolidação (1933-1939)*, vol.1. Rio de Janeiro: Agir, 2008. p. 206; “Otto Strasser”. *LeMO, Lebendiges virtuelles Museum Online*. Disponível em: <<http://www.dhm.de/lemo/html/biografien/StrasserOtto/>>. Acesso em: 28 fev. 2010; “Black Front”. *Wikipedia, The Free Encyclopedia*. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Black_Front&oldid=367341834>. Acesso em: 24 set. 2010.

⁸ Não foi possível determinar a data precisa de sua fundação, mas esta teria ocorrido, de acordo com Moraes, no máximo no mês de dezembro daquele ano. In: MORAES, Luís Edmundo de Souza. *Konflikt und Anerkennung: Die Ortsgruppen der NSDAP in Blumenau und Rio de Janeiro*. Berlim: Metropol, 2005. p. 136.

⁹ “Em Porto Alegre, um grupo de ‘nazistas’ declaravam uma guerra sem tréguas aos inimigos de Hitler”. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 18 mai. 1933. p. 16.

¹⁰ MORAES, Luís Edmundo de Souza. *Ein Volk, Ein Reich, Ein Führer! A Seção Brasileira do Partido Nazista e a Questão Nacional*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996. Nota 79, p. 106.

¹¹ “População absoluta e relativa do Brasil, das suas Unidades Políticas e dos municípios das respectivas capitais, calculada para 31 de Dezembro de 1935”. In: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, 1936, p. 50

automóveis, bondes e ônibus, além do aumento da pavimentação e iluminação das ruas. As elites sociais passariam a deslocar suas residências do centro para a avenida Independência, em direção ao que seria o futuro bairro Moinhos de Vento. Próximos ao centro e passando pelo Campo da Redenção, onde em 1935 seria realizada a Exposição Comemorativa do Centenário da Revolução Farroupilha, o bairro Bom Fim recebia membros da comunidade judaica desde os anos de 1920. Mais adiante, a Colônia Africana (atual bairro Rio Branco), que havia sido uma área de refúgio de escravos fugitivos juntamente com o Areal da Baronesa (hoje Cidade Baixa), era uma região de grande densidade populacional e poucos recursos de infra-estrutura. O acelerado crescimento populacional de Porto Alegre – que aumentaria o número de residentes para 272.232 em 1940¹² – expandiu a área residencial para o norte e para o sul da cidade, onde as casas de veraneio às margens do Guaíba passam a ser permanentemente ocupadas.

A formação do Quarto Distrito na zona norte, abrangendo os bairros Navegantes e São João, a avenida Eduardo e a rua Voluntários da Pátria, transformou a antiga zona de concentração de comerciantes importadores teutos desde o final do século XIX¹³ em um importante pólo de crescimento industrial. O aumento da oferta de empregos na área gerou, conseqüentemente, a concentração de um fluxo imigratório recente, vindo tanto do exterior quanto de dentro do próprio país, assim como o estabelecimento de moradias e a constituição de um “bairro operário multiétnico”.¹⁴ É nessa região que o NSDAP instalaria a sua sede definitiva, após meses realizando suas reuniões na Confeitaria Rocco.¹⁵

¹² INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Recenseamento Geral do Brasil (1º de setembro de 1940)*. Série regional, parte XX, Rio Grande do Sul. Tomo 1. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1940. p. 182

¹³ GANS, Magda Roswita. *Presença teuta em Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 41

¹⁴ FORTES, Alexandre. *Nós do quarto distrito...: a classe trabalhadora portoalegrense e a Era Vargas*. Caxias do Sul: EDUSC; Rio de Janeiro: Garamond, 2004. pp. 38, 39

¹⁵ PY, 1942, p. 343

Localizada na rua Voluntários da Pátria, número 2107,¹⁶ a *Deutsches Haus* (Casa Alemã), foi inaugurada em 15 de julho de 1933.¹⁷

Segundo René Gertz, os primeiros militantes do Partido Nazista eram extremamente agressivos, despertando grande antipatia. “Já em 1931, o cônsul alemão relatava que os poucos nazistas locais ameaçavam os que pensavam de maneira diferente, em especial livreiros que expunham nas vitrines livros que não lhes agradavam”.¹⁸ O autor expõe as críticas aos nazistas locais provenientes inclusive de um autodeclarado entusiasta do nacional-socialismo, o editor da revista *Die Wirtschaft* (A Economia) de Porto Alegre, que em carta escreveu a um amigo:

Da mesma forma os grupos nazis não devem, de maneira provocativa, procurar terrorizar o grande número de alemães natos aqui residentes. Se a maioria dos alemães natos que vivem no Brasil hoje estão céticos diante da evolução na pátria e não aplaudem entusiasticamente, como seria de esperar, o novo império alemão, a culpa deve ser atribuída em grande medida ao comportamento inconveniente dos partidários daqui. Ademais, nem todos os membros do partido tem um coração sincero e limpo, muitos são microcéfalos (sic) ou os tradicionais beberrões alemães (*deutsche Bierphilister*) que acorrem a todo lugar em que se grita ‘hurra!’, vindo alguns também por interesses materiais.¹⁹

Até 1933, o número de partidários no Rio Grande do Sul girava em torno de cento e vinte membros, de acordo com o então representante consular da Alemanha em Porto Alegre, Gottfried Walbeck.²⁰ No entanto, o sentimento de tensão entre a comunidade alemã e os militantes nazistas não impediu que as comemorações relativas ao reestabelecimento da bandeira do Império alemão fossem realizadas de forma conjunta.

¹⁶ *Für's Dritte Reich*, Porto Alegre, 27 de abril de 1934. Capa.

¹⁷ GRÜTZMANN, Imgart. “NSDAP – Grupo local de Porto Alegre: organização, atividades e difusão simbólica do nacional-socialismo”. In: Simpósio Nacional de História, 24, 2007, São Leopoldo. *História e multidisciplinariedade: territórios e deslocamentos: Anais do XXIV Simpósio Nacional de História, Associação Nacional de História - ANPUH*. São Leopoldo: Unisinos, 2007, CD-ROM.

¹⁸ GERTZ, René. *O fascismo no sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. p. 82

¹⁹ *Idem*, p. 84.

²⁰ “Verhaftung von Mitgliedern der Ortsgruppe der N.S.D.A.P. und Unstimmigkeiten in der deutschen Kolonie”. Deutsches Konsulat, nr. 262/33. Carta enviada pelo cônsul Walbeck ao Ministério das Relações Exteriores da Alemanha. Porto Alegre, 20 de maio de 1933. Pol. Abt. III, Pol 25, PAAA.

No dia 08 de abril de 1933, foi festejado na capital o retorno ao uso oficial da bandeira preta, branca e vermelha criada após a Unificação da Alemanha. Substituída durante a República de Weimar (1919-1933), foi adotada como bandeira oficial pelo Terceiro Reich juntamente com o pavilhão nacional-socialista, com a suástica ao centro.²¹ Pela manhã, a banda do 1º Batalhão Auxiliar da Brigada Militar participou do hasteamento das bandeiras no Consulado da Alemanha em Porto Alegre, na rua Coronel Vicente.

Todos prorromperam em vivas, tendo havido idêntica manifestação quando depois se içou ao lado da antiga bandeira a flâmula dos “nazis”, do Partido Hitlerista. Os “nazis” daqui fizeram a saudação do estilo, indo depois como outras pessoas cumprimentar o cônsul dr. Walbeck.²²

À noite, uma festa na sede do *Turnerbund* (Sociedade Ginástica), organizada por ex-oficiais alemães, combatentes da Primeira Guerra Mundial e partidários nazistas locais, recebeu o prefeito municipal Alberto Bins, o presidente da *Verband Deutscher Vereine*, Liga das Sociedades Germânicas (VDV), Josef Steidle, entre outras personalidades.

Depois das 21 horas iniciou-se a festa, que decorreu do princípio ao fim debaixo de grande entusiasmo.

Levantado o pano do palco, viram-se 3 bandeiras, uma das quais sustentada por um “nazi” que envergava o fardamento dos hitleristas. A enorme assistência prorrompeu em palmas demoradas. Feito silêncio, foram as bandeiras postas deste modo, duas diante dum retrato de Hitler e a 3ª diante dum [retrato] do marechal Hindenburg colocados nas extremidades do palco. A uma tribuna, que estava à esquerda do palco, subiu o dr. H. Begemann que saudou a assistência, produzindo um belo discurso alusivo ao acontecimento.²³

Poucas semanas após as festividades, o jornal *Correio do Povo* denunciou o envio de uma correspondência à Alemanha por parte dos integrantes do NSDAP local, na qual foram apontados os alemães e teuto-brasileiros considerados contrários ao regime

²¹ A partir de setembro de 1935, somente seria aceita como símbolo oficial da Alemanha a bandeira do Partido Nazista.

²² “A colônia alemã em festa”. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 09 de abril de 1933. Noticiário, p. 09

²³ “Um grande dia para a Alemanha”. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 11 de abril de 1933. p. 05

nazista.²⁴ Segundo a reportagem, estaria sendo promovida uma “campanha de descrédito”, que inclusive estaria prejudicando o comércio com as empresas do Rio Grande do Sul.

A prática do boicote era uma constante entre os partidários nazistas. Estabelecimentos de proprietários judeus ou que contratassem judeus como funcionários sofriam retaliações dos militantes. O mesmo tratamento era dispensado aos “maus alemães”, ou seja, aos *Reichsdeutsche* que não comungavam da ideologia nazista. A vigilância exercida sobre a sociedade era permanente, posto que constituía uma das principais tarefas do NSDAP nas cidades em que atuava: reportar à *Auslandsorganisation* (AO/NSDAP) o comportamento da comunidade teuta, a atuação dos representantes diplomáticos e as perspectivas de realização de trocas comerciais.²⁵

A carta em questão foi escrita em outubro de 1932 por Gustavo Ehricht, chefe do *Ortsgruppe* Rio Grande do Sul, e enviada à Hans Nieland, diretor da AO/NSDAP em Hamburgo.²⁶ De conteúdo secreto, respondia à solicitação anterior da Organização para o Exterior acerca da inserção de cidadãos alemães no estado. Ehricht relatava que poucos *Reichsdeutsche* imigrados antes da Grande Guerra destacavam-se na colônia alemã, mas que, por outro lado, muitos teuto-brasileiros estariam em posições de liderança, tanto na área econômica quanto na política. A correspondência apresentava um primeiro relatório acerca da comunidade alemã, que seria acompanhado de informes futuros dissertando

²⁴ “Guerra sem tréguas aos inimigos de Hitler”. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 17 de maio de 1933. p. 14

²⁵ O caso de boicote mais citado pela bibliografia produzida pela polícia rio-grandense ocorreu contra o proprietário da Bombonière Jahn, antinazista, que em conseqüência de sua falência comercial, teria cometido suicídio (PY, 1942, p. 149). O medo de ser denunciado à Gestapo criou uma conduta de auto-policimento na sociedade alemã, na qual existiam agentes pagos em busca de dissidentes. Na Alemanha, cerca de 80% dos casos de intervenção nasceram de informações vindas de fora das colunas policiais. Durante a guerra, essa política estendeu-se aos territórios invadidos, como a Holanda e a França. In: GELLATELY, Robert. “Denunciations on Twentieth-Century Germany: Aspects of Self-Policing in the Third Reich and the German Democratic Republic”. *The Journal of Modern History*, Chicago, v. 68, n. 4, Dec. 1996, pp. 931-967; HALL, Claire. “An Army of Spies? The Gestapo Spy Network 1933-45”. *Journal of Contemporary History*, Los Angeles, v. 44(2), 2009, p. 247-265. Ver também: DELARUE, Jacques. *Histoire de la Gestapo*. 2ª ed. Paris: Nouveau Monde, 2008.

²⁶ *Carta enviada por Ehr. à Hans Nieland*. Hamburgo, 12 de outubro de 1932. Pol. Abt. III, Pol 25, PAAA.

sobre clubes, escolas, professores e o clero. Nove pessoas e três empresas foram analisadas por Ehricht, que avaliava sua possível contribuição com a economia da Alemanha e o seu grau de aceitação do nacional-socialismo.

Albano Volkmer, comerciante e presidente da *Katholischen Volksverein* (Associação Popular Católica), Josef Steidle, presidente da VDV, Max Ertel, diretor da empresa Bromberg & Cia, e Franz Metzler, editor do jornal em língua alemã *Deutsches Volksblatt* (Folha Popular Alemã), são apontados pelo documento como opositores que com frequência se manifestavam publicamente contra a doutrina nazista. Apoiado pela Igreja Católica, Metzler inclusive utilizava as páginas de seu periódico para criticar o NSDAP. As acusações eram respondidas pelo *Für's Dritte Reich* (Pelo Terceiro Reich), jornal do núcleo estadual do Partido Nazista. Sobre a empresa Bromberg, o relatório afirma que seu proprietário é de origem judaica, tendo sido perseguido durante a Primeira Guerra Mundial, quando suas casas comerciais foram queimadas.²⁷

A. J. Renner, então presidente do Centro da Indústria Fabril do Rio Grande do Sul e vice-presidente da Confederação Industrial do Brasil, é destacado pelo relatório por empregar muitos alemães em sua fábrica têxtil no bairro Navegantes.²⁸ Ehricht afirmava

²⁷ A Sociedade Bromberg & Cia foi criada em 1850 e especializou-se na comercialização e importação de produtos metálicos da Alemanha (tais como ferramentas, latas, maquinário, centrais elétricas, caldeiras, bombas de irrigação e etc), além de oferecer assistência técnica. Por conta das estreitas relações com o país, foi incluída na lista negra norte-americana nas duas guerras mundiais. ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. vol. 2. Porto Alegre: Globo, 1969. pp. 439, 440.

²⁸ Filho de Jacob Renner, fundador de frigorífico e fábrica de conservas em 1894, Anton J. Renner iniciou as atividades de produção têxtil em 1912, na cidade de São Sebastião do Caí em janeiro de 1912. Em 1914, a fábrica foi transferida para o bairro Navegantes, em Porto Alegre. O crescimento da Renner esteve vinculado às melhorias estruturais e na fixação de uma classe operária na região. Promotora de uma política de benefícios aos empregados, como a instalação de refeitório e creche anexos à indústria, a Renner criou inclusive um clube de futebol em julho de 1921, o Grêmio Esportivo Renner. Em 1935, A. J. Renner seria eleito deputado estadual pelo PRL. ROCHE, 1969, vol. 2, p. 527; FORTES, 2004. p. 41 e 178; *SESQUICENTENÁRIO da imigração alemã – álbum oficial*. Porto Alegre: Edel, [197?]. p. 166-168; AXT, Gunter. “Introdução”. In: *A. J. Renner: discursos e artigos (1931-1952)*. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Estado do RS/CORAG, 2000. p. 34

que Renner recebia todo seu maquinário da Alemanha e que já havia sido enviado para a AO um relatório mais detalhado sobre a empresa, escrito pelo partidário Ewald Nagorsen.

A inclinação política do então intendente do município de Porto Alegre, Alberto Bins, também foi avaliada. Eleito vice-intendente pelo PRP, assumiu o cargo em fevereiro de 1928 após a morte de Otávio Rocha, sendo mantido na Intendência por Flores da Cunha até o início do Estado Novo. Bins era proprietário da usina metalúrgica Berta, fundada em 1873 e especializada na produção de cofres, fechaduras, fogões, camas metálicas, baldes galvanizados e fundição.²⁹ Segundo a carta, o prefeito não demonstrava nenhum interesse pelo movimento hitlerista e apesar de destacar suas ascendência alemã, sempre apresentava-se como brasileiro. O relatório afirmava que Bins empregava muitos alemães em sua empresa, que coincidentemente havia contratado Ehricht.³⁰

Antes de ser contratado pela Berta, Ehricht trabalhou na Wallig & Cia, da qual foi demitido. No relatório, ele apresentava esta empresa, fabricante de camas e fogões, como a principal concorrente da firma de Bins, mas apesar de empregar muitos alemães, o salário seria baixo. Os proprietários da Wallig eram considerados um grande perigo à Alemanha, país que visitavam com bastante frequência. É interessante perceber a crítica mais árdua de Ehricht voltada aos seus antigos empregadores, ao mesmo tempo em que se abstém de comentar a relação da empresa com o nacional-socialismo. A rixa pessoal pode ter impedido que Ehricht, chefe do núcleo nazista, tentasse uma aproximação positiva. Hans e João Wallig foram listados como contribuintes do NSDAP no Rio Grande do Sul pela polícia durante os anos de 1940, assim como o único pastor citado pelo relatório: Karl E.

²⁹ ROCHE, 1969, vol. 2, p. 532.

³⁰ “Em Porto Alegre, um grupo de ‘nazistas’ declaravam uma guerra sem tréguas aos inimigos de Hitler”. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 18 de maio de 1933, p. 16

Gottschald, ex-presidente da VDV.³¹ Gottschald, segundo o relatório, rejeitava o núcleo do Partido Nazista local, apesar de suas diferenças com o grupo não terem se manifestado publicamente até aquele momento. Politicamente, era definido como um nacionalista alemão, comprometido apenas com “o preto, o branco e o vermelho” da bandeira imperial.

A Frederico Mentz & Cia era destacada pelo relatório como uma importante empresa de Porto Alegre, que negociava produtos nacionais e vindos da Alemanha.³² Segundo Ehricht, eles teriam lucrado grandes somas ao comercializar alimentos com a França e a Inglaterra durante a Primeira Guerra Mundial. Comenta que por causa de “grandes doações”, a companhia parece querer compensar o dano causado durante a guerra. Não fica claro, no entanto, se Ehricht se refere a doações feitas ao Partido Nazista.

A vigilância praticada pelos membros do NSDAP no exterior também voltava-se aos diplomatas alemães. Gottfried Walbeck, cônsul da Alemanha em Porto Alegre desde 1928, era descrito no relatório como um opositor do NSDAP, posto que pertencia ao *Deutsche Zentrumspartei*, o Partido Alemão do Centro, católico, que seria dissolvido em julho de 1933. Walbeck seria muito próximo dos católicos locais e amigo pessoal de Franz Metzler, também citado no relatório. Ehricht afirmava que, por culpa do cônsul, vários clubes alemães na cidade se recusavam a aceitar os encontros do Partido Nazista. Após dissertar sobre a impopularidade de Walbeck, declarava, por fim, que “sua dispensa seria bem vinda aqui”. Por outro lado, um chamado cônsul Mulert, apresentado como

³¹ “Nazistas contribuintes, cujos nomes constavam no bloco de recibos apreendido em poder do cobrador do Partido Nazista”. Repartição Central de Polícia, Delegacia de Ordem Política e Social. Relatório de Plínio Brasil Milano à DESPS/RJ. Porto Alegre, 15 de dezembro de 1942. Arquivo Polícia Política, setor Estados: Rio Grande do Sul, APERJ.

³² Fundada em novembro de 1847 pelo alemão Franz Trein em Bom Jardim, interior de São Leopoldo, a empresa familiar Frederico Mentz & Cia, com filial em Porto Alegre, trabalhava com três ramos de especialização: uma empresa de navegação no rio Caí, uma refinaria de banha e a seção de importação e exportação, a qual vendia produtos das colônias sul-riograndenses para o exterior e comprava gêneros alimentícios, sal, tecidos, ferramentas, quinquilharias, ferro, máquinas, lubrificantes e carburantes, etc.). Desde 1929, a empresa era dirigida por Benno F. Mentz. ROCHE, 1969, vol. 2, pp. 435, 436.

“partidário”, era bem recomendado.³³ No capítulo anterior, foram narradas as solicitações de filiação ao NSDAP de diversos membros do Ministério das Relações Exteriores da Alemanha após 1933 e a dispensa de diplomatas contrários ao nacional-socialismo e à sua política antisemita.

Observar o comportamento do corpo diplomático também era uma das funções dos membros dos núcleos no estrangeiro. É interessante notar que a interferência dos nazistas no *Auswärtiges Amt* ocorria desde uma esfera pessoal, que permitia ao líder local Gustavo Ehrich denunciar o cônsul Walbeck a seus superiores. Em dezembro de 1933, o jornal francês *Le Petit Parisien* noticiava que o cônsul alemão em Porto Alegre havia “caído em desgraça” junto aos nazistas locais e por isso teria sido substituído.³⁴ Em seu lugar, o partidário nazista Friedrich Ried foi indicado para assumir a direção do Consulado em janeiro do ano seguinte.³⁵

O mesmo jornal comentava que “não se podia esquecer os diversos escândalos provocados, no Rio Grande do Sul, pelos nazistas durante a sua campanha contra seus compatriotas”.³⁶ O *Correio do Povo* informava que o prefeito e representantes da colônia alemã pediram providências a Flores da Cunha para que fossem “destruídas tais acusações

³³ A única referência encontrada a respeito do cônsul Mulert está em um recorte do jornal *Neue Deutsche Zeitung*, publicado em Porto Alegre, no qual é mencionado o seu jantar de despedida da cidade na edição de número 101. In: “Bericht geht gleichzeitig an: Das Auswärtige Amt, Ministerium für Volksaufklärung”. Raul W. Porto Alegre, 1 mai. 1933. Akten: Pol. Abt. III, Pol 25, PAAA.

³⁴ VERNA, André. “Comment s’exerce au Brésil la propagande nationale socialiste”. *Le Petit Parisien*, Paris, 14 dec. 1933. Akten: Pol. Abt. III, Pol. 25, PAAA. Walbeck foi transferido para o Consulado alemão em Lyon, na França, em maio de 1934, vindo a falecer apenas dois meses após assumir o posto. In: “Retrospective historique des Consuls allemands à Lyon”. *Consulat Général de la République Fédérale d’Allemagne: Lyon*. Disponível em: <http://www.lyon.diplo.de/Vertretung/lyon/fr/02/Kanzlei__und__Residenz/seite__historisches.html>.

Acesso em: 24 set. 2010.

³⁵ Friedrich Ried (1891-1962) assumiu o Consulado da Alemanha em Porto Alegre em 18 de janeiro de 1934 após oito anos de serviços prestados à Embaixada no Rio de Janeiro. KEIPER, Gerhard; KRÖGER, Martin. (ed). *Biographisches Handbuch des deutschen Auswärtigen Dienstes 1871-1945*. Band 2. Paderborn: Ferdinand Schöningh, 2000. p. 661

³⁶ VERNA, op. cit.

malévolas e tendenciosas contra eles levantadas por aqueles elementos”.³⁷ As autoridades atacadas teriam exigido a punição dos responsáveis e nove nazistas foram presos.³⁸ Segundo Donald McKale, a divulgação do conteúdo da correspondência enviada pelo chefe nazista à Alemanha e a imediata reação da comunidade alemã teriam levado à proibição temporária do núcleo do NSDAP pelo governo local.³⁹

O clima de agitação na cidade foi relatado pelo cônsul alemão à *Wilhelmstrasse*. Walbeck escreveu que, com poucas exceções, a colônia alemã de Porto Alegre havia recebido muito bem o movimento hitlerista, porém as relações entre os cidadãos alemães e teuto-brasileiros e o NSDAP teriam sido afetadas pelo comportamento incisivo do grupo.⁴⁰ A divulgação da carta com o relatório de Ehricht à AO ocorreu após uma briga interna no núcleo nazista. Anuscheck, co-fundador do grupo, assumiu a chefia após a deposição e expulsão de Ehricht das fileiras do Partido ainda em outubro de 1932. O conseqüente rompimento pessoal o levou a retirar uma cópia da correspondência dos arquivos do NSDAP e a entregar à Benno Mentz, diretor da empresa Frederico Mentz & Cia, “mediante pagamento de certa importância”.⁴¹ Em seguida, Ehricht teria denunciado aos seus ex-companheiros de Partido os delitos praticados por Anuscheck na Alemanha com a intenção de desmoralizá-lo. Novamente, o grupo nazista decidiu depôr e expulsar sua chefia, que em 1933 foi assumida pelo alemão Walter Hornig, antigo companheiro de Anuscheck.

³⁷ “Guerra sem tréguas aos inimigos de Hitler”, op. cit., p. 14

³⁸ “Consugerma Porto Alegre. Telegramm in Ziffern n°4”. Berlin, 18 mai. 1933. Akten: Pol. Abt. III, PAAA.

³⁹ MCKALE, Donald M. *The Swastika Outside Germany*. Kent: Kent University, 1977. p. 66

⁴⁰ Telegramm n°4”. Walbeck. Porto Alegre, 18 mai. 1933. Akten: Pol. Abt. III, PAAA.

⁴¹ “Em Porto Alegre, um grupo de ‘nazistas’ declaravam uma guerra sem tréguas aos inimigos de Hitler”, op. cit., p. 16

No dia seguinte à publicação das denúncias, o jornal *Correio do Povo* trazia uma entrevista com o prefeito Alberto Bins, que afirmava falar em seu nome e no do amigo A. J. Renner.⁴²

Devo começar dizendo que antes de tudo somos brasileiros, motivo porque nada temos de ver com o movimento em favor da divulgação das idéias pregadas pelos partidários do sr. Adolfo Hitler.

É verdade que desde o início não deixei de externar a minha simpatia pelo hitlerismo, pelos seus conhecidos fins. E isso não faço segredo, porque minhas declarações mais de uma vez foram conhecidas em público, como há poucas semanas ainda o fiz numa comemoração realizada no *Turnerbund*.

Mas isso de ter simpatia ao de ser partidário do hitlerismo há uma grande diferença, mormente tendo também dado a conhecer a opinião de um determinado credo político. Por isso repito, sempre achei que a propaganda hitlerista ficava bem na Alemanha, mas nunca no Brasil. (...)

Ora, sendo o elemento germânico constituído de 75 por cento de brasileiros, não se pode admitir que os “nazis” sejam os guias desses elementos, missão que todos nós julgamos competir, há longos anos, à Liga das Sociedades Alemãs.

O testemunho de Bins expressava o sentimento de uma parcela significativa da comunidade alemã de Porto Alegre nos primeiros anos de funcionamento do núcleo local do NSDAP. Segundo René Gertz, os nazistas acreditaram que, no momento em que Hitler assumiu o poder na Alemanha, cabia a eles a liderança sobre os teuto-brasileiros, incluindo a orientação sobre as escolas e as sociedades alemãs do estado.⁴³ O autor afirma que este seria o principal motivo para o surgimento da oposição ao grupo, o que não expressa antipatia pelo nacional-socialismo, conforme a afirmação reforçada pelas palavras de Bins.

Gertz explica que o debate sobre os princípios norteadores de uma organização dos teuto-brasileiros no Rio Grande do Sul foi iniciado, no mínimo, com Karl von Koseritz no século XIX.

Ela [a associação] não poderia ser política, pois deveria justamente apresentar demandas junto à partidos e governos, e para que fosse eficaz nesse trabalho deveria apresentar-se politicamente neutra. Outros consideravam que uma

⁴² Publicada na contracapa do jornal *Correio do Povo* em 18 de maio de 1933, esta entrevista está transcrita em PY, 1942, pp. 52, 53 e também é citada em GERTZ, 1987, p. 83.

⁴³ GERTZ, 1987, p. 85

organização politicamente neutra era uma besteira, pois utópica. Ela não poderia ser econômica, pois a “colônia” tinha interesses econômicos muito diversificados, e, além disso, uma associação econômica não poderia ser especificamente “alemã”. Restariam interesses culturais. Mas quais seriam eles? Alguns sugeriram a defesa das escolas comunitárias, mas esse era um interesse suficientemente amplo para uma grande organização que deveria falar em nome de cerca de 20% da população gaúcha? E os interesses educacionais já não estavam sendo defendidos por eficazes associações escolares?⁴⁴

Estima-se que, em 1932, o número de alemães e descendentes no Rio Grande do Sul aproximava-se da cifra de 360.000 habitantes.⁴⁵ Em 1855, foi fundada em Porto Alegre a primeira associação alemã, a Sociedade Germânia.⁴⁶ A Liga das Sociedades Alemãs surgiu na mesma cidade em 1886, com o objetivo de congregar os interesses em defesa da germanidade.⁴⁷ A identidade teuto-brasileira, de acordo com Giralda Seyferth, parte da visibilidade das diferenças sociais e culturais entre esses cidadãos brasileiros, pertencentes à determinada comunidade étnica, e o restante da população.⁴⁸ Mesmo que as mudanças ocorridas na Alemanha nazista tivessem despertado um sentimento positivo entre a comunidade alemã do Rio Grande do Sul, as já tradicionais associações não entregariam, sem resistência, o controle de seus trabalhos às lideranças de uma organização política que, aqui, representava pouco mais de uma centena de filiados até 1933.

A condenação pública dos integrantes do núcleo local do NSDAP no episódio da divulgação da correspondência do Partido com a Organização para o Exterior na Alemanha refletiu na diminuição das atividades do grupo até o ano seguinte, concomitante à

⁴⁴ GERTZ, René. *O aviador e o carroceiro: política, etnia e religião no Rio Grande do Sul nos anos 1920*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 64

⁴⁵ O cálculo foi realizado por Hugo Grothe, diretor do Instituto para Assuntos Estrangeiros da Universidade de Leipzig. In: RINKE, Stefan. “Auslandsdeutsche no Brasil (1918-1933): Nova emigração e mudança de identidades”. *Espaço Plural*, Marechal Cândido Rondon, n. 19, 2008, p. 43.

⁴⁶ ROCHE, 1969, vol. 2, p. 644.

⁴⁷ RINKE, 2008, p. 45.

⁴⁸ SEYFERTH, Giralda. “A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica”. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (orgs). *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas: ULBRA, 1994. p. 15. Sobre a definição de grupos étnicos, consultar: BARTH, Fredrick. “Os grupos étnicos e suas fronteiras”. In: *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000. p. 25-67

reorganização interna do *Ortsgruppe* e à centralização da direção do *Landesgruppe Brasilien*. Os chefes expulsos do movimento optaram por caminhos distintos. Até 1939, Ehricht residia em Porto Alegre e trabalhava como representante comercial de empresas alemãs.⁴⁹ Anuscheck tornou-se chefe da Frente Negra alemã do Rio Grande do Sul em 1934.⁵⁰ Diversas células da organização anti-Hitler se espalharam pela América do Sul sob a liderança de Bruno Fricke, que encontrava-se em Buenos Aires a partir de 1935, cidade com a maior concentração de radicais anti-nazistas no continente. No Brasil, a chefia nacional da Frente Negra coube à Herbert Guss, ex-homem de confiança de Bohle, que foi líder do grupo nacional do NSDAP por um curto período, até ser expulso em 1934.⁵¹ Em sua luta contra o hitlerismo, Fricke colaborou com os serviços de inteligência da Argentina, Inglaterra e Estados Unidos. Com a proibição do Partido Nacional-Socialista no Brasil, em 1937, Anuscheck, já naturalizado brasileiro, torna-se agente secreto da polícia rio-grandense, repassando informações para localização de células e identificação de partidários.⁵²

O anti-nazismo ganhou adeptos no Rio Grande do Sul no decorrer da década de 1930. O Movimento de Anti-Nazistas Alemães do Brasil, dirigido em Porto Alegre por Friedrich Kniestedt, militante anarquista alemão, era visto com reservas pela polícia, sob suspeita de comunismo.⁵³ Outros nomes da comunidade alemã manifestaram publicamente suas posições contrárias ao NSDAP, especialmente entre os católicos. Franz Metzler, Vitor

⁴⁹ “Nazismo no Rio Grande do Sul”. *Vida Policial*, Porto Alegre, janeiro de 1939. p. 22

⁵⁰ PY, Aurélio da Silva. “Aspêto geral da colonização alemã no Rio Grande do Sul”. In: *O Nazismo no Rio Grande do Sul – relatório do Cap. Aurélio da Silva Py, Chefe de Polícia do Estado. Secreto*. [194?] p. 55

⁵¹ NEWTON, 1992, p. 163

⁵² *Correspondência de Plínio Brasil Milano à Aurélio Py*. Correspondência: Atividades Nazistas no Estado do Rio Grande do Sul (1938-1940), AHI. 08 de julho de 1940. Em *A 5ª Coluna no Brasil: a conspiração nazi no Rio Grande do Sul*, Py inclusive narra a prisão equivocada de Ervino Anuscheck em 1938, a partir de uma denúncia de que ele seria um “agente nazista”. PY, 1942, p. 387.

⁵³ “Investigações procedidas por esta seção, por intermédio do reservado S-7, em torno do movimento de anti nazistas alemães do Brasil”. Delegacia Auxiliar – Setor de Serviços Reservados. Relatório n° 93, 1944. Arquivo Polícia Política, setor Estados: Rio Grande do Sul, APERJ.

e Gaston Englert são, inclusive, citados nos agradecimentos do livro *A 5ª Coluna no Brasil* pela sua cooperação no combate ao nazismo no Estado. O choque com a comunidade alemã local não impediria, entretanto, o crescimento do NSDAP no estado nos anos seguintes.

O ano de 1934 foi marcado pela reorganização do *Landesgruppen Bresilien* do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães e pela retomada das atividades do núcleo do Rio Grande do Sul. Walter Hornig tornou-se o líder do Círculo (*Kreis*) de número cinco na estrutura nacional, cuja sede era a capital, Porto Alegre. Hornig ingressou no Partido Nazista na Alemanha em 1925, um ano antes de imigrar para a Argentina. Em Buenos Aires, tornou-se chefe do grupo local, abandonando-o, porém, após uma disputa interna em 1931.⁵⁴ Mudou-se para Porto Alegre, onde travou relações comerciais com Anuschek, fundador do núcleo local, retomando a militância nazista. Hornig assumiria a liderança do grupo após a expulsão de Anuschek.

Além do crescimento do nacional-socialismo na Alemanha e no mundo após a ascensão de Hitler ao poder, é possível afirmar que um dos fatores de favorecimento da expansão do *Kreis* Rio Grande do Sul foi a substituição do cônsul alemão no estado. Nascido em Frankfurt-am-Main, Ried realizou seus estudos iniciais nas escolas alemã e francesa de Rosário, na Argentina, e na escola alemã de Buenos Aires. Também frequentou o curso superior de comércio até 1914, quando retornou à Alemanha em agosto para prestar serviço militar durante a Primeira Guerra Mundial. Ao ingressar no Ministério das Relações Exteriores da Alemanha, em 1921, exerceu funções em Estocolmo e em Berlim antes de ser designado para a Legação, posteriormente Embaixada alemã no Brasil. Em

⁵⁴ GERTZ, 1987, p. 80. O autor adiciona que, segundo sua ficha no arquivo central de Munique, Hornig “desapareceu sem se preocupar com a continuidade do grupo local”.

Porto Alegre, cidade onde trabalhou até maio de 1940, Ried foi promovido a cônsul segunda classe em maio de 1934.⁵⁵

O novo cônsul era contribuinte do *Ortsgruppe* Porto Alegre e ambos os filhos, Annerose e Rudolf Heinz, eram filiados à organização local da Juventude Hitlerista.⁵⁶ Ried adotou uma postura oposta à de Walbeck, que criticava o grupo nazista local por lutar contra o Consulado e a VDV ao invés de combater os alemães comunistas e socialistas.⁵⁷ Além de apoiador do nacional-socialismo, posição adotada por inúmeros diplomatas durante o Terceiro Reich, Ried estava em contato direto com a nova chefia do NSDAP no Rio Grande do Sul, como demonstra na correspondência enviada à *Wilhelmstrasse* em março de 1934. Nela, relatava as acusações de Hornig contra Anuscheck, a quem chamou de impostor. Disse que a carta com denúncias contra membros da comunidade alemã porto-alegrense, divulgada no ano anterior, jamais havia sido postada – Walbeck havia confirmado o seu envio e recebimento na Alemanha – e que o ex-chefe nazista teria roubado inúmeras pessoas dos círculos católico e evangélico da cidade.⁵⁸

Afinado com a direção partidária e com a orientação política do Terceiro Reich, Ried ainda beneficiou-se da amizade notória com o então interventor estadual, Flores da Cunha,⁵⁹ o qual teria declarado que a importância da colonização alemã no Brasil servia

⁵⁵ Em abril de 1940, Ried foi designado Cônsul Geral em Nova York, mas não chegou a assumir o posto. Ao invés de instalar-se nos Estados Unidos, assumiu o Consulado Geral da Alemanha de Osaka-Kobe, no Japão. Entre outubro e novembro de 1947, ficou internado em um campo americano de prisioneiros políticos em Ludwigsburg, na Alemanha. Promovido a cônsul primeira classe em 1952, Ried aposentou-se do serviço diplomático quatro anos depois. KEIPER, 2000, p. 661.

⁵⁶ “Nazistas contribuintes, cujos nomes constavam no bloco de recibos apreendido em poder do cobrador do Partido Nazista” e “Membros da Juventude Nazista de Porto Alegre”. Repartição Central de Polícia, Delegacia de Ordem Política e Social. Relatório de Plínio Brasil Milano à DESPS/RJ. Porto Alegre, 15 de dezembro de 1942. Arquivo Polícia Política, setor Estados: Rio Grande do Sul, APERJ.

⁵⁷ “Verhaftung von Mitgliedern der Ortsgruppe der N.S.D.A.P. und Unstimmigkeiten in der deutschen Kolonie”. Porto Alegre, 20 de maio de 1933, PAAA.

⁵⁸ “Die N.S.D.A.P. in Porto Alegre”. Deutsche Konsulat, nr. 217/34. Porto Alegre, 21 de março de 1934. Pol. Abt. III, Pol 25, PAAA.

⁵⁹ GERTZ, René. *O Estado Novo no Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2005. p. 12

para “melhorar a raça brasileira”.⁶⁰ O deslocamento do eixo político no Rio Grande do Sul, pendendo a favor da representatividade das regiões coloniais no cenário político, contribuiu para explicar, segundo René Gertz, a “bajulação” de Flores da Cunha em relação a esses grupos.⁶¹ Durante as comemorações dos 110 anos da imigração alemã no estado, em 1934, a data de chegada dos primeiros imigrantes à São Leopoldo, dia 25 de julho, foi decretada feriado oficial pelo “Dia do Colono”.⁶²

A partir do cruzamento de diversas fontes, pode-se afirmar que a direção do *Kreis V* da seção partidária do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães em território brasileiro esteve organizada da seguinte maneira:

Tabela 11: Direção do Círculo V do NSDAP, Rio Grande do Sul – Grupo Nacional Brasil

<i>Nome</i>	<i>Função</i>
Walter Hornig	Chefe do Círculo (<i>Kreisleiter</i>)
Ernst Dorsch	Substituto legal e sub-chefe do Círculo
Max Schmid	Tesoureiro
Herbert Koch	Secretário
Ewald Nagorsen	Superintendente comercial
Hugo Müller	Chefe de Patrimônio
Hans Christian Strackerjahn	Chefe de Pagamentos
Dr. Schmolz	Doutrinador

A *Deutsche Haus* (Casa Alemã) era a sede do Círculo Rio Grande do Sul e do Grupo Local Porto Alegre. O prédio foi erguido nos terrenos da *Deutscher Schuetzen*

⁶⁰ DIETRICH, Ana Maria. *Nazismo Tropical? O Partido Nazista no Brasil*. São Paulo: Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, 2007a. p. 83

⁶¹ GERTZ, René. “Nazismo, fascismo, integralismo e o apoio das oligarquias do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina ao Estado Novo”. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 14, n. 1, 1988. p. 24

⁶² GERTZ, 2005, p. 156

Verein, a Sociedade de Tiro Alemã, estabelecida na cidade havia mais de setenta anos.⁶³ Para sua construção, foram colocados à venda bônus que equivaliam à compra de um tijolo para sede, no valor de 10\$000 (dez mil réis).⁶⁴ A mensalidade paga pelos *Parteigenossen* (partidários) do NSDAP no Rio Grande do Sul variava entre 10\$000 e 15\$000.⁶⁵

Também estava sediada na *Deutsche Haus* a gerência editorial do jornal oficial do Partido Nazista no Rio Grande do Sul. O semanário *Für's Dritte Reich! – Nachrichtenblatt der Nationalsozialistischen Bewegung Deutschlands: für Parteigenossen und Freund in Rio Grande do Sul (Brasilien)* (Pelo Terceiro Reich! – Boletim do Movimento Nacional-Socialista Alemão: para Partidários e Amigos no Rio Grande do Sul, Brasil) começou a circular em 1932. Seu editor era o austríaco Ludwig Holztrattner, funcionário da empresa Neugebauer, auxiliado na redação por Sprunkel, que também trabalhava no *Neue Deutsche Zeitung* (Novo Jornal Alemão).⁶⁶ Cada edição continha oito páginas, custando trezentos réis o exemplar avulso e 5\$000 (cinco mil réis) a assinatura, incluindo a taxa de entrega.

Reprodução fotográfica 1: Cabeçalho do jornal *Für's Dritte Reich*



FONTE: *Für's Dritte Reich*, Porto Alegre, 27 abril 1934. IAI

O preço dos anúncios em *Für's Dritte Reich* era 1\$200 (mil e duzentos réis) pela coluna simples de um centímetro de largura, por edição. Entre os anunciantes, encontramos

⁶³ PY, 1942, p. 58

⁶⁴ *Vida Policial*, Porto Alegre, outubro de 1943. Cortando as Asas do Nazismo, p. 36

⁶⁵ *Vida Policial*, Porto Alegre, setembro de 1943. Cortando as Asas do Nazismo, p. 61

⁶⁶ *Introdução Original*. Manuscrito. Arquivo Pessoal Plínio Brasil Milano, MJFL-ACADEPOL; GERTZ, René. *O perigo alemão*. 2ª ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998. p.64

os laboratórios Bayer, o Banco Alemão Transatlântico, a companhia de eletricidade Siemens-Schuckert, Tubos Mannesmann, a empresa de navegação Progresso, a fabricante de tintas Renner, Koepke & Cia, a indústria de fumos Souza Cruz, cerveja Antarctica, transporte aéreo Viação Aérea Rio-Grandense (Varig), além de profissionais liberais e pequenos negócios estabelecidos tanto na capital quanto no interior do estado.⁶⁷ Sua circulação foi interrompida em março de 1938.⁶⁸

Reuniões políticas, atividades de doutrinação e festividades eram realizadas na *Deutsche Haus*, que também abrigava o time de futebol e a banda marcial do Partido Nazista no estado. A casa contava com departamentos de cultura, propaganda, imprensa, controle pessoal, educação física, doutrinação, assistência social, entre outros.⁶⁹ As *Pflichtabende* (Noites de Compromisso) eram encontros restritos aos filiados ao NSDAP, nos quais eram discutidos assuntos internos da organização, apresentadas as prestações de contas e realizadas as eleições para os cargos. Nas *Schulungsabende* (Noites de Treinamento) e nas *Sprechabende* (Noites de Debate) ocorriam palestras sobre o nacional-socialismo, abertas aos convidados dos partidários.⁷⁰ Também eram promovidas recepções para emissários alemães e tripulações de navios que estavam de passagem pelo Rio Grande do Sul.⁷¹

As festas eram abertas ao público, em especial à comunidade alemã e teuto-brasileira, mas o uso do idioma alemão era prioritário no decorrer dessas atividades. As comemorações do calendário nazista foram adotadas pelo NSDAP no Brasil, inclusive

⁶⁷ Foram consultadas as edições de 27 de abril de 1934 e 20 e 29 de junho de 1934.

⁶⁸ “Vorgänge in Brasilien”. Março de 1938. Chef A/O. Akten betreffend: Brasilien, PAAA.

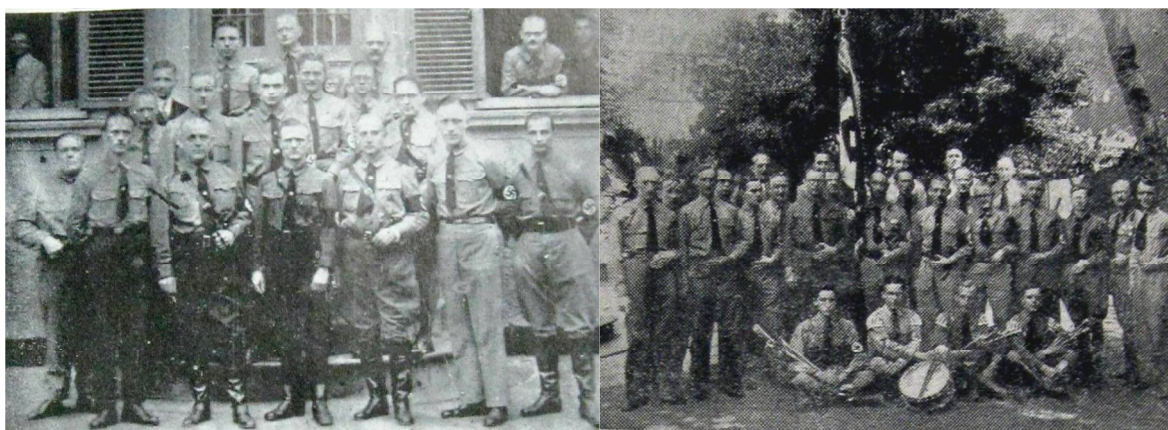
⁶⁹ PY, 1942, p. 235

⁷⁰ GRÜTZMANN, 2007, CD-ROM.

⁷¹ A antiga *Gau Seefahrt* (Comarca Marítima), à qual estavam vinculados todos os marinheiros, foi incorporada à AO como forma de controle da tripulação dos navios em portos estrangeiros. Posteriormente, a administração desses homens foi repassada à Frente de Trabalho Alemã (DAF). PERKINS, John. “Nazi Activities in Australia, 1933-39”. *Journal of Contemporary History*, London, vol.26, n°1, Jan. 1991, p. 121.

datas como o aniversário de Adolf Hitler (20 de abril). Organizava-se com frequência o *Eintopf*, festa na qual era servido um único prato, o ensopado, contribuindo para a arrecadação de recursos da seção local do Partido Nazista.

Reproduções fotográficas 2 e 3: Membros do Partido em frente à *Deutsche Haus* e banda do NSDAP



FONTE: *O Nazismo no Rio Grande do Sul – segundo relatório*. p. 39; *Vida Policial*, Porto Alegre, n. 54, janeiro de 1943. p. 31.

As comemorações públicas, como o Dia do Trabalho (1º de maio) e a chegada à cidade dos dirigíveis alemães, como o Graf Zeppelin e o Hindenburg, transformavam-se em manifestações de propaganda do nacional-socialismo.

Em Porto Alegre (RS), o ponto alto da comemoração do 1º de maio [1936] foi a presença do balão *Graf Zeppelin* sobre o lugar de comemoração. No discurso proferido pelos partidários foi enfatizada a adesão do “alemão no exterior” aos ideais nazistas, que pode ser comprovada nesta data pelo envolvimento do festejo do Dia do Trabalhador: “Nós alemães no exterior reconhecemo-nos em grande maioria a favor do Führer”. A comemoração aconteceu no ginásio da associação esportiva, onde – seguindo o modelo do que acontecia no III Reich – foi montado um palco para os discursos e todo o local enfeitado com bandeiras. O jornal [Deutsche Morgen] narrou que a cerimônia teve início com a entoação do hino nacional brasileiro. Logo após, o cônsul alemão Ried cumprimentou as pessoas saudando-as, também à moda nazista, três vezes com o *Sieg Hitler*. Em seguida, os presentes cantaram uma das mais famosas canções nacional-socialistas, a canção de Horst-Wessel.

Durante a cerimônia, as bandeiras alemã e brasileira foram hasteadas. A juventude hitlerista masculina e feminina se vestiram com trajes típicos e fizeram apresentações musicais de violino e guitarra. As meninas estavam de saias coloridas e os meninos, de calças curtas, imitando o estilo da juventude hitlerista. Depois da cerimônia, houve uma refeição, na qual, enfatizou o jornal, “empregadores e empregados” sentaram-se junto à mesa. Nota-se que este ponto

foi ressaltado, pois a união entre trabalhadores e patrões era umas das principais bandeiras da política trabalhista do nacional-socialismo.⁷²

O Ministério do Reich para Ilustração Pública e Propaganda (*Reichsministerium für Volksaufklärung und Propaganda*), comandado por Joseph Goebbels, dispunha de um departamento especial para a propaganda nazista no estrangeiro. A Divisão do Exterior era responsável pela publicidade das atividades do governo alemão e do Partido Nazista fora do território da Alemanha, desde a distribuição de panfletos para as organizações pan-germanistas, divulgação de notícias pelas agências especializadas, publicação de jornais direcionados aos alemães étnicos no exterior, até orientação de estudantes alemães no exterior sobre a situação do seu país.⁷³ Para tanto, foi necessária a cooperação com a Organização para o Exterior do NSDAP e com o Ministério das Relações Exteriores da Alemanha.

⁷² DIETRICH, 2007a, p. 279

⁷³ SINGTON, Derrick; WEIDENFELD, Arthur. *The Goebbels Experiment: a study of the Nazi Propaganda Machine*. New Haven: Yale University, 1943. p. 81

Reproduções fotográficas 4 e 5: *Deutsche Haus* em dia de *Eintopf* e comemorações do Dia do Trabalho

FONTE: *Vida Policial*, Porto Alegre, n. 68, março de 1944. p. 29; *Vida Policial*, Porto Alegre, n. 55, fevereiro de 1943. p. 32

Três agências alemãs de informações operavam no Brasil, recebendo subvenções do Terceiro Reich. A *Deutsche Nachrichten Büro* (Agência Alemã de Notícias ou DNB) repassava informações telegráficas, pois sua atuação estava circunscrita à Europa. O *Heil Dienst* (H.D.) – traduzido como “Serviço Urgente” pelo Itamaraty – transmitia informações políticas, econômicas e financeiras através dos correspondentes que mantinham nas capitais brasileiras. As observações diárias do mercado brasileiro eram transmitidas diariamente, por telégrafo, pela H.D. Por via aérea, enviavam, semanalmente, relatórios nos quais eram analisadas as oscilações da cotação de matérias-primas e a legislação econômico-financeira em vigência, assim como eram informadas mudanças na administração de bancos e estabelecimentos de crédito. Por fim, a agência *Transozean*

(TO), com sede em Berlim, era responsável pela publicidade de grandes empresas alemãs, pela distribuição de notícias vindas da Alemanha e pela divulgação de comunicados político-diplomáticos. A *Transocean* mantinha sucursais nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Porto Alegre, Salvador, Recife e Belém.⁷⁴

A Emissora Alemã de Ondas Curtas teve seu sucesso medido pela polícia do Rio Grande do Sul através do número de cartas enviadas pelos ouvintes endereçadas à sua sede, em Berlim.⁷⁵ A rede *Reichs-Rundfunk-Gesellschaft* (Sociedade de Radiodifusão do Reich), nacionalizada pelo governo nazista em 1933, era responsável por suas transmissões transoceânicas, que atingiam cinco grandes zonas: América do Norte, América Latina, Brasil, sul e leste da Ásia e África. Cada zona escutava uma programação com idiomas variados, tendo língua alemã como elo comum, destacada em todas as transmissões, que abrangiam boletins de notícias, debates, música e programas com temas especiais, como “Alemães de Todo o Mundo” e “Nacional-Socialismo e Alemães no Exterior”.⁷⁶ Kurt Wendel e Otto Schinke, militantes do núcleo São Paulo do NSDAP, trabalharam na Alemanha para a emissora, anunciando os programas em língua portuguesa durante todo o período da Segunda Guerra Mundial.⁷⁷ A importância do rádio como veículo das idéias nacional-socialistas era tamanha que se investiu, inclusive no Brasil, no financiamento parcial de aparelhos de rádio da indústria Telefunken quando comprados por alemães ou teuto-brasileiros.⁷⁸

⁷⁴ “À margem das atividades da Alemanha, no Brasil”. Rio de Janeiro, 07 de julho de 1938. Cópia. Correspondência: Nazismo no Brasil (1934-1941), AHI.

⁷⁵ PY, 1942, p. 173. Tal observação foi possível devido à censura postal imposta pelo governo brasileiro durante o Estado Novo.

⁷⁶ SINGTON; WEIDENFELD, 1943, pp. 182, 183 e 191.

⁷⁷ DIETRICH, Ana Maria. *Caça às Suásticas: o Partido Nazista em São Paulo sob a mira da Polícia Política*. São Paulo: Humanitas; Imprensa Oficial do Estado, 2007b. p. 184

⁷⁸ *Vida Policial*, Porto Alegre, n. 52, novembro de 1942. Cortando as Asas do Nazismo, p. 35

A mídia exerceu um papel fundamental na difusão da ideologia nazista. Assim como o rádio, a produção cinematográfica alemã foi encampada pelo Estado em 1937. Antes disso, a *Universum Film Aktiengesellschaft* (UFA), criada em 1917, havia sido adquirida por Alfred Hugenberg, magnata da imprensa na Alemanha que apoiou financeiramente o NSDAP e, posteriormente, tornou-se uma de suas lideranças.⁷⁹ A UFA controlava a produção e a exploração das películas, desde a fabricação do filme virgem até a comercialização do produto finalizado. No Rio Grande do Sul, seus filmes eram distribuídos pelo escritório da Art Films e exibidos nos cinemas Coliseu e Ypiranga na capital.⁸⁰ Integravam o esforço de divulgação dos preceitos nacional-socialistas tanto os chamados “noticiários cinematográficos”, que traziam imagens de acontecimentos contemporâneos como a visita de Benito Mussolini à Alemanha e a questão dos Sudetos, quanto filmes de ficção como “o Judeu Süß” ou ainda o documentário “Olympia”, dirigido por Leni Riefenstahl, sobre os Jogos Olímpicos de 1936. Entretanto, a comercialização de filmes sobre os membros do Partido Nazista e sua organização não eram de interesse do Terceiro Reich.⁸¹ Estes eram enviados diretamente para os grupos partidários ou por intermédio da Embaixada e dos consulados, para exibições fechadas.

É interessante perceber o duplo movimento na execução da propaganda nazista para o exterior. Por um lado, haviam produtos midiáticos produzidos para o grande público, que entrariam em contato com o nacional-socialismo através, principalmente, do rádio e do cinema, ambos controlados pelo Estado. Por outro, existia o controle na distribuição daquele material voltado essencialmente para os cidadãos alemães e descendentes. Livros, panfletos e fotografias eram enviados diretamente aos responsáveis pela propaganda em

⁷⁹ FURHAMMAR, Leif; ISAKSSON, Folke. *Cinema e política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. pp. 27, 28.

⁸⁰ LUCAS, Taís Campelo. *Imagens do Terceiro Reich nas Telas do Estado Novo*. Porto Alegre: Monografia de bacharelado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002. pp. 61, 62.

⁸¹ ISOLAN, Flaviano Bugatti. *Das páginas à tela: cinema alemão e imprensa na década de 1930*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006. p. 113

cada núcleo partidário ou distribuídos pelo Consulado local. Acredita-se que esse material apresentava, sem filtros, os subsídios teóricos e as soluções do nazismo para a Nova Alemanha.

Além de congregar a comunidade alemã do estado, *Reichsdeutsche* e *Volksdeutsche*, a partir dos princípios nacional-socialistas, cabia à direção do *Kreis* concentrar as informações de cunho comercial e industrial do estado, que eram encaminhadas para a Organização do Exterior do NSDAP. Ewald Nagorsen, superintendente comercial, era o encarregado dessa atividade, que consistia em indicar nomes de empresas no Brasil que poderiam ser representantes comerciais de firmas alemãs no Rio Grande do Sul e em São Paulo.⁸² Através do Partido, Nagorsen também prestava auxílio a alemães que se encontravam sem trabalho no estado.⁸³

A conduta dos partidários era vigiada constantemente. No Círculo Rio Grande do Sul do NSDAP, foi estabelecido o tribunal interno para tratar questões disciplinares, a *Untersuchung und Schlichtungs Ausschuss*, Comissão de Investigação e Arbitragem (USCHLA), sob a chefia de Hugo Müller, que também era responsável pela seção de patrimônio. Nos julgamentos, a estrutura era completada por três assistentes, dois suplentes e um representante oficial do Partido Nazista, em geral o chefe do núcleo local.⁸⁴

Eram submetidos a inquérito toda e qualquer atitude considerada contrária aos interesses do Partido Nazista, incluindo brigas internas, exceção feita às reclamações referentes às Tropas de Assalto (SA) e às Tropas de Proteção (SS), consideradas assuntos

⁸² Ofício do Tribunal de Segurança enviando cópias das principais peças do processo original do Rio Grande do Sul e referente à Ewald Nagorsen. 08 de junho de 1939. Ministério da Justiça e Negócios Interiores, AN.

⁸³ *Termo de audiência*. Processo-crime n° 657. 16 de março de 1939. Tribunal de Segurança Nacional, AN.

⁸⁴ PY, 1942, p. 61

internos desses grupos.⁸⁵ A contestação das decisões da USCHLA local poderia ser encaminhada para o Tribunal Superior do Partido, em Berlim.

Tabela 12: Estrutura da USCHLA no Círculo Rio Grande do Sul – Grupo Nacional Brasil

<i>Nome</i>	<i>Função</i>
Hugo Müller	<i>Chefe</i>
Franz Filsinger	1º Assistente
Carl Weidmann	2º Assistente
Paul Guenther	3º Assistente
Otto Emil Meyer	Suplente
F. Schennel	Suplente

FONTE: *Vida Policial*, Porto Alegre, maio de 1942. p. 27

No Rio Grande do Sul, o Partido Nazista contava com outra forma de arrecadação de recursos, que se somava às mensalidades e aos lucros das festas realizadas na *Deutsche Haus*: o *Opferring* ou Círculo do Sacrifício, organizado no estado por Ewald Nagorsen.⁸⁶ O apoio financeiro era concedido através da participação na coleta mensal, sendo o contribuinte agraciado com a filiação ao Partido.⁸⁷ A partir de 1938, a AO recomendava a rejeição de *Volksdeutsche* de organizações destinadas a angariar fundos ao NSDAP no exterior.⁸⁸

Sem qualquer impedimento quanto à nacionalidade do contribuinte, o *Winterhilfswerk*, Auxílio de Inverno (WHW) era subordinado à Associação Nacional-

⁸⁵ “Capítulo XI”. *Vida Policial*, Porto Alegre, n. 46, maio de 1942. Cortando as Asas do nazismo, p. 29. Alguns documentos trazem referências à existência das S.A. e das S.S. na no Círculo Rio Grande do Sul, mas de forma muito vaga. Não ficou claro se as tropas foram organizadas localmente ou se eram integradas por membros que atuavam na SA e na SS na Alemanha, nem se estavam temporariamente no estado ou haviam imigrado em definitivo.

⁸⁶ Processo-crime nº 657, 16 de março de 1939. Tribunal de Segurança Nacional, AN.

⁸⁷ SANTANA, Nara Maria Carlos de. *Associações Nazistas no Brasil (1938-1945)*. Niterói: Dissertação de mestrado, Universidade Federal Fluminense, 1999. p. 76

⁸⁸ “Memorando de um funcionário da Auslandsorganisation”. Berlim, 24 de setembro de 1938. In: *O III Reich e o Brasil: Documentos autênticos capturados na II Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Laudes, 1968. p. 114

Socialista do Bem Estar Público (NSV), representante das associações beneficentes do Terceiro Reich e no exterior.

Tanto na Alemanha quanto no exterior, o Auxílio de Inverno foi proclamado como um exemplo de lealdade dos alemães a sua Pátria de origem. Colaborar com este programa era considerado um dos atos mais louváveis para o partidário ou teuto comum. De acordo com os dirigentes do III Reich, o germânico no exterior que colaborasse com o Auxílio de Inverno passaria a se igualar ao alemão que morava na Alemanha.⁸⁹

O Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães era integrado por diversas instituições, às quais seriam atribuídas caráter estatal após a tomada do poder em 1933. Tais associações partidárias também foram incorporadas às seções partidárias no exterior. No Círculo Rio Grande do Sul, encontram-se referências às seguintes:

1. *Nationalsozialistische Frauenschaft*, Organização das Mulheres Nazistas (NSF): organizada no estado pelo menos desde 1932,⁹⁰ tinha como tarefas “prestar auxílio a gestantes, ensinar afazeres domésticos e costura, elaborar trabalhos manuais para fins sociais, dar assistência a senhoras e moças alemãs e organizar festas de beneficência, como o Natal das crianças pobres”,⁹¹ de acordo com as funções designadas às mulheres segundo o ideário nazista;

2. *Nationalsozialistische Volkswohlfahrt*, Previdência Popular Nacional-Socialista (NSV): prestava auxílio aos membros do NSDAP que se encontravam doentes ou desempregados, financiava escolas e reembolsava despesas realizadas em serviço do Partido;⁹²

⁸⁹ DIETRICH, 2007a, p. 247

⁹⁰ PY, 1942, p. 329

⁹¹ DIETRICH, 2007a, p. 250

⁹² SANTANA, 1999, p. 76; PY, 1942, p. 375

3. *Nationalsozialistischer Lehrerbund*, Associação dos Professores Nacional-Socialistas (NSLB): organizado em Porto Alegre, contava com cerca de 100 integrantes em todo o país;⁹³

4. *Deutsche Arbeitsfront*, Frente de Trabalho Alemã (DAF);

5. *Hitlerjugend*, Juventude Hitlerista (HJ).

Os documentos conservados que tratam de aspectos dessas duas últimas organizações permite o estudo mais detalhado de seu funcionamento no Rio Grande do Sul.

A Frente de Trabalho Alemã substituiu todos os sindicatos existentes na Alemanha por uma única organização trabalhista a partir de maio de 1933. Bob Moore descreve que muitos trabalhadores alemães mantiveram o vínculo com os sindicatos na Alemanha mesmo exercendo suas atividades fora do país. A súbita dissolução dessas organizações deixou vários desses trabalhadores sem proteção, benefícios, aposentadoria ou seguro desemprego. Desse modo, a adesão à DAF, mesmo de forma passiva, poderia estar relacionada ao papel da associação como sucessora do movimento sindical e garantia de manutenção dos direitos.

Uma vez inscrito em uma organização nazista, os indivíduos eram naturalmente pressionados a ingressar nas outras associações partidárias e a assinar os jornais nazistas. Para muitos, a única alternativa real – quando possível – era filiar-se a um sindicato no país em que trabalhavam e assim evitar a necessidade de “proteção” do Partido Nazista.⁹⁴

A função da DAF fora da Alemanha, de acordo com o Anuário da Organização para o Exterior do NSDAP de 1942, segundo Dietrich:

⁹³ MORAES, 2005, p. 150; DIETRICH, 2007a, p. 253

⁹⁴ MOORE, Bob. “Nazism and German Nationals in the Netherlands, 1933-40”. *Journal of Contemporary History*, London, vol. 22, 1987, p. 47. Tradução nossa.

(...) foi coibir a propaganda inimiga, divulgar a idéia de paz no trabalho e promover programas sociais. Dentro desses programas, eram suas atividades no exterior: reuniões mensais, cursos de formação de professores e criação de grupos de jogos e de esportes. Seus integrantes se comprometiam a dar consultoria jurídica, participar da formação e responsabilidades sociais, cuidar da educação e participar de atividades de imprensa.⁹⁵

No Brasil, a DAF reuniu 6.401 associados, mais que o dobro do número de filiados ao Partido Nazista.⁹⁶ A explicação para esta elevada cifra está na maleabilidade nos critérios de aceitação de associados na DAF. Ao contrário do NSDAP, que por princípio somente permitia a filiação de *Reichsdeutsche* em seus quadros, a Frente de Trabalho Alemã não apenas aceitava a participação de *Volksdeutsche* na associação, como ainda incentivava a dupla filiação dos partidários. É sabido, ainda, que simpatizantes nazistas impossibilitados de se inscreverem no Partido optavam pela DAF como forma de reforçarem seu vínculo com o Terceiro Reich. Se para alguns, o ingresso na DAF significava a aproximação máxima permitida em direção ao Partido Nazista, para outros reiterava o compromisso com o nacional-socialismo.

A direção da Frente de Trabalho Alemã no Rio Grande do Sul cabia a Ernst Dorsch, subchefe e substituto legal da liderança do NSDAP no estado. A mensalidade da associação era facultativa e estava fixada no valor de 7\$000.⁹⁷ Seus integrantes eram incentivados a fazer militância no local de trabalho e a entregar folhetos de propaganda entre os alemães e teuto-brasileiros interessados.⁹⁸

⁹⁵ DIETRICH, 2007a, p. 248

⁹⁶ Idem, p. 248.

⁹⁷ *Carta de Erwin Marx à Ernst Dorsch*. Porto Alegre, 25 de janeiro de 1938. In: *O Nazismo no Rio Grande do Sul – relatório do Cap. Aurélio da Silva Py, Chefe de Polícia do Estado. Secreto*. [194?]. Anexo, p. 275; “As declarações do industrial Walter Nast”. In: PY, 1942, p. 130. Ana Dietrich destaca, em seu livro, um documento que afirma que, em empresas como o Banco Alemão Transatlântico, que tinha filiais em Porto Alegre, a filiação à DAF era obrigatória. DIETRICH, 2007b, p. 191

⁹⁸ *Termo de declarações da testemunha Karl Hans Schumacher*. Porto Alegre, 15 de abril de 1941. In: Processo-crime nº 1.933. 16 de abril de 1941. Tribunal de Segurança Nacional, AN.

Guilherme Meyer, no entanto, declarou à polícia que sua filiação à DAF não ocorreu de forma espontânea e sim através da solicitação de um dos chefes do grupo local do NSDAP de Novo Hamburgo. Meyer já era filiado ao Partido, mas teria ingressado na Frente de Trabalho Alemã por conta das facilidades que associação dispunha para baratear para os seus sócios as viagens de férias para a Alemanha.⁹⁹ Da mesma forma, alemães natos que pretendessem retornar à Alemanha em definitivo não teriam descontinuado o seu vínculo com a previdência ao permanecerem ligados à central trabalhista única do Terceiro Reich.

No Rio Grande do Sul, a DAF promovia o intercâmbio de jovens teuto-brasileiros e alemães residentes no Brasil interessados em buscar qualificação profissional na Alemanha. A origem germânica era o requisito principal e fundamental para habilitar-se a essa oportunidade. Em 1937, quinze rapazes menores de 18 anos foram enviados ao país como jovens aprendizes por intermédio da DAF.¹⁰⁰

A Juventude Hitlerista se apresentava no Brasil sob o nome *Deutschbrasilianischer Jugendring*, Círculo da Juventude Teuto-Brasileira (DBJ). Estabelecida nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco, a DBJ seguia as diretrizes e orientações da HJ na Alemanha. A direção nacional do movimento estava a cargo de Hans Neubert, que também foi chefe do Distrito Sul, ao qual pertencia o Rio Grande do Sul.

Segundo Armínio Hufnagel, substituto de Neubert na gerência local da DBJ após a proibição das atividades políticas de estrangeiros em 1937, o principal objetivo da

⁹⁹ *Termo de declarações de Guilherme Meyer*. Processo-crime nº 1.933, procedente do Rio Grande do Sul, contra Gunther Franz Heinrich Schinke e outros”. 16 de abril de 1941. Tribunal de Segurança Nacional, AN.

¹⁰⁰ *Carta de Dorsch à Carlos Mattusch*. Porto Alegre, 23 de fevereiro de 1937. In: Relatório do delegado João Giuliano. Repartição Central de Polícia. Rio Grande do Sul. Cópia. Porto Alegre, 10 de maio de 1938. Anexos. Correspondência: Atividades nazistas no estado do Rio Grande do Sul (1938-1940), AHI.

associação era “a formação de uma juventude germânica de elite na base da Juventude Hitlerista da Alemanha para conservação da raça e do sangue germânico”.¹⁰¹

Ao final de 1933, a organização de inspiração nacional-socialista *Deutsche Jungenschaft* (Grupo Juventude Alemã) surgiu em Porto Alegre. No ano seguinte, sua chefia passou às mãos de Neubert, que iniciou sua reorganização interna, com a mudança do nome para *Deutschbrasilianischer Jugendring*, a adoção do uniforme e das vozes de comando da Juventude Hitlerista, além da inclusão de um departamento feminino no início de 1935.¹⁰² A associação promovia festas, reuniões políticas e acampamentos.

O movimento da juventude do NSDAP na Alemanha foi lançado em maio de 1922 e, inicialmente, foi tutelado pela SA, que costumava recrutar os jovens que se destacavam para as suas fileiras. Com o expurgo de 1934, a Juventude Hitlerista aliou-se à SS. Apenas em março de 1939 tornou-se obrigatória a inscrição na HJ, sob pena de multa e prisão para os pais que não inscrevessem seus filhos.¹⁰³ Para o nazismo, a formação e a educação eram tarefas do Estado étnico, ficando a família e a escola como instâncias secundárias.

(...) sob o Terceiro Reich, ser “jovem” não remetia tanto a um grupo social, ou então a um momento do desenvolvimento biológico do indivíduo. Ser “jovem” significava antes de tudo a vinculação de uma *idéia* nova – *Weltanschauung* [crença] nacional-socialista – que procurava encarnar-se na luta: “Aquele que marcha nas fileiras da *Hitler-Jugend* não é um número entre milhões de outros, mas o *soldado de uma idéia*”.¹⁰⁴

Em maio de 1935, quinze rapazes da DBJ foram selecionados no Rio Grande do Sul para participarem da “Concentração Mundial da Juventude Hitlerista”, em Berlim. Em junho, embarcaram para a Alemanha juntamente com as delegações de São Paulo, Rio de

¹⁰¹ *Termo de declarações de Armínio Hufnagel*. Porto Alegre, 03 de outubro de 1939. In: PY, 1942, p. 276

¹⁰² Idem, p. 269, 270.

¹⁰³ KOCH, H. W. *A Juventude Hitlerista – mocidade traída*. Rio de Janeiro: Renes, 1973. p. 24; MICHAUD, Eric. “‘Soldados de uma idéia’: os jovens sob o Terceiro Reich”. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (orgs). *História dos jovens*. v. 2, São Paulo: Companhia das Letras, 1996. pp. 298, 299

¹⁰⁴ Idem, p. 291

Janeiro e Pernambuco, coordenados por Neubert. O acampamento teve duração de 14 dias, durante os quais os jovens receberam instruções militares, aulas de preparação cívica, realizaram jogos e marchas e assistiram conferências de doutrinação.¹⁰⁵ Após a visita de Rudolf Hess e Alfred Rosenberg ao evento, o grupo participou de uma grande parada, na qual também marcharam soldados alemães. No dia seguinte, foram transportados para o centro da cidade e recebidos por Goebbels no Ministério da Propaganda e Ilustração Pública, que discursou sobre a vida na Nova Alemanha e a importância dos jovens na sua propagação. Depois, empreenderam uma viagem pelo interior do país durante uma semana, sendo recebidos em Munique por Julius Streicher, editor do jornal antisemita *Der Stürmer* (O Agressor), e nos Alpes por Baldur von Schirach, comandante da Juventude Hitlerista mundial. Antes de retornar ao Brasil, os jovens ainda tiveram alguns dias livres para visitar parentes e conhecidos na Alemanha.¹⁰⁶

A recepção dos quinze jovens que viajaram para o encontro da Juventude Hitlerista reuniu parentes e amigos em um clube de Porto Alegre. Hans Neubert, declarado chefe nacional do *Deutschbrasilianischer Jugendring* durante a viagem à Alemanha, nomeou nessa festividade a direção regional e local da DJB entre os jovens que participaram das atividades do acampamento mundial da HJ. Ou seja, as instruções militares, cívicas e doutrinárias serviram como preparação das lideranças para o movimento internacional da juventude de Hitler, reforçada com passeios pela “Nova Alemanha” e pelo encontro com alguns dos grandes nomes do Partido Nazista. Foram nomeados Erwin Werner Becker para a chefia do Distrito Sul, que incluía os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, e Hermann Lauser, para a chefia do núcleo de Porto Alegre.¹⁰⁷

¹⁰⁵ *Termo de declarações de Armínio Hufnagel*. Porto Alegre, 03 de outubro de 1939. In: PY, 1942, p. 271.

¹⁰⁶ *Idem*, pp. 271, 272.

¹⁰⁷ *Idem*, p. 273.

Após as nomeações das novas chefias, foi dado início aos trabalhos de propaganda e formação de núcleos da DBJ pelo interior do Estado. Em 1936, o grupo instalou-se na *Deutsche Haus* e passou a publicar o seu jornal oficial, *Die Kameradschaft* (A Camaradagem).¹⁰⁸ Os valores das mensalidades pagas pelos associados eram 1\$500 para os que tinham até dezessete anos e 2\$000 para maiores de dezoito anos.¹⁰⁹ Até o início de 1937, os acampamentos do Círculo da Juventude Teuto-Brasileira no Rio Grande do Sul eram realizados em *Neu-Wuerttemberg* ou Pindorama, atual cidade de Panambi.¹¹⁰

Reprodução fotográfica 6: Desfile do Círculo da Juventude Teuto-Brasileira na Praça da Alfândega, centro de Porto Alegre, em 19 de novembro de 1937



FONTES: PY, 1942, Anexos – documento n° 44A

Durante o período de liderança de Walter Hornig no Círculo Rio Grande do Sul do Partido Nazista, os núcleos do NSDAP se espalharam pelo estado. Em novembro de 1934,

¹⁰⁸ *Termo de declarações de Armínio Hufnagel*. Porto Alegre, 03 de outubro de 1939. In: PY, 1942, p. 273.

¹⁰⁹ PY, 1942, p. 208.

¹¹⁰ Sobre a organização do Círculo da Juventude teuto-brasileira em Panambi e os acampamentos realizados na região, ver: NEUMANN, Rosane Márcia. *“Quem nasce no Brasil, é brasileiro ou traidor!”: as colônias germânicas e a campanha de nacionalização*. São Leopoldo: Dissertação de mestrado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003. p. 195-199.

existiam apenas três grupos locais e nove grupos de apoio.¹¹¹ Ao final de 1937, momento em que as atividades político-partidárias são abolidas no Brasil, a pesquisa registrou a existência de trinta e três núcleos do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães estabelecidos no Rio Grande do Sul. São registros de dezoito *Ortsgruppen* (grupos locais), treze *Stützpunkte* (pontos de apoio) e duas *Zellen* (célula) (ver Apêndice C).

Além da sede central em Porto Alegre, a Frente Alemã de Trabalho estava organizada em quinze grupos regionais, nas seguintes cidades: Santa Cruz, Novo Hamburgo, Montenegro, Cachoeira, Candelária, Lajeado, Estrela, São Leopoldo, Gramado, Pindorama, Ijuí, Santo Ângelo, Carazinho, Getúlio Vargas e José Bonifácio.¹¹² A Juventude Teuto-Brasileira estava organizada, até 1937, em sete grupos: 1. Rio Grande, composto por três cidades; 2. Porto Alegre, com sete cidades; 3. Lajeado, sete cidades; 4. Santa Cruz, sete cidades; 5. Cachoeira, seis cidades; 6. Ijuí, sete cidades e 7. José Bonifácio, com seis cidades (ver Apêndice D).¹¹³

Os dados apresentados por Moraes indicam a existência de 439 membros no Rio Grande do Sul filiados ao Grupo Nacional Brasil do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães.¹¹⁴ Gertz, ao comentar que o número de partidários no estado permaneceu muito baixo, cita a estimativa de 400 a 500 filiados.¹¹⁵ Ao considerarmos que, para fundar um grupo local era necessário atingir o número de vinte e cinco partidários enquanto que a organização de um ponto de apoio requeria no mínimo quinze

¹¹¹ MORAES, 2005, p. 141.

¹¹² *Introdução Original*, MJFL-ACADEPOL. As cidades de Estância Velha e Sapiranga integravam o núcleo da DAF de São Leopoldo. O município de José Bonifácio responde hoje pela denominação de Erechim.

¹¹³ *O Nazismo no Rio Grande do Sul – segundo relatório*, op. cit., p. 345.

¹¹⁴ MORAES, 1996, Anexos. Tabela 8, p. 193. O total de membros sem registro do local de filiação é de 137. O autor trabalha com o número total de filiados no país igual a 2.822.

¹¹⁵ GERTZ, 1987, p. 86

partidários,¹¹⁶ é possível afirmar que o Círculo Rio Grande do Sul, com seus dezoito grupos locais e treze pontos de apoio identificados pela pesquisa, reuniu pelo menos 645 militantes nazistas entre 1931 e 1937.

De acordo com recenseamento geral de 1940, viviam no Rio Grande do Sul 15.279 alemães, sendo 8.547 homens e 6.732 mulheres.¹¹⁷ Tendo em vista que o objetivo principal do Partido Nazista no exterior foi a congregação de todos os cidadãos alemães homens que residiam fora da Alemanha, posto que as mulheres desempenhavam um papel secundário na organização, seu insucesso nesse estado foi alarmante: apenas 7,54% do seu público alvo teria respondido ao chamado do Terceiro Reich.¹¹⁸ Ao incluirmos as mulheres alemãs no cálculo, a taxa de participação no NSDAP local cai para 4,22%. Apesar da visibilidade ganha através das atividades públicas e da propaganda, o grau de inserção do Partido Nazista no Rio Grande do Sul, traduzido em filiação efetiva junto ao movimento, foi baixíssimo entre os *Reichsdeutsche*. No estado, o número é inferior à média nacional, cujo índice de filiação é ligeiramente menor a 5% entre alemães natos imigrados.

Dietrich afirma que a distribuição de filiados ao Partido Nazista nos estados brasileiros era proporcional ao número de alemães natos imigrados, de acordo com o recenseamento de 1940. O Rio Grande do Sul, segundo esse raciocínio, representaria a quarta maior concentração de partidários (atrás dos estados de São Paulo, Santa Catarina e Rio de Janeiro).¹¹⁹ Pode-se confirmar tal assertiva ao analisar a distribuição espacial dos *Reichsdeutsche*. Das dez cidades com maior percentual de cidadãos alemães natos residentes, nove delas possuem um grupo local organizado do NSDAP. É necessário

¹¹⁶ Idem, p. 86, nota 74.

¹¹⁷ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Recenseamento Geral do Brasil (1º de setembro de 1940)*. Série regional, parte XX, Rio Grande do Sul. Tomo 1. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1940. p. 69. O número total de estrangeiros no estado era 90.701 pessoas.

¹¹⁸ Foi considerado, para esse cálculo, o número de 645 militantes para o estado do Rio Grande do Sul.

¹¹⁹ DIETRICH, 2007a, p. 57.

ponderar que cinco dessas cidades estão entre as mais populosas do estado, com grande afluência de estrangeiros em geral (consultar Apêndice E).

Em relação ao grupo vinculado ao Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães no Rio Grande do Sul, um dos principais questionamentos colocados pela pesquisa girava em torno de seus militantes. Quem eram os nazistas? Quem eram os militantes do NSDAP? Observando os documentos, poder-se-ia deduzir que seus integrantes eram cidadãos alemães natos e teuto-descendentes, já que era a eles que as políticas e os discursos do Terceiro Reich se dirigiam no exterior. Entretanto, o grau de adesão desse grupo ao nazismo foi significativamente baixo, tanto no estado quanto no Brasil. A hipótese de que existiriam outros fatores que poderiam condicionar a adesão ao NSDAP fora da Alemanha levou à necessidade de investigar o *background* do núcleo partidário local.

No caso do grupo estudado, a perda da documentação e a dificuldade de acesso às fontes foram contornadas na constituição de um banco de dados que reunia informações fragmentadas, recolhidas em documentos originados de fundos policiais, judiciais e diplomáticos. Tendo como ponto de partida os nomes dos acusados de nazismo encontrados nos registros policiais, foi possível reconstituir dados biográficos a partir de um conjunto de referências isoladas. A experimentação resultou na amostra de 1.786 indivíduos, entre membros do NSDAP e de suas associações, simpatizantes, suspeitos, presos políticos acusados de nazismo e súditos do Eixo internados em campos de concentração no Brasil.

Foram identificados 372 membros filiados ao Partido Nazista residentes no Rio Grande do Sul. Devido à impossibilidade de consultar os registros de filiação do NSDAP no *Bundesarchiv*, os critérios de inclusão nesse grupo foram declarações afirmativas dadas pelos suspeitos e reincidência dos dados em diferentes fontes de consulta. Da mesma forma, foram excluídos aqueles sem acusação qualificada. Houve a preocupação em não catalogar como partidários os membros que participam apenas das associações nazistas e os contribuintes. Por fim, foi estabelecida como amostragem 175 registros (47%) que continham informações mais completas sobre as três variáveis que contemplavam a hipótese de trabalho: instrução, faixa etária e profissão.

Acreditava-se que outros fatores poderiam ser identificados como principal propulsor para adesão ao Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães no Rio Grande do Sul. Não é intenção forjar um “tipo ideal” suscetível ao nazismo, mas o sim analisar as condições que propiciaram a tomada de decisão.

Tabela 12: Partidários NSDAP Rio Grande do Sul, segundo a nacionalidade

<i>Nacionalidade</i>	<i>Número de filiados</i>	<i>Percentual</i>
Sul-Africana	1	0,6%
Alemã	111	63,4%
Austríaca	1	0,6%
Brasileira	4	2,2%
Brasileira (naturalizados)	2	1,1%
Sem informação	56	32%
Total	175	99,9%

Os dados acima confirmam a participação majoritária de cidadãos alemães natos na seção partidária do NSDAP no Rio Grande do Sul. A inclusão de um pequeno percentual de cidadãos brasileiros entre os partidários contrariava as diretrizes oficiais da Organização para o Exterior, mas devido ao empenho em conquistar a liderança da comunidade alemã

como um todo, já se esperava que tivessem sido inclusos cidadãos brasileiros, natos ou naturalizados, nas fileiras do Partido Nazista.

Ao mesmo tempo, os dados referentes à participação de mulheres são inconclusos. Foram registradas quarenta mulheres filiadas ao NSDAP ao todo, sendo que trinta e oito delas são de religiosas evangélicas vinculadas a hospitais no Estado.¹²⁰ É muito provável que a maioria das mulheres estivesse inscritas apenas na Organização das Mulheres Nazistas e que tenham sido deixadas de lado pelo registro policial. No Brasil a NSF reuniu 2.050 integrantes,¹²¹ dado que representa 70% dos filiados no país (2.903 no total).

Tabela 13: Partidários NSDAP Rio Grande do Sul, segundo o local de filiação

<i>Local de filiação</i>	<i>Número de filiados</i>	<i>Percentual</i>
Alemanha	8	4,6%
Brasil	87	49,7%
Sem informação	80	45,7%
Total	175	100%

Em relação ao local de filiação, foi destacado durante a pesquisa que alguns indivíduos que militavam no estado declaravam não serem filiados aos núcleos do NSDAP no estado, mas manterem seu vínculo ao Partido Nazista na Alemanha. A amostragem analisada indica que esses casos representam 4,6% dos partidários residentes no Rio Grande do Sul. Assim como na análise da filiação de mulheres, é possível pensar que os números estimados de militantes do NSDAP residentes no estado podem ser ainda maiores.

¹²⁰ “Irmãs evangélicas de Hospitais, inscritas no Partido Nazista”. Repartição Central de Polícia, Delegacia de Ordem Política e Social. Relatório de Plínio Brasil Milano à DESPS/RJ. Porto Alegre, 15 de dezembro de 1942. Arquivo Polícia Política, setor Estados: Rio Grande do Sul, APERJ.

¹²¹ DIETRICH, 2007a, p. 250.

Os dados referentes à concentração espacial dos partidários indicam que a grande maioria residia na capital, Porto Alegre (29,1%), que também abrigava o maior núcleo do NSDAP no estado. Os demais se espalhavam pelo interior do estado, com alguma concentração na região de Novo Hamburgo (19,9%) e Santa Cruz (5,7%), cidades com grande afluência de estrangeiros e zona tradicionais de colonização germânica.

Tabela 14: Partidários NSDAP Rio Grande do Sul, segundo perfil etário

<i>Idade</i>	<i>Número de filiados</i>	<i>Percentual</i>
Menos de 30 anos	3	1,7%
Entre 31 e 35 anos	8	4,6%
Entre 36 e 40 anos	14	8%
Entre 41 e 45 anos	17	9,7%
Entre 46 e 50 anos	10	5,7%
Entre 51 e 55 anos	8	4,6%
Entre 56 e 60 anos	2	1,1%
Entre 61 e 66 anos	2	1,1%
Sem informação	111	63,4%
Total	175	99,9%

A tabela acima compara os dados referentes à idade dos partidários tendo por referência o ano de 1942. Há uma maior concentração de partidários entre 41 e 45 anos, seguidos pela faixa entre 36 e 40 anos. Esses dados acompanham a estatística do NSDAP referente ao Brasil e traçam o perfil de militantes que já estavam na idade adulta na época em que Adolf Hitler ascendeu ao poder, em 1933. O fato de que a DJB aceitava militantes maiores de 18 anos também pode influenciar esse número.

Tabela 15: Partidários NSDAP Rio Grande do Sul, segundo a data de imigração ao Brasil

<i>Ano de imigração</i>	<i>Número de filiados</i>	<i>Percentual</i>
Antes de 1900	1	0,6%
Entre 1909 e 1910	1	0,6%
Entre 1911 e 1915	2	1,1%
Entre 1916 e 1920	2	1,1%
Entre 1921 e 1925	13	7,4%
Entre 1926 e 1930	8	4,6%
Entre 1931 e 1935	3	1,7%
Entre 1936 e 1940	3	1,7%
Sem informação	142	81,1%
Total	175	99,9%

Mesmo com poucas informações acerca da data de imigração da maioria dos partidários da amostragem, é interessante perceber o aumento significativo desse índice entre os anos de 1921 e 1925. Após a Primeira Guerra Mundial, a Alemanha enfrentou as consequências do Tratado de Versalhes, aceitando total responsabilidade pelo início da guerra e comprometendo-se a fazer reparações, que além de montante em dinheiro, deveria ser paga com 12% do valor das exportações anuais do país. Em outubro de 1923, o total de desempregados no país aumentara para 400 000 pessoas, chegando a atingir um milhão e meio de alemães em janeiro de 1934.¹²² Entre março de 1922 e março de 1923, os preços foram multiplicados por 100, e desde o início de 1922, apenas 20% dos alemães dispunham do mínimo de alimentos para sobrevivência.¹²³ A inflação elevada impulsionou o crescimento das grandes indústrias ligadas às altas finanças internacionais e do comércio exterior. A ajuda americana permitiu aliviar a situação apenas até a quebra da Bolsa de

¹²² RICHARD, Lionel. *A República de Weimar (1919-1933)*. São Paulo: Companhia das Letras; Círculo do Livro, 1988. p. 93. Ver também: GAY, Peter. *A Cultura de Weimar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

¹²³ Idem, p. 94

Valores de Nova York ao final de 1929. Tal realidade foi vivenciada por uma parcela expressiva dos filiados ao NSDAP no Rio Grande do Sul.

Entre 1926 e 1930, o índice relativo à imigração continuou elevado e não seria despropositado afirmar que as condições de vida na Alemanha aceleraram esse processo. Outro dado interessante é a presença de dezesseis ex-combatentes da Primeira Guerra entre os alemães filiados ao NSDAP no Rio Grande do Sul. A *Kriegerkameradschaft*, Sociedade dos Ex-Combatentes do estado era dirigida por Ernst Jacob Steppe, um dos chefes do *Ortsgruppe* Porto Alegre. A sociedade foi criada em 1933 após a dissolução dos Capacetes de Aço (*Stahlhelm*).¹²⁴ A sede do grupo ficava na Vila Elza, em Guaíba, onde mantinham uma biblioteca com “bons livros alemães”, com obras escritas por Joseph Goebbels, Hermann Göering, Walter Darré, entre outras sobre guerra e política externa, além de cópias do *Mein Kampf*.¹²⁵

¹²⁴ SANTANA, 1999, Anexo I, p. 99

¹²⁵ *Bücherei der Deutschen Kriegerkameradschaft in Porto Alegre*. Deutsches Konsulat nr. 389/35. Porto Alegre, 14 de maio de 1935. Pol. Abt. III, Pol. 25, PAAA.

Tabela 16: Partidários NSDAP Rio Grande do Sul, segundo atividade profissional

<i>Atividade profissional</i>	<i>Número de filiados</i>	<i>Percentual</i>
Comerciantes, industrialistas	29	16,5%
Empregados do comércio	7	4%
Trabalhadores manuais, artesãos	5	2,8%
Engenheiros diplomados	27	15,4%
Técnicos	23	13,1%
Agricultores, colonos	2	1,1%
Médicos	5	2,8%
Dentistas	4	2,3%
Professores	8	4,6%
Pastores	12	6,8%
Irmãs evangélicas	38	21,7%
Operários	2	1,1%
Outras profissões	12	6,8%
Sem informação	1	0,6%
Total	175	99,6%

Diferente da estatística realizada pela AO em relação ao Brasil, os trabalhadores manuais não representam mais de um quarto ($\frac{1}{4}$) dos partidários, mas apenas 2,8% do total da amostragem. No Rio Grande do Sul, logo atrás das religiosas atuantes em hospitais (21,7%), era a categoria dos comerciantes, que incluem proprietários de casas comerciais, representantes comerciais e industrialistas, a maioria entre os filiados ao NSDAP (16,5%), seguidos dos engenheiros diplomados (15,4%) e de técnicos (13,1%).

A demanda por engenheiros e técnicos especializados era alta no estado, devido ao fomento à industrialização nos primeiros anos do século XX. No entanto, após analisar a existência, dentro da *Deutsche Haus*, de um departamento dedicado às informações sobre o comércio e a indústria no Rio Grande do Sul para recomendações das empresas mais habilitadas para operar transações com a Alemanha, não espanta o alto percentual de

comerciantes entre os partidários no estado. Ao que parece, o ramo de atividade profissional teve mais peso na escolha pela participação no NSDAP que o grau de instrução.

Tabela 17: Partidários NSDAP Rio Grande do Sul, segundo grau de instrução

<i>Grau de instrução</i>	<i>Número de filiados</i>	<i>Percentual</i>
Alfabetizados	9	5,1%
Primária	11	6,3%
Secundária	13	7,4%
Superior	37	21,1%
Sem informação	105	60%
Total	175	99,9%

Segundo a pesquisa, apenas trinta e sete partidários da amostragem possuíam curso superior completo, mas não encontramos nenhum comerciante entre eles. Médicos, dentistas, engenheiros, professores e pastores estão inclusos nessa categoria. Eram comuns as contratações de professores da Alemanha para exercerem o magistério junto às comunidades alemãs locais, assim como o envio de pastores luteranos para trabalhar junto a esses grupos. Segundo René Gertz, havia trinta e quatro pastores nacional-socialistas, vinculados ao Sínodo Rio-Grandense, em 1933, de um total de oitenta e quatro.¹²⁶

Os números apresentados traçam um pequeno quadro dos filiados ao movimento nazista no Rio Grande do Sul. Devido à ausência de informações mais detalhadas, não foi possível realizar a comparação com os associados à Frente de Trabalho Alemã ou à Juventude Hitlerista. Registrou-se, no entanto, a existência de, ao menos, 651 membros da DAF, dos quais setenta também eram filiados ao NSDAP. Ao mesmo tempo, a DBJ reuniu, somente em Porto Alegre, 276 jovens. Com a impossibilidade de definir, nesse quadro, quem eram os nazistas militantes ou apenas simpatizantes, ficamos apenas com as

¹²⁶ GERTZ, 1998, p.53. Ver também: DREHER, Martin. *Igreja e germanidade*. Caxias do Sul: Sinodal, 1984.

diferentes estimativas e com a expectativa futura de novos trabalhos que busquem responder essa questão.

Numericamente pequeno e enfrentando a resistência das lideranças da comunidade germânica no Rio Grande do Sul, o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães desenvolveu estratégias que permitiram dar visibilidade ao movimento e perseguir os objetivos estabelecidos pela Organização para o Exterior do NSDAP. Paralelamente às tarefas de expansão da estrutura partidária e recolhimento de informações comerciais e industriais, a propagação da doutrina do *Mein Kampf* era primordial para os nazistas. O culto a Adolf Hitler, o princípio do líder, o anti-semitismo e o racismo esteve presente nas práticas cotidianas dos partidários.

O Partido Nazista tinha como seu principal aliado no estado o Consulado da Alemanha em Porto Alegre. Os vice-consulados honorários, sob responsabilidade de um cidadão alemão nato ou descendente, serviam como forma de aproximação dos cidadãos alemães no interior do estado. Até meados de 1940, essas representações diplomáticas estavam presentes nas cidades de Ijuí, José Bonifácio, Pelotas, Rio Grande, Santa Cruz e Uruguaiana.¹²⁷

O vice-consulado honorário de Santa Cruz foi criado em 1938, durante a gestão de Friedrich Ried. O comerciante teuto-brasileiro Ernesto Germano Becker foi nomeado por conta de sua orientação pró-nazista, tendo como secretário o alemão Oscar Agte, chefe do grupo local do NSDAP e homem de confiança de Ried, que teria apresentado os dois. Segundo declarações posteriores de Becker, ele teria sido pouco mais que um “testa de

¹²⁷ *Representação consular alemã no Rio Grande do Sul*. Diretoria do Interior e Justiça, 31 de junho de 1940. Correspondência: Atividades nazistas no Brasil (1939), AHI.

ferro” no consulado, visto que o movimento consular em si era completamente atendido por Agte.¹²⁸ Entre as funções atendidas pelo vice-consulado, estava a emissão de atestados de vida e de residência de cidadãos alemães.

Em localidades distantes que não eram atendidas por algum vice-consulado constituído, essas tarefas ficam a cargo de um representante designado pelo Consulado de Porto Alegre. Em Iraí, o fornecimento de atestados ficava a cargo de Bernardo Guilherme Maahs, nascido na Alemanha, membro militante do NSDAP, ex-combatente do Exército alemão na Primeira Guerra Mundial e proprietário do Hotel Descanso na mesma cidade. De acordo com suas declarações à Polícia rio-grandense, Maahs era pessoa de confiança do Consulado em Porto Alegre desde 1934 e emitia tais atestados para pessoas que recebiam auxílio financeiro do Terceiro Reich por sofrerem incapacidade temporária ou permanente após lutarem na Grande Guerra.¹²⁹ Maahs também era responsável pela distribuição das pensões, dinheiro que recebia através do Consulado em Porto Alegre.

Observa-se que, tanto em Iraí quanto em Santa Cruz, o vínculo com a Pátria-mãe, para o imigrante alemão, estava sendo intermediado por membros do Partido Nazista estabelecidos em território brasileiro. O cônsul geral da Alemanha no Rio Grande do Sul, afinado com as transformações que vinham ocorrendo no *Auswärtiges Amt*, claramente nazificou esse processo ao delegar funções consulares a membros do NSDAP, desde sua chegada ao estado (caso de Iraí) até posteriormente a proibição do Partido no Brasil (como em Santa Cruz).

O caso de Conrado Capellmann, militar reformado do Exército austríaco, é ilustrativo. Inválido após a Primeira Guerra, Capellmann teria recebido de Viena a notícia

¹²⁸ *Vida Policial*, Porto Alegre, n. 51, outubro de 1942. Cortando as Asas do Nazismo, p. 36

¹²⁹ *Termo de declarações Bernardo Guilherme Maahs*. Repartição Central de Polícia, Delegacia de Ordem Política e Social. Porto Alegre, 04 de julho de 1940. Anexo. Correspondência: Atividades nazistas no estado do Rio Grande do Sul (1938-1940), AHI.

de que seria necessária a sua filiação ao NSDAP para continuar recebendo a sua pensão. Ao dirigir-se ao Consulado em Porto Alegre para consultar sobre essa afirmação, foi-lhe respondido que solicitasse esclarecimento junto à chefia do NSDAP local ou ao Grupo Nacional. Mesmo sem ter seguido a recomendação, Capellmann continuou a receber a pensão de 1:000\$000 (um conto de réis) através do Banco Alemão Transatlântico.¹³⁰ Novamente, interessa destacar a sobreposição do Partido ao Consulado nas questões que envolviam cidadãos do Terceiro Reich.

Além de prestar serviços consulares, provavelmente mediante pagamento, as “pessoas de confiança” do Consulado de Porto Alegre também trabalhavam como informantes políticos. A polícia suspeitava que Maahs fornecesse informações reservadas sobre indivíduos que discordavam do regime nacional-socialista, alemães ou não, o que foi confirmado para o caso do ex-líder nazista e chefe da Frente Negra, Ervino Anuschek.¹³¹

As tentativas do Partido Nacional-Socialista de assumir a liderança da comunidade alemã no Rio Grande do Sul tiveram resultados controversos. Em um comunicado do Consulado alemão de Porto Alegre, fala-se na existência de quarenta e dois clubes ou associações germânicas na capital, que reuniam 17.303 membros, mas apenas 10% ou 15% destes seriam alemães natos.¹³² A cifra, aparentemente exagerada, responde ao questionamento do Ministério das Relações Exteriores da Alemanha acerca da relação entre as sociedades alemãs e o círculo local do NSDAP.

¹³⁰ *Vida Policial*, Porto Alegre, n. 49, agosto de 1942. Cortando as Asas do Nazismo, p. 38

¹³¹ Maahs teria recebido carta de Ried pedindo informações sobre Ervino Anuschek em dezembro de 1939. Maahs, então, procurou Wolfgang Neise, ex-membro das Tropas de Assalto na Alemanha, sobre a questão. Ambos foram expulsos do país. *Termo de declarações Bernardo Guilherme Maahs...; Termo de declarações de Wolfgang Neise*, Delegacia de Ordem Política e Social. Porto Alegre, 04 de julho de 1940. Correspondência: Atividades nazistas no estado do Rio Grande do Sul (1938-1940), AHI.

¹³² *Betrifft: Deutsche Vereine und Ortsgruppe der NSDAP Porto Alegre*. Deutsche Konsulat, Nr. 671/35. Porto Alegre, 29 de agosto de 1935. Akten betreffend: Sammlung der berichte auf Runderlass vom 31.5.35 betr. Mitglieder der N.S.D.A.P., PAAA.

Após a divulgação da correspondência do ex-chefe nazista Ehrlich, em 1933, a Liga das Sociedades Germânicas no estado recusou-se a participar das comemorações de 1º de maio, organizadas pelo grupo nazista local.¹³³ No dia 12, foi encaminhado um protesto da VDV para a *Wilhelmstrasse*, explicando a atitude da associação. A carta, assinada por Steidle, Ertel e Gottschald, inicia contando as dificuldades na preservação da língua, da arte e da cultura alemãs enfrentadas pelo Rio Grande do Sul desde a sua fundação, em 1886, junto a um grupo tão diversificado, no qual 90% dos falantes do idioma alemão são cidadãos brasileiros que, em sua grande maioria, jamais visitou a Alemanha. O *Ortsgruppe* do NSDAP é mostrado pela VDV como um obstáculo à união da comunidade alemã ao professar a divisão política entre os alemães natos e os teuto-brasileiros. A ascensão do grupo, no entendimento da Liga das Sociedades Germânicas, dificultaria a manutenção desse equilíbrio.¹³⁴

A seção partidária nazista, que lutava pelo comando da comunidade germânica fora da Alemanha, buscou tornar hegemônica a sua interpretação hierárquica de “germanidade”, estabelecendo uma diferenciação entre os alemães de sangue e os alemães de direito. O Partido Nazista jamais negou a igualdade racial entre *Reichsdeutsche* e *Volksdeutsche*. Porém, ao conceder o vínculo partidário somente àqueles nascidos dentro da Alemanha, criou um parâmetro de diferenciação interna para um grupo que se identificava como uno.

Na prática, há registros de teuto-brasileiros filiados ao NSDAP¹³⁵ e mesmo lutando pela Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial.¹³⁶ Todavia, no quadro político construído no Rio Grande do Sul nesse período, no interior da organização nazista local,

¹³³ *Introdução Original*, MJFL-ACADEPOL

¹³⁴ *Correspondência da Verband Deutscher Vereine à Auswärtiges Amt*. Porto Alegre, 12 de maio de 1933. Pol. Abt. III, Pol. 25, PAAA.

¹³⁵ Foram identificados onze filiados ao Partido Nazista residentes no Rio Grande do Sul e sessenta e nove em todo o Brasil. In: MORAES, 1996, Anexos. Tabela 16, p. 199.

¹³⁶ Ver: OLIVEIRA, Dennison de. *Os soldados brasileiros de Hitler*. (2ª reimp.) Curitiba: Juruá, 2010. O livro reproduz depoimentos de cinco combatentes, nascidos no Brasil e integrados às Forças Armadas alemãs.

foi dado ao partidário, àquele que professava sua crença no nacional-socialismo e era aceito por seus pares como racialmente superior, a competência de liderar, dentro dos princípios nazistas, a comunidade germânica como um todo. Aos teuto-brasileiros foi relegado um papel secundário, restrito às associações partidárias, participando da comunidade germânica apenas na condição de comandados.

A conquista das sociedades alemãs já estabelecidas no Rio Grande do Sul foi planejada pelo NSDAP adotando como estratégia o pagamento da jóia e das mensalidades de seus partidários nessas agremiações e, posteriormente, infiltrar-se em sua direção e afiliá-la à *Vereine für das Deutschtum im Ausland* (Organização para o Germanismo no Exterior, VDA), comprometendo-a, assim, aos princípios do nacional-socialismo.¹³⁷ O caso ocorrido na associação esportiva *Turnerbund* (Sociedade Ginástica) é notável pelo modo que ilustra as tensões provocadas pelo elemento novo – o grupo nazista enquanto representantes da nova orientação política da Alemanha – no seio das associações tradicionais.¹³⁸ Haike Silva narra o progressivo ingresso dos partidários nessa sociedade:

Consta em ata da diretoria do *Turnerbund* que o grupo local do NSDAP havia solicitado a sede deste representativo clube alemão para uma reunião partidária, e que tal pedido havia sido negado. Alguns meses depois, nova solicitação é feita, desta vez de forma mais ousada, os nazistas querem se reunir semanalmente nas dependências e, sabendo que isto iria contra os estatutos da sociedade, pedem a alteração dos mesmos. Nesta ocasião, [Jacob Aloys] Friederichs – como presidente de honra – toma a iniciativa de propor a desaprovação completada demanda e, na votação entre os seus pares, conquista a maioria. Ele faz questão de tomar a si a responsabilidade pela resposta negativa dada ao NSDAP, mas a assembléia assume como decisão coletiva. (...)

Em 1933, o NSDAP parece ter conquistado alguma brecha no *Turnerbund*. Não estava ali oficialmente representado, mas coligava-se com outras instituições do grupo étnico para festividades que aconteciam na sede do centro ou no parque no arrabalde de São João e acabava, com isso, encontrando espaço para a sua bandeira. Este espaço foi mantido até fins de 1936 e era aproveitado sempre que possível, dando destaque às autoridades das instituições nacional-socialistas e à expressão de suas idéias. Na sede do *Turnerbund*, o NSDAP realizava freqüentes

¹³⁷ PY, 1942, p. 58.

¹³⁸ A Sociedade Ginástica de Porto Alegre (SOGIPA) foi fundada em 1867 como *Deutscher Turnverein* (Sociedade Alemã de Ginástica). A partir da sua fusão com o *Turnklub* nasceu o *Turnerbund* em 1982. Disponível em: <<http://www.sogipa.com/2010/historia.php>>. Acesso em: 10 dez. 2010.

palestras, como a ocorrida ainda em 1936 sobre "a questão da raça e a supremacia do ser humano nórdico".¹³⁹

Em 1936, o Grupo de Canto do *Turnerbund* filiou-se à Federação de Canto Alemã após abandonar a sua congênere brasileira. Enquanto aguardavam a autorização da diretoria sobre esta posição, tiveram seu voto contado a favor da filiação à Federação Alemã em uma reunião esvaziada da Federação de Canto do Rio Grande do Sul. Frente à quebra de hierarquia pelo segmento do clube, a diretoria colocou-se contrária à solicitação, mas o Grupo de Canto encaminhou a questão para a Assembléia Geral. Os membros do NSDAP compareceram em peso e aprovaram a nova orientação do Grupo.¹⁴⁰ Cientes da manobra realizada, a direção do *Turnerbund* propôs a alteração de estatuto e proibição de filiação á organizações estrangeiras.

Estava em jogo aí, de um lado, a postura frente à política que seria assumida pelo *Turnerbund*, permitindo ou não a ingerência oficial de entidades ligadas ao regime nazista na condução da vida associativa; de outro, a afirmação identitária da instituição como sociedade teuto-brasileira.¹⁴¹

A autora ressalta que, frente aos nazistas, foi chamada uma antiga liderança, J. Aloys Friederichs, idealizador do *Turnerbund*, para reforçar os laços teuto-brasileiros do clube e respaldar a atitude da direção. A adesão às sociedades estrangeiras foi refutada por uma pequena diferença de votos, uma posição isolada em relação às demais associações do estado.¹⁴² Segundo Py, das 350 sociedades constituídas por elementos alemães ou descendentes no Rio Grande do Sul, apenas doze não foram filiadas à VDA no período.¹⁴³

De certa forma, é possível pensar na criação da Federação 25 de Julho como uma tentativa de aproximação entre as duas partes. Criada oficialmente em maio de 1936, com

¹³⁹ SILVA, Haïke Roselane Kleber da. *Entre o amor ao Brasil e ao modo de ser alemão*. São Leopoldo: Oikos, 2006. p. 200-202.

¹⁴⁰ Idem, pp. 205, 206

¹⁴¹ Idem, p. 207

¹⁴² SILVA, 2006, pp. 211, 212

¹⁴³ PY, 1942, pp. 58, 59.

apoio da Embaixada da Alemanha no Brasil e do Grupo Nacional do NSDAP, reunia instituições germanistas e era dirigida por teuto-brasileiros. Seu programa destacava a solidariedade irrestrita ao Brasil, a defesa das instituições constitucionais e dos ataques contra o Brasil, a representação dos interesses teuto-brasileiros e cultivo da amizade entre Brasil e Alemanha, especialmente através do intercâmbio cultural. A criação da Federação enquanto entidade cultural minimizava os atritos em relação à defesa de interesses dos teuto-brasileiros também pelo Partido Nazista.¹⁴⁴ A respeito do significado da Federação 25 de Julho, é importante destacar a avaliação feita por Gertz:

(...) Não há dúvida de que a idéia de sua fundação partiu de elementos moderados na representação diplomática alemã e da liderança partidária nacional, juntamente com personalidades ligadas ao *Deutschtum*. De certa maneira, ela representava uma solução de compromisso e a acusação posterior de ter sido nazista deve ser vista sob este pano de fundo. O leque de posições de nacionalismo alemão que congregava era bastante amplo e numa das extremidades as posições eram claramente nazistas, apesar de que os “partidários” mais radicais se distanciassem. Em resumo, a *Federação* congregava aqueles que defendiam posições próximas ao *Deutschtum*.¹⁴⁵

Cabia às lideranças do Partido Nazista no Rio Grande do Sul a divulgação da Nova Alemanha, da Alemanha nacional-socialista. Além de facilitar viagens para partidários e simpatizantes, eram feitos convites a pessoas de destaque na sociedade, como no caso do intercâmbio para estudos oferecido a Lutero Vargas, filho de Getúlio. Nos arquivos do *Auswärtiges Amt*, encontra-se o convite feito, em julho de 1937, pelo chefe do Círculo juntamente com o Consulado alemão à A. J. Renner para participar, como convidado de honra, do Congresso do NSDAP, o *Reichsparteitag* de Nuremberg. Hornig apresenta Renner como uma das lideranças industriais do país, que comerciava com empresas alemãs, presidente do Centro da Indústria Fabril do estado, ex-deputado, teuto-brasileiro de

¹⁴⁴ GERTZ, 1987, pp. 98, 99

¹⁴⁵ Idem, p. 100

grande influência política e econômica.¹⁴⁶ Não foi possível verificar se Renner aceitou ou não o convite, mas é interessante ressaltar que, naquele mesmo ano, o estádio do Grêmio Esportivo Renner recebeu as comemorações do 1º de maio do Partido Nazista. Sabe-se apenas que seu filho, Egon Renner, foi um dos fundadores da Ação Integralista Brasileira no Rio Grande do Sul e que Hornig mantinha relações estreitas com os integralistas,¹⁴⁷ vínculo que pode explicar a cessão do estádio para os nazistas. Todavia, tal aproximação pessoal não caracteriza a colaboração entre os partidos no estado.

Nazismo e integralismo são comumente identificados como semelhantes na historiografia brasileira. A grande adesão à AIB nas regiões de colonização conduziu à construção de paralelos entre os dois movimentos. Gertz ilustra bem esse raciocínio:

Parte-se do pressuposto de que entre os teutos havia uma resistência generalizada contra a assimilação; a conservação da identidade alemã teria levado a uma adesão maciça ao nazismo. Como os grupos nazistas oficialmente só podiam aceitar cidadãos alemães, a adesão ao integralismo se explicaria de duas maneiras básicas: havia uma íntima colaboração entre integralismo e nazismo, assim que o primeiro praticamente servira de disfarce para o segundo ou os teuto-brasileiros não eram capazes de distingui-los e acreditavam que não havia diferença entre ambos, aderindo a esmo.¹⁴⁸

Dietrich chega a afirmar que o ingresso de teuto-brasileiros no integralismo seria um dos principais indícios da *tropicalização* do nazismo no Brasil.¹⁴⁹ No entanto, o pressuposto incorre na errônea equação de que ser alemão é ser nacional-socialista. Como foi demonstrado, a preservação do germanismo e o sentimento de pertencimento à comunidade alemã não devem ser confundidos com aceitação do nazismo ou de qualquer movimento político autoritário e nacionalista. Pelo contrário, havia uma luta pela condução

¹⁴⁶ *Einladung von Ausländern zum Reichsparteitag 1937*. Deutsches Konsulat, nr. 627/37. Porto Alegre, 06 de julho de 1937. Brasilien, PAAA.

¹⁴⁷ GERTZ, 1987, p. 120.

¹⁴⁸ Idem, p. 114

¹⁴⁹ DIETRICH, 2007a, pp. 27, 28. A tese da autora defende que ocorreu um processo de *tropicalização* do nazismo no Brasil, visto as adaptações ocorridas no programa político e a aplicação não ortodoxa dos preceitos ideológicos constatados em sua pesquisa. Para Dietrich, essas mudanças permitiram que a educação alemã, o repatriamento de cidadãos e o financiamento de obras sociais fossem bem sucedidos no país.

da comunidade alemã, que fazia parte dos objetivos alçados pelo Partido Nazista no exterior e que perpassava o debate sobre o “ser alemão”. Apesar das semelhanças, não é possível considerar o ingresso na AIB como apoio ao NSDAP, principalmente ao verificar que o nacional-socialismo exigia exclusividade política e jurídica a todos os *alemães do Reich*, mesmo quando residentes no estrangeiro.

O primeiro núcleo da AIB no Rio Grande do Sul foi estabelecido em maio de 1933 em Boa Vista do Erechim (denominação anterior da cidade de José Bonifácio), enquanto a sede provincial seria inaugurada em Porto Alegre em janeiro de 1934, quase três anos após a organização do NSDAP no estado.¹⁵⁰ A tese de Natália Cruz sublinha as diferenças entre o racismo integralista, baseado na exclusão pela integração e miscigenação racial e étnica, e o racismo nazista, focado na exclusão pela separação das raças e das culturas.¹⁵¹

Ao defender o caldeamento étnico brasileiro e deslocar a questão racial do campo científico para o campo da moral e dos valores, o integralismo pôde, mesmo defendendo o predomínio racial e cultural brancos, negar o racismo de seu movimento e, com isso, utilizá-lo como o divisor principal de sua ideologia em relação ao nazismo.¹⁵²

Em uma perspectiva comparativa, pode-se dizer que o racismo nazista baseia-se na segregação ou separação das etnias e culturas distintas, fazendo com que a homogeneização da população de uma nação seja alcançada por meio do princípio da pureza racial, nos moldes dos teóricos racistas europeus do século XIX (...). Estava em jogo a concepção de que a mistura racial levaria à degeneração, advindo dela uma população “inferior” racial e etnicamente, com tendências a comportamentos criminosos e pervertidos. As virtudes da “raça

¹⁵⁰ MILKE, Daniel Roberto. *O integralismo na capital gaúcha: espaço político, receptividade e repressão (1934-1938)*. Porto Alegre: Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2003. pp. 23, 24. Ver também: BRANDALISE, Carla. “O fascismo extra-europeu: o caso do integralismo no Rio Grande do Sul”. In: In: GRIJÓ, Luiz Alberto et. al. (orgs). *Capítulos de história do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 321-346

¹⁵¹ CRUZ, Natália dos Reis. *O integralismo e a questão racial. A intolerância como princípio*. Niterói: Tese de doutorado, Universidade Federal Fluminense, 2004. p. 05

¹⁵² Idem, pp. 79 e 91.

superior” não poderiam ser manchadas pelo sangue das “sub-raças”, o que só poderia ser evitado pela segregação das raças.¹⁵³

Oskar Agte, chefe nazista de Santa Cruz, acusava judeus, maçons e católicos de caluniarem os nacional-socialistas através de escritos e discursos na imprensa “bolchevique”, em relatório sobre as atividades do Partido Nazista na cidade escrito em agosto de 1938, oito meses após a proibição.¹⁵⁴ A miscigenação no Brasil é duramente criticada por Agte, o qual também afirmava que o complexo de inferioridade do brasileiro perante a raça ariana, juntamente com a influência dos Estados Unidos, haviam provocado as medidas contra o NSDAP.

Por outro lado, a preocupação com a repercussão de um artigo publicado no *Der Stürmer* sobre o problema judeu no Brasil preocupou o cônsul alemão em Porto Alegre. Ried escreve à Organização para o Exterior do NSDAP após receber o alerta do vice-cônsul em Ijuí, Ulrich Kuhlmann, de que existiam informações erradas na matéria publicada, e sublinhava que os proprietários e editores do jornal citado, o *Serra Post*, até então evitavam criticar o Terceiro Reich na publicação.¹⁵⁵ O documento, encaminhado à AO, deixava claro que o problema dos judeus no Brasil deveria ser evitado.¹⁵⁶ A recomendação para adoção de atitude mais discreta em um país estrangeiro corrobora a orientação da AO para partidários de não-interferência na política local dos países em que vivem.

De fato, não foram encontrados relatos de choques diretos entre nazistas e judeus no Rio Grande do Sul. As marchas, as festas públicas e o uso da indumentária eram vistos

¹⁵³ CRUZ, 2004, p. 98

¹⁵⁴ *Lagebericht des bisherigen Ortsgruppenleiters der AO in Santa Cruz/Brasilien*. Santa Cruz, 23 de setembro de 1938. Chef A/O. Akten betreffend: Brasilien, PAAA.

¹⁵⁵ *Betreff: Artikel in der Zeitschrift “Der Stürmer“*. Nr. 861/38. Deutsche Konsulat, Porto Alegre, 17 de agosto de 1938. Akten betreffend: Brasilien, PAAA.

¹⁵⁶ *Artikel des “Stürmer” in der Ausgabe nr. 14/38 über die Juden in Brasilien*. Leitung der AO der NSDAP. Berlin, 07 de setembro de 1938. Akten betreffend: Brasilien, PAAA.

pela comunidade judaica como formas de intimidação. Berta Herz conta que um vizinho na rua Ramiro Barcellos, no bairro Bom Fim em Porto Alegre, costumava vestir o uniforme da SA em 1934 e passar pela frente da sua casa “marchando como se estivesse na Alemanha”.¹⁵⁷ O anti-semitismo, porém, esteve presente. Guilherme Iolovitch relata que o núcleo nazista de Santa Cruz aconselhava que as pessoas tivessem cuidado com os judeus, que não entrassem em suas casas e atravessassem a rua se os encontrassem.¹⁵⁸

As manifestações mais ostensivas de anti-semitismo teriam ocorrido por parte dos integralistas, que inclusive resultaram em confrontos físicos. Existia um núcleo integralista na avenida Oswaldo Aranha, próximo ao Pronto-Socorro de Porto Alegre, também no Bom Fim. Um pequeno grupo de jovens judeus politizados, residentes no bairro, compunha a resistência contra os integralistas, que com frequência respondiam às provocações e terminavam em brigas.¹⁵⁹

Não obstante, as recomendações “raciais” referentes a casamentos foram mantidas para os núcleos no exterior do Partido Nazista. Em circular endereçada a todos os líderes da Frente Alemã de Trabalho no exterior, em julho de 1935, destacam que alemães com descendência puramente ariana e casados com mulheres não arianas poderão ser aceitos na DAF de forma isolada, sem a participação do cônjuge e dos filhos dessa união. A regra não valeria para aqueles que casaram depois da ascensão dos nazistas ao poder.¹⁶⁰

Em relação aos negros, são encontrados comentários depreciativos nos documentos, mas também não há registros de confrontos com os nazistas. Antes de ser expulso do

¹⁵⁷ HERZ, Berta Ruth. *Entrevista de história de vida concedida a Danny Kappel*. Porto Alegre, abril de 1987. ICJMC.

¹⁵⁸ IOLOVITCH, Guilherme e Eva. *Entrevista de história de vida concedida a Adriana Saute*. Porto Alegre, 1987. ICJMC.

¹⁵⁹ BURD, Samuel. *Entrevista de história de vida concedida a Denise Simanke*. Porto Alegre, fevereiro de 1987; ROSENBLATT, Maurício. *Entrevista de história de vida concedida à Sílvia Faermann*. Porto Alegre, setembro de 1988. ICJMC.

¹⁶⁰ *O Nazismo no Rio Grande do Sul – segundo relatório*, op. cit., p. 30

NSDAP, Herbert Guss escreve à Alemanha dizendo que preferia “subordinar-me à jurisdição de um negro aqui no Brasil do que à de um nacional-socialista alemão”.¹⁶¹ Ao criticar as prisões das lideranças do NSDAP, Herbert Koch comenta o péssimo tratamento relegado a um dos partidários, preso em uma cela juntamente com negros e mulatos comunistas.¹⁶²

Catherine Coquery-Vidrovitch, refere-se aos negros como “as vítimas esquecidas do nazismo”. Hitler acusava a França e os judeus que lá residiam de enviar negros para a Alemanha para contaminar a população em doses homeopáticas.

A idéia de uma união indefectível entre a Nação e seus vínculos de sangue era um argumento ideológico debatido no seio da elite alemã, posto que toda a criança nascida de um cidadão das colônias em solo alemão recebia oficialmente a nacionalidade alemã. Os nazistas fizeram do “direito de sangue” a chave da sua propaganda popular. A “germanização”, de acordo com Hitler, era impossível de ser realizada fora da configuração racial e, no passado alemão, a naturalização era muito facilitada “posto que é uma idéia falsa, quase inconcebível, crer que um negro ou um chinês, por exemplo, tornava-se alemão somente porque aprendeu o idioma ou vota em um partido político alemão”. Segundo Hitler, só teriam o direito de serem cidadãos alemães os brancos comprovadamente “arianos”; isso reduziria o risco de mestiçagem com as “raças” reconhecidamente inferiores.¹⁶³

Os negros foram atingidos pelas Leis de Nüremberg, sofreram esterilização sob pretexto da “higiene racial” e foram enviados aos campos de concentração nazista na Alemanha.

No Rio Grande do Sul, as manifestações dos nazistas contra judeus e negros foram bastante comedidas. Ações de coação e amedrontamento eram, por outro lado, direcionadas aos cidadãos alemães contrários à Hitler e ao nazismo. O principal método utilizado pelos nazistas era o boicote, decretado a todas as empresas pertencentes a

¹⁶¹ PY, 1942, p. 35.

¹⁶² *Bericht über die Hetze gegen das Deutschtum und die letzten politischen Ereignisse in Brasilien*. Herbert Koch, 20 de agosto de 1938. Brasilien-Deutsche in Brasilien, PAAA.

¹⁶³ COQUERY-VIDROVITCH, Catherine. *Des victimes oubliées du nazisme: les noirs et l'Allemagne dans la première moitié du XX^e siècle*. Paris : Le Cherche Midi, 2007. pp. 60, 61. Tradução nossa. Ver também: BILÉ, Serge. *Noirs dans les camps nazis*. Monaco: Le Serpent à Plumes, 2005.

cidadãos alemães e teuto-descendentes que não seguissem sua orientação política. Sendo antinazista, o proprietário da Bombonière Jahn, no centro de Porto Alegre, enfrentou a brusca reação dos partidários: o estabelecimento ficou sendo vigiado por uma guarda, que advertia alemães e descendentes que “a casa estava interdita para eles”.¹⁶⁴ O NSDAP também boicotou o jornal *Deutsche Volksblatt*, de Franz Metzler, que perdeu anunciantes vinculados ao Partido, como a Varig.¹⁶⁵

A pressão econômica era uma arma poderosa para os nazistas. A Câmara de Comércio Teuto-Brasileira, sediada no Distrito Federal, realizava investigações sobre os antecedentes raciais das empresas alemãs de comércio exterior. Em Porto Alegre, sua representante era a firma Frederico Mentz & Cia.¹⁶⁶ Essas informações compunham as “listas negras”, estratégia utilizada para aniquilar os negócios daqueles considerados inimigos do Terceiro Reich. Nelas constavam dados sobre o capital e os proprietários das empresas, tipo de comércio que realizavam, orientação política e origem racial. Pelas leis da Alemanha, o comércio com essas empresas deveria ser liquidado. As informações eram repassadas pelos núcleos partidários no país ou através de agentes especiais.¹⁶⁷

Ao seu modo, o Círculo Rio Grande do Sul do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães tentou recriar uma dinâmica própria para reproduzir os preceitos nazistas, na qual buscavam conquistar novos espaços para expandir seu controle sobre os *Reichsdeutsche* que, como eles, viviam longe da Alemanha. Apesar de terem recrutado um número muito inferior ao que almejavam de partidários, não é possível afirmar que sua

¹⁶⁴ *Vida Policial*, Porto Alegre, n. 44, março de 1942. Cortando as Asas do Nazismo, p. 27

¹⁶⁵ *Relatório da Delegacia de Ordem Política e Social*. Porto Alegre, 20 de novembro de 1940. Arquivo Polícia Política, setor Estados: Rio Grande do Sul, APERJ.

¹⁶⁶ *Boletim Informativo da Delegacia de Ordem Política e Social*. Porto Alegre, 11 de maio de 1939. Arquivo Polícia Política, setor Estados: Rio Grande do Sul, APERJ.

¹⁶⁷ *Informações sobre firmas que não entrariam em cogitação para negócios conjuntos, com sucesso, no futuro*. Documentos relativos a Eduard Arnold. Prontuário Rede de Espionagem no Rio Grande do Sul, v. 2. Porto Alegre, 20 de maio de 1942. AESP.

experiência não foi bem sucedida. Mesmo sem atingir os objetivos de liderar a comunidade alemã do estado, o nazismo apresentou-se como alternativa para essa população.

Capítulo 5. Nazismo Próximo e Distante

A invasão da Polônia em 1º de setembro de 1939 pela Alemanha nazista marcou o início da Segunda Guerra Mundial. O conflito armado foi a principal consequência do vasto processo de expansão territorial alemã iniciado com a reocupação da Renânia, a anexação da Áustria e, por último, com o desmantelamento da Tchecoslováquia, assistidos passivamente por Inglaterra e França. O impulso expansionista da Alemanha hitlerista era fomentado pela concepção de um espaço vital necessário para crescimento do país, visando em especial os territórios então ocupados por cidadãos alemães e seus descendentes. As declarações de guerra britânica e francesa foram sucedidas de enfrentamentos no Atlântico Sul, nos quais submarinos alemães, juntamente com o navio de guerra *Graf Spee*, afundaram nove cargueiros britânicos antes de ser cercado e afundado pelo próprio comandante no porto de Montevideo.¹

Ao eclodir a guerra na Europa, Getúlio Vargas anunciou a neutralidade brasileira. Segundo Ricardo Seitenfus, até aquele momento,

(...) a diplomacia brasileira demonstrou uma grande ingenuidade, não explorando de maneira sistemática as querelas e as rivalidades internacionais, a fim de

¹ GONÇALVES, Williams da Silva. “A Segunda Guerra Mundial”. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste. *O século XX. O século das crises: revoluções, fascismos e as guerras*. vol. 2 Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p.173.

atingir os objetivos de sua política nacional de desenvolvimento. Tanto o fornecimento de um complexo siderúrgico, como a modernização militar do país foram somente suscitadas nos encontros diplomáticos com Washington e Berlim. Contudo, a partir do início do conflito mundial, o Brasil encontra-se em condições de praticar uma política que aumente seu fraco poder de negociação nestas questões cruciais.²

A suspensão da compra de marcos bloqueados pelo Banco do Brasil teve grandes conseqüências no comércio com a Alemanha, que não oferecia mais garantias para a manutenção de compromissos financeiros devido à guerra. As exportações de produtos brasileiros para o país caíram consideravelmente, ao mesmo tempo em que os navios mercantes alemães encontravam dificuldades para fornecimento de produtos devido ao bloqueio naval inglês no Atlântico. No mesmo período, duplicaram as exportações do Brasil para os Estados Unidos.³

As negociações dos Estados Unidos com a América Latina buscavam a manutenção de sua esfera de influência frente à ameaça representada pela presença alemã, reforçando o discurso de cooperação e do pan-americanismo. O alinhamento brasileiro junto aos norte-americanos foi resultado de um longo processo de negociação, envolvendo interesses estratégicos e econômicos do país no decorrer da Segunda Guerra e marcado pela retração da Alemanha no campo das relações internacionais.

Com a proibição do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães no Brasil, a Embaixada da Alemanha e os Consulados restaram como únicos representantes dos interesses alemães no país. Entretanto, o banimento da organização política não representou o fim da atuação dos nazistas em território brasileiro. Nesse capítulo, analisaremos as atividades nazistas no Rio Grande do Sul durante seu período de clandestinidade.

² SEITENFUS, Ricardo. *A entrada do Brasil na segunda guerra mundial*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 183.

³ Idem, pp. 197, 198.

5.1 Rumores de um conflito

Curt Prüfer, o novo embaixador alemão, desembarcou no Brasil com o objetivo de reavivar as relações germano-brasileiras, desgastadas pelo seu antecessor, Karl Ritter.⁴ Ao contrário de Ritter, Prüfer era um diplomata experiente e abertamente alinhado à causa hitlerista. Sua chegada ao país, em outubro de 1939, ocorre em um contexto no qual a rivalidade entre Alemanha e Estados Unidos deixa de ser apenas comercial e transfere-se para o campo político e ideológico.⁵

A manutenção da neutralidade brasileira na guerra seria o principal objetivo da agenda política alemã no Brasil. Em março de 1940, Prüfer informou o Ministério das Relações Exteriores da Alemanha que os esforços da embaixada em preservar o Brasil neutro no conflito mundial estavam ameaçados pelas dificuldades do Terceiro Reich em enviar ao Rio de Janeiro os armamentos comprados junto à Krupp no ano de 1938.⁶ O embaixador acreditava que esta falha diminuía a influência alemã junto aos ministros de tendência pró-alemã no Brasil, especialmente Góes Monteiro e Eurico Gaspar Dutra. Por outro lado, havia o esforço em cultivar as boas relações pessoais com esses ministros.

Desde sua chegada ao Rio, Prüfer cuidou atenciosamente dos oficiais germanófilos, inclusive recebendo-os nas luxuosas instalações na Avenida Cândido Mendes. Eles aguardavam ansiosamente pelo embarque dos armamentos da Krupp e seu nacionalismo e anticomunismo aumentavam seu

⁴ Nascido em Berlim, Curt Max Prüfer (1881-1959) doutorou-se em filosofia em 1905. Seu ingresso no serviço diplomático ocorreu em 1907. Nomeado intérprete junto ao Consulado da Alemanha em Cairo, Egito, trabalhou como elemento de ligação do Ministério das Relações Exteriores alemão e o IV Exército turco durante a Primeira Guerra Mundial. Prüfer foi encarregado da direção do consulado de Davos, na Suíça, cônsul geral em Tiflis (atual Tblissi) na República da Geórgia, antiga União Soviética, e ministro segunda classe em Adis-Abeba, na Etiópia. Foi nomeado ministro primeira classe em abril de 1936. Após deixar o posto no Brasil, em janeiro de 1942, foi transferido para Suíça em agosto de 1943, aposentando-se em novembro do ano seguinte. In: MCKALE, Donald M. (ed) *Rewriting History: the original and revised World War Diaries of Curt Prüfer, Nazi Diplomat*. Kent: Kent State University, 1988. p. X; Verbete: "Prüfer, Kurt". *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV), 2001. CD-ROM

⁵ SEITENFUS, 2000, p.169.

⁶ MCKALE, Donald M. *Curt Prüfer: German Diplomat from Kaiser to Hitler*. Kent: Kent State University, 1987. p. 146

interesse pelo Reich. Dutra, além disso, preocupava-se com a imigração de judeus para o Brasil. A amizade entre a embaixada e os oficiais foi intensificada com as conquistas alemãs na Dinamarca, Noruega, Países Baixos e França, e particularmente com regozijo quando os diplomatas alemães não faziam segredo de sua crença de que a Inglaterra, que permanecia sozinha contra a Alemanha e a Itália, seria derrotada em breve e o Reich logo celebraria a vitória.⁷

Segundo René Gertz, a Alemanha abandonou a política de defesa enérgica dos alemães residentes no Brasil no ano de 1939 e voltou-se para a atração de membros da elite brasileira de modo a influenciar na manutenção da posição de neutralidade do país.⁸ Essa foi a principal condição solicitada por Prüfer nas conversas secretas que manteve com Getúlio Vargas em junho de 1940, nas quais foram discutidos planos de cooperação entre os dois países, incluindo a possibilidade de financiamento para a construção de uma siderúrgica.⁹ No mesmo período, o Estado Maior das Forças Armadas alemãs proibiram as atividades de sabotagem na América do Sul e Estados Unidos como gesto para atrair a simpatia desses países ainda neutros no conflito.¹⁰

Curt Prüfer não esteve alheio à continuidade das atividades nazistas no Brasil. Ele monitorou a correspondência trocada entre a Organização para o Exterior do Partido Nacional-Socialista e os remanescentes ilegais do Grupo Nacional e trabalhou pela manutenção da influência nazista sobre a comunidade alemã residente no país juntamente com Hans Henning von Cossel, ex-líder nacional do NSDAP.¹¹ Cossel foi nomeado adido cultural junto à Embaixada da Alemanha no Rio de Janeiro após a proibição do NSDAP no Brasil e é possível atribuir a essa mudança de status uma estratégia para permanência da

⁷ MCKALE, 1987, p. 146. Tradução nossa.

⁸ GERTZ, René. "O Brasil e a Segunda Guerra Mundial". In: PADRÓS, Enrique S; RIBEIRO, Luís Dario T; GERTZ, René. (orgs.) *Segunda Guerra Mundial: da crise dos anos 30 ao Armagedón*. Porto Alegre: Folha da História, 2000. p. 205

⁹ MCKALE, 1987, p. 147.

¹⁰ SEITENFUS, 2000, p.233

¹¹ MCKALE, 1987, pp. 144, 145

liderança partidária no país protegida pela imunidade diplomática conferida pelo novo status.

Com o início do Estado Novo, o nazismo passou a ser interpretado como subversão da ordem política, esta definida pela Lei de Segurança Nacional enquanto resultado “ da independência, soberania e integridade territorial da União, bem como da organização e atividades dos poderes públicos (...)”.¹² Dessa forma, os crimes praticados por nazistas eram encaminhados para julgamento pelo Tribunal de Segurança Nacional, órgão da Justiça Militar criado em setembro de 1936, com sede no Distrito Federal e jurisdição em todo o território nacional.¹³ A partir de 1937, o Tribunal de Segurança Nacional passa a ser composto por seis juízes, sendo dois magistrados civis, um magistrado militar, um oficial do Exército, um oficial da Armada e um advogado “de notória competência jurídica”.¹⁴ A presidência estava a cargo de um dos magistrados civis.¹⁵ Cabia ao Tribunal de Segurança Nacional o julgamento de crimes contra a existência, a segurança e a integridade do Estado, contra a estrutura das instituições militares, políticas e sociais e contra a economia popular.

A legislação em vigor sublinhava que a condição de estrangeiro servia como agravante nos crimes praticados contra a segurança da República. Ao início de 1938, a

¹² Artigo 22, parágrafo 1º. Lei nº 38, de 04 de abril de 1935. “Define crimes contra a ordem política e social”. *Coleção de Leis do Brasil*. Disponível em: SICON – Sistema de Informações do Congresso Nacional <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=47634>>. Acesso em: 10 jan. 2010.

¹³ Lei nº 244, de 11 de setembro de 1936. “Institui, como órgão da Justiça Militar, o Tribunal de Segurança Nacional, que funcionará no Distrito Federal sempre que for decretado o estado de guerra e dá outras providências”. *Coleção das leis da República dos Estados Unidos do Brasil de 1936*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938. p. 156-160. Em julho de 1941, o Tribunal de Segurança Nacional foi transferido para o Ministério da Justiça e Negócios Interiores.

¹⁴ Decreto-lei nº 88, de 20 de dezembro de 1937. “Modifica a lei n. 244, de 11 de setembro de 1936, que institui o Tribunal de Segurança Nacional, e dá outras providências”. *Coleção de Leis do Brasil*. Disponível em: SICON – Sistema de Informações do Congresso Nacional <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=103218>>. Acesso em: 10 jan. 2010.

¹⁵ Decreto-lei nº 1.261, de 10 de março de 1939. “Dispõe sobre a composição do Tribunal de Segurança Nacional”. *Coleção de Leis do Brasil*. Disponível em: SICON – Sistema de Informações do Congresso Nacional <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=9424>>. Acesso em: 10 jan. 2010.

política de nacionalização reuniu esforços de diferentes setores da administração estatal no intuito de integrar a população residente no Brasil em um único conceito de brasilidade. A proposta de Góis Monteiro, chefe do Estado-Maior do Exército, alertava para os núcleos estrangeiros organizados, nos quais “o fortalecimento da consciência alemã, junto de uma política deliberada e organizada da Alemanha para a ampliação de seu domínio do mundo”.¹⁶ Interessa apontar que a maioria dos decretos relativos a estrangeiros foram promulgados entre 1938 e 1939.

O tema da incorporação dos imigrantes e seus descendentes à sociedade nacional está presente na discussão sobre política imigratória e formação (racial/étnica) brasileira desde meados do século XIX. A necessidade de assimilação, de caldeamento, dos identificáveis como alienígenas ou estrangeiros – categorias que, indistintamente, remetem a indivíduos que não nasceram no país (mesmo quando naturalizados) e aos descendentes de imigrantes portadores de identidades étnicas consideradas incompatíveis com o pertencimento à nação –, porém, tornou-se uma questão urgente de segurança nacional na década de 30.¹⁷

Existia a noção de que a educação seria o principal instrumento na construção da nacionalidade brasileira, mas não há registro de alguma corrente política que defendesse a construção de uma sociedade pluralista, que permitisse a manutenção das identidades étnicas e culturais estrangeiras no país. Ao contrário, a resistência a nacionalização era considerada uma ameaça à soberania nacional. “Construir o nacionalismo era, ao mesmo tempo, destruir as diferenças e proceder a uma seleção na formação da cidadania brasileira”.¹⁸ Nesse contexto, ressurgia a campanha contra o chamado “perigo alemão”. Segundo René Gertz, o auge dessa articulação ocorreu nos vinte anos que antecederam a Primeira Guerra Mundial.

Resumidamente, pode-se dizer que essa campanha se baseava no pressuposto da existência de fortes interesses imperialistas da Alemanha em relação ao Brasil e

¹⁶ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O anti-semitismo na Era Vargas: fantasmas de uma geração (1930-1945)*. São Paulo: Perspectiva, 2001. p. 87

¹⁷ SEYFERTH, Giralda. "Os imigrantes e a campanha de nacionalização". In: PANDOLFI, Dulce (org). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999. p. 199

¹⁸ SCHWARTZMANN, Simon et. al. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 166

no papel que, para a concretização desses interesses, teria a população de origem alemã no país, em especial a dos estados do sul.¹⁹

A ascensão da Alemanha nazista no cenário internacional reascendeu esse debate. O reavivamento do germanismo contribuiu para alimentar as suspeitas acerca do “perigo alemão” enquanto as propagandas inglesa e norte-americana aproveitaram-se para reforçar o clima de insegurança que persistiria durante toda a Segunda Guerra Mundial.

No Rio Grande do Sul, o combate ao nazismo agregou o empenho dos governos federal e estadual. De acordo com o Interventor Cordeiro de Farias, o principal foco eram as zonas de concentração de alemães, entendidas como áreas de infiltração nazista. “Em tais regiões, a segregação era total e absoluta. Nas escolas, não se falava português”.²⁰ Os chamados “quistos étnicos” foram combatidos pela Secretaria de Educação, a cargo de J. P. Coelho de Souza,²¹ pelo Exército e pela polícia.

A polícia política surgia como resultado de um processo de especialização da instituição policial, que designou seções especializadas para o combate dos chamados crimes de ordem política. A Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS) foi responsável pelo combate ao nazismo no Rio Grande do Sul.

Suas funções básicas seriam as de exercer permanente repressão à propaganda de ideais ou fatos que pudessem transformar-se em potenciais crimes contra a ordem política e social tão defendida. Para isso, teria a obrigação de fiscalizar comícios ou reuniões de cunho político e social, decidindo se era lícito ou não a continuação dos mesmos nos termos da lei em vigor.

Na mira da D.O.P.S. também estaria toda e qualquer entidade de classe, como sindicatos, centros de operários, fundações, etc., sendo que também fábricas, estabelecimentos comerciais suspeitos, hotéis, pensões, hospedarias e congêneres, e casas de diversões públicas.

¹⁹ GERTZ, René. *O aviador e o carroceiro: política, etnia e religião no Rio Grande do Sul nos anos 1920*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 124

²⁰ CAMARGO, Aspásia; GÓES, Walter de. *Meio século de combate: diálogo com Cordeiro de Farias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. p. 269

²¹ A conferência proclamada por Souza na Associação Brasileira de Educação em novembro de 1941 resultou na publicação de um livro sobre sua experiência no combate ao nazismo nas escolas rio-grandenses. Ver: SOUZA, J. P. Coelho de. *Denúncia: o nazismo nas escolas do Rio Grande*. Porto Alegre: Thurmman, s/d.

Na área urbana, deveria exercer forte vigilância nas vias terrestres, viação urbana, ferroviárias e aéreas, contando para isso com a ajuda de outros órgãos policiais.

Sob sua responsabilidade estariam também o controle de armas, produtos químicos, explosivos ou inflamáveis, ficando sob sua responsabilidade a expedição de licenças do uso de armas e de passaporte de salvo-conduto.²²

Coordenada pelo delegado Plínio Brasil Milano, a DOPS, a partir de dezembro de 1938, estava diretamente subordinada ao Chefe de Polícia, Aurélio da Silva Py, nomeado pelo Interventor estadual.

O combate ao nazismo foi amplamente explorado pela instituição policial na construção de uma nova imagem da instituição. A polícia moderna e científica era o paradigma a ser alcançado. Nesse esforço, a organização de uma rede antiespionagem, o intercâmbio com as polícias sul-americanas para coordenação de medidas policiais e o treinamento de agentes pelo *Federal Bureau of Investigation* (FBI) nos Estados Unidos capacitaram a DOPS de novos instrumentos para investigação de atividades subversivas. A organização de uma exposição itinerante com o material apreendido referente ao Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães no estado, assim como a divulgação de publicações especializadas, tais como a revista *Vida Policial* e o livro *A 5ª Coluna no Brasil*, ajudaram a propagar o sentimento de eficiência e proteção oferecidas por essa nova polícia.²³ A publicização dos triunfos sobre o “perigo nazista” garantiram o reforço à Campanha de Nacionalização empreendida pelo Estado Novo.

²² SANTOS, Allyson Arthur Roque dos. *A polícia gaúcha na Era Vargas 1930-1945: diretrizes científicas e tecnológicas*. Porto Alegre: Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2005. pp. 159, 160

²³ Sobre as mudanças na polícia no Rio Grande do Sul nesse período existem os seguintes estudos: MONTEIRO, Rejane Penna. *A nova polícia: a guarda civil em Porto Alegre (1929-1938)*. Porto Alegre: Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1991; GRIZA, Aida. *Polícia, técnica e ciência: o processo de incorporação dos saberes técnico-científicos na legitimação do ofício de policial*. Porto Alegre: Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999; BENEVENUTO, Estela Carvalho. *A polícia política e a revista Vida Policial: uma face do Estado Novo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1997; WEIZENMANN, Tiago. *Cortando as Asas do Nazismo: representações e imaginário sobre o*

5.2 A Dissolução

Em 19 de outubro de 1937, o governo federal decretou intervenção no Rio Grande do Sul. Flores da Cunha foi deposto e Daltro Filho assumiu a Interventoria estadual. A 10 de novembro, o golpe do Estado Novo alterou o cenário político do país. As atividades do Círculo V do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães já haviam chamado a atenção da polícia e da população em geral em meados de 1933. Desde então, observou-se uma clara tensão entre os nazistas e a comunidade alemã e teuto-brasileira.

Walter Hornig retornou à Alemanha em meados de 1937, deixando a direção do Partido Nazista no Rio Grande do Sul sob responsabilidade de Ernst Dorsch, seu substituto legal e chefe da DAF. A partir da proibição de todos os partidos políticos no Brasil, as ações contra o NSDAP no estado foram rapidamente executadas pela polícia.

Nos dias 16 e 17 de dezembro de 1937, Dorsch foi interrogado, sendo sua liberação negociada entre a Chefia de Polícia e o Consulado alemão de Porto Alegre. Em fevereiro de 1938, as sociedades vinculadas à VDV foram banidas, assim como o jornal *Fürer's Dritte Reich* e o filme *Echo der Heimat* (Eco da Pátria-Mãe). A Casa Alemã foi vigiada e, por fim, fechada. Toda a correspondência relativa às atividades nazistas passou a ser monitorada pela censura postal do estado. Lideranças partidárias foram presas em todo o Rio Grande do Sul e Dorsch foi novamente detido e interrogado.²⁴ Durante dois dias, o *Kreisleiter* do NSDAP no Rio Grande do Sul foi proibido de contatar o Cônsul alemão no estado, gerando protestos da representação diplomática da Alemanha no Rio de Janeiro.²⁵

nazismo na revista *Vida Policial* (1942-1944). São Leopoldo: Dissertação de mestrado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2008.

²⁴ *Vorgänge in Brasilien*. Berlin, março de 1938. Chef A/O. Akten betreffend: Brasilien, PAAA.

²⁵ *Telegramm n° 22*. Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1938. Akten betreffend: Innere Politik, Parlaments und Parteiwesen, PAAA. Interessa destacar que as passagens de retorno às cidades de residência dos partidários feitos prisioneiros pela polícia no interior do Rio Grande do Sul eram pagas com recursos do

Em correspondência enviada ao núcleo de Bello Centro em fevereiro de 1938, Dorsch recomendava cautela aos partidários perante a situação de ilegalidade dos partidos políticos no Brasil.

Importante é que os nossos companheiros de trabalho mantém [sic] a necessária disciplina e evitam [sic] tudo que também tenha a aparência de provocação. Como, por enquanto, estão proibidas as reuniões, devem ser procurados outros meios e caminhos para manter de pé a união e não deixar esmorecer o interesse. Para isso há diversos meios e caminhos, deixamos ao vosso critério encontrar sempre o adequado; eu lembro, para isso, por exemplo, um serviço voluntário ou instalação de campo desportivo, ou qualquer outro serviço de utilidade comum, ou auxílio de algum companheiro que esteja em situação precária.²⁶

A principal preocupação de Dorsch era manter unidos os partidários mesmo com o movimento em suspenso. Na primeira circular expedida em 1938 pelo NSDAP, ele expressava a esperança de ver retomadas as reuniões do Partido assim que “as dificuldades de natureza local” fossem removidas pelo Consulado. As notícias referentes à proibição do nazismo, publicadas pela imprensa local, foram desmerecidas de crédito, sendo sublinhado que “a verdadeira situação” seria comunicada pela chefia do grupo e exposta aos companheiros pelas chefias e seus auxiliares.²⁷

Mesmo com a proibição, os núcleos do Partido Nazista no estado prosseguiram com suas atividades, conforme demonstram os relatórios e as correspondências encontrados nos arquivos diplomáticos alemães. Com o fechamento da sede do Partido, o Consulado da Alemanha em Porto Alegre assumiu as tarefas de liderança do NSDAP no estado, dando prosseguimento às ações de propaganda, reunião de informações para possíveis transações comerciais, recolhimento de donativos para o Auxílio de Inverno e

núcleo NSDAP local. *Documentos traduzidos n° 1 e 2*. In: *Relatório do delegado João Giuliano...*, 10 de maio de 1938. Anexos. Correspondência: Atividades nazistas no estado do Rio Grande do Sul (1938-1940), AHI.

²⁶ *Correspondência de Dorsch à Koplín*. Porto Alegre, 06 de fevereiro de 1938. Cópia traduzida. In: *Relatório do delegado João Giuliano...*, 10 de maio de 1938. Anexos. Correspondência: Atividades nazistas no estado do Rio Grande do Sul (1938-1940), AHI.

²⁷ *Circular n° 1 – Chefia*. Porto Alegre, 07 de fevereiro de 1938. In: PY, Aurélio da Silva. *A 5ª Coluna no Brasil: a conspiração nazi no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1942. p. 70

emissão de atestados de participação nas associações para antigos militantes. Pelo menos até o mês de maio de 1938, as lideranças da Frente Alemã de Trabalho foram ordenadas pelo cônsul Friedrich Ried para continuar exercendo suas atividades.²⁸ Os líderes dos grupos nazistas locais também foram instruídos a encaminhar os arquivos referentes à organização para o Consulado, que os remeteria posteriormente à Alemanha. Durante o ano de 1938, a prisão e a deportação das principais lideranças nazistas seriam solicitadas pelo Comandante da Primeira Região Militar no país.²⁹

Ewald Nagorsen foi preso sob acusação de tentativa de compra de material bélico para o governo do estado do Rio Grande do Sul, que seria utilizado com “fins subversivos”. Ele teria sido procurado pelo governador Flores da Cunha para intermediar a transação, que seria realizada de forma secreta, sem o conhecimento do governo federal. Não é despropositado pensar que a escolha de Nagorsen e da companhia Ultramar para realizar a transação tenha sido feita por indicação do então cônsul alemão, Frierich Ried, amigo de Flores da Cunha. A encomenda consistia em cinco mil cartuchos calibre 7mm e duzentos mil cartuchos calibre 7,92mm, ambos com balas ogivais, mais dez metralhadoras pesadas (especificamente, “tiro contra avião”). O preço final dos cartuchos, incluindo custo, seguro e transporte, ficava entre 13.532,50 e 14.145,00 marcos bloqueados, que seriam trocados, em um negócio recíproco, pela exportação de algodão, lã e peles de cabra e ovelhas para a Alemanha. O percentual de lucro de Nagorsen com a transação seria entre 5 e 6%.³⁰

²⁸ PY, 1942, p. 123

²⁹ COHEN, Esther. *O governo federal e o partido nazista no Brasil*. Niterói: Dissertação de mestrado, Universidade Federal Fluminense, 1988. p. 79

³⁰ Processo-crime n° 657, procedente do Rio Grande do Sul, contra Ewald Nagorsen. Data inicial: 09 de dezembro de 1938. Tribunal de Segurança Nacional, AN O negócio acabou não sendo realizado. Nagorsen foi absolvido do processo por falta de provas.

As instruções baixadas pelo Decreto-lei nº 37, de 02 de dezembro de 1937, permitiam aos partidos políticos por ele dissolvidos a permanecerem como sociedades civis com fins culturais, beneficentes ou desportivos, desde que registrados sob nova denominação.³¹ Explorando esta lacuna legal, a Frente de Trabalho Alemã foi reaberta em Porto Alegre sob a denominação “União Desportiva e Beneficente Alemã”, acolhendo quase a totalidade dos sócios da antiga DAF.³² Para dar continuidade às atividades do Círculo da Juventude Teuto-Brasileira, houve ingresso em massa na Sociedade de Fisiocultura.³³ Ambas as sociedades foram posteriormente fechadas pela polícia. Da mesma forma, a Federação 25 de Julho teve suas atividades interrompidas ao final de junho de 1938 com a prisão de um de seus líderes, Frederico Colin Kopp, preso sob suspeita de participação no golpe integralista e de manter relações estreitas com os chefes do grupo nacional Brasil do NSDAP.³⁴

O Decreto-lei nº 383, de 18 de abril de 1938, reforçou as proibições estaduais ao adotá-las em âmbito nacional, com um texto específico sobre atividades políticas de estrangeiros. Além de proibir o exercício de qualquer atividade de natureza política ou “de imiscuir-se, direta ou indiretamente, nos negócios públicos do país”, o decreto, em seu artigo 2º, especifica vetos direcionados às ações do NSDAP:

1 - Organizar, criar ou manter sociedades, fundações, companhias, clubes e quaisquer estabelecimentos de caráter político, ainda que tenham por fim exclusivo a propaganda ou difusão, entre os seus compatriotas, de idéias, programas ou normas de ação de partidos políticos do país de origem. A mesma proibição estende-se ao funcionamento de sucursais e filiais, ou de delegados, prepostos, representantes e agentes de sociedades, fundações, companhias,

³¹ Decreto-Lei nº 37, de 02 de dezembro de 1937. “Dispõe sobre partidos políticos”. *Coleção de Leis do Brasil*. Disponível em: SICON – Sistema de Informações do Congresso Nacional <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=76437>>. Acesso em: 06 mar. 2008.

³² *Vida Policial*, Porto Alegre, n. 45, abril de 1942. Cortando as Asas do Nazismo, p. 56

³³ PY, 1942, p. 240

³⁴ GERTZ, René. *O fascismo no sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. p. 100; SEITENFUS, Ricardo. *A entrada do Brasil na segunda guerra mundial*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. pp. 149, 150. Kopp faleceu na prisão em circunstâncias não esclarecidas pela polícia.

clubes e quaisquer estabelecimentos dessa natureza que tenham no estrangeiro a sua sede principal ou a sua direção.

2 - Exercer ação individual junto a compatriotas no sentido de, mediante promessa de vantagens, ou ameaça de prejuízo ou constrangimento de qualquer natureza, obter adesões a idéias ou programas de partidos políticos do país de origem.

3 - Hastear, ostentar ou usar bandeiras, flâmulas e estandartes, uniformes, distintivos, insígnias ou quaisquer símbolos de partido político estrangeiro.³⁵

O Decreto-lei permitia a associação de estrangeiros para fins culturais, beneficentes e de assistência, bem como a reunião para comemoração de datas nacionais, desde que previamente autorizadas pela polícia. No entanto, as organizações não poderiam receber ajuda financeira do exterior, tanto do governo como de particulares, nem aceitar a participação de brasileiros, natos ou naturalizados, mesmo que filhos de estrangeiros.

As mudanças ordenadas pelo governo federal se fizeram sentir fortemente no Rio Grande do Sul. O coronel do Exército Oswaldo Cordeiro de Farias assumiu a Interventoria do estado em 04 de março de 1938 imbuído do espírito de eliminação das atividades nazistas, ajustado ao nacionalismo professado por essa nova fase do governo Vargas.

5.3. Espionagem alemã no Rio Grande do Sul

Ao final de maio de 1939, os preparativos para a guerra estava bem adiantados na Alemanha. Canhões, tanques, aviões e navios de guerra estavam sendo entregues pelas indústrias de armamentos, especialistas das Forças Armadas chegavam à fase final de planificação e novos homens eram chamados para os treinamentos militares.³⁶ No Rio Grande do Sul, o Consulado alemão de Porto Alegre realizava o alistamento militar

³⁵ Decreto-Lei nº 383, de 18 de abril de 1938. “Veda a estrangeiros a atividade política no Brasil e dá outras providências”. Coleção de Leis do Brasil. Disponível em: SICON – Sistema de Informações do Congresso Nacional. <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=5465>>. Acesso em: 06 mar. 2008.

³⁶ SHIRER, W. *Ascensão e queda do Terceiro Reich: triunfo e consolidação (1933-1939)*, vol.1. Rio de Janeiro: Agir, 2008. p. 643

obrigatório entre os cidadãos do Terceiro Reich.³⁷ A avaliação física era realizada pelo médico indicado pelo Consulado, o ortopedista Bruno Künne, membro filiado ao NSDAP no estado. A partir de setembro, com o início da guerra, tal procedimento continuou a ser realizado, mesmo ferindo a legislação de neutralidade promulgada no Brasil.³⁸

A Embaixada da Alemanha no Rio de Janeiro também era responsável, após a proibição do Partido Nacional-Socialista no Brasil, pela propaganda do Terceiro Reich. De acordo com Igor Gak, havia um projeto de propaganda nazista para o país, arquitetado pelo NSDAP e mantido financeiramente pela representação diplomática alemã.³⁹ Outra atribuição da Embaixada e dos Consulados alemães no país era a colaboração na organização e operação das redes de espionagem de guerra.

Em agosto de 1939, após uma viagem à Europa, o alemão naturalizado brasileiro Albrecht Gustav Engels foi procurado por Jobst Raven em Gênova, cidade portuária na Itália, antes de retornar ao Brasil. Raven era amigo de Engels desde quando serviram juntos ao Exército alemão e, naquele momento, trabalhava na seção econômica da *Abwehr*,⁴⁰ o Departamento do Exterior do *Oberkommando der Wehrmacht*, Alto Comando das Forças Armadas alemãs (OKW), chefiada pelo almirante Wilhelm Canaris.⁴¹ A

³⁷ Cópia traduzida de correspondência enviada pelo Consulado alemão do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 16 de abril de 1938. In: Relatório do delegado João Giuliano. Repartição Central de Polícia. Rio Grande do Sul. Cópia. Porto Alegre, 10 de maio de 1938. Anexos. Correspondência: Atividades nazistas no estado do Rio Grande do Sul (1938-1940), AHI.

³⁸ “É vedada a formação, em território brasileiro, de corpos de combatentes para servirem a qualquer dos beligerantes, e bem assim a instalação de escritórios, agências ou ofícios de alistamento, quer dos próprios racionais dos beligerantes, quer de brasileiros ou de naturais de outros países. (...)”. Art. 4º. Decreto-lei nº 1.561, de 2 de setembro de 1939. “Aprova as regras de neutralidade no caso de guerra entre potências estrangeiras, não americanas”. *Coleção de Leis do Brasil*. Disponível em: SICON – Sistema de Informações do Congresso Nacional <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=11463>>. Acesso em: 10 jan. 2010.

³⁹ GAK, Igor Silva. *Os fins e os meios: diplomacia e propaganda nazista no Brasil (1938-1942)*. Niterói: Dissertação de mestrado, Universidade Federal Fluminense, 2006. p. 04

⁴⁰ *Abwehr* pode ser traduzida por defesa, proteção ou, ainda, contra-espionagem.

⁴¹ Wilhelm Franz Canaris (1887-1945) ingressou na Marinha Imperial em 1905 e foi promovido à chefia do serviço de inteligência militar da Alemanha em 1935. Opositor da ideologia nazista, Canaris esteve envolvido na organização de dois planos para assassinar Adolf Hitler, que, no entanto, não foram executados. Durante a

Abwehr funcionava em paralelo a outro serviço de informações alemãs, o *Sicherheitsdienst* Serviço de Segurança, dirigido por Walter Schelleberg, dentro do Departamento Central de Segurança do Reich (*Reichssicherheitshauptamt* ou RSHS), chefiado por Reinhard Heydrich e diretamente subordinado à Heinrich Himmler, na Gestapo.⁴²

Apesar do foco da *Abwehr* ser a coleta de informações militares, foi solicitado à Engels que enviasse informações sobre a economia americana e a exportação de artigos estratégicos da América do Sul para a Inglaterra e os Estados Unidos, além de dado sobre a produção industrial e militar deste último.⁴³ Os relatórios eram enviados à Berlim pelo correio, camuflados como cartas comerciais e com texto em código mascarando evidências de informações estratégicas. Além de revistas norte-americanas, suas principais fontes eram contatos pessoais em círculos comerciais, industriais, políticos e militares.

Com o início da campanha militar na frente ocidental, no outono daquele ano [1940], a atenção dos estrategistas navais alemães se fixou no que se chamava “A Guerra no Atlântico” – a guerra naval contra as comunicações marítimas entre a Grã-Bretanha e seus pontos de abastecimento no Oriente e no Hemisfério Ocidental. (...)⁴⁴

Com o aumento da importância da América do Sul para a estratégia de guerra, foi solicitado que Engels chefiasse uma rede de informações no Brasil em 1940. Um agente especial de nome Alfred Becker veio ao país auxiliá-lo na organização de um grupo e instruí-lo no uso de códigos, tintas secretas e no uso do microponto, aparelho especial que fotografava os relatórios e os reduzia ao tamanho de três a quatro milímetros.

Uma das funções mais importantes do grupo seria servir como ponto de apoio para agentes nos Estados Unidos, que mandariam seus relatórios a Engels para

Segunda Guerra Mundial, conspirou contra Hitler e manteve contato com o serviço britânico de informações. Foi demitido da *Abwehr* em fevereiro de 1944 por suspeitas de conspiração e executado em abril de 1945. Ver: BASSETT, Richard. *Almirante Canaris: misterioso espião de Hitler*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

⁴² HILTON, Stanley E. *Suástica sobre o Brasil: a história da espionagem alemã no Brasil, 1939-1944*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 18

⁴³ Idem, pp. 26, 27

⁴⁴ Idem, 1977, p. 27

que ele, por sua vez, os retransmitisse para a Alemanha. Engels também teria que servir como uma espécie de tesoureiro, ou canal de financiamento, para outros agentes ou redes, quando essa necessidade surgisse.⁴⁵

Engels, usando o codinome “Alfredo”, esteve subordinado ao capitão Hermann Bohny, adido naval assistente da Embaixada alemã no Rio de Janeiro. O foco principal eram informações sobre a movimentação de navios ingleses e americanos nos portos brasileiros, que eram retransmitidos aos submarinos alemães em vigília no oceano Atlântico. Engels também recebia cartas dos Estados Unidos, México e Panamá com informações confidenciais, e as repassava para Berlim.

Os relatórios oriundos dos Estados Unidos versavam sobre vários assuntos: movimentos de navios, aviões e munições; e mobilização econômica. O próprio Engels continuava a remeter os dados que colhia de revistas técnicas. Relatava ainda o movimento de navios no Rio de Janeiro, fornecendo tantos detalhes quando possível, especialmente sobre os que serviam à Inglaterra: rotas seguidas, cargas, armamento, número de tripulantes, e até nomes dos capitães. Vez por outra, remetia relatórios políticos que teria recebido de Becker. Em outubro de 1940, por exemplo, o Abwehr recebeu um relatório comentando a reação brasileira ao Pacto Tríplice entre a Alemanha, a Itália e o Japão. A política de neutralidade seguida por Vargas, disse o agente, era determinada pelo equilíbrio de forças entre o germanófilo alto comando militar e o americanófilo Ministro do Exterior, Oswaldo Aranha. Quanto a Vargas, dizia-se que era neutro e que as decisões finais sobre a política nacional seriam determinadas pelo resultado da luta entre as forças antagônicas dentro do Governo.⁴⁶

Para mensagens urgentes entre Engels e a Abwehr, era utilizado o canal diplomático através do embaixador alemão Curt Prüfer. Após o estabelecimento de um serviço radiotelegráfico, em março de 1941, Engels começou a recrutar colaboradores para o serviço militar de informações. Foram convocados informantes nas cidades do Rio de Janeiro, Santos, Recife, São Paulo, Salvador, Vitória, Porto Alegre e Rio Grande.⁴⁷

Em meados de 1941, o aparato de espionagem alemã nos Estados Unidos recebeu um golpe mortal como resultado de numerosas prisões feitas pelo FBI, fato que muito aumentou a importância do grupo de Engels, que seria agora crescentemente pressionado pelo Abwehr a fornecer informações sobre todos os

⁴⁵ HILTON, 1977, p. 30

⁴⁶ Idem, p. 31

⁴⁷ PERAZZO, Priscila Ferreira. *O perigo alemão e a repressão policial no Estado Novo*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1999. p. 127

aspectos da navegação entre a América do Sul, a Inglaterra e os Estados Unidos, e sobre a mobilização norte-americana para a guerra.⁴⁸

Eduard Arnold foi recrutado pelo capitão Raven para servir como agente da espionagem alemã no Brasil durante uma viagem à Europa. Arnold era nascido no Brasil, mas havia servido como segundo tenente no Exército alemão na Primeira Guerra Mundial. O primeiro trabalho prestado à Abwehr foi o transporte de inúmeras cartas para serem despachadas da América do Sul para pessoas na Argentina, Guatemala e México.⁴⁹ Depois, encontrou com Engels no Rio de Janeiro e, algumas semanas após, recebeu dele, em São Paulo uma quantia em dinheiro. Arnold iniciou o envio de relatórios à Alemanha no início de 1940. Em meados desse mesmo ano, Erich Leonhardt Immers, brasileiro naturalizado alemão, foi enviado pela Abwehr para ajudá-lo na ampliação da rede Engels e no uso do microponeto.

Num de seus primeiros encontros, Immers mostrou a Arnold uma mensagem secreta da Abwehr detalhando o tipo de informações desejadas por Berlim. A mensagem chegara em forma de microponeto fixo a um envelope contendo uma carta comum. O Abwehr queria informações em especial sobre a produção de munições, armamentos, e aviões nos Estados Unidos. Interessava-se também pelas condições de trabalho nas fábricas de material bélico norte-americanas para poder determinar se existia terreno fértil à promoção de greves.⁵⁰

O principal agente recrutado por Immers e Arnold foi Hans Curt Werner Meyer-Clason, convocado para atuar em Porto Alegre. Meyer-Clason era especialista no comércio algodoeiro, havia sido membro das Tropas de Assalto na Alemanha, era sub-oficial da reserva da *Wehrmacht* e filiara-se ao NSDAP na cidade de São Paulo. Com o início da guerra, foi destacado para trabalhar na empresa norte-americana Edward T. Robertson & Son na cidade do Recife, onde se apresentava como inglês até ser desmascarado. Durante esse período, afirma que “começou, por puro patriotismo e iniciativa própria, suas

⁴⁸ HILTON, 1977, p. 45

⁴⁹ Idem, p. 50

⁵⁰ Idem, p. 50

atividades ilegais, colhendo informações sobre as rotas marítimas de guerra da navegação inglesa, do que tudo informou à Embaixada Alemã ao passar pelo Rio de Janeiro”.⁵¹

De volta à São Paulo, Meyer-Clason foi informado de sua provável demissão por conta de sua nacionalidade, o que de fato ocorreu após o retorno de uma viagem à Argentina em março de 1940. Em Buenos Aires, ele recebera cartas o orientando a entrar em contato com Immers no Rio de Janeiro. Por intermédio de Arnold, Meyer-Clason recebeu “a incumbência de vir para o sul a fim de ser aqui o informante do Serviço de Espionagem Alemã, do qual Immers possuía um esquema e seria o coordenador na América”.⁵² Meyer-Clason chegou a Porto Alegre em agosto de 1940 e empregou-se na empresa Casa Alemã Ltda., especializada na fabricação de móveis. Paralelamente, empenhou-se na tarefa de compra de matérias-primas para a Embaixada alemã no Rio de Janeiro. Para melhor desempenhar tais funções, ele organizou a empresa “A Controladora”, destinada a oferecer maiores garantias aos exportadores com controle maior sobre as mercadorias embarcadas.

As informações capturadas por Meyer-Clason eram repassadas através de cartas criptografadas, escritos com tinta invisível à base de um comprimido de piramidon, microfotografias e códigos secretos.

Ao capitão Immer, um dos chefes do serviço de espionagem alemã no Brasil, em 1940 e princípios de 1941, segundo afirma, Meyer-Clason forneceu informações sobre a produção de matérias primas que por ventura pudessem destinar-se aos Estados Unidos ou à Inglaterra, notícias sobre o movimento de vapores ingleses, seus carregamentos, sua rota, tonelagem e destino, também remetendo dados sobre embarques de carnes no porto de Rio Grande. (...)

As informações que prestou a seu amigo Eduard Arnold consistiram principalmente sobre assuntos econômicos e comerciais, colaborando na feitura da lista negra alemã e transmitindo minuciosos dados sobre a orientação política,

⁵¹ *Relatório*. Porto Alegre, 20 de maio de 1942. DOPS, Prontuário nº 36.691: Rede de Espionagem no Rio Grande do Sul ou Nazismo no Rio Grande do Sul, AESP.

⁵² *Relatório*. Porto Alegre, 20 de maio de 1942. DOPS, Prontuário nº 36.691: Rede de Espionagem no Rio Grande do Sul ou Nazismo no Rio Grande do Sul, AESP.

descendência ariana e as simpatias pelo “Eixo” de sócios de firmas locais, como se pode ver das listas anexas.⁵³

Segundo Meyer-Clason, as listagens que enviava a Arnold passavam pelo exame e censura do Consulado alemão de Porto Alegre.⁵⁴ Novamente, a figura do cônsul Friedrich Ried aparece fortemente vinculada às atividades nazistas, intervindo na constituição das chamadas “listas negras”.

Engels era o catalizador de diversos agentes alemães nas Américas, que através dele comunicavam-se com a Alemanha. O financiamento das atividades era feito via Argentina, através do capitão Dietrich Niebuhr, adido militar da Embaixada alemã de Buenos Aires, que dirigia e fiscalizava os trabalhos de Bohny e Engels.⁵⁵

À medida que aumentava a necessidade de informações sobre o comércio inimigo, nos últimos meses de 1940, também aumentada a necessidade de consegui-las rapidamente. Foi por isto que o Abwehr pressionou Engels a montar uma estação transmissora (...). Recebeu uma carta dizendo que fundos especiais para tal seriam colocados à sua disposição no Banco Alemão Transatlântico, e que ele deveria procurar “Herr S.”, um técnico que trabalhava na Seção *Telefunken* das Empresas Siemens, na Rua General Câmara [Rio de Janeiro].⁵⁶

O primeiro rádio-transmissor a operar da rede de informações alemãs no Brasil começaria seus trabalhos em abril de 1941. Apesar de servir como referência aos diversos agentes alemães espalhados no continente, Engels, assim como Bohny, discordava do envio de mais espiões pela Abwehr.

A política seguida pelo Abwehr no Brasil era a de saturar o país com agentes, convencido como estava de que assim, apesar das baixas inevitáveis e da ineficiência de alguns agentes, suficientes informações chegariam à Alemanha para fornecer um quadro relativamente completo das atividades inimigas. Para minimizar as possibilidades de fracassos ou de ineficiência, o Abwehr procurava recrutar agentes entre elementos que já tivessem demonstrado, possivelmente através do serviço militar, um senso de dever, que conhecessem o terreno, e que

⁵³ *Relatório*. Porto Alegre, 20 de maio de 1942. DOPS, Prontuário nº 36.691: Rede de Espionagem no Rio Grande do Sul ou Nazismo no Rio Grande do Sul, AESP.

⁵⁴ *Termo de declarações Hans Curt Werner Meyer-Clason*. Porto Alegre, 20 de maio de 1942. DOPS, Prontuário nº 36.691: Rede de Espionagem no Rio Grande do Sul ou Nazismo no Rio Grande do Sul, AESP.

⁵⁵ HILTON, 1977, p. 48

⁵⁶ *Idem*, p. 69

tivessem alguns contatos no país. Assim, era característico do Abwehr procurar indivíduos com experiência militar e que já agiam, ou tivessem agido, no setor comercial ou industrial no Brasil.⁵⁷

Josef Jacob Johanes Starziczny, alemão filho de pais poloneses, era o verdadeiro nome do agente que ficou conhecido como Niels Christian Christensen, vulgo “Lucas”. Christensen chegou ao Brasil em abril de 1941, carregando na mala um aparelho de transmissão e recepção desenvolvido pela Telefunken, o *Agenten-Funk-Geraet* ou AFU. Sua missão no Brasil consistia em instalar a estação radiotransmissora para Otto Uebele, espião recrutado na cidade de Santos, e ensinar os agentes dessa nova rede a utilizá-la. Na execução dessa etapa da missão, Christensen recebeu 5:000\$000 (cinco contos de réis), quantia que também seria recebida mensalmente enquanto durasse o treinamento. Após esse período, ele deveria seguir em missão especial para os Estados Unidos.⁵⁸

A nova estação radiotransmissora foi instalada no Rio de Janeiro, onde já operava o transmissor de Engels, fato que causou atrito entre os dois grupos. As informações eram transmitidas à Marinha alemã com base em Hamburgo e Kiel. A nova rede enfocava dados sobre os navios mercantes armados ingleses e norte-americanos, principalmente, e suas rotas e datas de partida para os Estados Unidos e África. O controle da movimentação nos portos era necessário para garantir a segurança dos navios alemães no oceano Atlântico.

Em julho de 1941, Carlos Mügge, agente da rede organizada por Christensen e Uebele, viajou ao Rio Grande do Sul para recrutar agentes para o serviço de informações. Em Porto Alegre, Mügge entra em contato com o alemão Paul Waldemar Dratwa após indicação de Schmillenkamp, ex-funcionário do Consulado alemão de Porto Alegre. Dratwa conhecia Engels anteriormente, pois ambos trabalharam na A.E.G. Companhia Sul-

⁵⁷ HILTON, 1977, p. 54

⁵⁸ *Termo de declarações de Niels Christian Christensen*. Cópia. Sem data. Arquivo Polícia, Delegacia de Ordem Política e Social, AHRS.

Americana de Eletricidade. Ao ser procurado por Mügge, Dratwa era chefe da seção de eletricidade da firma Bromberg, na Capital, e foi convidado a repassar informações sobre o movimento dos navios ingleses e norte-americanos no porto de Porto Alegre para serem retransmitidos à Alemanha. Ao aceitar a incumbência, recebeu 200\$000 como indenização das despesas, além de instruções sobre escrita invisível. Seu salário na Bromberg era de 1:700\$000 mais comissões. Sobre os navios, deveria informar os elementos necessários para identificação, tais como cor, número de chaminés, camuflagem, artilhamento, carga, destino e tonelagem. Para contato, deveria utilizar o codinome “Paulo”. Dratwa confessou posteriormente à polícia ter enviado quatro informações sobre navios ingleses aportados em Porto Alegre e que não recebeu dinheiro pela colaboração e que teria agido por sentimentos patrióticos.⁵⁹

Mügge também recrutou um espião para atuar no porto de Rio Grande, cidade que se destacava pela venda de carne congelada para os navios aliados, facilitada pela presença de grandes frigoríficos na cidade. O alemão Friedrich Wilhelm Wilkens era agente da Companhia Hamburguesa de Navegação e foi instruído a camuflar mensagens em cartas comuns e a utilizar o codinome “Francisco”.⁶⁰

Os observadores do Sul produziram virtualmente nada para o grupo. Seis semanas após sua volta do Sul, Muegge enviou uma mensagem cautelosa à caixa postal 30, em Rio Grande, reclamando a falta de notícias de Wilkens (“Francisco”). “Infelizmente não tenho tido notícia alguma de você desde o nosso último encontro, o que não entendo”, disse Muegge, “embora eu conheça as deploráveis condições postais daí”. Admoestou Wilkens a devolver os duzentos mil-réis, “se, por qualquer motivo, o negócio tratado não se realizar”. Wilkens, de fato, resolvera que era perigoso demais trabalhar para Muegge, e, quando recebeu a carta deste, simplesmente queimou-a sem responder. Em outubro foi ao Rio de Janeiro a negócios e aproveitou a oportunidade para procurar Muegge. Frisou nessa ocasião que Rio Grande era uma cidade pequena onde ele era bem conhecido, o que tornava a comunicação clandestina difícil ao máximo. Paul Dratwa (“Paulo”) fez uma viagem à capital federal no início de

⁵⁹ *Termo de declarações de Niels Christian Christensen*. Cópia. Sem data. Arquivo Polícia, Delegacia de Ordem Política e Social, AHRS; *Termo de declarações Paul Waldemar Dratwa*, Porto Alegre, 29 de maio de 1942. Arquivo Polícia, Delegacia de Ordem Política e Social, AHRS.

⁶⁰ HILTON, 1977, p. 147

setembro para aprender o uso da tinta invisível, mas ele também não conseguiu pôr em prática seus conhecimentos – pelo menos, Hamburgo nunca recebeu informações de Starziczny sobre o movimento de navios ou assuntos políticos do sul. Dratwa, aliás, devolveu em outubro uma parte – 155 mil-réis – do adiantamento que recebera de Muegge.⁶¹

Wilkens já havia sido preso pela polícia rio-grandense em novembro de 1939 ao participar de outro caso envolvendo tentativas de espionagem marítima no estado. Durante a investigação sobre as atividades ilegais do cônsul Friedrich Ried, um inspetor da subseção de Polícia Aérea reparou no desembarque de volumes procedentes do Rio de Janeiro sem indicação no registro da transportadora responsável. A mercadoria estava sendo desembarcada de forma sigilosa e destinava-se aos agentes do Sindicato Condor em Porto Alegre, a empresa de Viação Aérea Rio-Grandense (VARIG). O material consistia em um aparelho completo de rádio transmissão e recepção e foi embarcado por Ried para o porto de Rio Grande. Wilkens havia recebido o técnico que faria a instalação do aparelho no navio mercante “Rio Grande”.⁶² Segundo a análise da polícia, o transmissor destinava-se ao repasse de mensagens sobre o movimento dos navios pertencentes aos países em guerra aos submarinos da Marinha de Guerra Alemã que circulavam próximos á costa do Rio Grande do Sul.

Werner Richard Wilhelm Mucks, rádio-técnico do Sindicato Condor no Rio de Janeiro, recebeu no início de novembro de 1939 a ordem para embarcar para Porto Alegre a fim de consertar um rádio-transmissor. Ao chegar à cidade, conforme instrução recebida, deveria apresentar-se no Consulado alemão, onde foi recebido pelo Cônsul Ried e apresentado à Friedrich Wilhelm Wilkens, que estaria chefiando sua missão. Mucks foi orientado a dirigir-se aos escritórios da VARIG para retirar uma passagem reservada em

⁶¹ HILTON, 1977, p. 157

⁶² *Relatório*. Porto Alegre, 20 de maio de 1942. DOPS, Prontuário nº 36.691: Rede de Espionagem no Rio Grande do Sul ou Nazismo no Rio Grande do Sul, AESP.

seu nome e embarcar no dia seguinte para Pelotas. Mucks e Wilkens chegaram à Pelotas por via aérea e dirigiram-se imediatamente à Rio Grande por trem. Mucks foi levado a bordo do navio mercante alemão “Rio Grande”, da Companhia Hamburguesa, que se encontrava internado no porto brasileiro devido ao início da guerra.⁶³

Na cidade de Rio Grande, os volumes embarcados por Ried foram recebidos pelo cônsul honorário da Alemanha na cidade, o brasileiro Kurt Louis Emil Fraeb, e encaminhados para o navio mercante.⁶⁴ A estação de radiotelegrafia, no entanto, não pode ser instalada devido à incompatibilidade de corrente elétrica gerada pelo navio e a necessária para colocar a estação em funcionamento. A diligência policial foi concluída com a apreensão do rádio e a prisão dos responsáveis.

Quanto a finalidade da estação radiotelegráfica acresce, ainda, uma circunstância interessante. Na ocasião de sua apreensão, encontravam-se no Atlântico Sul várias belonaves inglesas que, um mês após, deram combate ao couraçado alemão “Graf von Spee” nas costas do Rio Grande do Sul, finalizando a referida ação com a batalha de “Punta del Leste”.⁶⁵

A tentativa de instalação do aparelho de rádio transmissão e recepção feria as regras gerais de neutralidade decretadas pelo governo Vargas com o início do conflito mundial. Em seu artigo 9º, a lei explicitava ser proibido aos beligerantes “instalar ou manter em território brasileiro, compreendidas as águas territoriais, estações radiotelegráficas, ou qualquer aparelho que venha a servir de meio de comunicação com forças beligerantes,

⁶³ *Termo de declarações Werner Richard Wilhelm Mucks*. Porto Alegre, 15 de novembro de 1939. In: PY, Aurélio da Silva. *A 5ª Coluna no Brasil: a conspiração nazi no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1942. p. 99

⁶⁴ *Relatório*. Porto Alegre, 20 de maio de 1942. DOPS, Prontuário nº 36.691: Rede de Espionagem no Rio Grande do Sul ou Nazismo no Rio Grande do Sul, AESP.

⁶⁵ *Relatório sobre um inquérito de atividades nazistas e participação na instalação de um aparelho de radiotelegrafia clandestino a bordo do vapor alemão “Rio Grande”, ao qual respondeu um diretor da S.A. Empresa de Viação Aérea Rio-Grandense (VARIG)*. Delegacia de Ordem Política e Social. Porto Alegre, 28 de novembro de 1940. Arquivo Polícia Política, setor Estados: Rio Grande do Sul, APERJ.

terrestres, marítimas ou aéreas”.⁶⁶ Dessa forma, a DOPS do Rio Grande do Sul iniciou uma investigação sobre a colaboração da VARIG e do Consulado alemão de Porto Alegre na ação.

Além do transporte do aparelho de rádio-transmissão, a empresa aérea concedeu, a pedido de Friedrich Ried, as passagens aéreas gratuitas ao técnico que procederia a instalação em Rio Grande. Otto Ernst Meyer-Labastille, diretor-gerente da VARIG, brasileiro naturalizado, havia sido membro da Frente Alemã de Trabalho e contribuinte do Círculo do Sacrifício, e confessou a polícia sua participação no caso. A empresa prestava serviços de transporte de dinheiro e jornais para o NSDAP e havia participado do boicote ao jornal *Deutsches Volksblatt* ordenado pelo Partido Nazista.⁶⁷

Ao mesmo tempo, a expulsão de Ried chegou a ser solicitada por Cordeiro de Farias a Oswaldo Aranha devido ao envolvimento do cônsul alemão coordenando a operação.⁶⁸ É possível que o mal-estar gerado tenha contribuído na sua substituição em abril de 1940. Todavia, é difícil pensar que Ried tenha agido isoladamente, sem receber qualquer instrução de Berlim. O fato é que sua transferência foi solicitada pela *Wilhemstrasse*, a título de promoção, para assumir como Cônsul Geral da Alemanha em Nova York.⁶⁹ Durante o breve período em que exerceu essa função, o governo dos Estados

⁶⁶ Deceto-lei nº 1.561, de 2 de setembro de 1939. “Aprova as regras de neutralidade no caso de guerra entre potências estrangeiras, não americanas”. *Coleção de Leis do Brasil*. Disponível em: SICON – Sistema de Informações do Congresso Nacional <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=11463>>. Acesso em: 10 jan. 2010.

⁶⁷ *Relatório sobre um inquérito de atividades nazistas e participação na instalação de um aparelho de rádio-telegrafia clandestino a bordo do vapor alemão “Rio Grande”, ao qual respondeu um diretor da S.A. Empresa de Viação Aérea Rio-Grandense (VARIG)*. Delegacia de Ordem Política e Social. Porto Alegre, 28 de novembro de 1940. Arquivo Polícia Política, setor Estados: Rio Grande do Sul, APERJ. O relatório reconhece a contravenção cometida pelo funcionário da empresa, mas devido às condições dos arquivos policiais do período referentes ao Rio Grande do Sul, não sabemos os desdobramentos do caso relativos à empresa VARIG.

⁶⁸ CAMARGO, Aspásia; GÓES, Walter de. *Meio século de combate: diálogo com Cordeiro de Farias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. pp. 275, 276

⁶⁹ KEIPER, Gerhard; KRÖGER, Martin. (ed). *Biographisches Handbuch des deutschen Auswärtigen Dienstes 1871-1945*. Band 2. Paderborn: Ferdinand Schöningh, 2000. p. 661

Unidos requisitou informações oficiais ao governo brasileiro sobre a sua conduta em Porto Alegre, e posteriormente solicitou ao governo alemão que fosse dispensado.⁷⁰ As atividades nazistas de Ried no Brasil foram amplamente divulgadas pelo jornal norte-americano *New York Post*, que inclusive o descreveu como o “pequeno Hitler do estado do Rio Grande do Sul”.⁷¹

Posteriormente, o vapor alemão “Rio Grande” conseguiu romper o bloqueio marítimo inglês e chegar à Alemanha. Fraeb e Wilkens contribuíram nos preparativos da partida da embarcação. Em setembro de 1939, com a invasão da Polônia pela Alemanha, Fraeb recebeu telegrama de Hans Stolz “no sentido de transmitir aos comandantes daqueles navios mercantes a notícia do início da guerra, com o que os capitães ficaram habilitados a abrir os envelopes lacrados, existentes nos cofres de bordo, que tratavam das instruções especiais e de um código particular para uso em tal emergência”. Dentre as instruções secretas, as mais importantes eram a camuflagem imediata do navio e o recolhimento ao primeiro porto neutro.

Fraeb seguiu repassando instruções aos comandantes do navio e veio à Porto Alegre, requisitado por Ried, para recebimento de ordens especiais de Dietrich Niebuhr, para ser preparado o vapor “Rio Grande” para furar o bloqueio. Ele deveria ser abastecido de grande quantidade de alimentos, mercadorias e combustíveis, bem acima de sua capacidade para caso de poder reabastecer “algum vaso de guerra ou corsário alemão”. Ried ficaria incumbido da escolha e compra dos materiais, que incluíam “trinta toneladas de lubrificantes e duas toneladas de ácido destinado para o uso em câmaras frigoríficas”. Os comandantes dos navios solicitaram a instalação de bombas de expulsão de óleo dos

⁷⁰ *Telegramm nr. 690*. Berlim, 17 de agosto de 1940. Büro des Staatssekretär. Akten betreffend: Brasilien, PAAA.

⁷¹ “Se Denuncian las Actividades de un Agente Nazi en el Brasil”. *El Tiempo*, Bogotá, 16 de agosto de 1940. Recorte de jornal. Correspondência: Nazismo. Atividades Anti-Democráticas. Brasil. Confidencial, AHI.

tanques e de um aparelho de rádio transmissor e receptor, em ondas curtas, para poderem se comunicar diretamente com a Alemanha e com outros navios de guerra. Ried e Neiling ficaram incumbidos de providenciar o aparelho.⁷²

Em seu depoimento, Fraeb narrou ainda que o dinheiro em maior quantidade para as compras veio da Embaixada da Alemanha em Buenos Aires. O óleo foi comprado em Montevideo através de Arend Lang, ex vice-cônsul alemão em Uruguaiana. Parte do óleo para a embarcação foi endereçada à empresa Buck & Cia, de Santos. O navio “Rio Grande” partiu no final de outubro de 1940. Posteriormente, mais seiscentos barris de combustível foram comprados em Montevideo através da intervenção de Niebuhr e Arno Lieckfeldt, outro agente alemão da espionagem residente em Porto Alegre.⁷³

A relação que alguns cidadãos mantinham com o Consulado alemão de Porto Alegre tornou-se motivo para observação. O caso da instalação da estação rádio-transmissora alertou a vigilância policial sobre indivíduos suspeitos ou desconhecidos circulando pelo estado, já que havia sido comprovada a ação de agentes da espionagem alemã no Rio Grande do Sul. Meyer-Clason, por exemplo, despertou atenção ao movimentar capitais maiores que o salário que recebia como empregado em uma empresa local. No início de setembro de 1940, ele visitou a oficina do técnico de óculos Reinhold Vogel na Rua dos Andradas, em Porto Alegre, pedindo que este examinasse um pedaço de papel em seu microscópio no qual estariam dados de caráter econômico. Vogel pediu à Meyer-Clason que retornasse à noite, mas este nunca mais reapareceu. Vogel decidiu examinar o papel, que consistia em uma fotografia reduzida, colada sobre um envelope datilografado, no qual decifrou um questionário referente à compra de óleo, controle de

⁷² *Termo de declarações de Kurt Louis Emil Fraeb*. Porto Alegre, 20 de maio de 1942. DOPS, Prontuário nº 36.691: Rede de Espionagem no Rio Grande do Sul ou Nazismo no Rio Grande do Sul, AESP.

⁷³ *Telegramm nr. 1073*. Berlim, 13 de abril de 1942. Büro des Staatssekretär. Akten betreffend: Brasilien, PAAA.

embarque, pedido de informações sobre racionamento e decretos dessa natureza.⁷⁴ Descuidos como esse denunciavam as reais atividades dos agentes. Por conta desse erro, Meyer-Clason teve seus serviços suspensos da rede de espionagem de Immers.

A partir da investigação sobre espionagem executada pela Delegacia de Ordem Política e Social do Rio Grande do Sul, foram presos Hans Curt Meyer-Clason, Arno Johann Ernst Lieckfeldt, Friedrich Wilhelm Wilkens e Kurt Louis Emil Fraeb. Paul Waldemar Dratwa e Hans Christian Bertram foram presos a pedido da Delegacia de Ordem Política e Social do estado de São Paulo por envolvimento na rede de espionagem de Niels Christian Christensen. Eduard Arnold foi preso em São Paulo a pedido da polícia gaúcha.⁷⁵ Todos os citados foram indiciados por infringirem o Decreto-lei nº 1.561, de 2 de setembro de 1939, que aprova as regras gerais de neutralidade durante conflito mundial no Brasil.

O inquérito foi encaminhado para julgamento pelo Tribunal de Segurança Nacional, que por lei não ficava restrito à qualificação do crime apresentado pela denúncia.⁷⁶ No processo, composto por vinte e seis volumes de processos procedentes dos estados de Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo, foram julgados noventa e quatro réus envolvidos com redes de espionagem no país. Na classificação de delito apresentada ao Tribunal, foram indiciados segundo os decretos-lei que proibiam atividades políticas de estrangeiros no Brasil (Decreto-lei nº 383, de 18 de abril de 1938), que definia crimes contra a personalidade internacional, estrutura e a segurança do Estado e da ordem

⁷⁴ *Termo de declaração da testemunha Reinhold Vogel*. Porto Alegre, 20 de maio de 1942. DOPS, Prontuário nº 36.691: Rede de Espionagem no Rio Grande do Sul ou Nazismo no Rio Grande do Sul, AESP.

⁷⁵ *Relatório*. Porto Alegre, 20 de maio de 1942. DOPS, Prontuário nº 36.691: Rede de Espionagem no Rio Grande do Sul ou Nazismo no Rio Grande do Sul, AESP.

⁷⁶ Lei nº 244, de 11 de setembro de 1936. *Coleção das leis da República dos Estados Unidos do Brasil de 1936*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938. p. 156-160.

social (Decreto-lei nº 431, de 18 de maio de 1938) e que definiam crimes militares e contra a segurança do Estado (Decreto-lei nº 4.766, de 1º de outubro de 1942).⁷⁷

A sentença do processo levou em consideração o fato de que a legislação mais recente não poderia retroagir além de 28 de janeiro de 1942, data do rompimento das relações brasileiras com a Alemanha, a Itália e o Japão. Dessa forma, só seriam considerados os crimes previstos nos Decretos-lei promulgados em 1938. O Tribunal de Segurança Nacional decidiu, por fim, absolver todos os indiciados da investigação procedente do Rio Grande do Sul, com exceção de Eduard Arnold, condenado à pena de 25 anos de reclusão.⁷⁸

5.4 Um funeral nazista

A organização de um funeral segundo os ritos nazistas em abril de 1941 foi a chave para a descoberta da continuidade das reuniões políticas do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães na cidade de Novo Hamburgo.

Durante a Páscoa, um policial da DOPS dirigiu-se até Novo Hamburgo para verificar uma denúncia de que os cultos em uma determinada igreja protestante estavam sendo realizados em alemão. A política de nacionalização do governo Vargas buscava, entre outros objetivos, a promoção do uso da língua portuguesa entre as populações imigrantes como forma de reforço da brasilidade. Para executar as normas do Decreto-lei nº 1.545, que dispunha sobre a adaptação ao meio nacional dos brasileiros descendentes de estrangeiros, o Chefe de Polícia, Aurélio Py, baixou instruções sobre as prédicas ou

⁷⁷ *Classificação de delito e Aditamento à classificação*. Processo-crime nº 3256. Data inicial: 19 de abril de 1943. Fundo Tribunal de Segurança Nacional, AN.

⁷⁸ *Sentença*. Processo-crime nº 3256. Data inicial: 19 de abril de 1943. Fundo Tribunal de Segurança Nacional, AN.

sermões religiosos em todo o estado.⁷⁹ Nelas, estabelecia que as prédicas religiosas deveriam ser feitas em língua nacional, mas abria a possibilidade de utilizar a língua de fiéis estrangeiros de maior idade, que ainda não soubessem o português, nos núcleos coloniais afastados para resumirem o conteúdo correspondente.⁸⁰

Durante o culto, pela manhã, o policial constatou que o pastor Wilhelm Pommer, ao invés do sermão, procedeu à leitura de trechos da Bíblia em alemão. Ao ser chamado a apresentar-se na DOPS, Pommer justificou a necessidade de fazer a encomendação de um corpo na parte da tarde, ficando acertado que ambos se dirigiriam à Capital após a cerimônia fúnebre. O policial decidiu, então, acompanhar o velório de Karl Wilhelm Schinke, médico alemão que servira como oficial no exército imperial na África.⁸¹ Schinke era pai de Günther Franz Heinrich, sub-chefe do núcleo nazista de Novo Hamburgo até 1937 e ex-chefe local da Frente Alemã do Trabalho, e de Otto Emil, que fora líder do Círculo Santa Catarina do NSDAP no Brasil e estava morando na Alemanha.

O esquife, colocado no centro da sala, estava coberto pela bandeira nacional-socialista e guarnecido por uma guarda de honra. (...) Na frente do caixão estavam depositadas as condecorações do falecido. Também vários dos presentes ostentavam suas insígnias de ex-combatentes e todos os que se aproximavam do ataúde faziam a saudação nazista, após se perfilarem devidamente.⁸²

Na sala na qual ocorria o velório, também foi colocado um retrato de Adolf Hitler. O falecido teria manifestado o desejo de ser enterrado com honras militares. Uma “guarda de honra” foi organizada ao lado do caixão pelos companheiros do extinto Partido Nazista

⁷⁹ Deceto-lei nº 1.545, de 25 de agosto de 1939. “Dispõe sobre a adaptação ao meio nacional dos brasileiros descendentes de estrangeiros”. *Coleção de Leis do Brasil*. Disponível em: SICON – Sistema de Informações do Congresso Nacional < <http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=11345>>. Acesso em: 10 jan. 2010.

⁸⁰ “Instruções sobre prédicas ou sermões religiosos”. In: COHEN, Esther. *O governo federal e o partido nazista no Brasil*. Niterói: Dissertação de mestrado, Universidade Federal Fluminense, 1988. Anexo 4. p. 146-148.

⁸¹ O diário de Karl Schinke, escrito durante a guerra, foi publicado: SCHINKE, Karl Wilhelm. *Diário da África: o diário de um médico alemão na guerra dos hotentotes*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

⁸² *Relatório*. Processo-crime nº 1.933. Data inicial: 11 de novembro de 1941. Fundo Tribunal de Segurança Nacional, AN.

com cerca de vinte pessoas, em parte portando uniformes que consistiam em camisas brancas gravatas pretas e calças escuras, semelhantes às utilizadas pelo grupo partidário.

(...) o pastor Pommer encarregou-se de fazer o necrológio do falecido, discursando em alemão. (...)

A manifestação e homenagem ao falecido dr. Carl Schinke, porém, não ficou cingida tão somente ao que vimos de nos referir. Ao baixar o caixão ao túmulo, no cemitério, o ritual nacional-socialista prescreve haja [que] um último adeus dos camaradas, o que foi feito pelo presidente da extinta Associação dos ex-Combatentes, sr. Ernst Jacob Steppe, que daqui seguira em companhia do sr. cônsul alemão, dr. Paulig.

Assim, o “parteigenosse” [partidário] Steppe disse breves palavras, de acordo com a progâmica [sic], e fez a saudação nazista, erguendo o braço direito, no qual foi acompanhado por todos os presentes.⁸³

A polícia interpretou o funeral acima descrito como um ato de manifestação política e decidiu abrir inquérito para apurar a participação dos presentes. Foram interrogados quinze homens, dos quais oito foram filiados ao NSDAP e outros cinco eram membros da DAF. Günther Schinke e Rudolf Wenker haviam sido presos anteriormente, em 1939: o primeiro, por promover reuniões clandestinas de nazistas, sendo apreendidos livros e revistas de propaganda política; o segundo, professor, foi denunciado pelos próprios alunos ao colocar-se contrário à campanha de nacionalização e por atividades nazistas.

No decorrer do inquérito policial, foi apurado que reuniões políticas ainda eram realizadas na casa de Schinke, nas quais eram analisados mapas para acompanhar o progresso do Eixo na guerra.⁸⁴ Nesses encontros, “com exceção das senhoras, os demais são [eram] nazistas”.⁸⁵ Os pronunciamentos em língua alemã, que motivaram o início das investigações, são colocados de lado, sendo considerados pequenas contravenções em comparação ao fato em si.

⁸³ *Relatório*. Processo-crime nº 1.933. Data inicial: 11 de novembro de 1941. Fundo Tribunal de Segurança Nacional, AN.

⁸⁴ *Termo de declarações Hermann Gerstl. Relatório*. Processo-crime nº 1.933. Data inicial: 11 de novembro de 1941. Fundo Tribunal de Segurança Nacional, AN.

⁸⁵ *Termo de declarações Rudolf Wenker. Relatório*. Processo-crime nº 1.933. Data inicial: 11 de novembro de 1941. Fundo Tribunal de Segurança Nacional, AN.

Os alemães Günther Franz Heinrich Schinke, Ernst Jacob Steppe, Hermann Gerstl, Rudolf Wenker, Karl Knecht, Karl Wilhelm Friedrich Schmitt, Ulrich Schinke, Guilherme Meyer, Paul Liermann, Rudolf Johannes Wulfhorst, Fritz Paul Bernhard Tribsees, Wilhelm Pommer, Wilhelm Martin, Eugen Lamp e o chileno Rodolfo Boner foram acusados de transgressão da proibição do exercício de atividades políticas para estrangeiros ao manter reuniões da célula de Novo Hamburgo do NSDAP, usar estandartes, uniformes, insígnias e outros símbolos do mesmo e organizar desfiles e reuniões de qualquer natureza. Os crimes eram passíveis de expulsão.

Denunciados ao Tribunal de Segurança Nacional, foram enquadrados por violação do artigo 2º incisos 1 a 4 do Decreto-lei n 383, de 1938, que proíbe aos estrangeiros a organização de entidades de caráter político, o exercício de ação individual para obter adesão a idéias ou programas de partidos políticos, o uso de uniformes, distintivos ou insígnias que simbolizem partidos políticos estrangeiros e a organização de passeatas ou reuniões de qualquer natureza.⁸⁶ Günter Schinke, Steppe, Gerstl, Wenker, Knecht, Schmitt, Meyer e Tribsees foram condenados a dois meses de prisão e pagamento de 5:000\$000 de multa. Os demais foram absolvidos.

Apesar da presença ao enterro do novo cônsul da Alemanha em Porto Alegre, Richard Paulig, a decisão pelo cerimonial nazista foi de cunho privado, sem interferência da representação diplomática alemã. Ao insistirem nas demonstrações de fidelidade ao nacional-socialismo, mesmo com a proibição das manifestações políticas durante o Estado Novo, os envolvidos acabaram presos na Colônia Penal Agrícola General Daltro Filho, um campo de internamento localizado no município de Charqueadas. Este seria o destino de

⁸⁶ Decreto-Lei n° 383, de 18 de abril de 1938. “Veda a estrangeiros a atividade política no Brasil e dá outras providências”. Coleção de Leis do Brasil. Disponível em: SICON – Sistema de Informações do Congresso Nacional. <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=5465>>. Acesso em: 06 mar. 2008.

inúmeros estrangeiros feitos prisioneiros políticos no Rio Grande do Sul a partir da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

5.5 Sobre Adesão

Após analisar a formação e a dinâmica de funcionamento do Círculo Rio Grande do Sul do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, tanto em seu período legal quanto na clandestinidade, resta retomar os questionamentos iniciais e inquirir acerca dos motivos que levaram um número restrito, porém significativo de indivíduos a aderirem ao NSDAP.

O percentual de adesão, conforme visto, foi bastante baixo em comparação ao número de cidadãos alemães residentes no estado – em uma estimativa, ao considerar um número mínimo de militantes em torno de seiscentos e quarenta e cinco partidários, calcula-se que apenas 4,22% desse grupo teria filiado-se ao NSDAP no Rio Grande do Sul. Esse número poderia ser aumentado ao considerar os quinhentos e oitenta e um filiados à Frente Alemã de Trabalho que foram levantados pela pesquisa, ou ainda, os duzentos e setenta e seis membros do núcleo Porto Alegre da Juventude Hitlerista.⁸⁷ Todavia, quantificar os militantes e simpatizantes nazistas com precisão ainda não é tarefa possível. Há, no entanto, a possibilidade de levantar algumas pistas sobre a adesão e permanência junto ao NSDAP no Rio Grande do Sul a partir de alguns fatores que se revelam nas fontes pesquisadas.

⁸⁷ “Nazistas das diversas localidades do interior, conforme estão mencionados no fichário nazista” e “Membros da Juventude Nazista de Porto Alegre”. Repartição Central de Polícia, Delegacia de Ordem Política e Social. Relatório de Plínio Brasil Milano à DESPS/RJ. Porto Alegre, 15 de dezembro de 1942. Arquivo Polícia Política, setor Estados: Rio Grande do Sul, APERJ; *Vida Policial*, Porto Alegre, março de 1942 a abril de 1944, seções “Cortando as Asas do Nazismo” e “Astros da 5ª Coluna”.

Sobre sua vinculação partidária, cita-se o exemplo de Ewald Nagorsen, que teria declarado: “Que de fato é nazista, como nós somos brasileiros, porque alemão e nazista são termos sinônimos”.⁸⁸ Hans Meyer-Clason e Paul Dratwa, ao inquiridos sobre os motivos de sua colaboração nas redes de espionagem alemãs no Brasil, teriam declarado que agiram por “patriotismo”.⁸⁹ É interessante destacar que, no momento em que vivenciaram essas experiências, suas relações com a Pátria foram claramente mediadas pelo Partido Nazista. A fidelidade partidária, juntamente ao sentimento nacionalista, vinculava-se ao ideário nacional-socialista, cujos postulados principais estavam enraizados em uma visão própria sobre nação, raça, espaço vital, comunidade do povo e liderança.

Todavia, ao refletir sobre a adesão ao Partido Nazista no Brasil, deve-se considerar as diferenças em relação ao país de origem: a distância desses indivíduos da Alemanha e do aparato político nazista, a resistência da comunidade alemã e teuto-descendente ao NSDAP, o choque com a construção da identidade brasileira. Observa-se que os núcleos do NSDAP no Rio Grande do Sul proporcionavam a seus partidários um sentimento de pertencimento, tanto ao grupo ou célula local quanto à realidade vivenciada naquele momento pela Alemanha.

As fontes também nos contam alguns dos motivos que atraíam os cidadãos alemães a solicitar sua filiação ao Círculo Rio Grande do Sul do Partido Nazista. Em carta à direção da Frente de Trabalho Alemã, Paulo Koplím, chefe do núcleo de Bello Centro, tece o seguinte comentário:

A situação política aqui é satisfatória. Quase tudo [sic] fala da Alemanha e da solução da questão colonial. Pois toda a esperança e saudade de todos os alemães

⁸⁸ Processo-crime nº 657, procedente do Rio Grande do Sul, contra Ewald Nagorsen. Data inicial: 09 de dezembro de 1938. Tribunal de Segurança Nacional, AN

⁸⁹ *Relatório*. Processo-crime nº 1.933. Data inicial: 11 de novembro de 1941. Fundo Tribunal de Segurança Nacional, AN

aqui residentes é de estarem brevemente de novo sob o governo alemão e participar das conquistas do Terceiro Reich.⁹⁰

Os núcleos do exterior do Partido Nazista exerciam atração sobre os cidadãos alemães que desejavam retornar à Alemanha. Ter participado das atividades do NSDAP em terras estrangeiras poderia servir como uma carta de apresentação positiva em caso de retorno. Os membros ativos da Juventude Teuto-Brasileira, por exemplo, podiam solicitar atestados de participação à direção.⁹¹ Através de uma carta escrita por Nagorsen, Walter Hornig, ex-chefe do Círculo Rio Grande do Sul, conseguiu uma posição na repartição de reemigrantes ao retornar à Alemanha.⁹² Não seria despropositado pensar, ainda, no ganho financeiro proporcionado a alguns partidários e na influência familiar na participação nas atividades do NSDAP.

As atividades nazistas no estado do Rio Grande do Sul começaram a escassear-se no ano de 1938. A proibição dos partidos políticos teve peso decisivo para a desarticulação dos núcleos partidários, apesar das tentativas do Consulado alemão de Porto Alegre de manutenção das ações e da coesão do grupo. Após meses de perseguição policial, um relatório confidencial do Ministério da Guerra, em dezembro de 1943, dava por encerrada o nazismo no estado.⁹³

As tentativas do embaixador Curt Prüfer em manter a neutralidade brasileira no conflito mundial fracassaram. A Conferência do Rio de Janeiro recomendou a ruptura das relações diplomáticas e comerciais com Tóquio, Berlim e Roma em janeiro de 1942. Após

⁹⁰ *Relatório de acampamento*. Bello Centro, 04 de abril de 1937. In: Relatório do delegado João Giuliano. Repartição Central de Polícia. Rio Grande do Sul. Cópia. Porto Alegre, 10 de maio de 1938. Anexos. Correspondência: Atividades nazistas no estado do Rio Grande do Sul (1938-1940), AHI

⁹¹ *Termo de declarações de Armínio Hufnagel*. Porto Alegre, 03 de outubro de 1939. In: PY, Aurélio da Silva. *A 5ª Coluna no Brasil: a conspiração nazi no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1942. p. 266

⁹² *Vida Policial*, Porto Alegre, nº 64, novembro de 1943. Seção Cortando as Asas do Nazismo, p. 36

⁹³ *Relatório especial de informações – nº 1*. Ministério da Guerra, Gabinete do Ministro. Porto Alegre, 09 de dezembro de 1943. Correspondência, Arquivo Getúlio Vargas, CPDOC/FGV.

o rompimento, os agentes de espionagem alemã foram presos no Brasil e levados a julgamento pelo Tribunal de Segurança Nacional. O crescimento da influência norte-americana no país e o ataque aos navios brasileiros pelos submarinos do Eixo minam a posição brasileira, que se lança à guerra em agosto de 1942. A guerra interna, contra as atividades nazistas no país, já havia sido declarada muito antes e estava prestes a ser vencida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A expansão do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães pelo mundo foi resultado do empenho da direção partidária em congregar cidadãos alemães residentes no exterior sob a bandeira do nazismo. De pequenos grupos organizados no estrangeiro surgiram núcleos estruturados à semelhança do modelo implantado na Alemanha e subordinados à *Auslandsorganisation*, a Organização para o Exterior do NSDAP (AO). Os objetivos gerais do organismo contemplavam a expansão da organização partidária através de novos grupos que promovessem o *Führerprinzip*, o princípio do líder, e a difusão da ideologia nazista entre cidadãos alemães. Também deveriam ser contemplados a promoção do conceito de cidadania baseado no sangue e na raça, a reunião de informações sobre possíveis transações comerciais, o boicote aos judeus, a contrapropaganda e o recrutamento de voluntários em caso de guerra. Ao final de janeiro de 1937, o cargo de Chefe da Organização do Exterior foi criado no Ministério das Relações Exteriores da Alemanha, centralizando o controle dos alemães residentes no exterior na liderança de Ernst W. Bohle, chefe da AO, contribuindo também na nazificação da *Auswärtiges Amt*.

A América Latina destacava-se com a maior concentração de filiados ao Partido Nazista no exterior. Segundo a estatística oficial, dos 29.099 partidários fora do Alemanha,

18,5% residiam nos países do ABC – Argentina, Brasil e Chile. Entretanto, o índice de inserção do Partido entre os alemães residentes nesses países era consideravelmente baixo. No Brasil, país com maior número de filiações no exterior com 2.903 partidários, apenas um em cada vinte e seis cidadãos alemães era filiado ao NSDAP.

Para estudo dos núcleos partidários estabelecidos no Brasil, leva-se em consideração as prioridades definidas pela AO-NSDAP para os diferentes países, juntamente com a linha de atuação definida pelos objetivos comuns traçados pela organização. Estes também seriam defendidos pelas representações diplomáticas alemãs estabelecidas no país. Contando com grupos desde 1928, o *Landesgruppen Brasilien* passou a organizar-se sob uma direção central em 1933. País de destaque entre os que hospedavam o NSDAP, recebeu a representação partidária em dezessete estados. 88% dos partidários residentes no país aderiram aos núcleos nazistas após a tomada de poder por Hitler na Alemanha, em janeiro de 1933. Todavia, congregou um número muito baixo de partidários em relação ao número de alemães estabelecidos no país, com cifra inferior a 5%.

Com relação ao Brasil, Bohle exprimia cautela ao frisar a participação de somente cidadãos alemães natos no Partido, como forma de evitar confrontos com o governo brasileiro. Entre os objetivos traçados para o país, estavam a conquista da direção da comunidade alemã sob o nacional-socialismo, a disseminação do princípio de unidade nacional sob orientação de um mesmo líder e uma mesma raça e o controle das instituições e associações ligadas à germanidade. Não havia, no entanto, interesse em atuar nos assuntos políticos do país de residência – afirmação diversas vezes repetida pela direção da AO.

No estudo realizado sobre o Círculo V do NSDAP, representado pelo estado do Rio Grande do Sul, as tensões resultantes da tentativa de liderar a comunidade alemã local ficaram mais latentes. A partir da sua fundação, em 1931, o *Ortsgruppe* Porto Alegre despertou inimizades e antipatia. O radicalismo e o comportamento agressivo de seus membros afastaram mesmo simpatizantes de Hitler do núcleo nazista local. O grupo exercia forte vigilância sobre os cidadãos alemães e teuto-brasileiros residentes no estado, posto que, acreditavam, com a ascensão do nazismo ao poder na Alemanha, cabia a eles a liderança da comunidade germânica local e de suas associações.

A expansão do NSDAP no Rio Grande do Sul foi favorecida pelo crescimento político da Alemanha pós-1933, pelo reordenamento do Partido Nazista no Brasil e pela substituição do cônsul geral alemão em Porto Alegre por um diplomata alinhado ao nacional-socialismo, iniciando uma colaboração maior com o grupo nazista local. Reuniões políticas, atividades de doutrinação e festividades eram promovidas pela direção do NSDAP no estado como reforço aos valores propagados pela ideologia nazista. À direção do Círculo regional também cabia concentrar informações de cunho comercial sobre empresas estabelecidas no estado e exercer vigilância sobre a comunidade alemã, partidária ou não. A reprodução da estrutura do Partido Nazista em solo brasileiro também contava com as associações, que na Alemanha tinham caráter estatal, às quais, diferente do NSDAP, eram permitidas a participação de teuto-brasileiros. No total, foram registrados trinta e três núcleos do NSDAP no Rio Grande do Sul, contabilizando um mínimo estimado de 645 militantes nazistas residentes no estado. AO considerar que a congregação de todos os cidadãos alemães natos era o objetivo principal dos núcleos nazistas no exterior, o fracasso no Rio Grande do Sul foi latente. Apesar da visibilidade ganha através de manifestações públicas e da propaganda, a adesão ao nazismo no estado foi baixíssima.

Ao inquirir acerca da identidade desse grupo de militantes, constatou-se a participação majoritária de cidadãos alemães natos. Registros mostram que, apesar da proibição, existiram filiações de teuto-brasileiros ao NSDAP. Os dados referentes à participação feminina foram inconclusos. Sabe-se que grande parcela do grupo realizou sua inscrição nos núcleos estabelecidos no Brasil. Em sua maioria, residiam em Porto Alegre, tinham entre 36 e 45 anos e imigraram para o Brasil logo após o final da Primeira Guerra Mundial. Os dados aproximam-se da estatística oficial acerca dos partidários residentes no Brasil, com exceção dos dados sobre atividades profissionais, no qual se destacam no estado a associação de religiosos, comerciantes e industrialistas, engenheiros e técnicos diplomados.

Numericamente pequeno e enfrentando a resistência das lideranças germânicas no estado, o NSDAP enxergava no seu partidário a capacidade de liderar a comunidade germânica a partir da ideologia do nacional-socialismo e a divulgação da Nova Alemanha do Terceiro Reich. Para tanto, contou com o auxílio do Consulado da Alemanha em Porto Alegre e dos vice-consulados no interior do Rio Grande do Sul. A partir de 1934, pode-se afirmar que a ligação do cidadão alemão à sua Pátria de origem foi feita por intermédio do Partido Nazista.

Apesar da defesa da superioridade racial e do ódio aos judeus, não foram encontrados registros de enfrentamentos ou manifestações públicas de antisemitismo. As ações de coação e amedrontamento por parte dos partidários locais estava direcionada aos cidadãos alemães que eram contrários à Hitler e anti-nazistas.

Com o início do Estado Novo no Brasil e a proibição de todos os partidos políticos, foi dado início às ações de combate ao Partido Nazista no Rio Grande do Sul. As relações entre o Brasil e o Terceiro Reich, que até então eram excelentes, sofreram alguns reveses

com o banimento do NSDAP do território brasileiro. O novo projeto político nacional estava focado na eliminação das oposições e na valorização da identidade brasileira. A coexistência desse projeto, que defendia a eliminação das diferenças culturais, com o ideário nacional-socialista era impensável.

As atividades nazistas, monitoradas pela polícia desde o ano de 1933, começaram a ser combatidas a partir de dezembro de 1937. Karl Ritter, embaixador da Alemanha no Rio de Janeiro, interpretou a proibição como afrontamento ao seu país e insistiu em obter garantias para o funcionamento do NSDAP no Brasil. Ritter argumentava que o Partido Nazista era o próprio Estado alemão e seu governo defendia os alemães fora do seu território, adotando um discurso agressivo ao cobrar explicações ao presidente Getúlio Vargas e ao ministro Oswaldo Aranha. A postura de Ritter o levou a ser considerado *persona non grata* no país. As relações entre os dois países ficaram estremecidas, mas não de forma permanente. O ocorrido revelou a importância que a seção partidária do NSDAP no exterior tinha para o Terceiro Reich. Após a proibição no Brasil, outros países na América Latina tomaram a mesma atitude em relação ao partido nazista.

No Rio Grande do Sul, medidas contra o Partido Nazista foram tomadas logo após a proibição. Documentos revelam a permanência das atividades dos núcleos nazistas mesmo após as primeiras prisões de suas lideranças. Com o banimento do NSDAP, o Consulado da Alemanha em Porto Alegre assumiu as tarefas partidárias, demonstrando na prática a fusão Partido e Estado da organização para o exterior.

Com o início da Segunda Guerra Mundial, o novo embaixador alemão no Brasil, Curt Prüfer, desembarcou com a missão de manter a neutralidade brasileira no conflito. Para tanto, Alemanha abandonou a defesa dos direitos dos alemães residentes e da manutenção da legalidade do NSDAP em território brasileiro. O nazismo, considerado

subversão de ordem política, foi visto como ameaça ao nacionalismo brasileiro. Ações de espionagem e propaganda são registradas no Rio Grande do Sul pelo menos até 1942, ano de reação do governo brasileiro após sua entrada no conflito mundial. De certa forma, a atuação de agentes de espionagem de guerra alemã no estado aproximou os cenários de batalha à realidade da sociedade sul-rio-grandense.

REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS E BIBLIOGRÁFICAS

Fontes de pesquisa

1. Arquivo do Estado de São Paulo – São Paulo, Brasil (AESP)

Prontuário nº 3421: Hans Henning von Cossel

Prontuário nº 36.691: Rede de Espionagem no Rio Grande do Sul ou Nazismo no Rio Grande do Sul, volumes 1 e 2.

2. Arquivo Histórico do Itamaraty, Ministério das Relações Exteriores – Rio de Janeiro, Brasil (AHI)

Correspondência: Nazismo no Brasil (1934-1941)

Correspondência: Nazismo no Brasil, Alemanha (1934-1940)

Correspondência: Atividades Nazistas no Estado do Rio Grande do Sul (1938-1940)

Correspondência: Atividades nazistas no Brasil (1939)

Correspondência: Nazismo. Atividades Anti-Democráticas. Brasil.

3. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul – Porto Alegre, Brasil (AHRS)

Arquivo Polícia, Delegacia de Ordem Política e Social

4. Arquivo Nacional – Rio de Janeiro, Brasil (AN)

Fundo Ministério da Justiça e Negócios Interiores

Fundo Tribunal de Segurança Nacional

5. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, Brasil (APERJ)

Arquivo Polícia Política, setor Estados: Rio Grande do Sul

6. Biblioteca Plínio Brasil Milano, Academia de Polícia Civil do Rio Grande do Sul – Porto Alegre, Brasil (BPBM/ACADEPOL)

Revista Vida Policial

7. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas – Rio de Janeiro, Brasil (CPDOC/FGV)

Arquivo Getúlio Vargas

8. *Ibero-Amerikanisches Institut*, Instituto Ibero-Americano (Berlim, Alemanha)

Jornal *Für's Dritte Reich*

9. Instituto Cultural Judaico Marc Chagall – Porto Alegre, Brasil (ICJMC)

BURD, Samuel. Entrevista de história de vida concedida a Denise Simanke. Porto Alegre, fevereiro de 1987.

HERZ, Berta Ruth. Entrevista de história de vida concedida a Danny Kappel. Porto Alegre, abril de 1987.

IOLOVITCH, Guilherme e Eva. Entrevista de história de vida concedida a Adriana Saute. Porto Alegre, 1987.

ROSENBLATT, Maurício. Entrevista de história de vida concedida à Sílvia Faermann. Porto Alegre, setembro de 1988.

10. Museu Dr. José Faibes Lubianca, Academia de Polícia Civil do Rio Grande do Sul – Porto Alegre, Brasil (MJFL/ACADEPOL)

Manuscrito. Arquivo Pessoal Plínio Brasil Milano

11. Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa – Porto Alegre, Brasil (MHJC)

Jornais Correio do Povo e Diário de Notícias

12. *Politisches Archiv, Auswärtiges Amt*, Arquivo Político do Ministério das Relações Exteriores – Berlim, Alemanha (PAAA)

Brasilien

Brasilien-Deutsche in Brasilien

Büro des Staatssekretär. Akten betreffend: Amerika.

Chef A/O. Akten betreffend: Brasilien

Innere Politik, Parlaments und Parteiweisen

Pol. Abt. III, Pol 25

Sammlung der berichte auf Runderlass vom 31.5.35 betr. Mitglieder der
N.S.D.A.P.

Statistik, kulterpolitik des AA, Zeitschriften.

Bibliografia

ABÓS, Álvaro. *Eichmann en Argentina*. Buenos Aires, Edhasa, 1997.

A. J. Renner: *discursos e artigos (1931-1952)*. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Estado do RS/CORAG, 2000.

AMARAL, Sandra Maria do. *O teatro do poder: as elites políticas no Rio Grande do Sul na vigência do Estado Novo*. Porto Alegre: Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2005.

ARENDR, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BARTH, Fredrick. "Os grupos étnicos e suas fronteiras". In: *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

BASSETT, Richard. *Almirante Canaris: misterioso espião de Hitler*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

- BÉDARIDA, François. "As responsabilidades do historiador *expert*". In: BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique. (org.) *Passados recompostos: cantos e canteiros da história*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora FGV, 1998.
- BELL, Leland B. "The Failure of Nazism in America: The German American Bund, 1936-1941". *Political Science Quarterly*, New York, vol.85, n.04, Dec. 1970
- BELLINTANI, Adriana Iop. *A conspiração de Flores da Cunha nos bastidores do Estado Novo*. Porto Alegre: Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2001.
- BENEVENUTO, Estela Carvalho. *A polícia política e a revista Vida Policial: uma face do Estado Novo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1997
- BILE, Serge. *Noirs dans les camps nazis*. Monaco: Le Serpent à Plumes, 2005.
- BOUDON, Raymond (org.). *Tratado de Sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1995.
- BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique. (org.) *Passados recompostos: cantos e canteiros da história*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora FGV, 1998.
- BRANDALISE, Carla. "O fascismo extra-europeu: o caso do integralismo no Rio Grande do Sul". In: In: GRIJÓ, Luiz Alberto et. al. (orgs). *Capítulos de história do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- CAMARGO, Aspásia; GÓES, Walter de. *Meio século de combate: diálogo com Cordeiro de Farias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- CANCELLI, Elizabeth. *O mundo da violência: a polícia da era Vargas*. 2ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.
- CAPELATO, Maria Helena. "Estado Novo: novas histórias". In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- COHEN, Esther. *O governo federal e o partido nazista no Brasil*. Niterói: Dissertação de mestrado, Universidade Federal Fluminense, 1988.
- COQUERY-VIDROVITCH, Catherine. *Des victimes oubliées du nazisme: les noirs et l'Allemagne dans la première moitié du XX^e siècle*. Paris : Le Cherche Midi, 2007.
- Collecção das Leis da República dos Estados Unidos do Brasil de 1936. Actos do Poder Legislativo (1ª parte)*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938.
- COSTA, Emília Viotti da. *Coroas de glória, lágrimas de sangue: a rebelião dos escravos de Demerara em 1823*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CRUZ, Natália dos Reis. *O integralismo e a questão racial. A intolerância como princípio*. Niterói: Tese de doutorado, Universidade Federal Fluminense, 2004.

DELARUE, Jacques. *Histoire de la Gestapo*. 2ª ed. Paris: Nouveau Monde, 2008.

DEROSSO, Simone; ORTIZ, Helen; SODRÉ, Elaine. *Os Bastidores da Feira do Livro*. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura, 2000.

Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV), 2001. CD-ROM

DIETRICH, Ana Maria. *Nazismo Tropical? O Partido Nazista no Brasil*. São Paulo: Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, 2007a.

DIETRICH, Ana Maria. *Caça às Suásticas: o Partido Nazista em São Paulo sob a mira da Polícia Política*. São Paulo: Humanitas; Imprensa Oficial do Estado, 2007b.

DREHER, Martin. *Igreja e germanidade*. Caxias do Sul: Sinodal, 1984.

DUTRA, Eliana de Freitas. “Crime político e segurança nacional”. In: *Seminários. Imigração, Repressão e Segurança Nacional*. São Paulo, n. 3, out. 2003.

EHRICH, Emil. *Die Auslands-Organisation der NSDAP*. Berlin: Junker Dünnhaupt, 1937.

ETCHEPARE, Jaime Antonio; STEWART, Hamish I. “Nazism in Chile: A Particular Type of Fascism in South America”. *Journal of Contemporary History*, London, vol.30, n° 4, Oct. 1995

FARÍAS, Víctor. *Los nazis en Chile*. Barcelona: Planeta, 2000. vol.1.

FERRO, Marc. *A manipulação da História no ensino e nos meios de comunicação*. São Paulo: IBRASA, 1983.

FORTES, Alexandre. *Nós do quarto distrito...: a classe trabalhadora portoalegrense e a Era Vargas*. Caxias do Sul: EDUSC; Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.

FURHAMMAR, Leif; ISAKSSON, Folke. *Cinema e política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

GAK, Igor Silva. *Os fins e os meios: diplomacia e propaganda nazista no Brasil (1938-1942)*. Niterói: Dissertação de mestrado, Universidade Federal Fluminense, 2006.

GANS, Magda Roswita. *Presença teuta em Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

- GAMBINI, Roberto. *O duplo jogo de Getúlio Vargas: influência americana e alemã no Estado Novo*. São Paulo: Edições Símbolo, 1977.
- GAUDIG, Olaf; VEIT, Peter. “El Partido Alemán Nacionalsocialista en Argentina, Brasil y Chile frente a las comunidades alemanas: 1933-1939”. *Estudios Interdisciplinarios de America Latina y el Caribe*. Tel Aviv, v.6, n.3, 1995.
- GAY, Peter. *A Cultura de Weimar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- GELLATELY, Robert. “Denunciations on Twentieth-Century Germany: Aspects of Self-Policing in the Third Reich and the German Democratic Republic”. *The Journal of Modern History*, Chicago, v. 68, n. 4, Dec. 1996, pp. 931-967
- GERTZ, René. *O Estado Novo no Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2005.
- GERTZ, René. *O aviador e o carroceiro: política, etnia e religião no Rio Grande do Sul nos anos 1920*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- GERTZ, René. “O Brasil e a Segunda Guerra Mundial”. In: PADRÓS, Enrique S; RIBEIRO, Luís Dario T; GERTZ, René. (orgs.) *Segunda Guerra Mundial: da crise dos anos 30 ao Armagedón*. Porto Alegre: Folha da História, 2000.
- GERTZ, René. *O perigo alemão*. 2ª ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.
- GERTZ, René. “Estado Novo: um inventário historiográfico”. In: SILVA, José Luiz Werneck da (org.). *O feixe e o prisma: uma revisão do Estado Novo. O Feixe, o autoritarismo como questão historiográfica*. vol.I Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.
- GERTZ, René. “Nazismo, fascismo, integralismo e o apoio das oligarquias do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina ao Estado Novo”. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 14, n. 1, 1988.
- GERTZ, René. *O fascismo no sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- GOLDHAGEN, Daniel Jonah. *Os carrascos voluntários de Hitler: o povo alemão e o Holocausto*. 2ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- GOMES, Angela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- GOMES, Angela de Castro. “Política: história, ciência, cultura etc”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.9, nº17.
- GONÇALVES, Williams da Silva. “A Segunda Guerra Mundial”. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste. *O século XX. O século das crises: revoluções, fascismos e as guerras*. vol. 2 Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

GOÑI, Uki. *La auténtica Odessa: la fuga nazi a la Argentina de Péron*. Buenos Aires: Paidós, 2004.

GRIJÓ, Luiz Alberto. “Uma cena campeira na avenida Central: políticos rio-grandenses e a Revolução de 30”. In: GRIJÓ, Luiz Alberto et. al. (orgs). *Capítulos de história do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

GRIZA, Aida. *Polícia, técnica e ciência: o processo de incorporação dos saberes técnico-científicos na legitimação do ofício de policial*. Porto Alegre: Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999

GRÜTZMANN, Imgart. “NSDAP – Grupo local de Porto Alegre: organização, atividades e difusão simbólica do nacional-socialismo”. In: Simpósio Nacional de História, 24, 2007, São Leopoldo. *História e multidisciplinariedade: territórios e deslocamentos: Anais do XXIV Simpósio Nacional de História, Associação Nacional de História - ANPUH*. São Leopoldo: Unisinos, 2007, CD-ROM.

HAGEMANN, Albert. “The Diffusion of German Nazism”. In: LARSEN, Stein Ugelvik (ed.). *Fascism outside Europe: The European Impulse against Domestic Conditions in the Diffusion of Global Fascism*. New York: Columbia University, 2001.

HALL, Claire. “An Army of Spies? The Gestapo Spy Network 1933-45”. *Journal of Contemporary History*, Los Angeles, v. 44(2), 2009, p. 247-265.

HEMMER, Jeff. “Third Reich and Spain”. In: *Cultiv. Gesellschaft für internationale Kulturprojekte*, 2004. Disponível em: <http://www.cultiv.net/cultranet/1128436657thirdreichandspain_relationsbetween.pdf> p. 03, nota 05. Acesso em: 24 set. 2010.

HIDEN, John. “The Weimar Republic and the Problem of the Auslandsdeutsche”. *Journal of Contemporary History*, London, v.12, n.2, April 1977.

HILL, Leonidas E. “The Willhelmstrasse in the Nazi Era”. *Political Science Quarterly*, New York, vol.82, n.04, Dec. 1967

HILTON, Stanley E. *Suástica sobre o Brasil: a história da espionagem alemã no Brasil, 1939-1944*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977

HITLER, Adolf. *Minha Luta*. São Paulo: Moraes, 1983.

HÜRTER, Johannes et al. (ed). *Biographisches Handbuch des deutschen Auswärtigen Dienstes 1871-1945*. Band 1. Paderborn: Ferdinand Schöningh, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Recenseamento Geral do Brasil (1º de setembro de 1940)*. Série regional, parte XX, Rio Grande do Sul. Tomo 1. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1940.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *Anuário estatístico do Brasil. Ano II – 1936*. Rio de Janeiro: Tip. do Departamento de Estatística e Publicidade, 1936.

ISOLAN, Flaviano Bugatti. *Das páginas à tela: cinema alemão e imprensa na década de 1930*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

JACKISCH, Carlota. *El nazismo y los refugiados alemanes en la Argentina*. 2ª ed. Buenos Aires: Editorial de Belgrano, 1997.

JESUS, Carlos Gustavo Nóbrega de. *Anti-semitismo e nacionalismo, negacionismo e memória: Revisão Editora e as estratégias da intolerância, 1987-2003*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

KEIPER, Gerhard; KRÖGER, Martin. (ed). *Biographisches Handbuch des deutschen Auswärtigen Dienstes 1871-1945*. Band 2. Paderborn: Ferdinand Schöningh, 2000.

KERSHAW, Ian. *La dictadura nazi: problemas y perspectivas de interpretación*. Buenos Aires: Siglo XXI Argentina, 2004.

KOCH, H. W. *A Juventude Hitlerista – mocidade traída*. Rio de Janeiro: Renes, 1973

KÜHN, Fábio. *Breve história do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2002.

LENHARO, Alcir. *Nazismo, “O Triunfo da Vontade”*. São Paulo: Ática, 1986.

LOVE, Joseph. *O regionalismo gaúcho*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

LUCAS, Taís Campelo. *Imagens do Terceiro Reich nas Telas do Estado Novo*. Porto Alegre: Monografia de bacharelado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

MAGALHÃES, Marionilde Brepohl de. *Pangermanismo e nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1998.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 2ªed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MCKALE, Donald M. (ed) *Rewriting History: the original and revised World War Diaries of Curt Prüfer, Nazi Diplomat*. Kent: Kent State University, 1988.

MCKALE, Donald M. *Curt Prüfer: German Diplomat from Kaiser to Hitler*. Kent: Kent State University, 1987

MCKALE, Donald M. *The Swastika Outside Germany*. Kent: Kent University Press, 1977.

MICHAUD, Eric. “‘Soldados de uma idéia’: os jovens sob o Terceiro Reich”. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (orgs). *História dos jovens*. v. 2, São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

- MILKE, Daniel Roberto. *O integralismo na capital gaúcha: espaço político, receptividade e repressão (1934-1938)*. Porto Alegre: Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2003.
- MILMAN, Luis; VIZENTINI, Paulo Fagundes. *Neonazismo, negacionismo e extremismo político*. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS), 2000.
- MILZA, Pierre. *Les relations internationales de 1918 à 1939*. 2ª ed. Paris : Armand Colin, 1998.
- MONTEIRO, Rejane Penna. *A nova polícia: a guarda civil em Porto Alegre (1929-1938)*. Porto Alegre: Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1991
- MOORE, Bob. "Nazism and German Nationals in the Netherlands, 1933-40". *Journal of Contemporary History*, London, vol. 22, 1987
- MORAES, Luís Edmundo de Souza. *Konflikt und Anerkennung: Die Ortsgruppen der NSDAP in Blumenau und Rio de Janeiro*. Berlim: Metropol, 2005.
- MORAES, Luís Edmundo de Souza. "Partido Nazista no Brasil". In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; MEDEIROS, Sabrina Evangelista; VIANNA, Alexander Martins (orgs.). *Dicionário crítico do pensamento da direita: idéias, instituições e personagens*. Rio de Janeiro: Mauad, 2000
- MORAES, Luís Edmundo de Souza. *Ein Volk, Ein Reich, Ein Führer! A Seção Brasileira do Partido Nazista e a Questão Nacional*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996.
- MORAIS, Fernando. *Olga*. 17ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994
- MÜLLER, Jürgen. *Nationalsozialismus in Lateinamerika: Die Auslandsorganisation der NSDAP in Argentinien, Brasilien, Chile und Mexiko, 1931-1945*. Stuttgart: Hans-Dieter Heinz, 1997.
- MÜLLER, Jürgen. "El NSDAP en México: historia y percepciones, 1931-1940". *Estudios Interdisciplinarios de America Latina y el Caribe*. Tel Aviv, v.6, n.3, 1995.
- NAMIER, Lewis. *In the Nazi Era*. London: Macmillan & Co, 1952.
- NEUMANN, Rosane Márcia. "*Quem nasce no Brasil, é brasileiro ou traidor!*": as colônias germânicas e a campanha de nacionalização. São Leopoldo: Dissertação de mestrado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003.
- NEWTON, Ronald C. *The 'Nazi Menace' in Argentina, 1931-1947*. Standford, California: Standford University, 1992.

NOAKES, Jeremy. "Leaders of the people? The Nazi Party and the German Society". *Journal of Contemporary History*, London, vol 39(2), 2004

O III Reich e o Brasil: Documentos autênticos capturados na II Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Laudes, 1968.

O Nazismo no Rio Grande do Sul – relatório do Cap. Aurélio da Silva Py, Chefe de Polícia do Estado. Secreto. [194?]

OLIVEIRA, Dennison de. *Os soldados brasileiros de Hitler*. (2ª reimp.) Curitiba: Juruá, 2010.

PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

PERAZZO, Priscila Ferreira. *O perigo alemão e a repressão policial no Estado Novo*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1999.

PERKINS, John. "Nazi Activities in Australia, 1933-39". *Journal of Contemporary History*, London, vol.26, n°1, Jan. 1991.

PESAVENTO, Sandra. *RS: a economia & o poder nos anos 30*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

PY, Aurélio da Silva. *A 5ª Coluna no Brasil: a conspiração nazi no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1942.

RAHMEIER, Andrea Helena Petry. *Relações diplomáticas e militares entre a Alemanha e o Brasil: da proximidade ao rompimento (1937-1942)*. Porto Alegre: Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2009.

RANGEL, Carlos Roberto da Rosa. *Crime e castigo: conflitos políticos no Rio Grande do Sul (1928-1938)*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2001.

REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (orgs). *O século XX. O tempo das crises: revoluções, fascismos e guerras*. vol II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

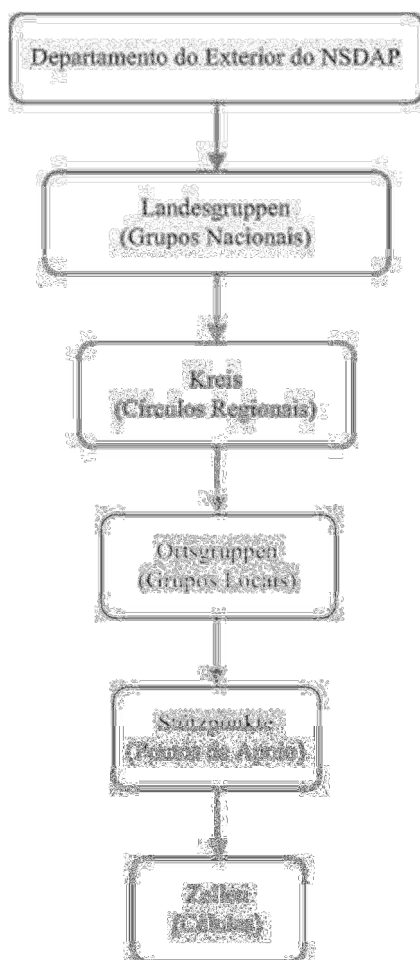
REVEL, Jacques. "História e Ciências Sociais: uma confrontação instável". In: BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique. (org.) *Passados recompostos: cantos e canteiros da história*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora FGV, 1998.

RIBEIRO, Luis Dario. "O nazismo como colonização da sociedade". In: MILMAN, Luis; VIZENTINI, Paulo Fagundes. *Neonazismo, negacionismo e extremismo político*. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS), 2000.

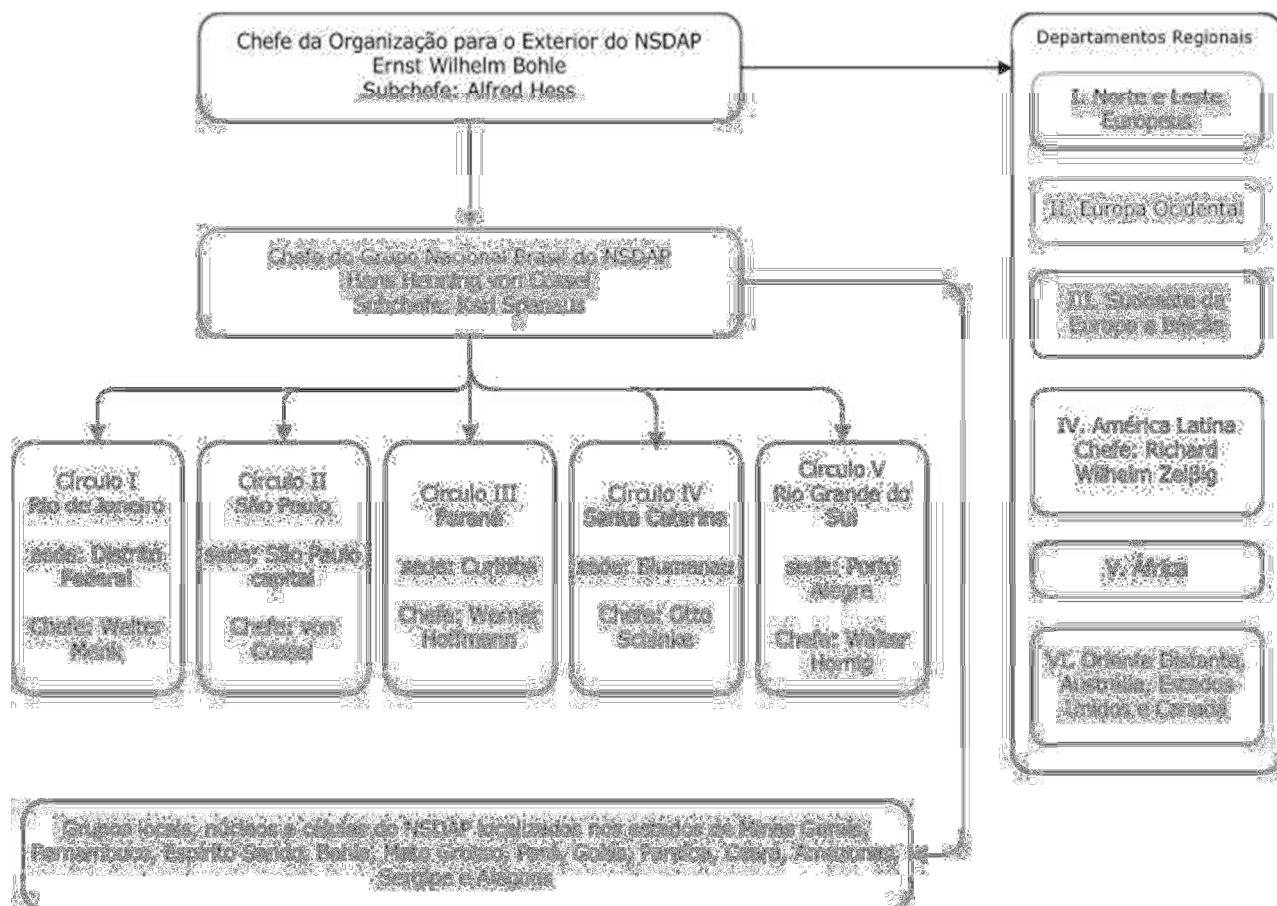
RICHARD, Lionel. *A República de Weimar (1919-1933)*. São Paulo: Companhia das Letras; Círculo do Livro, 1988.

- RINKE, Stefan. "Auslandsdeutsche no Brasil (1918-1933): Nova emigração e mudança de identidades". *Espaço Plural*, Marechal Cândido Rondon, n. 19, 2008
- ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. vol. 2. Porto Alegre: Globo, 1969.
- SANTANA, Nara Maria Carlos de. *Associações Nazistas no Brasil (1938-1945)*. Niterói: Dissertação de mestrado, Universidade Federal Fluminense, 1999.
- SANTOS, Allyson Arthur Roque dos. *A polícia gaúcha na Era Vargas 1930-1945: diretrizes científicas e tecnológicas*. Porto Alegre: Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2005.
- SCHINKE, Karl Wilhelm. *Diário da África: o diário de um médico alemão na guerra dos hotentotes*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.
- SCHRODER, Hans-Jurgen. "Review". *The Hispanic American Historical Review*, Duke, vol. 48, n° 2, May 1968, p.270. (Reviewed work: *Nazi German and the American Hemisphere, 1933-1941*, by Alton Frye).
- SCHWARTZMANN, Simon et. al. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- SEITENFUS, Ricardo. *A entrada do Brasil na segunda guerra mundial*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- SESQUICENTENÁRIO da imigração alemã – álbum oficial*. Porto Alegre: Edel, [197?].
- SEYFERTH, Giralda. "Os imigrantes e a campanha de nacionalização". In: PANDOLFI, Dulce (org). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- SEYFERTH, Giralda. "A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica". In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (orgs). *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas: ULBRA, 1994.
- SHIRER, W. *Ascensão e queda do Terceiro Reich: triunfo e consolidação (1933-1939)*, vol.1. Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; MEDEIROS, Sabrina Evangelista; VIANNA, Alexander Martins (orgs.). *Dicionário crítico do pensamento da direita: idéias, instituições e personagens*. Rio de Janeiro: Mauad, 2000.
- SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. "Os fascismos". In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (orgs). *O século XX. O tempo das crises: revoluções, fascismos e guerras*. vol II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- SILVA, Haike Roselane Kleber da. *Entre o amor ao Brasil e ao modo de ser alemão*. São Leopoldo: Oikos, 2006.

- SILVA, Hélio. *1938. Terrorismo em Campo Verde*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971. (O Ciclo de Vargas, vol. X)
- SILVA, José Luiz Werneck da (org.). *O feixe e o prisma: uma revisão do Estado Novo. O Feixe, o autoritarismo como questão historiográfica*. vol.I Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.
- SINGTON, Derrick; WEIDENFELD, Arthur. *The Goebbels Experiment: a study of the Nazi Propaganda Machine*. New Haven: Yale University, 1943.
- SIRINELLI, Jean-François. “Este século tinha sessenta anos: a França dos *sixties* revisitada”. *Tempo*, Niterói, nº16, pp.13-33.
- SOUZA, J. P. Coelho de. *Denúncia: o nazismo nas escolas do Rio Grande*. Porto Alegre: Thurmman, s/d.
- SZNAJDER, Mario. “A Case of Non-European Fascism: Chilean National Socialism in the 1930s”. *Journal of Contemporary History*, London, vol. 28, nº 2, Apr. 1993
- TREVOR-ROPER, Hugh. (ed.) *Final Entries 1945 – The Diaries of Joseph Goebbels*. New York: Avon, 1979.
- VARGAS, Getúlio. *Getúlio Vargas: Diário*. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995.
- VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. *Segunda Guerra Mundial: história e relações internacionais, 1931-1945*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1988.
- WEIZENMANN, Tiago. *Cortando as Asas do Nazismo: representações e imaginário sobre o nazismo na revista Vida Policial (1942-1944)*. São Leopoldo: Dissertação de mestrado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2008.
- WELCH, David. “Nazi Propaganda and the Volksgemeinschaft: Constructing a People’s Community”. *Journal of Contemporary History*, London, 2004, Vol 39(2),
- WYKES, Alan. *Goebbels*. Rio de Janeiro: Renes, 1973.

Apêndice A – Estrutura do NSDAP para o Exterior

Apêndice B – Estrutura do NSDAP no Brasil



FONTES: ATHAIDES, Rafael. *Zu Studienzwecken in Paraná: a ação do círculo paranaense do Partido Nazista (1933-1942)*. Maringá: Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Maringá, 2007; AUSLANDS-ORGANISATION DER N.S.D.A.P.. *Arbeitstagung der Politischen Leiter*, 1935, p.35; DIETRICH, 2007a, p.141; EHRICH, 1937, p.16; MCKALE, 1977, p.202; MORAES, 2000, p. 355; MORAES, 2005, p.140; PY, 1942, p.60; RIBAS, Antônio de Lara. "O nazismo em Santa Catarina". In: DELEGACIA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL DE SANTA CATARINA. *O punhal nazista no coração do Brasil*. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado, 1943. p.21; *Cópia autêntica de um trecho de declarações constante do inquérito sobre atividades do Banco Alemão Transatlântico. Declarante: Otto Braun*. São Paulo, 23 de setembro de 1943, AESP. Alguns autores citam a existência de mais dois círculos: V – Bahia e VI – Pernambuco.

Apêndice C – Localização dos núcleos do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães no Rio Grande do Sul

<i>Ortsgruppen</i>	<i>Stützpunkte</i>	<i>Zellen</i>
Bello Centro (distrito de Montenegro)	Agudo (distrito de Cachoeira)	Cruz Machado
Cachoeira	Barro (distrito de José Bonifácio)	Guaíba
Carazinho	Candelária	
Cruz Alta	Canela (distrito de Taquara)	
Estrela	Estância Velha (distrito de São Leopoldo)	
Gramado (distrito de Taquara)	Hamburgo Velho (distrito de Novo Hamburgo)	
Ijuí	Lajeado	
José Bonifácio	Marcelino Ramos (distrito de José Bonifácio)	
Montenegro	Morro Redondo (distrito de Pelotas)	
Novo Hamburgo	Não-me-toque (distrito de Carazinho)	
Pelotas	Rio Grande	
Pindorama (distrito de Cruz Alta)	Rio Negro (distrito de Bagé)	
Porto Alegre	Sapiranga (distrito de São Leopoldo)	
Santa Cruz		
Santa Maria		
Santo Ângelo		
São Leopoldo		
São Sebastião do Caí		

FONTE: MORAES, 2005; PY, 1942; “Relação dos súditos do Eixo, presos à disposição desta D.O.P.S.”. Repartição Central de Polícia, Delegacia de Ordem Política e Social. Relatório de Plínio Brasil Milano à DESPS/RJ. Porto Alegre, 15 de dezembro de 1942. Arquivo Polícia Política, setor Estados: Rio Grande do Sul, APERJ; *Vida Policial*, Porto Alegre, março de 1942 a abril de 1944, seção “Cortando as Asas do Nazismo”.

FONTE: MORAES, 2005; PY, 1942; “Relação dos súditos do Eixo, presos à disposição desta D.O.P.S.”. Repartição Central de Polícia, Delegacia de Ordem Política e Social. Relatório de Plínio Brasil Milano à DESPS/RJ. Porto Alegre, 15 de dezembro de 1942. Arquivo Polícia Política, setor Estados: Rio Grande do Sul, APERJ; *Vida Policial*, Porto Alegre, março de 1942 a abril de 1944, seção “Cortando as Asas do Nazismo”.

Apêndice E – Cidades do Rio Grande do Sul com maior concentração de alemães natos residentes

<i>Posição</i>	<i>Cidade</i>	<i>População</i>	<i>Percentual de alemães</i>	<i>Organização NSDAP</i>
1	Ijuí	42.934	1,98%	Grupo local
2	Porto Alegre	272.232	1,56%	Grupo local
3	Santa Rosa	84.528	1,49%	-
4	Cruz Alta	57.515	1,12%	Grupo local
5	Santa Cruz	55.041	0,91%	Grupo local
6	José Bonifácio	107.035	0,89%	Grupo local
7	São Leopoldo	52.049	0,80%	Grupo local
8	Santo Angelo	68.829	0,58%	Grupo local
9	Pelotas	104.553	0,45%	Grupo local
10	Cachoeira	83.729	0,42%	Grupo local

FONTE: *Recenseamento Geral do Brasil (1º de setembro de 1940)*, 1940. pp. 69, 70, 261-269

